

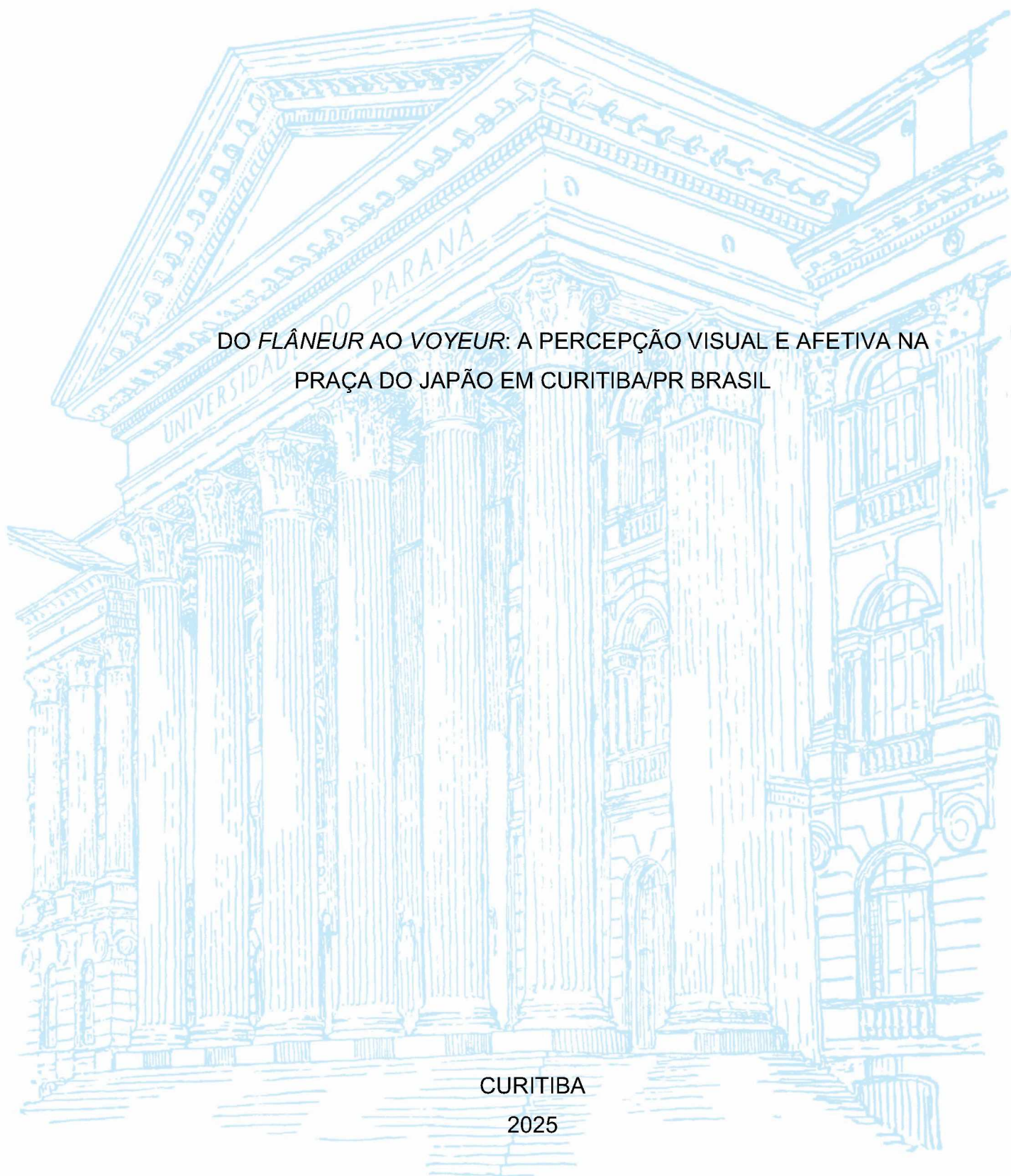
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RODRIGO GUISSONI

DO FLÂNEUR AO VOYEUR: A PERCEPÇÃO VISUAL E AFETIVA NA
PRAÇA DO JAPÃO EM CURITIBA/PR BRASIL

CURITIBA

2025



RODRIGO GUISSONI

DO *FLÂNEUR* AO *VOYEUR*: A PERCEPÇÃO VISUAL E AFETIVA NA PRAÇA DO
JAPÃO EM CURITIBA/PR BRASIL

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, como requisito à obtenção do título de Doutor em Geografia – Produção do Espaço e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alberto Torres

CURITIBA
2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Guissoni, Rodrigo

Do flâneur ao voyeur: a percepção visual e afetiva na Praça do Japão em Curitiba/PR Brasil. / Rodrigo Guissoni. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese – (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Alberto Torres

1. Fenomenologia. 2. Espaços públicos. 3. Paisagens. 4. Percepção espacial. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Torres, Marcos Alberto. IV. Título.

Bibliotecária: Roseny Rivelini Morciani CRB-9/1585

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **RODRIGO GUISSONI**, intitulada: **DO FLÂNEUR AO VOYEUR: A PERCEPÇÃO VISUAL E AFETIVA NA PRAÇA DO JAPÃO EM CURITIBA/PR BRASIL**, sob orientação do Prof. Dr. MARCOS ALBERTO TORRES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 30 de Setembro de 2025.

Assinatura Eletrônica

08/10/2025 15:24:24.0

MARCOS ALBERTO TORRES
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

25/11/2025 11:41:01.0

KERLEY DOS SANTOS ALVES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO)

Assinatura Eletrônica

07/10/2025 11:05:41.0

MARCIA ALVES SOARES DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO)

Assinatura Eletrônica

12/10/2025 21:08:42.0

SALETE KOZEL TEIXEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ -
APOSENTADOS)

Assinatura Eletrônica

07/10/2025 14:31:54.0

LETÍCIA BARTOSZECK NITSCHKE

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - DEP.
TURISMO)

Dedico este trabalho a todos os **imigrantes** e/ou refugiados, que por meio de uma força emanada do mais profundo íntimo – uns de modo obrigatório, outros voluntários – deixaram sua terra-natal. **Sujeitos** que, guiados apenas pelas batidas de seus corações em direção ao desconhecido, renunciaram seus espólios e partiram em busca de um futuro, ainda que incerto, melhor. Futuro este, cuja esperança que antes fora quebrada pudesse ser reconstruída, sonhos que jaziam adormecidos, mas que pudessem ser despertados. Incertos do retorno, mas mediante inúmeras adversidades e intempéries, abandonaram ou fugiram do passado, do medo, do algoz, cruzando longos caminhos, fronteiras ou atravessando o oceano. Alguns foram escolhidos, outros escolheram o Brasil como seu novo lar, seu novo **lugar**. Independente de onde vieram, trouxeram consigo a saudade, a esperança, as memórias, a cultura e seu saber-fazer. Elementos que contribuíram de forma significativa, ao longo de anos, com a transformação da **paisagem**. Portanto, independente do gênero, do credo ou da etnia, minha admiração, gratidão e respeito a todos esses sujeitos dotados de coragem e resiliência.

AGRADECIMENTOS

Do latim *ad* (em direção a) e *grātiā* (graça). Nesse sentido me direcionarei a toda a graça que me foi concedida. Ainda que essa tentativa pareça insuficiente, buscarei ser o mais justo possível.

Em primeiro lugar, agradeço a **Deus**. Não ao Deus descrito nas escrituras como aquele que julga, pune e condena, mas à Divindade concebida por Baruch Spinoza. Uma Força que habita em mim desde meu nascimento, que compartilha minhas alegrias e angústias, me acompanha, me auxilia na jornada, me conduziu até este momento e que continuará a me impulsionar rumo ao que ainda está por vir.

Aos meus **pais – Aristides e Osmarina** – que sempre acreditaram em mim e no meu potencial. Que se sacrificaram para ver seu único filho tornar-se bacharel, mestre e, agora, doutor. Caminhos que não tiveram a oportunidade de trilhar, mas que hoje os honro como o primeiro, assim espero, de muitos, a conquistar o título de doutor em nossa família. Pai, Mãe, ressalto: sem o apoio de vocês, eu não teria chegado até aqui. Não há palavras que expressem, com plenitude, a gratidão e o afeto que sinto. Amo profundamente vocês. Espero, de coração, ter cumprido meu papel como exemplo e inspiração para que meus primos, primas e demais familiares possam também trilhar os caminhos acadêmicos da graduação, do mestrado e do doutorado.

Agradeço à **Universidade Federal do Paraná – UFPR** pela educação pública de excelência, reconhecida em 2024 entre as dez melhores Instituições de Ensino Superior do Brasil e como a 16ª melhor universidade da América Latina¹. Instituição que me acolheu durante o mestrado e o doutorado, e da qual me orgulho imensamente de ter sido integrante. Sou grato por pertencer a essa grande família, que levarei comigo para sempre na memória, no coração e, por que não, no *Lattes*.

Agradeço ao **Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGGEO**, avaliado com nota 6 na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela formação multidisciplinar de qualidade. Foi enriquecedor conviver e trocar experiências com graduandos, mestrandos e doutorandos de diferentes áreas – Geógrafos e Não-Geógrafos.

Agradeço à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível**

¹ Ranking de avaliação Times Higher Education (THE) Latin America em: <https://ufpr.br/ufpr-sobe-mais-e-e-a-16a-melhor-universidade-da-america-latina/>

Superior – CAPES, pilar da ciência e da formação acadêmica nacional, pelo fomento da pesquisa, elemento decisivo para a realização desta tese. Reconheço, neste gesto de apoio, a relevância de uma política pública que viabiliza a reflexão, o pensamento, a construção de conhecimento e a formação de pesquisadores comprometidos com o desenvolvimento científico, social e humano do país.

Sem querer parecer preciosista, mas com profundo respeito e sincera admiração, agradeço ao meu orientador, Professor Doutor **Marcos Alberto Torres**, por ter me acolhido como orientando durante minha passagem por este Programa. Sempre com bom humor e uma gargalhada inconfundível, o professor Torres revelou-se um mentor exemplar, cujo *modus operandi* tornou este processo mais inspirador do que intimidador. Sou imensamente grato por sua orientação generosa, pelo apoio constante, pela parceria intelectual e pela amizade construída ao longo deste percurso acadêmico.

Agradeço às integrantes da banca: Professora Doutora **Kerley dos Santos Alves**, grande mentora que acompanha minha caminhada acadêmica desde a graduação, e por quem cultivo respeito e admiração permanentes. À Professora Doutora **Márcia Soares Alves da Silva**, responsável por me apresentar à semente das Geografias Emocionais que, assim espero, possam florescer em minha trajetória e, adiante, ser também semeadas por mim. À Professora Doutora **Leticia Bartoszeck Nitsche**, cuja pesquisa conheci ainda no mestrado, tornando-se desde então fonte de inspiração. À Professora Doutora **Salete Kozel**, por quem nutro sincera admiração e de quem tive a honra de aprender valiosas lições ao longo de minha formação.

Durante a realização desta pesquisa, três amigos foram essenciais para que esta jornada não se tornasse solitária. Nesse sentido, registro meu agradecimento especial ao grupo de estudos **Megazord Científico** com a **Beatriz Tavares** (Bea), **Ewerton Lemos Gomes** e **Eduarda Cividini Pagnussat** (Duda). Juntos, nos fortalecemos mutuamente, partilhamos conquistas, acolhemos fragilidades e, acima de tudo, produzimos ciência com afeto, companheirismo e compromisso.

É natural que, ao longo desta jornada, pessoas entrem e saiam de nossas vidas. No entanto, há aquelas que permanecem, independente do tempo ou da distância. Nesse sentido, registro meus agradecimentos aos amigos que conheci e convivi no **Laboratório Território, Cultura e Representação (LATECRE)**, minha segunda casa, **Janaína Gaby Trevisan**, **Juan Ignacio Rojas Chediac**, **Gabriel Primo Bissolotti**, **Fábio Amilton Leonardi**, **André Gustavo Nunes**, **Christopher**

Smith, Marina Lima e Anthony Almeida — pessoas por quem tenho profunda admiração. Aos **Colegas de Turma** que conheci ao longo desta caminhada, mas que optaram por trilhar outros caminhos, também deixo minha gratidão pelos encontros e aprendizados compartilhados.

Agradeço a todas as **Pesquisadoras e Pesquisadores** cujas obras, reflexões e aportes teóricos contribuíram para a construção do pensamento aqui desenvolvido.

Meus agradecimentos ao **Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC**, que viabilizou o acesso aos materiais necessários à pesquisa, mesmo durante o período de obras estruturais em sua biblioteca. Estendo também minha gratidão ao diretor e à equipe da **Casa da Memória**, bem como à **Biblioteca Pública do Paraná**, pelo acolhimento durante as consultas aos acervos públicos e pela disponibilização de materiais e arquivos de valor histórico e sensível.

Ainda que anônimos, agradeço aos **participantes** que gentilmente contribuíram com esta pesquisa, bem como àqueles que atuaram como mediadores ao compartilhar os *cards* e/ou o *link* de acesso ao formulário. Suas contribuições foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Por fim, mas não menos importante, expresso minha gratidão a todas as **pessoas não nomeadas**, que, de alguma forma, cooperaram com todas as pesquisas que empreendi ao longo de minha trajetória no PPGGEO/UFPR.

Minha eterna gratidão!

Encontros e Despedidas

Mande notícias do **mundo de lá**, diz quem fica
Me dê um abraço, venha me apertar, **tô chegando**
Coisa que gosto é **poder partir sem ter planos**
Melhor ainda é poder **voltar quando quero**

Todos os dias é um **vai e vem**
A vida se repete **na estação**
Tem gente que chega **pra ficar**
Tem gente que **vai pra nunca mais**

Tem gente que vem e **quer voltar**
Tem gente que vai, **quer ficar**
Tem gente que veio **só olhar**
Tem gente **a sorrir e a chorar**
E assim **chegar e partir**

São só dois lados da mesma **viagem**
O trem que chega é o mesmo trem da **partida**
A hora do **encontro** é também **despedida**
A plataforma dessa estação é a vida desse **meu lugar**
É a vida desse meu lugar, **é a vida**

[...]

Milton Nascimento (Encontros e Despedidas, 1985 grifo nosso).

RESUMO

A percepção do espaço é subjetiva e desempenha um papel essencial na interpretação sensível e memorável dos sujeitos. A representação fotográfica, por sua vez, tem a finalidade de transmitir uma perspectiva pessoal e singular do olhar desse sujeito. Dessa forma, tanto a percepção do espaço quanto a representação visual ajudam a evocar, no sujeito e nos demais, emoções de nostalgia por meio de registros do passado, ancorando a consciência na realidade presente e estimulando desejos e planos voltados para o futuro. Nesse cenário, entre os memoriais étnicos situados em Curitiba, Paraná, Brasil, o Memorial da Imigração Japonesa, reconhecido como Praça do Japão, foi escolhido como alvo de reflexão espacial para esta pesquisa. Seguindo essa direção, o estudo procurou investigar as dimensões emocionais e simbólicas do espaço através das percepções, experiências vividas e interações performáticas de seus frequentadores. A partir de uma natureza qualitativa, exploratória-descritiva, com um foco interdisciplinar e uma abordagem fenomenológica, foi desenvolvida uma metodologia híbrida. O conjunto destas ferramentas metodológicas incluiu: (i) observação não participante; (ii) registros em fotos e vídeos; (iii) distribuição de cartões com código QR para facilitar a coleta de dados via formulário eletrônico (*e-form*); (iv) análise de conteúdo; e (v) uma adaptação dos mapas mentais com base na metodologia de Kozel, viabilizando, dessa forma, a elaboração de um mapa afetivo. Os resultados principais indicam que o Memorial da Imigração Japonesa, como um espaço afetivo, gera várias interpretações moldadas por sua história, aspectos simbólicos da paisagem e elementos emocionais capazes de despertar sentimentos de pertencimento. Essas interpretações variam entre dois sujeitos principais: (i) residente e (ii) turista/visitante. Além disso, estes sujeitos foram classificados de acordo com seus estilos de envolvimento com o espaço a partir do conceito de “trajes sociais” (vestimentas metafóricas associadas ao modo de engajamento corporal do sujeito com o espaço), da seguinte forma: (i) *flâneur* – quando o objeto de contemplação surge ao longo do caminho; e (ii) *voyeur* – quando a contemplação é direcionada para um ponto focal situado no final do percurso. Dessa forma, ao reconhecer e compreender essas diversas percepções individuais ligadas ao espaço, a Praça do Japão se constitui como um local de memória coletiva, de afeto, e identidade curitibana. A essa maneira de representação foi dado o nome de Cartografia Experiencial Afetiva (CEA). Uma representação cartográfica simbólica, ou seja, sem precisão técnica, exata ou científica, mas dotada de sensibilidade, com caráter artístico-visual, marcada pela flexibilidade interpretativa e pela acessibilidade universal, independente da cultura ou etnia.

Palavras-chave: Lugar; Paisagem; Fenomenologia; Percepção do Espaço; Cartografia Experiencial Afetiva.

ABSTRACT

Spatial perception is inherently subjective and plays a pivotal role in shaping individuals' sensitive and memorable interpretations of their surroundings. Photographic representation, in turn, serves the purpose of conveying a personal and singular perspective, the distinctive gaze of the perceiving subject. Consequently, both spatial perception and visual representation contribute to evoking, in the subject and in others, emotions of nostalgia through records of the past, thereby anchoring awareness in the present reality while simultaneously stimulating desires and aspirations oriented toward the future. Within this framework, among the ethnic memorials situated in Curitiba, Paraná, Brazil, the Japanese Immigration Memorial, commonly recognized as Praça do Japão (Japan Square), was selected as the focal site for spatial reflection in this study. Guided by this orientation, the research sought to investigate the emotional and symbolic dimensions of this space through the perceptions, lived experiences, and performative interactions of its users. Employing a qualitative, exploratory-descriptive design, with an interdisciplinary focus and a phenomenological approach, a hybrid methodology was developed. This methodological assemblage comprised: (i) non-participant observation; (ii) photographic and video documentation; (iii) distribution of QR Code cards to facilitate data collection via an electronic survey form (e-form); (iv) content analysis; and (v) an adaptation of mental mapping, drawing upon Kozel's methodology, to enable the construction of an affective map. The principal findings indicate that the Japanese Immigration Memorial, as an affective space, elicits diverse interpretations shaped by its historical trajectory, the symbolic attributes of its landscape, and emotional elements capable of evoking a sense of belonging. These interpretations vary principally across two subject categories: (i) residents and (ii) tourists/visitors. Furthermore, these subjects were classified according to their styles of engagement with space based on the concept of "trajes sociais" (metaphorical clothing associated with the subject's mode of bodily engagement with space), as follows: "trajes" (metaphorical garments associated with modes of embodied engagement with space), as follows: (i) the flâneur, for whom objects of contemplation emerge serendipitously along the pathway; and (ii) the voyeur, whose gaze is directed toward a focal point situated terminally along the route. Thus, by recognizing and elucidating these varied individual perceptions linked to the space, Praça do Japão emerges not merely as a physical site, but as a locus of collective memory, affect, and Curitiba identity. This mode of representation has been designated Affective Experiential Cartography (AEC): a symbolic cartographic practice that is, intentionally imprecise in technical, exact, or scientific terms yet endowed with sensitivity, artistic-visual character, interpretive flexibility, and universal accessibility, transcending cultural or ethnic boundaries.

Keywords: Place; Landscape; Phenomenology; Perception of Space; Experiential Affective Cartography.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA DO JAPÃO EM CURITIBA/PR, BRASIL	27
FIGURA 2 – O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.	28
FIGURA 3 – LOCALIZAÇÃO DO SUJEITO NA PESQUISA.	35
FIGURA 4 – AVERSÃO CONTRA OS “OUTROS”	42
FIGURA 5 – O TURISTA INDESEJÁVEL.....	49
FIGURA 6 – REPRESENTAÇÕES DO <i>FLÂNEUR</i> E <i>FLÂNEUSE</i> COM SUAS TARTARUGAS.	53
FIGURA 7 – POPULARIZAÇÃO DO <i>VOYEUR</i> NO CINEMA.	60
FIGURA 8 – DE WORLD TRADE CENTER A MEMORIAL TURÍSTICO.	64
FIGURA 9 – ESQUEMA INTERSECCIONAL DA PERCEPÇÃO.	67
FIGURA 10 – MAPA DA ISLÂNDIA COM ILUSTRAÇÕES MÍTICAS.	69
FIGURA 11 – MODELO INTEGRATIVO DO PROCESSAMENTO EMOCIONAL.	79
FIGURA 12 – REGISTROS DA PASSAGEM DE VISITANTES NO PASSADO.	87
FIGURA 13 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS NA HORA CERTA E NO LUGAR CERTO.....	89
FIGURA 14 – NATAL NO PALÁCIO AVENIDA EM CURITIBA.....	91
FIGURA 15 – MOSAICO COM FOTOS DA ESTÁTUA DO CACIQUE TINDIQUÉRA.	97
FIGURA 16 – O INÍCIO DA CIDADE DE CURITIBA.	98
FIGURA 17 – VISTA PARCIAL DE CURITIBA EM 1827.	98
FIGURA 18 – REGISTRO DA PRESENÇA NEGRA EM CURITIBA.	99
FIGURA 19 – COLONOS E SUAS CARROÇAS COM PRODUTOS NO CENTRO DE CURITIBA.....	102
FIGURA 20 – CURITIBA NA DÉCADA DE 1930.....	104
FIGURA 21 – IMAGEM AÉREA DE CURITIBA EM 1960.....	105
FIGURA 22 – CURITIBA ANOS 1990.	107
FIGURA 23 – VISTA PARCIAL DE CURITIBA NA ATUALIDADE.....	109
FIGURA 24 – CIRCUITO DA LINHA TURISMO EM CURITIBA.....	110
FIGURA 25 – MOSAICO COM REPRESENTAÇÃO ÉTNICA DE DIFERENTES CULTURAS.....	111
FIGURA 26 – APRESENTAÇÃO FOLCLÓRICA BRASILEIRA NO MEMORIAL DE CURITIBA.	112
FIGURA 27 – APRESENTAÇÃO CULTURAL ITALIANA NA PRAÇA DA ESPANHA.	113
FIGURA 28 – O JAPÃO NO TEATRO GUAÍRA.....	114
FIGURA 29 – ANÚNCIO DIFUNDIDO NO JAPÃO.	116
FIGURA 30 – TRAJETO REALIZADO PELO NAVIO KASATO MARU.	117
FIGURA 31 – PRIMEIROS MATRIMÔNIOS: INTERÉTNICO E INTER-RACIAL.....	120
FIGURA 32 – BRASILEIRAS ADOTAM A MODA JAPONESA.	121
FIGURA 33 – ANÚNCIO DAS CASAS PERNAMBUCANAS.....	122
FIGURA 34 – A XENOFOBIA BRASILEIRA ESTAMPADA NO JORNAL.....	123
FIGURA 35 – MODELO DE DECRETO FIXADO EM ESTABELECIMENTOS PELO PAÍS.	125
FIGURA 36 – SEMELHANÇAS ENTRE O TEMPLO DOURADO E O PAGODE DA PRAÇA DO JAPÃO.....	128

FIGURA 37 – A PRAÇA DO JAPÃO NA CONTEMPORANEIDADE	129
FIGURA 38 – FOTO MOSAICO COM OS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA PRAÇA DO JAPÃO.....	130
FIGURA 39 – REPORTAGEM DE O ESTADO DO PARANÁ.	131
FIGURA 40 – VERTICALIZAÇÃO DAS DUAS PRINCIPAIS VIAS DE ACESSO À PRAÇA.	132
FIGURA 41 – REGISTRO DA PRAÇA DO JAPÃO EM 1962.	133
FIGURA 42 – FOTO PARCIAL DA PRAÇA DO JAPÃO ENTRE 1962 E 1967.....	134
FIGURA 43 – PLANTA BAIXA COM DESTAQUE PARA OBELISCO.	135
FIGURA 44 – PRAÇA DO JAPÃO EM ÂNGULOS DIFERENTES EM 1969.....	135
FIGURA 45 – FOTO FRONTAL DA PRAÇA DO JAPÃO EM 1969.....	136
FIGURA 46 – CALÇADA DA PRAÇA DO JAPÃO COM DESTAQUE PARA O PETIT PAVÉ.	137
FIGURA 47 – PRAÇA DO JAPÃO DURANTE A NEVASCA DE 1975.	138
FIGURA 48 – PLANTA BAIXA DO PROJETO PARA A PRAÇA DO JAPÃO EM 1979.	139
FIGURA 49 – FOTO REPRODUZIDA POR HARATON MARAVALHAS EM 1982.	139
FIGURA 50 – MONÓLITO E LANTERNA JAPONESA.....	140
FIGURA 51 – PROJETO DA PRAÇA DO JAPÃO PARA A DÉCADA DE 1990.	141
FIGURA 52 – RESULTADO DO PROJETO DA PRAÇA DO JAPÃO EM 1990.	141
FIGURA 53 – CAPA DO VÍDEO NO YOUTUBE.....	143
FIGURA 54 – A PRAÇA DO JAPÃO ASSASSINADA.	144
FIGURA 55 – A PRAÇA DO JAPÃO INVADIDA.....	144
FIGURA 56 – A PRAÇA DO JAPÃO ATROPELADA.	145
FIGURA 57 – A PRAÇA DO JAPÃO ABATIDA/ DESTRUÍDA.....	145
FIGURA 58 – A PRAÇA DO JAPÃO PEDE SOCORRO.....	146
FIGURA 59 – A PRAÇA DO JAPÃO VIGIADA.	146
FIGURA 60 – A PRAÇA DO JAPÃO HOSPITALEIRA.....	147
FIGURA 61 – A PRAÇA DO JAPÃO ABRAÇADA.....	147
FIGURA 62 – ESTRUTURA DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.	152
FIGURA 63 – NATUREZA EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA.	155
FIGURA 64 – A INTERDISCIPLINARIDADE DA PESQUISA.	159
FIGURA 65 – RÉPLICA FRENTE E VERSO DO CARTÃO DE VISITA.	174
FIGURA 66 – MODELO UTILIZADO PARA A CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA.	177
FIGURA 67 – PERCEPÇÕES DA PRAÇA DO JAPÃO: CONTRASTE DIURNO E NOTURNO.	186
FIGURA 68 – REPRESENTAÇÃO PARCIAL DO CRONOGRAMA DE PRÉ-TESTE.	188
FIGURA 69 – ESCULTURA DA AMIZADE ENTRE BRASIL E JAPÃO.	194
FIGURA 70 – NOVO PORTAL DE ACESSO À PRAÇA DO JAPÃO.....	196
FIGURA 71 – HORÁRIO PREFERENCIAL PARA VISITAR OU PASSAR PELA PRAÇA DO JAPÃO.....	201
FIGURA 72 – NUVEM DE PALAVRAS: RESIDENTES.....	205
FIGURA 73 – NUVEM DE PALAVRAS: TURISTAS.....	206
FIGURA 74 – CATEGORIZAÇÃO DOS RESULTADOS POR ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	213

FIGURA 75 – PERCEPÇÃO ESPACIAL A PARTIR DA ILUSÃO DE MÜLLER-LYER.	215
FIGURA 76 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 1: CEREJEIRAS.	217
FIGURA 77 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 2: ROTINA.	218
FIGURA 78 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 3: VERTICALIZAÇÃO NO ENTORNO.	219
FIGURA 79 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 4: ILUMINAÇÃO.	220
FIGURA 80 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 5: MEMÓRIAS.	221
FIGURA 81 – FOTO ENVIADA POR TURISTA – GRUPO 1: PAISAGEM URBANA.	223
FIGURA 82 – FOTOS ENVIADAS POR TURISTAS – GRUPO 2: ASSUNTO PRINCIPAL.	224
FIGURA 83 – FOTOS ENVIADAS POR TURISTAS – GRUPO 3: ÂNGULOS.	224
FIGURA 84 – FOTOS ENVIADAS POR TURISTAS – GRUPO 4: FOTO TROFÉU.	225
FIGURA 85 – ESQUEMA DE TRAJES QUE O SUJEITO ASSUMIU.	232
FIGURA 86 – PERCEPÇÃO TEMPORAL SUBJETIVA.	235
FIGURA 87 – CARTOGRAFIA EXPERIENCIAL AFETIVA DA PRAÇA DO JAPÃO.	238
FIGURA 88 – INVERSÃO TEMPORÁRIA DOS TRAJES SOCIAIS.	250
FIGURA 89 – ATIVIDADES IMERSIVAS REALIZADAS NA AULA DE JAPONÊS BÁSICO.	290
FIGURA 90 – AULA DE IKEBANA.	291
FIGURA 91 – AULA DE ORIGAMI.	291
FIGURA 92 – MEMORIAL AFRICANO.	292
FIGURA 93 – BOSQUE DO ALEMÃO.	293
FIGURA 94 – MEMORIAL ÁRABE.	293
FIGURA 95 – MESQUITA IMAM ALI IBN ABI TÁLIB.	294
FIGURA 96 – MUSEU EGÍPCIO.	294
FIGURA 97 – PRAÇA DA ESPANHA.	295
FIGURA 98 – PRAÇA DA FRANÇA.	295
FIGURA 99 – MUSEU DA ARTE INDÍGENA.	296
FIGURA 100 – MUSEU PARANAENSE.	296
FIGURA 101 – PRAÇA 19 DE DEZEMBRO.	297
FIGURA 102 – PARQUE GOMM.	297
FIGURA 103 – CEMITÉRIO ISRAELITA.	298
FIGURA 104 – MUSEU DO HOLOCAUSTO.	298
FIGURA 105 – FONTE DE JERUSALÉM.	299
FIGURA 106 – PAVILHÃO ÉTNICO DE CURITIBA.	299
FIGURA 107 – MEMORIAL POLONÊS.	300
FIGURA 108 – BOSQUE DE PORTUGAL.	300
FIGURA 109 – MEMORIAL UCRANIANO.	301
FIGURA 110 – HOMENAGEM A HELENA KOLODY.	303
FIGURA 111 – MAPEAMENTO DA SUSTENTAÇÃO TEÓRICA.	304
FIGURA 112 – ESQUEMA DE APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO.	304

FIGURA 113 – REPRESENTAÇÃO DA PERCEPÇÃO DA PRAÇA DO JAPÃO (REDE DE CÓDIGOS).....	305
FIGURA 114 – LOCALIZAÇÃO DOS MEMORIAIS OFICIALMENTE RECONHECIDOS EM CURITIBA.....	306
FIGURA 115 – PRIMEIRA PÁGINA DA LISTA DE PASSAGEIROS DO NAVIO KASATO MARU.	307
FIGURA 116 – FESTIVIDADE DE INAUGURAÇÃO DO MONÓLITO.	308

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PALAVRAS EM MOVIMENTO: LÉXICO DA MOBILIDADE HUMANA.	38
QUADRO 2 – CLASSIFICAÇÃO PSICOGRÁFICA SEGUNDO PLOG.	47
QUADRO 3 – PERCURSO PARA UMA ANÁLISE FOTOGRÁFICA.	93
QUADRO 4 – MEMORIAIS OFICIAIS DESCONSIDERADOS.	160
QUADRO 5 – ESTRUTURA DOS E-FORMS APLICADOS A RESIDENTES E TURISTAS.	166
QUADRO 6 – CONTRASTES ENTRE METODOLOGIAS.	178
QUADRO 7 – A PRESENÇA DA PRAÇA DO JAPÃO NA WEB.	180
QUADRO 8 – RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS NO TRIPADVISOR.	182
QUADRO 9 – ESTRUTURA DO DIÁRIO DE CAMPO.	191
QUADRO 10 – DADOS AMOSTRAL DO PERFIL DOS RESPONDENTES.	199
QUADRO 11 – COMO OS SUJEITOS PERCEBEM A PRAÇA DO JAPÃO.	203
QUADRO 12 – INTERESSES E DESINTERESSES.	207
QUADRO 13 – A PERCEPÇÃO SENSORIAL DOS RESIDENTES.	208
QUADRO 14 – A PERCEPÇÃO SENSORIAL DOS TURISTAS.	210
QUADRO 15 – NUANCES ENTRE O <i>FLÂNEUR</i> E O <i>VOYEUR</i>	234
QUADRO 16 – GLOSSÁRIO ATRIBUÍDO AO SUJEITO EM TRÂNSITO E IN SITU.	288

LISTA DE SIGLAS

CAAE	—	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPES	—	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEA	—	Cartografia Experiencial Afetiva
CEPCHS	—	Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais
DOPS	—	Departamento de Ordem Política e Social
IMDH	—	Instituto Migrações e Direitos Humanos
IMTC	—	Instituto Municipal de Turismo de Curitiba
IPPUC	—	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
LGPD	—	Lei Geral de Proteção de Dados
NIKKEI	—	Associação Cultural e Beneficente Nipo Brasileira
ONU	—	Organização das Nações Unidas (<i>United Nations</i>)
PPG GEO	—	Programa de Pós-Graduação em Geografia
QR Code	—	<i>Quick Response Code</i> (Código de Resposta Rápida)
RIT	—	Rede Integrada de Transportes
UFPR	—	Universidade Federal do Paraná
UNESCO	—	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URBS	—	Urbanização de Curitiba S/A

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
 PARTE I – EXPERIÊNCIAS MEMORÁVEIS: O LADO EMOCIONAL DO SUJEITO NA BUSCA PELA ALMA DO LUGAR.....	 32
1 OS SUJEITOS.....	33
1.1 TRÂNSITOS E PERMANÊNCIAS: ENTRE IMIGRANTES, RESIDENTES E TURISTAS PERIPATÉTICOS	37
1.2 O FLÂNEUR E O VOYEUR: DO RITMO DO PASSO AO PISCAR DO OLHO	50
2 A PERCEPÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DO E NO ESPAÇO	66
2.1 O LUGAR DA PAISAGEM E O LUGAR NA PAISAGEM.....	71
2.2 PERFORMANCES: DA EXPERIÊNCIA SENSORIAL AO REGISTRO FOTOGRAFICO.....	78
 PARTE II – UMA VOLTA AO MUNDO DENTRO DE CURITIBA	 95
3 CURITIBA: UMA CIDADE PLURICULTURAL.....	96
3.1 A IMIGRAÇÃO JAPONESA EM CURITIBA	115
3.2 A PRAÇA DO JAPÃO: MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E ATRATIVO TURÍSTICO	127
 PARTE III – CAMINHOS E DESCOBERTAS	 150
4 O PERCURSO METODOLÓGICO	151
4.1 TRABALHO DE CAMPO NA PRAÇA DO JAPÃO: PERCEPÇÕES E IMPRESSIONES	179

4.1.1 As Percepções da Praça do Japão em ambiente virtual	179
4.1.2 As Percepções da Praça do Japão em ambiente físico	184
4.1.3 As Impressões da Praça do Japão para o pesquisador	187
5 OS INDÍCIOS DA REALIDADE: A APRESENTAÇÃO DOS DADOS	198
5.1 A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: OS DADOS COLETADOS	199
6 QUANDO A INFORMAÇÃO SE TORNA TANGÍVEL: ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	212
6.1 A CARTOGRAFIA EXPERIENCIAL AFETIVA (CEA)	228
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	244
REFERÊNCIAS.....	254
APÊNDICES E ANEXOS	287
APÊNDICE 1 – GLOSSÁRIO DE DESIGNAÇÃO AO SUJEITO	288
APÊNDICE 2 – ATIVIDADES IMERSIVAS REALIZADAS PELO AUTOR....	290
APÊNDICE 3 – REGISTROS DAS PRESENÇAS ÉTNICAS EM CURITIBA	292
APÊNDICE 4 – HOMENAGEM A HELENA KOLODY.....	303
APÊNDICE 5 – LINEARIDADE DA PESQUISA.....	304
APÊNDICE 6 – REDE DE CÓDIGOS NO SOFTWARE ATLAS.TI.....	305
ANEXO 1 – MEMORIAIS ÉTNICOS DE CURITIBA ATÉ 2023.....	306
ANEXO 2 – LISTA DOS PRIMEIROS IMIGRANTES JAPONESES.....	307
ANEXO 3 – SOLENIDADE DE IMPLANTAÇÃO DO MONÓLITO.....	308

Descendência Passado Memória Família Vida
Memória Família Vida Descendência Passado
Vida Descendência Passado Memória Família
cia Passado Memória Família Vida Descend
a Família Vida Descendência Passado Memória
scendência Passado Memória Família Vida De
Memória Família Vida Descendência Passado
Vida Descendência Passado Memória Família
O CAMINHO ATÉ AQUI...
cia Passado Memória Família Vida Descend
a Família Vida Descendência Passado Memória
scendência Passado Memória Família Vida De
Memória Família Vida Descendência Passado
Vida Descendência Passado Memória Família
cia Passado Memória Família Vida Descend
a Família Vida Descendência Passado Memória

No passado, quando um imigrante dispunha de recursos, enviava para os parentes e amigos que deixara na terra-natal, cartas e diários com sua localização, registros e descrições, quase um manual do percurso que trilhara até chegar ao destino, registros que poderiam ser úteis a outros que almejassem se aventurar pelos mesmos caminhos.

De modo análogo, eu apresento a seguir uma carta na qual narro a minha trajetória, enquanto um ‘imigrante acadêmico’ ao mesmo tempo em que enalteço meus ancestrais. Neste caso, minha migração foi entre áreas, do Turismo para a Geografia Humana e Cultural.

Sem abandonar os domínios do Turismo, abracei fenomenologicamente as paisagens e os lugares que me foram apresentados na Geografia. Esse intercâmbio consistiu na base para esta tese. Uma jornada, na qual tive a curiosidade como bússola e a teoria como guia na compreensão histórica de locais que moldaram a paisagem, enquanto identidade étnica, em Curitiba.

Carta de um imigrante acadêmico

Curitiba, 22 de março de 2021².

Caríssimo(a),

Venho por meio desta, relatar um pouco a meu respeito, assim como as escolhas que me trouxeram até aqui. Nasci na cidade de Uberaba, região do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, mas adotei Curitiba-PR como minha cidade do coração. Busco, todos os dias, nutrir meus afetos por esse lugar. Ao contrário da preferência citadina, eu amo os dias cinzas e frios, mas sem chuva, afinal um dia frio e molhado ninguém merece.

Minha história começa quando, ainda muito jovem, despertei meu apreço pelos contextos visuais, principalmente a fotografia. Apesar de não ser um fotógrafo profissional, me considero um aspirante aficionado. Esse fato contribuiu de maneira significativa com a condução de minha carreira acadêmica.

Durante minha graduação em Turismo, na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), o streaming ainda não era algo tão popular, como é atualmente. Naquele período, as pessoas nutriam o hábito de consumir, filmes e minisséries, na TV aberta, bem como produções da teledramaturgia brasileira – as novelas. Assim, dentro de um contexto visual, realizei um estudo de caso na histórica cidade de Tiradentes, em Minas Gerais, enquanto set de filmagem para a produção de novelas,

² Data da confirmação do meu aceite no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO/UFPR).

filmes e minisséries nacionais³. Meu propósito naquele momento foi analisar a influência dessas produções na escolha do destino a ser visitado – a cidade de Tiradentes/MG.

De lá para cá, tomei gosto tanto pela pesquisa, quanto pelas visualidades. Posteriormente, no mestrado realizado também em Turismo, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) apresentei uma dissertação que enaltecia o papel dos influenciadores digitais no direcionamento do percurso a ser seguido durante a visita à cidade de Morretes/PR. Na pesquisa, foi possível delinear os trajetos preferidos pelos visitantes por meio das fotos compartilhadas na rede social Instagram com a hashtag #morretes.

Dito isso, você deve estar se perguntando como cheguei à Geografia? Durante minha passagem pelo mestrado tive o prazer e a honra de conviver com dois grandes mentores: o professor José Manoel Gândara (o Zé) e o professor Miguel Bahl. Ambos com um pé no Turismo e o outro na Geografia. Considero este, o prelúdio do meu contato com a área.

Assim, por me encontrar imerso em uma confortável zona de familiaridade teórica no campo do Turismo, e sob as influências dos saudosos Zé e Miguel, resolvi frequentar aulas (como aluno especial), participar de oficinas, cursos e palestras na Geografia. Em certa ocasião, cheguei a ‘cair de paraquedas’ na disciplina – “Análise da Paisagem” – que para meu desespero, era a paisagem geomorfológica, na Geografia Física. Mas, pensando que todo conhecimento é válido, eu decidi concluir a disciplina, e esse desafio, para minha surpresa, resultou em um capítulo de livro.

Esse contato inicial fortaleceu a decisão em prosseguir com a trajetória dentro dos domínios geográficos, porém com a certeza direcionada à Geografia Humana, mais precisamente à Geografia Cultural. Um desafio que me colocaria ‘à prova’, mas que também me ajudaria a ampliar meu arcabouço teórico ao estabelecer novos horizontes.

Quando iniciei meu projeto de tese para participar do processo seletivo para o doutorado, a única certeza que eu tinha era que gostaria de seguir pesquisando visualidades. Quando descobri, conceitualmente, as categorias geográficas de paisagem e de lugar percebi que ambas seriam uma excelente base para trabalhar conjuntamente ao visual. Nascia, assim, a ideia seminal desta pesquisa.

Comecei, então, a esboçar as primeiras sessões de brainstorming, porém faltava o elemento humano para complementar o desenho metodológico. Foi então que me lembrei que o antropólogo Darcy Ribeiro em sua obra ‘O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil’ (2014), mencionava que os brasileiros são o resultado de uma miscelânea étnica. Pronto! A etnicidade seria a junção perfeita entre todas as variáveis.

Agora, eu poderia trabalhar a paisagem, enquanto cenário simbólico e o humano enquanto um sujeito que percebe (in)conscientemente o fenômeno em um lugar pré-determinado. O projeto foi ganhando forma e mais tarde viria a ser aceito como pré-projeto desta tese. Mas, não entrarei nesse assunto agora, deixarei para esmiuçá-lo nos capítulos que se seguem.

Quando recebi o e-mail dizendo que havia sido aceito no Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) foi um dia

³ Tiradentes foi set para várias produções nacionais. Dentre as principais produções, tem-se: **Novelas:** Coração de Estudante (2002), Essas Mulheres (2005). **Séries:** Memorial de Maria Moura (1994); Hilda Furacão (1998), Liberdade, liberdade (2016). **Filmes:** Os saltimbancos trapalhões (1981), Menino Maluquinho (1995), Chico Xavier, o filme (2010).

memorável! Confesso que no início foi um desafio, dada a zona de conforto em que me encontrava no Turismo. Porém, com o passar do tempo, a resiliência prevaleceu; e, se antes o fato de não ser geógrafo me causava desconforto, hoje me reconheço, com orgulho, como um “não-geógrafo” que pode contribuir, ao lado de geógrafos e não-geógrafos, para a construção e aprimoramento do conhecimento.

Ao me aproximar do término desta carta, talvez você já tenha percebido a quais qualidades físicas Darcy Ribeiro se referia ao tratar da formação étnica do povo brasileiro. Nesse sentido, me identifico como descendente da união entre italianos e indígenas. Sendo assim, por apresentar uma tese que enaltece a etnicidade japonesa, peço licença para apresentar a minha descendência.

Essa narrativa se inicia em 1897, com meu bisavô paterno – Palmiro Ghizzoni⁴, que ainda criança deixava Cremona, na Itália, com destino ao Brasil. Ele veio acompanhado de seus pais Fermo e Colomba e seus irmãos Pietro, Maria Adalgiza e o pequeno Enrico.

Dessa época, se houve fotos, elas se perderam com o tempo. A única comprovação de que esses nomes eram pessoas reais se encontra na forma de um número em um livro de registros guardado em um arquivo empoeirado de uma comuna italiana.

Então, eu imagino que quando vieram para o Brasil, muita coisa foi doada para pessoas próximas ou simplesmente deixadas para trás. Acredito que dentre esses espólios havia não apenas bens materiais, mas amigos queridos, familiares e parte de suas identidades. As lembranças na memória provavelmente foram seus únicos bens imateriais que trouxeram na viagem.

Aqui no Brasil, Palmiro cresceu e se casou com a também italiana Maria Orlando. Eles tiveram seis filhos, um deles era meu avô Joaquim, que mais tarde se casou com Maria Inês de descendência indígena. Eles tiveram sete filhos, um deles era meu pai.

No que compete à minha genealogia materna, coincidência ou não, no mesmo ano de 1897, Domingos Doro com sua esposa Angelina Antoniassi deixavam Verona, na Itália em companhia de seus filhos, dentre eles meu bisavô materno Vitório Doro com apenas um ano de idade. Dez anos mais tarde, em 1907, seria a vez de João Bosco com seu cônjuge Maria Bisinotto e seus filhos, dentre eles Regina Bosco, com dez anos de idade, que deixavam a cidade italiana de Treviso, rumo ao Brasil.

O que ambas as famílias Doro e Bosco não imaginavam era que no Brasil, algumas décadas mais tarde, mais precisamente em 1916, seus filhos Vitório e Regina se conheceriam e se uniriam em matrimônio, tendo onze filhos, dentre eles meu avô materno Marcílio Doro, que posteriormente se casou com Margarida Rosa Florêncio e juntos tiveram nove filhos, um deles era minha mãe.

Apesar de não ter convivido com minha bisavó Regina, devido ao fato de residirmos em cidades diferentes, tive o prazer de visitá-la esporadicamente até meus dez anos de idade. Por questões logísticas, cresci mais próximo dos meus avós maternos. Na minha família materna, havia o costume de os avós contarem histórias “do povo antigo”, e meu avô Marcílio gostava de lembrar a jornada de seus pais até chegarem ao Brasil.

Tenho vivas as lembranças de meu avô contando as histórias que ouvira de sua mãe, minha bisavó Regina. Ele relatava aos filhos, e mais tarde aos netos, as memórias que ela lhe confiara sobre a viagem da Itália ao Brasil, descrevendo-a como longa e perigosa.

⁴ A grafia Ghizzoni foi alterada por tabeliões brasileiros para Guissoni.

Meu avô contava que, ainda a bordo do navio, a bisavó escutava os adultos comentando entre si que estavam com medo, pois nunca haviam saído da Itália e ninguém sabia o que esperar ou como seria a vida no Brasil. Segundo ele, a única certeza era a esperança de que tudo daria certo, porque, caso algo desse errado, não teriam recursos para retornar ao país de origem.

Como a maioria dessas histórias foram transmitidas pela oralidade dos mais velhos e muitas já se perderam, peço licença para deixar registrado um fragmento que me recordo de uma dessas ocasiões junto ao meu avô.

De acordo com meu avô Marcílio, enquanto estavam no navio, as crianças, como em qualquer época, se reuniam para correr e brincar em um espaço limitado a elas. Minha bisavó Regina, com dez anos de idade, uma criança curiosa, cultivou o hábito de olhar pela janela da cozinha do navio. Esta janela era o local onde os restos de comida eram atirados ao mar.

Naquela pequena janela, se ela se inclinasse o suficiente, era possível ver alguns peixes que se amontoavam para disputar os restos de comida, uma cena capaz de encantar qualquer criança, certo? Porém, mesmo sendo advertida pelos adultos em diversas ocasiões, ela sempre retornava à janela da cozinha do navio para contemplar a pequena fauna marinha.

Em certa ocasião, ela se desequilibrou e caiu pelo vão da abertura. Sua sorte foi que o barulho chamou a atenção dos adultos que estavam por perto, que agiram rapidamente e a resgataram puxando-a pelos cabelos. Passado o susto, até hoje minha família brinca que uma geração inteira foi salva graças aos cabelos da bisavó.

Dito isto, por um lado, considero importante fazer essas menções e apontamentos não apenas para honrar a memória deles, mas também para que outros saibam de sua existência e para que não permaneçam apenas como documentos enumerados em uma gaveta. Por outro lado, isso me ajuda a reconhecer meu 'lugar de fala' nesta pesquisa, o qual assumo como um pesquisador brasileiro, descendente de imigrantes, que busca, respeitosamente, apresentar outra etnia a partir de um ponto de vista despido de preconceitos e o mais neutro possível em sua essência. Por fim, deixo meus cumprimentos e espero que aproveite a leitura, que ela possa inspirar outros pesquisadores a reconhecerem a força que existe em suas próprias histórias.

Com apreço,

Rodrigo Guissoni

Introdução Introdução Introdução Introdução Introdução
Introdução Introdução Introdução Introdução Intro
rodução Introdução Introdução Introdução Introduçã
Introdução Introdução Introdução Introdução Intro
ão Introdução Introdução Introdução Introdução Int
Introdução Introdução Introdução Introdução Introdu
ção Introdução Introdução Introdução Introdução I
Introdução Introdução Introdução Introdução Intro
ção Introdução Introdução Introdução Introdução I
Introdução Introdução Introdução Introdução Intro
ção Introdução Introdução Introdução Introdução In
rodução Introdução Introdução Introdução Introdução
Introdução Introdução Introdução Introdução Introdu
Introdução Introdução Introdução Introdução Introdu
Introdução Introdução Introdução Introdução Intro
rodução Introdução Introdução Introdução Introdução
Introdução Introdução Introdução Introdução Intro
ção Introdução Introdução Introdução Introdução I

INTRODUÇÃO

[...]

— *Eu quero que ele me mande para o Kansas* — acrescentou Dorothy.
 — *Onde é o Kansas?* — perguntou o homem, surpreso.
 — *Não sei* — respondeu Dorothy com tristeza.
 — *Mas é meu **lar** e tenho certeza de que fica em algum **lugar**.*

Lyman Frank Baum in O Mágico de Oz (2019, p. 62, grifo nosso).

No livro “*The Wonderful Wizard of Oz*” quando Dorothy quer voltar para casa, ela bate os calcanhares e diz “*Take me home to Aunt Em!*” (Baum, 2000, p. 212). Na versão brasileira dessa obra, ela diz: “Levem-me à minha tia Ema!” (Baum, 2019, p. 133). Já, no filme de Fleming (*The Wizard of Oz - The movie*, 1939), a personagem Dorothy, interpretada por Judy Garland, diz a célebre frase, “*There’s no place like home*” – Não há lugar como nosso lar – que na dublagem para o português a frase se tornou “Não há lugar melhor do que a nossa casa”.

Apesar de ficcional, essas frases nos convidam a refletir sobre o anseio que cada indivíduo carrega consigo em relação ao seu lugar, sua origem, sua terra-natal, sua identidade, suas raízes, sua cultura. Mas, será que essa premissa será sempre possível?

Historicamente, os deslocamentos sempre fizeram parte do desenvolvimento da humanidade, seja na busca por alimentos, segurança, conquistas territoriais, comércio, curiosidades ou outras. As movimentações mais antigas já registradas datam de um milhão de anos atrás, quando o *homo erectus* migrou da África Oriental e Meridional, para o Oriente Médio e a Ásia (Goeldner; Ritchie, 2012), posteriormente, para as Américas, via “Estreito de Bering, durante a Era Glacial” (Mocellin, 2020, p. 15).

Do passado, resquícios arqueológicos, escrituras sagradas, vestígios e relatos visuais confirmam esses deslocamentos. Na contemporaneidade, essas movimentações humanas foram definidas como culturas transnacionais, transculturação ou transnacionalização (Clifford, 1994), ou ainda, como Geografias da Migração (Blunt, 2007), porém o termo comumente utilizado é diáspora, que será abordado mais adiante.

A partir deste contexto, apresenta-se a cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná, na região Sul do Brasil, cidade que ao longo dos tempos, acolheu várias etnias. Dentre as etnias, tem-se: alemães (1833); franceses (1869); poloneses (1871); italianos (1871); ucranianos (1895); libaneses e sírios (1901); japoneses (1908); chineses (1943), dentre outros (Guissoni; Valduga, 2023).

Dado o contexto histórico, essas imigrações proporcionaram a aculturação e a transformação da paisagem curitibana, de modo que, na contemporaneidade, é possível perceber os resquícios e as presenças dessas culturas por toda a cidade, em bairros étnicos, na arte de Poty Lazzarotto (Almeida; Berredo; Nunes, 1975; Yano, 2019), nas esculturas que ornem praças, parques e rotatórias, nas fachadas e construções arquitetônicas ou ainda em atrativos próprios que honram uma etnia específica: os memoriais étnicos.

Por falar em memoriais, esta pesquisa elege como recorte espacial um dos cartões-postais não oficiais de Curitiba: a Praça do Japão. Construída como um tributo da cidade aos imigrantes asiáticos, a praça agrega elementos culturais singulares que, quando integrados àquela paisagem, passaram a representar a memória, os valores e a identidade desse grupo.

A escolha deste memorial, em detrimento a outros locais étnicos⁵, ocorreu por conta de algumas peculiaridades como a movimentação dos frequentadores, a estética associada às sucessivas transformações na paisagem, bem como a relevância histórica e cultural da imigração japonesa.

E, por ter sofrido intensas transformações ao longo dos anos, principalmente para adaptação do sistema de transporte público que passa pelo local, ao término de cada nova reforma, a paisagem da Praça do Japão era completamente alterada e passava a contemplar novos elementos da cultura nipônica, como será apresentado mais adiante.

Essas transformações paisagísticas associadas à massa verde, presente no local, contribuíram para que a praça se tornasse um refúgio para a fauna urbana, manutenção na qualidade do ar e um ponto de descanso, em dias quentes, para quem visita, passa ou vive na região.

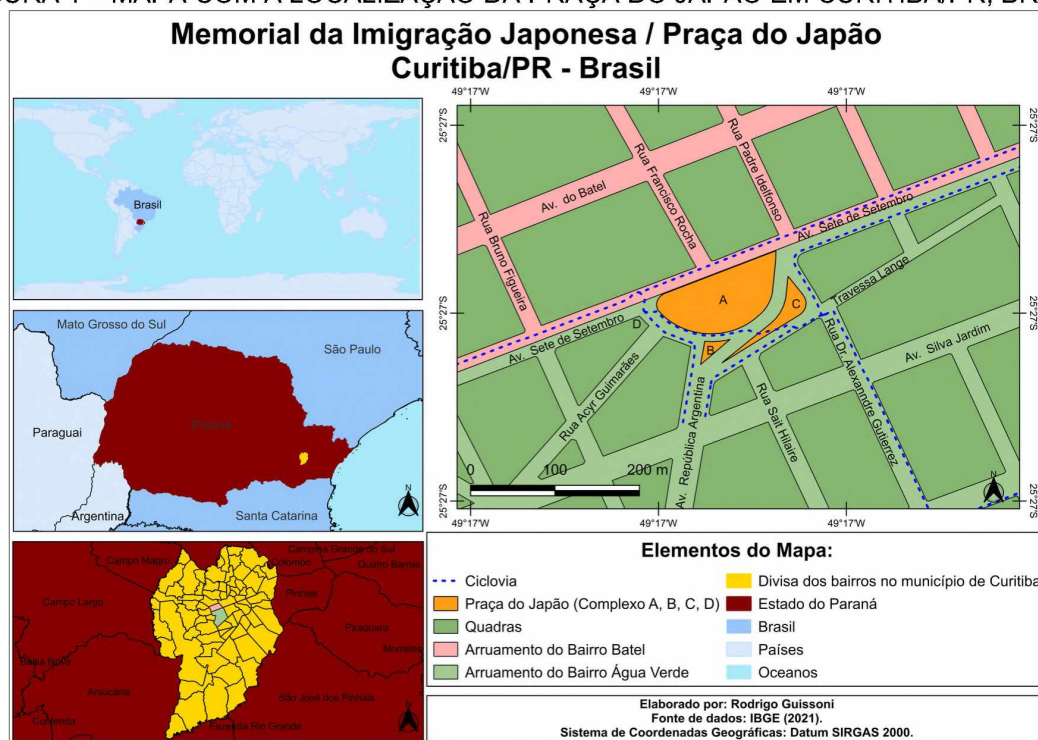
Reconhecida, oficialmente, como Memorial da Imigração Japonesa, essa área se tornou uma representação simbólica, um elo com a ancestralidade nipônica, excedendo assim sua função urbana e estética de praça. E embora esse atrativo não integre o roteiro da Linha Turismo, atrai turistas e residentes, especialmente durante o período de floração das cerejeiras, de julho a setembro. Esses fatores contribuíram para que a Praça do Japão fosse integrada à urbanidade curitibana, um fenômeno

⁵ Como por exemplo, a Praça da França, no bairro Seminário e a Praça da Itália, no bairro Jardim Botânico, que não possuem nenhum elemento ou referência estética que ressoe com essas culturas.

que Andreotti (2013) denomina como euritmia.

Essa praça se encontra, entre os bairros Água Verde e Batel, em uma localização relativamente central, na convergência entre a Avenida Sete de Setembro, a Travessa Lange, a Rua Dr. Alexandre Gutierrez, a Rua Saint Hilaire, a Avenida República Argentina, a Rua Acyr Guimarães e a Rua Francisco Rocha. Por esse motivo, o local favorece a ligação entre diferentes zonas da cidade (Figura 1).

FIGURA 1 – MAPA COM A LOCALIZAÇÃO DA PRAÇA DO JAPÃO EM CURITIBA/PR, BRASIL.



FONTE: O autor (2024).

O complexo da Praça do Japão, como visto na Figura 1, é composto pela Praça do Japão (elemento A), Ilha Tomie Ohtake (elemento B), Ilha Chuji Seto Takeguma – Claudio Seto (elemento C) e a escultura de *Manabu Mabe* em celebração à amizade entre Brasil e Japão, localizada em um jardimete adjacente à praça (elemento D).

Neste contexto, esta tese busca respostas para as seguintes inquietações: Qual é a percepção dos diferentes sujeitos em relação a esse memorial étnico? Como essa percepção pode expressar e materializar uma representação afetiva?

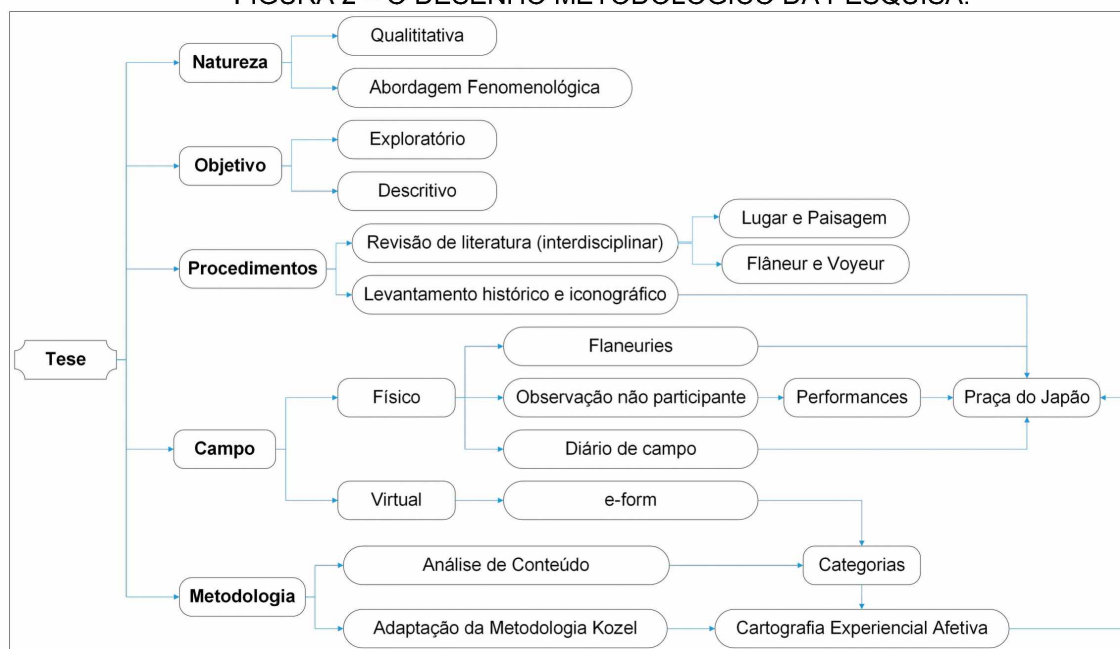
Assim, visa-se compreender a perspectiva emocional e simbólica do lugar a partir das percepções, experiências e performances dos frequentadores no memorial étnico Praça do Japão. De modo complementar a pesquisa almeja demonstrar as percepções enaltecidas durante as visitas ou apenas passagens pelo local; bem como

investigar de que maneira a paisagem da Praça do Japão nutre afetos junto aos seus visitantes/frequentedores enquanto memória funcional pessoal e social (coletiva). Por fim, produzir uma representação a partir das percepções e experiências dos visitantes/frequentedores da Praça do Japão.

Para tanto adota-se, para a pesquisa, uma natureza qualitativa (Creswell, 2014; Denzin; Lincoln, 2006; Flick, 2009; Yin, 2016), que objetiva ser exploratória-descritiva (Gil, 2017), com abordagem fenomenológica (Merleau-Ponty, 2018), em que se combina a Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), levantamento histórico, hemerográfico, iconográfico e técnicas de representação cartográfica a partir da Metodologia Kozel (Mapas Mentais) (Kozel, 2018b). Por sua vez, o trabalho de campo, conta com observação não participante (Marietto, 2018), diário de campo, registros em fotos, vídeos e coleta de dados via formulário eletrônico (*e-form*)⁶.

Esta pesquisa foi pensada para que pudesse ser replicada junto a outros memoriais e atrativos étnicos, seja em Curitiba ou em outras cidades. Logo, por se tratar de uma metodologia híbrida, buscou-se facilitar ao máximo a compreensão por parte do leitor, em relação aos caminhos metodológicos seguidos. Sendo assim, apresenta-se a seguir o desenho metodológico estabelecido nesta pesquisa (Figura 2).

FIGURA 2 – O DESENHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.



FONTE: O autor (2023).

⁶ Um *e-form* é um questionário criado com perguntas abertas e fechadas. Essa modalidade fica hospedada em uma plataforma como *Google*, *Microsoft* ou outras. Todas as respostas obtidas ficam armazenadas em nuvem. Neste modelo, o participante deverá respondê-lo *online*.

Como mencionado anteriormente, o contexto visual sempre se fez presente na jornada acadêmica deste pesquisador. E, embora o tema das imigrações já tenha sido amplamente investigado na literatura científica, esta tese sugere uma abordagem sensível e interdisciplinar sobre as formas como os espaços de memória são percebidos e representados.

Nesse sentido, para além da justificativa pessoal, cabe ressaltar a importância da percepção e da representação em pesquisas interdisciplinares, pois o progresso científico e suas reflexões contribuirão com os avanços no contexto em que o fenômeno faz parte junto às searas da Geografia Cultural e do Turismo.

Justifica-se também contribuições direcionadas tanto ao meio acadêmico, para aqueles que almejam aprofundar nesse assunto, quanto ao social⁷ e cultural⁸ por difundir a tradição do lugar analisado. Bem como, auxiliar na compreensão da relação dinâmica estabelecida entre o turista e o residente no contexto etnocultural.

Esta pesquisa também sinaliza, aos órgãos competentes, em âmbito público e/ou privado, a possibilidade de adição do ponto turístico em roteiros existentes, ou ainda a implantação do atrativo em novos *tours* etnoculturais.

Desse modo, esta pesquisa corrobora a premissa dos três pilares da academia: a construção de conhecimento – **ensino**, os descobrimentos – **pesquisa** e o retorno à sociedade – **extensão**.

Esta tese busca dialogar não apenas com estudantes, professores e pesquisadores, mas com o público em geral. Por isso, adota uma linguagem mais acessível a leigos, com referências e exemplos da literatura e da cultura popular cujo intento seja ultrapassar os muros acadêmicos e expandir os horizontes do conhecimento geográfico-cultural.

Teoricamente, para dialogar com a fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty (2018) a pesquisa busca sustentação teórica em dois autores centrais. Primeiramente, Yi-Fu Tuan (1995, 2011; 2015a, 2015b) com suas elucubrações a cerca do lugar, associado com Denis Cosgrove (1985, 1998, 2003, 2004, 2008) e suas nuances a respeito da paisagem. Outros autores interdisciplinares se alinharão a essa

⁷ Pelo contexto social, a pesquisa se justifica por contribuir com uma compilação de fatos e tradições relacionadas à etnicidade japonesa presente em Curitiba.

⁸ No que compete a contribuição cultural, esta pesquisa tende a resgatar, divulgar e valorizar aspectos étnicos relacionados à transposição da cultura japonesa e a (re)significação do lugar enquanto afetivo.

triangulação teórica com o intuito de elucidar e aprimorar a pesquisa.

Dito isto, vale salientar que em toda a pesquisa existe, implicitamente, uma certa cartografia afetiva que surge com o pesquisador na fase do planejamento e o acompanha até a publicação dos resultados. Paralelamente, há outra cartografia afetiva em cada sujeito que aceita participar da pesquisa, bem como em cada leitor do trabalho publicado. Todas essas cartografias afetivas compartilham, em maior ou menor grau, com a conformação de um amálgama de percepções, representações, emoções, sentimentos e experiências, que nem sempre são devidamente valorizados.

Nesse contexto, destacam-se os pesquisadores conservadores, sobretudo aqueles alinhados a correntes positivistas, que condicionados pela rigidez e exatidão impostas pela academia, optam por não considerar a dimensão sensível da pesquisa e relutam em aceitá-la como ciência receosos de serem criticados por pares (Moreira, 2008; Trindade, 2008).

Nesse cenário, esta pesquisa caminha em sentido contrário, pois a análise das respostas e fotografias obtidas do *e-form* buscou justamente os sentimentos e percepções afetivas dos frequentadores, juntamente com as percepções pessoais deste pesquisador, para identificar os diferentes modos de experienciar a Praça do Japão.

Logo, esta tese⁹ se encontra dividida em três partes. Na Parte I, intitulada *‘Experiências memoráveis: o lado emocional do sujeito na busca pela alma do lugar’* dedica-se à apresentação dos principais sujeitos que compõe a pesquisa: do imigrante ao residente e ao turista, corroborado por Aires; Pequeno; Fortes (2010); Baldissera; Bahl (2012); Besse (2013); Camargo (2006); Cooper *et al.* (2007); Cwerner (2001); Di Méo; Buléon (2007); Fish (2022); Franchi (2004); Goeldner; Ritchie (2012); Nunes (2014); Sampaio (2023); Seamon (2013); Severini (2013); Silva (2019b); Tuan (2015a); Vendrame (2018), entre outros. Assim como pelas figuras do *flâneur* e do *voyeur* embasados por Angrewski (2010); Baudelaire (2012); Benjamin (1999); Besse (2013); Careri (2013); Eagleton (1993a); Ingold (2010); Larsen (2001) e outros. Esta seção também se dedica a explorar as percepções, experiências e performances resultantes da interação com a paisagem e o lugar com base em Andreotti (2012);

⁹ Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais – CEPCHS da Universidade Federal do Paraná – UFPR sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE nº 83618024.6.0000.0214 com parecer número 7.256.429 aprovado em 28 de novembro de 2024.

Benjamin (2014); Bertoli (2013); Besse (2006); Carvalho (2024); Cosgrove (2001); Gomes (2017); Gomes; Berdoulay (2018); Kozel (2018a); Lynch (2011); Merleau-Ponty (2004); Oliveira (2002); Relph (2014); Tuan (1995), dentre outros. Por último, a seção apresenta o modo como esses sujeitos ressignificaram os vínculos com um lugar por intermédio das fotografias, conformando a construção de memórias afetivas e simbólicas cujos teóricos foram André (2023); Aroeira; Dantas; Gosling (2016); Guissoni; Chemin (2023); Mello (2019); Pezzi; Vianna (2015); Silva (2016) e outros.

A Parte II, intitulada “*Uma volta ao mundo dentro de Curitiba*” realiza um breve sobrevoo pela formação urbana de Curitiba e a transformação de sua paisagem com a chegada dos imigrantes japoneses. Dentre os principais autores tem-se: Dudeque (2005); Fenianos (2007); Lacerda (1993); Mocellin (2020); Oliveira (2000); Rosanelli (2017); Sakurai (2007); Seto (2002); Takeuchi (2010); Vieira; Moura (2010), entre outros.

Na Parte III, chamada “Caminhos e *Descobertas*” apresenta-se o percurso metodológico adotado, como os dados foram obtidos e de que forma as informações foram analisadas para culminar na construção da *Cartografia Experiencial Afetiva (CEA)*. Por último, como elementos pós-textuais, incluem-se apêndices e anexos para quem almeja detalhes complementares.

A partir deste contexto, ao retomar a fala de Dorothy, ainda que fantasiosa, ressoa em nossa realidade ao enaltecer o desejo que cada sujeito carrega consigo, de pertencer a algum lugar. Em outras palavras, um lugar para chamar de ‘meu’. Lugar este com elementos que evoquem memórias, afetos, que possua singularidade, que resista ao tempo, que seja geograficamente e simbolicamente acessível, preservado e respeitado.

Assim, ao mobilizar a figura do sujeito que assume o papel de *flâneur* ou de *voyeur*, fica evidente a percepção desse sujeito em relação ao lugar, à paisagem, às emoções e às representações simbólicas. Essas percepções interpretadas e decodificadas, foram fundamentais, para a criação da *Cartografia Experiencial Afetiva (CEA)*, uma representação simbólica e artístico-visual livre do Memorial da Imigração Japonesa.

Portanto, esta tese defende que a Praça do Japão se configura como um lugar simbólico e afetivo que revela memórias, identidades e pertencimentos, a partir das percepções subjetivas dos sujeitos, aqui representados pelos trajes figurativos do *flâneur* e do *voyeur*.

PARTE I – EXPERIÊNCIAS MEMORÁVEIS: O LADO EMOCIONAL DO SUJEITO
NA BUSCA PELA ALMA DO LUGAR

1 OS SUJEITOS

Artigo 1º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas – ONU (1948/1995, grifo nosso)

Até 1947, os sujeitos não se viam ou sentiam resguardados e protegidos, mas a partir de 1948, a Organização das Nações Unidas – ONU proclamou e adotou a Declaração Universal dos Direitos Humanos enaltecendo, para além das políticas públicas, o respeito e as relações entre sujeitos e nações (Oliveira, 2017; ONU 1995).

Entretanto, se em teoria tudo parece funcionar, na prática a verdade se apresenta outra, pois até hoje é possível notar, a nível mundial, os atos falhos desse sistema legislativo perante a fragilidade de sujeitos que se submetem a condições insalubres na tentativa de alcançar um patamar mínimo de dignidade. Nesse ínterim, destaco os refugiados¹⁰, os imigrantes e em alguns casos os turistas.

Mas, quem são esses sujeitos? Estariam esses sujeitos presentes no lugar, imersos na paisagem, ou em si? Estariam com a mente em alhures? Ser humano ou ‘ser’ humano? Ser turista? Ser residente? Ser todos? Não ser nenhum? Apenas ser? Essas e outras perguntas nos convidam a refletir para além da identificação e da subjetividade. Contudo, a intenção não é rotular “ser isso ou ser aquilo”, mas compreender o ‘ser sujeito’ enquanto ele estabelece um elo que, unifica seu passado, presente e perpetua sua cultura, em seu lugar natal ou em um novo lugar.

Conforme menciona Nunes (2014, p. 179), esses sujeitos biologicamente iguais, diferem em suas etnias, tradições e culturas, ou seja, “a noção de igualdade

¹⁰ Conforme o acordo com o Instituto Migrações e Direitos Humanos (2014), refugiado é “toda a pessoa que, devido a fundados temores de ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertença a determinado grupo social ou opiniões políticas, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, por causa de ditos temores, não queira valer-se da proteção de tal país”. Assim o define o art. 1-A da Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados, de 1951 e seu protocolo de 1967. Segundo a legislação brasileira, é, também, considerado refugiado “a pessoa que, devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigada a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país” (Lei 9474/97, artigo 1º, inciso III). O termo “refugiado” vem sendo também associado à pessoa ou grupos, que são forçados a deixar seu país, embora não necessariamente “perseguidos”, por fome, desemprego, questões raciais, étnicas, desordem política interna do país, motivos religiosos, e buscam segurança ou perspectivas de vida e sobrevivência em outros países. Quando, nestes casos, não se configuram todos os elementos legais que caracterizam o conceito de refugiado, estes migrantes são frequentemente chamados de imigrantes econômicos ou refugiados de fato.

reside na própria diferença”. Ainda segundo essa autora,

[...] somos todos sujeitos marcados pela diferença, seja de gênero, etnia, credos, fé, língua, ideologia, política, entre tantos outros aspectos. **Somos iguais na diferença**, e é partir do reconhecimento da diferença que a igualdade emerge, não apenas como prática discursiva, mas também como ação corporalizada (Nunes, 2014, p. 179, grifo nosso).

Para Seamon (2013, p. 5), esse “movimento cotidiano no espaço” é visto como “qualquer deslocamento espacial do corpo”, e sempre um movimento que se inicia pela vontade do sujeito. Besse (2013, p. 53) também corrobora ao mencionar que esse movimento é “uma dança” em uma vida coreografada. Em outras palavras, o corpo se assume como um “marco zero” em relação ao seu ambiente, uma vez que “o espaço fixo é fixo fora de mim e eu me movimento ‘no’ espaço” (Silva, 2019b, p. 72). Com isso, antes de qualquer tipo de rótulo assumido, atribuído ou imposto, esses sujeitos são corpos que se movimentam.

Neste cenário, de acordo com Costa (2015), o mundo convoca o sujeito à exploração, no sentido de apreensão. Tuan (2015a) lembra que desde criança, tanto a cinestesia¹¹, quanto a boca no seio da mãe, o olhar curioso e as mãos no chão e em objetos se tornaram as principais ferramentas para essa apreensão espacial. Logo, na ação de explorar o mundo que nos rodeia, esse sujeito (um ‘eu’ com consciência) se assume enquanto “um ponto de vista que explora o objeto pela ação do corpo” em um esquema aliado a uma intencionalidade motora (Costa, 2015, p. 271).

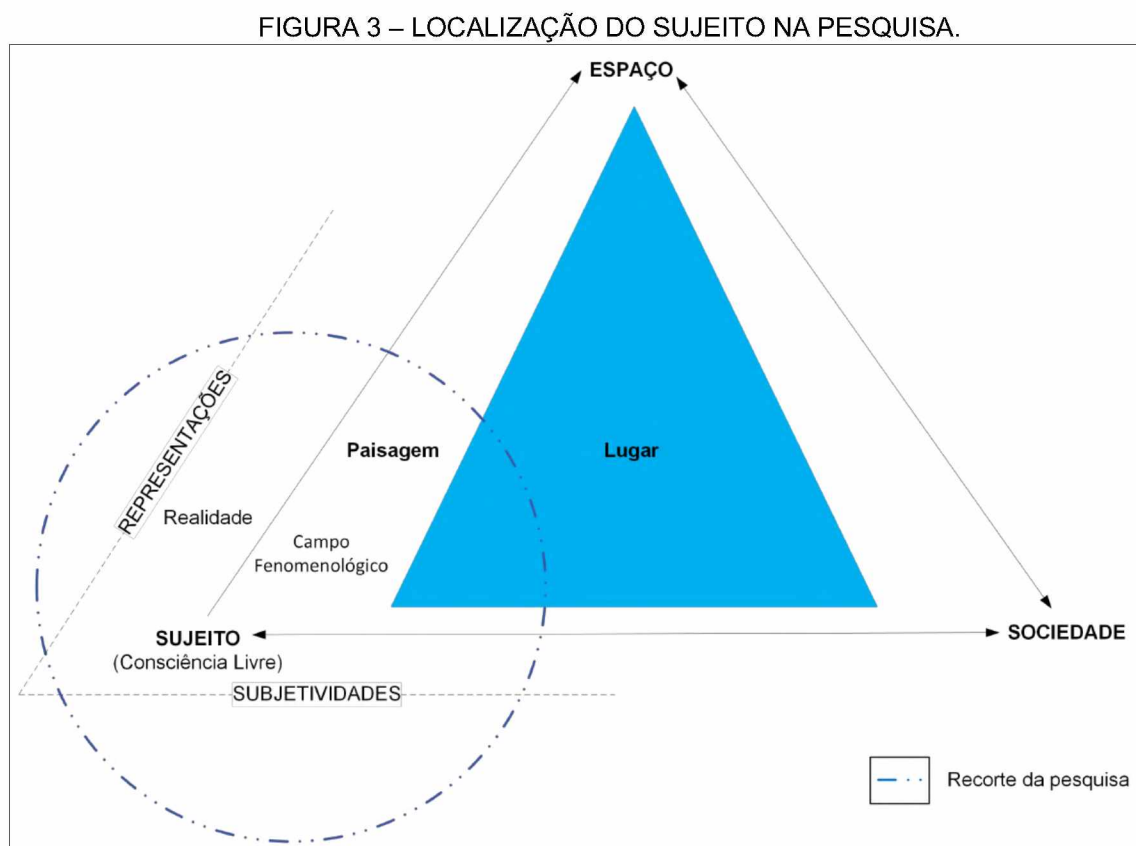
Dito isto, a pesquisa reconhece a pluralidade das identidades de gênero e adota o termo ‘sujeito’¹² como forma de expressar e representar essa corporeidade humana em sua diversidade. Essa escolha também se apoia no ponto de entrada epistemológico conveniente para a Geografia da Percepção e Representação, corroborada pela ótica de Maurice Merleau-Ponty.

Com isso, o termo sujeito, no campo fenomenológico, passa a ser compreendido como um “ser pensante” dotado de “uma consciência pura e livre do eu, do ser humano que se coloca como um “eu” e se diferencia do outro, do coletivo”

¹¹ Diferente de sinestesia (cruzamento e/ou associação com os sentidos), a cinestesia refere-se à percepção do movimento e da posição do próprio corpo no espaço.

¹² Destaca-se a existência de variações associadas ao termo (vide Apêndice 1 com essas respectivas denominações).

(Di Méo; Buléon, 2007, p. 28, tradução nossa). Cabe salientar que apesar da análise de Guy Di Méo e Pascal Buléon (2007), dialogar diretamente com o campo da Geografia Social, foi possível interpretá-la pela ótica da Geografia Cultural, uma vez que o recorte, a seguir, possibilita a localização e a interpretação da relação fenomenológica entre o lugar e o sujeito, enquanto um ser que se projeta no espaço e no tempo (Figura 3).



Como observado, a figura anterior ilustra a disposição desse sujeito em relação ao espaço e à sociedade, bem como a relação com o campo fenomenológico. Nesse cenário, Di Méo e Buleón (2007), mencionam que esse sujeito se projeta no espaço e no tempo como um ser psicológico e social, base de sua existência, mas que essa projeção é singular, dada sua duração.

Ainda segundo esses autores, essa duração projetada está intimamente ligada ao movimento desse sujeito com seus projetos, representações, práticas sociais e vida ativa. Logo, se essa distância percorrida é transmutada em temporalidade, acaba por imperar certa subjetividade, pois,

[...] cada momento, cada espaço que percebemos é único, é uma construção instantânea e efêmera. Essa tipicidade é encontrada tanto em

nossa referência ao tempo quanto em nossa relação com o espaço. Nossa relação com a temporalidade baseia-se em **duas observações** de nossa experiência. A primeira é a nossa **percepção de mudança**. Nossa relação com seres e lugares, mesmo com nossos próprios corpos imóveis ou em movimento, constantemente nos revela esses fenômenos dinâmicos. A segunda é a da **onipresença da nossa memória e das lembranças** que a habitam¹³ (Di Méo; Buléon, 2007, p. 18, grifo nosso).

Para facilitar essa compreensão, Di Méo e Buleón (2007) complementam que essas representações, vínculos afetivos e imaginários que o sujeito estabelece durante um tempo com um local é consequência de uma série de relações estabelecidas durante sua residência e suas viagens, e que para cada relação social e espacial o sujeito fará uso de uma combinação ou ‘traje social’¹⁴, que será apresentado na seção das análises.

Desse modo, como foi mencionado na abertura desse capítulo, o Artigo 1º da Declaração dos Direitos Humanos não é para ser um aglomerado de palavras bonitas, tampouco um documento utópico perante uma massa passiva a tamanhas desigualdades. Ainda que pareça difícil, é preciso resgatar esses princípios e compromissos mesmo que seja em nossos gestos diários para com o próximo.

A seguir, apresenta-se um panorama dos sujeitos inerentes a essa pesquisa, do imigrante (que anseia a se tornar residente), ao residente que deseja ser turista, bem como as identidades que esses sujeitos tendem a assumir.

¹³ No original: *Ajoutons qu'à chaque moment, chaque espace que nous percevons est unique, c'est une construction instantanée et éphémère. Ce caractère de typicité se retrouve à la fois dans notre référence au temps et dans notre rapport à l'espace. Notre relation à la temporalité se fonde sur deux constats de notre vécu. Le premier est celui de notre perception du changement. Notre relation aux êtres et aux lieux, voire à notre propre corps immobile ou en mouvement, nous dévoile en permanence ces phénomènes dynamiques. Le second est celui de l'omniprésence de notre mémoire et des souvenirs qui l'habitent.*

¹⁴ No original: *“l'objet de la géographie sociale est l'étude des rapports existant entre rapports sociaux et rapports spatiaux ». Les rapports spatiaux correspondent aux liens affectifs, fonctionnels et économiques, politiques et juridiques ou purement imaginaires que les individus et les groupes tissent avec les espaces géographiques où ils vivent, qu'ils parcourent ou qu'ils se représentent. Au total, ce sont ces « rapports de rapports », sociaux et spatiaux, qui définissent une grande variété de « combinaisons spatiales »”.*

1.1 TRÂNSITOS E PERMANÊNCIAS: ENTRE IMIGRANTES, RESIDENTES E TURISTAS PERIPATÉTICOS

[...]
 Tantos sonhos são desfeitos
 Uma mãe que afaga o peito
 Seu filho que vai partir
Pra longe vai o imigrante
Pra outra terra distante
Outro caminho a seguir
 Mal ele sobe ao navio
 Ao coração dá-lhe o frio
 Das saudades que já tem
 E olhando o lenço branco
 Que se agita, vem-lhe o pranto
 E acena para ninguém
 Nunca mais, nunca mais
 Sua terra há de voltar
Nunca mais, nunca mais
Sua terra há de voltar
 [...]

Roberto Leal in O imigrante (1984, grifo nosso).

De origem portuguesa, o cantor Roberto Leal narra em sua canção o cenário vivido por um imigrante lusitano. Cena esta que se repetiu, se repete e se repetirá com muitos outros sujeitos em ‘várias partes do mundo. Talvez não nos mesmos moldes, não com o mesmo meio de transporte, mas fato é que neste momento em algum lugar do planeta, por inúmeros motivos, tem alguém se preparando para deixar sua terra natal.

Sobre deixar a terra natal, durante uma entrevista, o cantor e compositor Tom Jobim relatou sua experiência em morar nos Estados Unidos. Segundo ele, “morar nos Estados Unidos é bom, mas é uma merda. Morar no Brasil é uma merda, mas é bom” (Sardinha, 2007). Entre os contrastes de ir e retornar, esses são exemplos da cultura popular com sujeitos reais que viram, ouviram e/ou vivenciaram experiências de deixar sua terra natal, se tornar um emigrante, imigrante, migrante, um turista e, em alguns casos, um residente.

Tendo em vista essa gama de palavras que pode ser atribuída a esses sujeitos em deslocamento (vide Apêndice 1), esta pesquisa optou por adotar o termo imigrante quando se reportar aos sujeitos nascidos em outro país. Por definição, o termo imigrante se refere a pessoas que atravessam uma fronteira, diferente do seu país de nascimento, com a intenção de: (i) trabalho temporário; (ii) passagem; (iii) pedir asilo político; (iv) fixar residência, e constituir família (Boyle; Keith Halfacree; Robinson, 2014; Hall; Williams, 2002; Matvieieva; Matvieiev, 2023).

Assim, com o intuito de mitigar ruídos tanto na compreensão, quanto na aplicação etimológica dessas palavras, apresenta-se a seguir (Quadro 1) a diferença conceitual entre estes termos, conforme legislado pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos – IMDH (2014).

QUADRO 1 – PALAVRAS EM MOVIMENTO: LÉXICO DA MOBILIDADE HUMANA.

EMIGRAÇÃO EMIGRAR EMIGRANTE	<p>Emigração: movimento de <u>saída</u> de pessoas ou grupos humanos de uma região ou de um país, para estabelecer-se em outro, em caráter definitivo ou por período relativamente longo. Além das causas econômicas, outras podem influenciar no desencadeamento de movimentos emigratórios, tais como questões políticas, religiosas, raciais ou ambientais.</p> <p>Emigrar: <u>deixar um país</u> para ir estabelecer-se em outro.</p> <p>Emigrante: pessoa que <u>deixa sua pátria</u> e passa a residir em outro país.</p>
IMIGRAÇÃO IMIGRAR IMIGRANTE	<p>Imigração: movimento de pessoas ou de grupos humanos, provenientes de outras áreas, que <u>entram</u> em determinado país, com o intuito de permanecer definitivamente ou por período relativamente longo.</p> <p>Imigrar: significa <u>entrar num país</u> estrangeiro para nele viver.</p> <p>Imigrante: é o sujeito que, deslocando-se de onde residia, <u>ingressou em outra região, cidade ou país diferente do de sua nacionalidade</u>, ali estabelecendo sua residência habitual, em definitivo ou por período relativamente longo.</p>
MIGRAÇÃO	<p>Migração: <u>Movimento de pessoas</u>, grupos ou povos de um lugar para outro. Motivos semelhantes, às vezes agravados, aos das acentuadas correntes migratórias no passado, caracterizam as migrações atuais: a globalização, questões demográficas de certos países ou regiões, a violação de direitos, o desemprego, a desorganização das economias tradicionais, as perseguições, a discriminação, a xenofobia, a desigualdade econômica entre os países e entre o hemisfério norte e o hemisfério sul são algumas causas das grandes migrações da atualidade.</p> <p>Migração Clandestina: A expressão se refere àquelas pessoas que, independentemente da razão, entram ilegalmente, sem portar qualquer Visto ou permissão, num país diverso do de sua nacionalidade ou residência legal. É comum usarmos como sinônimos os termos clandestino, ilegal, estrangeiro em situação irregular ou indocumentado. Em breves palavras, clandestino é o que entra num país sem portar Visto ou autorização para tal. Ao passo que, ilegal é o estrangeiro que se encontra num país em condições não condizentes com a legislação daquele país, embora, não necessariamente tenha entrado de forma clandestina. E, indocumentado ou em situação irregular, é o que não providenciou sua documentação ou que, após haver entrado legalmente no país, ali permaneceu além do período de autorização que recebera.</p> <p>Migração Forçada: É assim chamado o que migra para um país que não o de sua nacionalidade ou residência por causas alheias à sua vontade. A origem destas causas pode ser econômica, política, social, desastres naturais, busca de sobrevivência.</p>
RESIDENTE PERMANENTE	<p>Residente Permanente: Diz-se que tem permanência no país o estrangeiro que foi admitido com visto permanente (autorização do Governo para estabelecer-se e residir permanentemente no país), assim como o estrangeiro que, em base a disposições legais vigentes e mediante processo específico requer e obtém autorização para residir permanentemente no país de acolhida. O direito brasileiro prevê esta possibilidade em vários dispositivos da legislação de estrangeiros, sendo os mais usuais: casamento com cônjuge brasileiro/a e/ou com base em prole brasileira, permanência por reunião familiar, transformação do status de refugiado em permanência definitiva (após 6 anos de residência no Brasil na condição de refugiado).</p>

FONTE: Adaptado de Instituto Migrações e Direitos Humanos (2014); Museu da Imigração (2019).

Outro termo comumente encontrado na literatura e associado às migrações é diáspora. A diáspora possui raiz no grego antigo e quer dizer “uma dispersão ou semeadura de sementes”, que no contexto migratório, se refere:

[...] à **dispersão voluntária ou pela força de qualquer povo ou população étnica, de suas terras tradicionais** e aos subsequentes desenvolvimentos de sua cultura no destino, principalmente como uma minoria [em relação à população local] (Beine; Docquier; Özden, 2011, p. 31, tradução nossa, grifo nosso).

A partir deste encadeamento, Barcus e Halfacree (2018) apresentam, em sua obra, as diferenças entre mobilidade e migração. No primeiro caso, tem-se a mobilidade residencial¹⁵ (mudanças de curta distância dentro da mesma área local), mobilidade diária (movimentação entre casa e trabalho/escola), Estudantificação (*studentification* – *atribuído ao fluxo de estudantes com segunda residência*), mobilidade feminina (mulheres jovens em busca de empregos no setor doméstico como babá, cuidadora de idosos ou limpezas de residências).

Já o contexto migratório, para essas autoras, assume o caráter de migração internacional, migração interna (movimentação dentro de seu país), migração por emprego, migração especulativa (na busca incerta por oportunidades), migração qualificada (movimentação de especialistas ou “fuga de cérebros” quando o destino oferece melhores oportunidades), migração vinculada (quando há movimentação em decorrência de laços familiares), migração por estio de vida (em busca de qualidade de vida), migração pró-urbana (movimentação de jovens de pequenas cidades ou zonas rurais para grandes centros urbanos), migração rural ou contra urbanização (quando há o movimento de grandes centros para áreas rurais), migração LGBTQIA+ (movimento para lugares em que se sintam bem), mobilidade forçada¹⁶ (movimento não voluntário), por fim, essas autoras apresentam o fenômeno do Veículo Recreativo (movimento de aposentados que adotam um estilo de vida itinerante) (Barcus; Halfacree, 2018).

No tocante, Vendrame (2018), menciona que todas essas movimentações também conhecidas como fluxos migratórios, transoceânicos em alguns casos, estabelecem cadeias migratórias (em escala macro e/ou micro) em que sujeitos que

¹⁵ Neste caso, fatores como estado civil, idade e filhos influenciarão na distância e na mudança (Barcus; Halfacree, 2018).

¹⁶ Neste caso incluem-se os refugiados, os tráficos humanos (para trabalho escravo e exploração sexual) (*Ibidem*).

migraram se inteiravam das oportunidades no destino, bem como outras informações relacionadas a emprego, transporte, auxílios e estratégias de sobrevivência. Com isso, eram estabelecidos elos com a terra-natal, que visavam facilitar a migração de outros interessados, fortalecendo a ‘transferência’ desses sujeitos entre o local de origem e o destino e criando “redes interpessoais” (Vendrame, 2018, p. 272–275).

Essas movimentações de grupos ou massas étnicas se deslocam para além da fronteira de seu país pelos mais diferentes motivos, dentre os quais se destacam: (i) conflitos bélicos, a exemplo, dos ucranianos, dos israelenses, dos palestinos, dos iraquianos, entre outros (Rosas Duarte, 2011; Stein, 2008); (ii) crise econômica, como incidido aos haitianos, aos venezuelanos e outros (De León Vargas, 2018; Handerson, 2015); (iii) perseguição, como no caso do holocausto (Gross, 2017; Rylko-Bauer, 2005; Topel, 2015); (iv) desastres antrópicos, como o episódio de Chernobyl, ocorrido em 1986, na cidade de Pripjat, localizada ao norte da Ucrânia, próxima da fronteira com Belarus (Greenham, 2019; Perga, 2019); (v) desastres naturais como os maremotos de 2011 que acometeram a província de Fukushima, no Japão (Niehaus; Tagsold, 2021; Oda, 2011).

Dora Sampaio (2023, 05–06) defende que precisamos entender as desigualdades presentes nesses contextos migratórios, visto que sujeito e lugar estão em constante mutação, ou seja, “podemos estar imóveis e experienciar migrações, experienciar transnacionalismo, experienciar a mudança dos lugares sem sair do nosso lugar”.

Paralelamente, na contemporaneidade, dependendo da área e do interesse, pode ser encontrado um vasto campo de pesquisa que analisa a figura do imigrante sob as mais diferentes perspectivas, que vão desde a saúde mental, o envelhecimento desses sujeitos, às relações estabelecidas entre diferentes atores passando por interesses históricos, sociais, políticos e outros (Baía, 2022; Peñuela-O’Brien *et al.*, 2023; Pinillos-Franco; Kawachi, 2022; Sampaio, 2020, 2025). Por sua vez, Boyle *et al.* (2014) enaltecem a intenção em se continuar pesquisando o tema da imigração, integrando perspectivas multidisciplinares e propondo-a como um processo intrinsecamente ligado à Geografia e à Cultura.

Nesse sentido, por conta dessas novas dinâmicas, Brah (2011, p. 210), sugere que o termo diáspora necessite passar por um processo de ampliação em decorrência do surgimento de novas “linguagens de fronteira”, ou seja, novos elementos que assumam perfis motivacionais diferentes dos até então conhecidos.

Pois, se antes o conceito de diáspora estava intrinsecamente associado apenas a processos migratórios, na contemporaneidade, outros elementos interagem diretamente com essas linguagens fronteiriças que a autora se referia (Brah, 2011).

Como pode ser observado, ao se realizar esse panorama espaço-temporal, ainda que breve, nota-se que tanto do macro ao micro, quanto do passado ao presente, o ser humano sempre esteve envolvido com grupos, comunidades e/ou redes, fato este que contribuiu com o desenvolvimento destas cadeias e fluxos migratórios (Vendrame, 2018), onde, em suma, todos almejam algo em comum – um futuro melhor que seu presente e passado.

Assim, se o sujeito se projeta nesse espaço (Di Méo; Buléon, 2007), e a migração é comumente associada ao contexto espacial (origem, fronteira, destino); do ponto de vista de Cwerner (2001), o tempo também se assume como uma variável associada à compreensão desses fenômenos que se desenrolam no espaço. Desse modo, tem-se o tempo de deslocamento, chegada, permanência, tempo limite e transitório entre a legalidade (visto) e ilegalidade (prazos e expirações de licenças) e posteriormente o tempo da memória (lembranças e saudades do tempo de permanência) (Cwerner, 2001).

Por conseguinte, já se tornou parte do senso comum a existência de países que se comprometeram em manter estrangeiros fora de seus domínios. O caso mais conhecido é de imigrantes ilegais tentando acessar os Estados Unidos¹⁷. De acordo com Fish (2022), os Estados Unidos adotaram medidas severas aplicadas a imigrantes ilegais na intenção de manter a pureza genética norte-americana. Assim, desde 1929 realizam-se julgamentos com base na ‘Lei dos Estrangeiros Indesejáveis’ (Fish, 2022).

Cabe ressaltar que, em alguns casos, frente à sua realidade, migrar é a única opção. Com isso, mesmo diante de tamanhas represálias, ações punitivas e aversões (Figura 4), o sujeito se submete a: intempéries (chuva, vento, sol, seca), obstáculos naturais (desertos, montanhas, rios, mares, oceanos) antes e durante o trajeto – subjugação a fome, dor, frio, cansaço, perigos, e outros obstáculos antrópicos (muros

¹⁷ Nos Estados Unidos, o termo “**Sonho Americano**” (*American Dream*) popularizado por James Truslow Adams em *Epic of America* ([1931] 2017), se consolidou como um ideal na imaginação coletiva dos cidadãos norte-americanos, por representar seu país como o ‘Novo Mundo’, uma terra de oportunidades. Essa narrativa, difundida globalmente, atraiu imigrantes em busca de dignidade, liberdade e segurança tornando os Estados Unidos um almejado país para migrar (Cullen, 2003; Hochschild, 1995; Solnit, 2014).

altos, cercas com arame farpado, patrulhamentos ao longo das fronteiras, presídios temporários pré-deportação, fiscalização – alfândega e aduaneira, e controle de imigração), entre outros (Bauman, 2016).

FIGURA 4 – AVERSÃO CONTRA OS “OUTROS”.



FONTE: Primeira página do jornal O Público (Lisboa) (Reprodução TIME by Laurent, 2015); Primeira página do jornal El Universal (México) (Reprodução LatAM Journalism Review by López Linares, 2025).

No primeiro caso, de acordo com Laurent (2015), a lúgubre foto feita por Nilufer Demir, da Agência de Notícias Dogan da Turquia, ilustrou a notícia do naufrágio do barco superlotado com refugiados que saíram da Síria com destino a Grécia. O naufrágio ocorreu em pleno Mar Mediterrâneo.

A foto do corpo da criança Aylan Kurdi (com 3 anos de idade) encontrada na costa da Península de Bodrum, na Turquia, rodou o mundo em questões de horas. Mas, por que essa morte teve tanta força nas políticas públicas das migrações? Pois, só após a morte desta criança houve comoção mundial e vários governos aceitaram receber refugiados ou em alguns casos permitiram sua passagem pelo território.

A segunda imagem traz a fala do então presidente Donald Trump sobre as políticas e ações punitivas que irá tomar durante seu mandato (2025-2029), dentre essas ações tem-se a continuação de algumas medidas iniciadas em seu último

mandato (2017-2021), como por exemplo a ampliação e manutenção do muro que vem sendo construído na fronteira entre Estados Unidos e México (Baeninger, 2018) e o desligamento total e completo com os muçulmanos (Baker; Bader, 2022). Várias deportações já foram feitas desde sua posse, inclusive de brasileiros (Traiano, 2025). Por mais que o governo norte-americano tente negar, existe uma “discriminação espacial” e “separatista” contra latinos, negros e outras etnias (Raffestin, 1993, p. 134).

Em contrapartida, para alguns países o imigrante ideal é aquele que escolhe um determinado país para morar, trabalhar e constituir família. Neste caso, existem meios e facilidades para a entrada e permanência desses estrangeiros. No caso do Canadá, por exemplo, o governo oferece “ajuda de custo às famílias, aposentadoria, assistência e seguro-desemprego” (Vidal, 2001, p. 35).

Logo, ao trazer o foco para a Curitiba, nota-se que a realidade se mostra a mesma do passado, e vivida em outros países, pois se por um lado, ainda hoje, novos imigrantes (venezuelanos) a procuram com o desejo de “recomeçar a vida” (RPC, 2021); por outro lado ainda sofrem com a desigualdade étnico-racial, como no caso dos haitianos em busca de trabalho e moradia (Pierre, 2022, p. 216). Para esse autor, existem duas Curitibas, uma “legal” para quem detém o poder e outra “informal” para a população periférica que carece assistência (*Ibid.*, 2022).

Assim, a figura simbólica do imigrante, na canção de Roberto Leal (1984), que ao mencionar que o imigrante carrega nos olhos “o pranto antecipado”, agita seu lenço e “acena para ninguém” evoca a imagem simbólica dessa dor. Uma forma de resgatar a memória afetiva de milhões de imigrantes. Bem como reforçar a importância de se compreender esses movimentos como um fenômeno humano, permeado por afetos, identidades e esperanças, pois tudo que os imigrantes almejam é se tornarem residentes com dignidade.

Igualmente, se de um lado há esses sujeitos em trânsito (imigrantes), por outro há os sujeitos que, ainda que sejam descendentes, já se instalaram e se tornaram ‘filhos da terra’ – os residentes. Em se tratando destes últimos, desde os primórdios da civilização, o contexto do dom da hospitalidade (dar, receber, retribuir) está para além de contratos e transações monetárias, além de ser visto como um ato de civilidade entre anfitrião e visitante (Camargo, 2006; Severini, 2013).

Todavia, para Camargo (2021), na contemporaneidade, por conta do dinamismo veloz da sociedade em que vivemos, os contatos sociais têm se tornado

cada vez mais polidos, formais e impessoais; com isso a hospitalidade, tem se mostrado como um ato cada vez mais encenado, principalmente no âmbito turístico; em que as relações sociais perdem o “calor humano” (Camargo, 2021, p. 02).

De acordo com Cooper *et al.* (2007, p. 245), o contato estabelecido entre turista e residente acarreta impactos socioculturais, que podem ser positivos ou negativos a depender de algumas diferenças, como: “crenças religiosas, tradições, costumes, estilo de vida, padrões comportamentais, padrões de vestuário, sentido de organização do tempo, atitudes em relação a estranhos”.

Neste cenário, Baldissera e Bahl (2012), propuseram uma reflexão a respeito dessa relação estabelecida entre esses dois grupos (residentes e turistas), a qual confirma os impactos positivos ou negativos na economia, na cultura, no meio ambiente e na sociedade, uma vez que de um lado há os residentes e funcionários do *trade* e do outro os turistas como consumidores (éticos, conscientes e responsáveis ou o inverso).

Soma-se a esse cenário o caso dos sujeitos estrangeiros. Aires, Pequeno e Fortes (2010) mencionam que por conta dessa barreira linguística, a tentativa encontrada por alguns residentes em serem hospitaleiros, quando desprovidos de segunda língua, foi a comunicação não-verbal por meio de mímicas e gestos. Nesse sentido, como pontuado por Esteves e Sampaio (2013), a língua se tornou um dos fatores principais para a integração social, busca por informações, emprego, moradia, aquisição e uso de serviços locais.

Desse modo, na tentativa de humanizar essas relações sociais, alguns residentes tentam se mostrar receptivos, mas quando a demanda de visita se torna invasiva, esses sujeitos tendem a seguir um caminho contrário como será apresentado mais adiante.

Teoricamente, conforme pontua Jacques Lévy (2015, p. 23), no passado, durante décadas a “Geografia do Turismo”, produziu o que ele chamou de “uma literatura medíocre situada entre os setores menos teóricos da Geografia e bastante desconectada das outras ciências sociais”. Porém, ao desmembrar o Turismo em diferentes ramos da Geografia, as pesquisas nesse tema melhoraram, tendo o “habitar” como premissa central (*Ibid.*, 2015). Assim, os pesquisadores em Turismo, “[...] se viram envolvidos nos grandes debates realizados na Geografia em torno de termos, tais como cotidianidade, alteridade, mobilidade, historicidade dos lugares, patrimônio, capital espacial” (*Ibidem*, 2015, p. 23).

Desse modo, para se ter ciência, apresenta-se algumas classificações e denominações atribuídas ao Turismo e ao turista. De acordo com Goeldner (2012) a diferença estabelecida entre o residente e o turista é basicamente que o residente será o sujeito que mora no lugar que recebe outras pessoas que não moram lá – os turistas.

De acordo com Cooper *et al.* (2007, p. 239), a tipologia turística é “um método de investigação sociológica” que visa classificar os turistas de acordo com: algum fenômeno em particular, as motivações ou os comportamentos. Existem diferentes tipos de classificações de turistas. Esta pesquisa parte das definições feitas a partir dos estudos de Cohen (1972) a depender de suas atividades, os turistas foram classificados como:

1. **Turista de massa (em grupo):** viaja como se fosse me uma ‘bolha’ uma vez que lhe é impedido de conhecer o destino em sua plenitude. Possui itinerário pré-fixado (toma poucas decisões uma vez que locais e paradas foram pré-determinados);
2. **Turismo de massa (individual):** aventura-se para além do “turístico”, possui um pouco mais de controle de tempo e itinerário, busca por novidades;
3. **Explorador:** Organiza sua própria viagem, prefere um conforto básico, evita rotas turísticas, é o responsável por descobrir e divulgar novos locais;
4. **Andarilho (drifter) ou Mochileiro:** sem itinerário, sem metas, evita estabelecimentos turísticos, passa mais tempo no local que os três tipos anteriores, vive como residente e imerge na cultura local. Busca contato com pessoas, experiências, emoções e acontecimentos. Realiza pequenos trabalhos para juntar dinheiro para ir até o próximo destino (Adaptado de Cohen, 1972).

Os turistas também podem ser denominados como visitantes, viajantes, excursionistas, também pode ser regional, inter-regional, continental ou intercontinental; viajam por diferentes motivos, como por exemplo: compras, eventos, negócios, lazer, visita familiar, saúde, entre outros (Goeldner; Ritchie, 2012, p. 08). Contudo, como essas denominações não fazem parte do propósito dessa pesquisa, o termo turista será usado apenas para definir o sujeito que vem de outro lugar.

Neste contexto, esse sujeito que já possui um lugar para chamar de seu (na origem), almeja (re)conhecer o espaço do 'outro' (no destino); e movido pela necessidade e/ou curiosidade, ele "se alimenta, vê, toca, escuta, lê, fala, cheira, e opera cognitiva e emocionalmente em ações com objetivos específicos, diferentes dos de seu dia-a-dia, focados na satisfação de desejos, de fantasias e sonhos" (Franchi, 2004, p. 120). Em suma, o turista sempre que notar algo que destoa do seu habitual atribuirá a essa paisagem um certo exotismo (encanto) (Urry; Larsen, 2021, p. 322).

Ora, se para Mario Quintana, "Viajar é lavar a roupa da alma", para Mario de Andrade é uma aventura. No trecho extraído de seus diários de viagem ele descreve parte de sua percepção na jornada de São Paulo para a Amazônia em 1927:

Estou me convencendo que não sei viajar. A minha compreensão das paisagens, dos costumes e dos homens se processa quase sempre pelo processo comparativo que, no caso, me parece francamente errado. [...] **Na verdade eu estou viajando muito em torno de mim mesmo, e aplicando egoistamente as minhas experiências em vez de me enriquecer de novas.** Às vezes me vem mesmo a ideia de que talvez eu seja um "errado", porém é impossível eu aceitar esse qualificativo. Simplesmente porque eu me sinto feliz; feliz mesmo nesta infelicidade atual de estar viajando. E o que é mais decisivo ainda: é trazer uma consciência de mim mesmo que se não é de paz e muito menos pacificada por suplantação, é muito nítida e muito firme. Deste jeito, é impossível a gente se acreditar errado e mudar. [...] Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-índia, ora que tolice! Deve ter sido algum receio vago de índio... Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas **cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também.** As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala. Pois querendo mostrar calma, meio perdi a hora de partir, me esqueci da bengala, no táxi lembrei da bengala, volto buscar bengala e afinal consigo levar a bengala pra estação. Faltam apenas cinco minutos pro trem partir. Me despeço de todos, parecendo calmo, fingindo alegria. "Boa-viagem", "Traga um jacaré" ... Abracei todos. E ainda faltavam cinco minutos outra vez! Não fui feito pra viajar, bolas! [...] Mário de Andrade em O Turista Aprendiz (2015, p. 50, grifo nosso).

Apesar de se tratar do relato de viagem antiga, na contemporaneidade, quando o sujeito se detém perante uma viagem para um destino no qual ainda não conhece, poderá agir semelhante a Mário de Andrade, principalmente se não possuir experiência prévia e não procurar nenhuma agência de turismo para auxiliá-lo. A vantagem contemporânea fica por conta da facilidade para encontrar todas as informações na *internet*, mesmo assim se questiona: Como chego até lá? O que me espera lá? Como estará o clima? O que devo levar na mala? Será que tenho toda documentação que preciso?

Com isso, suas viagens acabam por se tornarem narrativas espaço-temporais, que por intermédio da perambulação proporciona a aquisição de conhecimento. Assim, através de experiências, movimentos e relações corporais pelo espaço, ao retornar para seu local de origem, sua casa, ele jamais será aquele mesmo sujeito que saiu. Por esse motivo, esta pesquisa atribuiu a esse sujeito o título de ‘turista peripatético’, em alusão à Escola Peripatética¹⁸ de Aristóteles, na qual por meio do caminhar adquiria-se conhecimento.

Visto que todo sujeito é um ser psicológico (Di Méo; Buléon, 2007), o sujeito turista adota um comportamento diferente do seu habitual, pelo fato de estar de férias em um local onde ninguém o conhece (Cooper *et al.*, 2007). Nesse sentido, Stanley Plog estabeleceu uma análise psicográfica¹⁹ da tipologia dos turistas. Em sua análise, ele estabelece uma classificação que ajudou na compreensão tanto dos tipos de turistas e seus impactos socioculturais a partir dos anseios de viagem, quanto pelos motivos pelos quais um destino surge, se destaca frente a outros, ascende ou declina (Cooper *et al.*, 2007). Essas classificações são (Quadro 2):

QUADRO 2 – CLASSIFICAÇÃO PSICOGRÁFICA SEGUNDO PLOG.

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Turista semi-alocêntrico	Busca por destinos diferentes de sua rotina. São cautelosos e exigem infraestrutura mínima.	Mongólia, Japão
Turista aloocêntrico	Com renda maior, busca autenticidade em destinos com culturas e ambientes diferentes da sua rotina. São aventureiros e nada exigentes.	África do Sul
Turista mesocêntrico	Intermediário (neutro).	Honolulu, Hawaii
Turista semipsicocêntrico	Busca por novidades. São conservadores e preferem destinos com boa infraestrutura.	Paris, Roma

¹⁸ O termo "peripatético" tem sua origem na prática de caminhar. O nome "Peripatética" refere-se à tradição de os filósofos (os perípatos) desta escola ensinarem e discutirem enquanto caminhavam por caminhos ao redor do ginásio no Liceu (Baltussen, 2016; Sharples, 2003).

¹⁹ Cabe salientar que apesar dessa tipologia ser generalista, possibilita interpretar as preferências do sujeito.

CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLO
Turista psicocêntrico	Busca por destinos com cenários conhecidos, não são aventureiros. Pertencem à classe média. São exigentes.	Miami, Orlando, New York

FONTE: Adaptado de Cooper *et al.* (2007, p. 241–242).

Geralmente, no caso dos turistas psicocêntricos, viajar com tranquilidade para conhecer diferentes destinos, contemplar a paisagem e prestigiar determinadas culturas pode acabar se transformando em assédio moral e violência, principalmente se houver Turismo de Massa.

Neste caso o turista começou a ser visto em alguns países, apesar de não se tratar de um ato diplomático, como uma espécie de *‘persona nongrata’*, ou seja, um sujeito indesejado em decorrência do excessivo número de visitantes no local. Esse fenômeno recebeu o nome de *overtourism* (Turismo de Massa ou Turismo Massivo) (Milano; Novelli; Cheer, 2019; Pechlaner; Innerhofer; Erschbamer, 2020).

Para piorar essa situação, de acordo com Rydgren (2004), por falta de informações, residentes extremistas se unem em grupos sociais minoritários com discursos que atribuem aos turistas estrangeiros estereótipos a partir da sua cor de pele e cabelo, sua fala e suas vestimentas; essas interpretações nascem carregadas de crenças e afetos negativos e passam a ser difundidas como sendo *‘a verdade’*, acentuando, ainda mais, esse tipo de aversão.

Estes residentes, ao perceber essa presença exógena, ameaçam e utilizam de violência oral e/ou física na tentativa de reprimir, oprimir e expulsar imigrantes e turistas. Este ato é conhecido como Xenofobia ou Turismofobia – conceitos paralelos ao racismo, são entendidas como uma ameaça à economia, à cultura e interesses dos residentes a partir da identidade cultural de estrangeiros (Cea D’Ancona, 2015; Milano; Novelli; Cheer, 2019).

Observa-se que ações xenofóbicas estão cada vez mais frequentes, bem como políticas anti-imigração estão cada vez mais acirradas, principalmente entre Estados Unidos e México, não obstante o restante da América Latina e alguns outros países espalhados pelo globo. Assim, ao redor do mundo, são noticiadas constantemente inúmeras situações que envolvem os sujeitos que deixam sua terra natal, independente do motivo, seja ele bélico, econômico, opressor, ou ainda por

curiosidade e lazer.

Na Figura 5, tem-se alguns exemplos do descontentamento da população local com os turistas durante as manifestações de 2024 que ocorreram em Barcelona, na Espanha (Pitrelli, 2024). Manifestações como esta também foram vistas em outros destinos turísticos consagrados, como por exemplo, Lisboa, Veneza, Amsterdam, Ilhas Canárias, Málaga entre outros (Hughes, 2024; Rodriguez, 2024). Estes exemplos ilustram a delicada situação que esses sujeitos se submetem.

FIGURA 5 – O TURISTA INDESEJÁVEL.



FONTE: Imagens da reportagem sobre Overtourism, na Espanha (Reprodução CNBC por Pitrelli, 2024).

Porém, essa aversão contra imigrantes e turistas está diretamente ligada a ascensão e declínio do destino em questão, pois, quando os residentes, notam que a cidade está passando por um aumento populacional e o local começa a chamar a atenção turisticamente, inicia-se um fenômeno que Cooper *et al.* (2007, p. 246), descreve em diferentes estágios as reações dos residentes em relação à chegada e permanência desses sujeitos. São eles:

1. **Etapla da euforia:** os residentes são atingidos por excitação e entusiasmo ao ver que sua cidade está se desenvolvendo com o Turismo. Nessa etapa os turistas são bem recebidos;
2. **Etapla da apatia:** a cidade já se desenvolveu e o turista é visto como fonte de lucro. As relações são de base formal e comercial;
3. **Etapla da irritação:** o destino atinge sua saturação e os residentes já não conseguem atender suas necessidades;
4. **Etapla de antagonismo:** o turista se torna o prenúncio do caos e os residentes (que se acham explorados), se tornam avessos aos turistas e

ao Turismo²⁰;

5. **Etapla Final:** A queda de visitação cai drasticamente, uma vez que os turistas passam a preferir destinos em que são bem-vindos. Quando o declínio econômico-turístico se acentua, os gestores se unem com a intenção de revitalizar o destino com publicidades e campanhas turísticas convidativas, com isso se reinicia este ciclo (Cooper *et al.*, 2007).

Assim, seja em família, grupos de amigos ou sozinhos, turistas e imigrantes se colocam à prova na tentativa de realizar uma visitação turística ou conseguir acesso e permanência legal (por meio do visto). Neste segundo caso, essa permissão representa o recomeço de suas vidas em outro lugar, ainda que distante de seu ponto de partida, mas na esperança de que tudo corra bem e com segurança.

Portanto, pelo exemplo perceptivo de Mário de Andrade (2015), o sujeito turista tende a explorar primeiro os limites de sua própria subjetividade e só depois o espaço do outro, além de admitir que existe, no fundo, uma espécie de “bengala” simbólica que auxilia todo sujeito a viajar. Essa ‘bengala’, diga-se cultural, é formada por signos, símbolos, memórias, emoções e estereótipos que auxiliarão na interpretação, escrita e reescrita dos lugares visitados. Lugares estes que podem ser afetivos, conhecidos, reconhecidos, alterados, vandalizados, valorizados ou supervalorizados. Por isso é essencial entender os meandros ocultos sob o ato de viajar. Na sequência, apresenta-se dois tipos de ‘trajes sociais’ que os sujeitos podem assumir, o *flâneur* e o *voyeur*²¹.

1.2 O FLÂNEUR E O VOYEUR: DO RITMO DO PASSO AO PISCAR DO OLHO

*Não se trata mais de apenas pensar, e de **ver**, mas também de **andar**.*

Jean-Marc Besse in Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia (2006, p. 41, grifo nosso)

²⁰ O caráter exemplificativo da etapa de antagonismo pode ser visto na reportagem do Reuters (2025) em que residentes de Barcelona, na Espanha, saíram às ruas na manhã de domingo (15/06/2025,) em protesto contra turistas. Os barceloneses carregaram faixas e cartazes onde se lia “o turismo de massa mata a cidade” e “a ganância deles nos leva à ruína” eles também gritavam “Suas férias, minha miséria” e atiravam com pistolas de água contra turistas e vitrines.

²¹ Esta pesquisa optou por manter os termos *flâneur*, *flânerie* e *voyeur* na grafia original, em francês, por respeito aos autores que idealizaram estes conceitos. Acredita-se que traduzir essas palavras para o português, além de comprometer a precisão léxica, poderia gerar ruídos de interpretação.

Ao longo dos tempos, o caminhar foi sendo apropriado por diversos sujeitos em diversas áreas, das artes, à literatura e às ciências. Com isso, a jornada se tornou tão importante quanto o destino (Larsen, 2001). Mas afinal, o que é esse caminhar para além do ato mecânico?

Caminhar é a forma que temos para explorar o mundo, experienciá-lo em toda a sua plenitude. Um movimento de evolução, em que o sujeito adquire conhecimento conforme avança, e ao retornar ao seu ponto de origem jamais será o mesmo (Besse, 2014; Ingold, 2010). Desse modo, o simples ato de caminhar também proporciona ao sujeito uma maneira “mais natural” de vivenciar, desfrutar e sentir o espaço em relação ao tempo (Koti, 2017, p. 109). A partir deste contexto, Alison (2023) enaltece que as experiências na cidade estão intrinsecamente ligadas às sensações corporais.

Besse (2013) também corrobora essa ideia ao mencionar que enquanto o sujeito caminha, ele se expõe à paisagem resultando em uma experiência polissensorial, ou seja, a partir de todos os seus sentidos, seu corpo percebe a realidade espacial à sua volta. Porém, Boutin (2012) pontua que durante as caminhadas quando se atribui o foco somente ao sentido visual do sujeito, a experiência urbana acaba sendo negligenciada.

No passado, para o *flâneur*, a *flânerie*²² já apresentava essa relação direta com as experiências sensoriais²³, pois era a partir delas que o sujeito caminhante experimentava as subjetividades do mundo e exercitava seus sentidos: visão, audição, olfato, tato e paladar (Boutin, 2012).

Mas, o quê ou quem é o *flâneur*? O termo *flâneur* significa “andarilho, pessoa ociosa [...] que enquanto caminha observa, admira, percebe pistas que os outros não percebem” (Angrewski, 2010, n.p.). Ainda segundo Angrewski (2010), o *flâneur* é simultaneamente um sujeito presente e ausente, ou seja, ele não deseja ou não se preocupa em ser visto enquanto caminha e contempla. Um sujeito que está na massa, mas não busca holofotes (*Ibid.*).

O *flâneur* foi uma figura instituída por Charles Baudelaire, na Paris do século XIX. Essa figura foi atribuída, inicialmente, ao sujeito do sexo masculino, que

²² A *flânerie* envolvia vagar pela cidade sem um propósito específico, absorvendo e contemplando paisagens, imagens, sons e experiências da vida urbana (Dreyer; McDowall, 2012).

²³ Experiências sensoriais durante a caminhabilidade em que o sujeito se valia de todos os seus sentidos para apreender a paisagem; ainda assim, o sentido visual sempre predominava sobre os demais.

experienciava, de modo particular, a dinâmica cotidiana enquanto perambulava pelas ruas da cidade.

De acordo com Coates (2017), Charles Baudelaire foi uma figura-chave na definição do *flâneur* – esse pedestre cujos engajamentos sensoriais e práticas criativas junto à paisagem permitiu a captação de momentos, impressões, belezas e significados no/do cotidiano urbano, que os outros não percebiam por conta da pressa.

Assim, a figura errante do *flâneur*, na obra de Baudelaire, foi interpretada como um observador ocioso das ruas, uma figura que transitava pelo espaço urbano e desafiava as normas sociais (Chambers, 1991). Apesar de, no princípio, ele ter sido marginalizado, acabou por se consagrar como um agente de transformação cultural e artística na França (*Ibid.*, 1991). Em suma,

Na França do século XIX, Charles-Pierre Baudelaire foi um dos autores que personificou o sentimento do caminhante que anda pela cidade. Atormentado pelas grandes transformações no espaço promovidas pela reforma urbana no governo de Napoleão III, Baudelaire descreveu em versos a vivência de um caminhante – um *flâneur* – **um ser que vive vagando pela cidade, imerso e oculto na multidão, assistindo ao espetáculo da urbanização**. A modernidade decorrente da reforma urbana na França promoveu a construção de grandes vias radiais interligadas por rotatórias para o escoamento eficaz de mercadorias e transporte de passageiros, a linearização das fachadas, a padronização da iluminação e a criação de espaços destinados ao lazer da população – **os espaços públicos – ambientes onde este transeunte encontrava motivação para vagar e observar o meio urbano**. O *flâneur* surgiu como uma reação à massificação geral pela modernidade, trocou sua individualidade para viver em meio à multidão, à procura da alma da cidade que se perdeu (Koti, 2017, 109–110, grifo nosso).

Embora separados pelo tempo, cabe destacar que, ao tentar contrapor o *flâneur* de Charles Baudelaire (visto como um observador passivo frente às transformações urbanas), Walter Benjamin propôs a figura do *chiffonier*, concebido como um observador ativo, contudo essa alcunha acabou não logrando sucesso (Berdet, 2012). Com isso, Walter Benjamin acabou por se tornar o principal difusor do arquétipo do *flâneur* de Baudelaire (Dreyer; McDowall, 2012; Durán Segura, 2011).

De acordo com Benjamin (2009, p. 146), um outro fenômeno que merece destaque foi que “em 1839, Paris foi invadida pela moda das tartarugas”. Essa prática de levar tartarugas para passear, segundo Bettelheim (2022), já era comum no Japão muitos anos antes de ser praticada em Paris, pois as tartarugas eram associadas à longevidade, por esse motivo era comum crianças japonesas serem vistas com tartarugas em coleiras.

Porém, o *flâneur* parisiense passou a adotar esta prática como uma crítica social ao *ritmo acelerado* daquele período, assim como as longas jornadas de trabalho, já que as tartarugas são lentas e não se preocupam com a passagem do tempo (Jacques, 2012).

Neste cenário, o *flanar* adquiriu um “ritmo desta sonolência”, em que “é possível imaginar [...] como as pessoas elegantes imitavam nas passagens, mais facilmente ainda que nos *boulevards*, o ritmo destas criaturas” (Benjamin, 2009, p. 146). Desse modo,

O *flâneur* ou passeante solitário das cidades, passeando com sua tartaruga na coleira, **move-se majestosamente contra a corrente das massas urbanas** que o decompõem num significado inteiramente estrangeiro; é nesse sentido que **o seu próprio estilo de caminhar é uma política**. Este é o corpo estetizado do lazer no mundo pré-industrial, do interior doméstico e do objeto não mercadejado (Eagleton, 1993b, p. 244, grifo nosso).

Assim, o *flâneur* passou a ser caracterizado como um sujeito despreocupado usando sempre um traje típico composto por uma sobrecasaca preta, cartola, bengala de caminhada e mãos nos bolsos indicando que não se preocupava com a *passagem do tempo*²⁴ (Figura 6).

FIGURA 6 – REPRESENTAÇÕES DO FLÂNEUR E FLÂNEUSE COM SUAS TARTARUGAS.



Imagem 1: Le *flâneur* – Desenho a lápis de Paul Gavarni (1855), Coleção Maroni, Biblioteca Pública de

²⁴ Uma analogia que na contemporaneidade dialoga com o *Slow Tourism* (uma prática turística em que se prioriza a experiência em detrimento da passagem do tempo). Para mais informações vide: CAFFYN, Alisson. Advocating and implementing slow tourism. *Tourism Recreation Research*, v. 37, n. 1, p. 77–80, 2012.

Boston.

Imagem 2: “O dândi definitivo” (1990), de Penni Bestic; um floreio artístico de um *flâneur* passeando com uma tartaruga pelas ruas de Paris acompanhado de sua dama que também possui uma bolsa de tartaruga, um regalo e um chapéu de senhora também de tartarugas, o destaque fica para a cartola da própria tartaruga em alusão à *flânerie*.

Imagem 3: Uma xilogravura do período Edo Enshi juroku josen (1847), de Utagawa Kuniyoshi, apresenta uma mulher que observa duas tartarugas à venda suspensas por cordas (Cortesia do Museu Britânico© *The Trustees of the British Museum*, divulgado como CC BY-NC-SA 4.0).

FONTE: Reprodução. Bettelheim (2022).

Dito isso, Besse (2006, p. 81), sugere que o sujeito deve se perder na paisagem enquanto caminha, pois “perder-se é habitar o espaço, ou o tempo, de outro modo, é vagar de lugar em lugar, sem pressuposição nem finalidade”. Nesse sentido, Careri (2017, p. 92) menciona que o *flâneur* parisiense era um autêntico peripatético e que o “perder-se” na paisagem o possibilitava ganhar “espaços outros”, ainda que lhe custasse tempo.

Ainda nas palavras de Careri (2013, p. 74), esse *flâneur* ‘raiz’ foi um “personagem efêmero” que ao se rebelar contra a modernidade da época, permitia-se perder tempo “deleitando-se com o insólito e com o absurdo, vagabundeando pela cidade”.

Quase simultaneamente, a sociedade parisiense do século XIX, também não via com bons olhos as mulheres que caminhavam desacompanhadas pelas ruas. Quando isso ocorria, essas mulheres eram tidas como trabalhadoras de fábricas; logo, classe social baixa ou prostitutas (Dreyer; McDowall, 2012).

A popularização da figura do *flâneur* também chegou ao Brasil. De acordo com Acerbi (2014), era comum ver e associar a figura do cronista boêmio como sendo um *flâneur* que perambulava de modo ocioso pelas ruas do Rio de Janeiro no período pós-abolicionista.

Com isso, se por um lado o termo *flâneur* e sua *flânerie* traziam uma carga pejorativa e até ofensiva por conta da ociosidade – apresentada como improdutiva e associada a desempregados, vagabundos, boêmios e prostitutas; por outro lado essa alcunha era vista como um “elogio aos errantes”, já que se tratava da ação figurativa de um sujeito que se deixava fascinar pela modernização de grandes cidades, ao mesmo tempo em que reagia contra elas e contra a abertura de grandes avenidas para veículos (Jacques, 2012, p. 47).

Contudo, quando a aristocracia e parte da burguesia viram que o *flanar* era também um ato de apreciação estética e aprendizado, muitos desses sujeitos das

classes abastadas, que não careciam de trabalhar para sobreviver, passaram a *flanar* pela cidade em galerias e *boulevards* como um ato de intelectualização (Boutin, 2012).

Desse modo, assim como a elite masculina ganhou espaço junto a caminhabilidade por erudição, as mulheres também começaram a ganhar espaço junto a essa prática e passaram a ser reconhecidas como *flâneuse*²⁵.

A partir dessa apropriação por parte da elite, a *flânerie* ganhou força e perdurou até a contemporaneidade, de modo que o ato de caminhar, independente de gênero, evoca nesses sujeitos múltiplos sentimentos como: ato político, ócio, contemplativo, de pertencimento, peripatético e outros (Macauley, 2000).

Quanto aos tipos de caminhabilidade empreendidas, apesar de nomes diferentes – como por exemplo, a Etnografia²⁶, a Deriva²⁷, das *Wandern*²⁸, *Walking Tour*²⁹, a *flânerie*³⁰ e outras (Bollnow, 2019; Durán Segura, 2011; Fink, 2012; Montoya Uriarte, 2012) – todas tem no caminhar a mesma essência, com destaque para a *flânerie* de Charles Baudelaire que se aproxima da deriva de Guy Debord no que tange o caminhar sem rumo (Costa; Brandão, 2017).

Todavia, na atualidade, o ato de caminhar apresenta releituras e reinterpretções frente as transformações sociais e urbanas de grandes centros, sobretudo quando se prioriza o deslocamento motorizado (transporte próprio/particular, público, privado e por aplicativo) em detrimento ao andar a pé. Nesse sentido, tanto a figura do *flâneur*, quanto da *flâneuse* ainda carecem aprofundamentos e reflexões mediante uma perspectiva multissensorial quando colocadas à luz de nossa contemporaneidade (Boutin, 2012).

Outro tópico que também merece atenção e carece de problematização é o caso do caminhar feminino e desacompanhado, já que a carga simbólica negativa herdada do passado não foi totalmente diluída. Quando analisado pela ótica social, esse estigma opera como elemento de distinção e segmentação, pois se nota que, nas ruas, as mulheres que caminham sozinhas, em sua maioria possuem baixo poder

²⁵ Para mais informações, recomenda-se a leitura: ELKIN, Lauren. **Flâneuse: mulheres andando pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo, 2022.

²⁶ Difundido por Bronislaw Malinowski em que o caminhar é um método de pesquisa para compreender o outro.

²⁷ Atribuída a Guy Debord, o caminhar é um laboratório urbano.

²⁸ Técnica desenvolvida por Otto Friedrich Bollnow, em que o caminhar se relaciona com o natural, de modo poético e filosófico.

²⁹ Prática turística realizada a pé para conhecer o espaço “do outro”.

³⁰ Resultado da ação do *flâneur* de Charles Baudelaire.

aquisitivo; logo, não têm condições econômicas para recorrer ao deslocamento motorizado em seu ir e vir diário. Em contraste, em ambientes controlados, como *shoppings*, as mulheres passaram a ser vistas como empoderadas, independentes, pertencentes à classe social privilegiada, dotadas de tempo livre, capital econômico e *status* social (Dreyer; McDowall, 2012).

Com isso, é possível notar que, em grandes centros, o tempo, a classe social e a mobilidade se tornaram fatores preponderantes para a realização da *flânerie*, uma vez que o ato de caminhar se mostra cada vez menos valorizado (Koti, 2017). Outro fator que se soma ao desejo de caminhar é a infraestrutura urbana. Nesse contexto, Larsen (2023) apresenta a ‘Geografia dos Pedestres’.

Essa Geografia pode ser percebida, por exemplo, em algumas cidades que são pensadas e/ou planejadas para a locomoção de transeuntes, como é o caso de Curitiba-PR com suas ruas arborizadas, calçadas em *petit pavé*, praças diversificadas e o Calçadão da Rua XV de Novembro (Guissoni; Gomes, 2023; Guissoni; Gomes; Torres, 2023).

Já outras cidades como Palmas, no Tocantins, priorizam o deslocamento motorizado, em decorrência das altas temperaturas. Mas, independente da localização, a esses residentes em deslocamento é atribuído o termo *Travel Glance* ou “olhar do viajante” que em outras palavras é um “*flâneur* de janelas”³¹, ou seja, um termo que enaltece a contemplação da paisagem em movimento moldada pelas experiências visuais a partir das janelas desses meios de transportes motorizados (Larsen, 2001).

A partir deste contexto, esta pesquisa também adotou o conceito de *flânerie*, para esses deslocamentos motorizados (em que o sujeito, durante certa ociosidade momentânea, exerce a contemplação através da janela desse meio de transporte ao passar por um determinado local), corroborando assim que “[...] o fruto do ócio”³² é

³¹ Esse termo é comumente utilizado quando o deslocamento ocorre em veículos particulares, públicos ou privados, e o olhar do sujeito viajante proporciona devaneios e pensamentos enquanto aprecia as cenas urbanas (Larsen, 2001).

³² O sujeito, enquanto passageiro, em trânsito entre sua origem (casa) e seu destino (trabalho, escola, compromisso), ou vice-versa, se encontra em repouso no transporte – uma espécie de ócio momentâneo. E, ainda que ele seja o condutor/motorista, poderá exercer o mesmo ócio momentâneo nas paradas de semáforo e nos horários de pico em que o trânsito está lento.

mais precioso que o do trabalho³³ (Jacques, 2012, p. 48).

De acordo com Biondilho (2014), este sujeito observador da paisagem urbana contemporânea se aproxima da figura do *flâneur* (caminhante) sempre atento ao que observa. Esse autor atribui algumas figuras arquetípicas a esse sujeito, como o detetive, o ambulante, o boêmio, o observador, o *stalker*³⁴, a prostituta e outros, e por que não o turista?

Para Nóbrega (2013), o sujeito turista também se assume enquanto *flâneur*, quando:

Caminhando/passeando, **o turista/flâneur apropria-se da cidade pelo movimento**. Escolhe seu próprio caminho, movimenta-se com um ritmo particular e atravessa a cidade conforme o tempo do seu corpo, do seu compasso. **Quando o turista/flâneur caminha/passeia pela cidade, ele adentra a paisagem. No decorrer do percurso, ele segue a cidade com o olhar, vivenciando-a com o seu corpo**. Com desenvoltura e atenção, ele delimita **e constrói a paisagem pelo enquadramento do seu olhar**. Para isso, ele necessita de tempo para descobrir a cidade, para olhar a paisagem, para ter a sua própria experiência. Dessa forma, **ele descobre a cidade com os seus passos, direcionando o seu olhar para o que lhe chama mais a atenção, desvelando, assim, uma cidade entre tantas outras possíveis** (Nóbrega, 2013, p. 135, grifo nosso).

Por conseguinte, Larsen (2001) menciona que esse “olhar do turista”, atribuído a John Urry, é constituído teoricamente através de práticas espaciais como a *flânerie*, aliadas às práticas representacionais da fotografia. Nessa perspectiva, o *flâneur* foi o “precursor do turista do século XIX [...] sobretudo naquela atividade que, de certo modo, haveria de tornar-se emblemática do turista: o democratizado ato de fotografar, de ser visto e registrado, de ver os outros e registrá-los” (Urry, 2001, p. 185).

Haja visto que a sociedade passou por substanciais transformações que alteraram o modo de agir, pensar e consumir dos sujeitos. O consumo visual também se alterou de um sujeito ocioso e analógico em outros tempos, para um sujeito digital e apressado, a caminho de seus compromissos.

Apesar da fotografia analógica ter tido um papel fundamental no universo das viagens, na contemporaneidade, a fotografia digital tem impactado na experiência do

³³ O trabalho, no sentido em que foi apresentado, está em oposição estrutural aos tempos sociais dedicados ao turismo, ao descanso e ao lazer, conforme proposto por De Masi (2000), que os distingue segundo esferas de experiência orientadas ora pela produtividade, ora pela fruição e pelo ócio criativo.

³⁴ (Per)seguidor considerado obsessivo.

sujeito durante o trajeto (Guissoni, 2019). Neste cenário, quando o telefone celular (*smartphone*) entra em cena, ele se torna um elemento de distração enquanto o sujeito caminha.

Com isso, esse sujeito deixa de ver ou perceber o lugar em sua plenitude, ou seja, ele não vê ou percebe o trajeto, não se conecta com pessoas reais e paisagens físicas (Argin; Pak; Turkoglu, 2019). Quando esse fenômeno ocorre, esses sujeitos são chamados de “*Zumbi de Celular*”³⁵, pois caminham olhando para a tela, com isso sua experiência no local se mantém parcial, (Argin; Pak; Turkoglu, 2019, 2020).

Assim, se os olhos do sujeito *flâneur* são como “camarotes”, meio pelo qual ele pode realizar a plena contemplação (Angrewski, 2010), quando imerso na paisagem virtual do celular enquanto experiencia o local, acabará por acessar de modo virtual após a viagem a imagem mental de uma cidade construída³⁶ em seu inconsciente (Argin; Pak; Turkoglu, 2019, 2020).

Portanto, quando Geraldo (2009), nos apresenta o conceito de *ciberflâneur*, ele nos convida a refletir sobre a possibilidade de se estabelecer um ponto de equilíbrio entre o modelo do *flâneur* século XIX (*offline*) com sujeito contemporâneo que produz conteúdo digital (*online*).

Dito isto, sabe-se que “a curiosidade é a expressão de uma espécie de indiscrição, que consiste em querer conhecer, e ver, o que “não nos diz respeito” (Besse, 2006, p. 11). Assim, se o termo *flâneur* foi atribuído ao sujeito caminhante, ao sujeito interessado em ver/observar caberá a alcunha de *voyeur*. De acordo com Silva (2016, p. 29), o ato praticado pelo *voyeur* é o *voyeurismo*, do francês *voyeurisme*, que significa “o que vê”.

Porém, cabe destacar que durante muitos anos esta atitude esteve associada a uma patologia ou desvio de conduta ética que não era bem-aceito pela sociedade. Mas, com o passar do tempo, este termo recebeu alguns ajustes desde sua origem, tornando-se flexível no cerne do conceito. Vejamos alguns desses ajustes principais:

³⁵ Zumbi de celular ou *smartphone zombie*: nome atribuído aos sujeitos que caminham em espaços públicos sem prestar atenção ao que acontece ao redor. Seu foco concentra-se inteiramente na tela do telefone celular, seja porque estão filmando ou fotografando, seja porque estão navegando na web, respondendo mensagens ou acessando redes sociais.

³⁶ Apesar de o sujeito estar no local, essa construção mental ocorrerá parcialmente por meio de seus registros de fotos e vídeos realizados, e não por sua experiência sensorial plena.

- **1740:** se dizia *voyeur* a “pessoa que assiste a algo por curiosidade”, sem qualquer tipo de conotação sexual;
- **1833:** o termo passou a ser compreendido como um ‘desvio de conduta’. O *voyeur* era o sujeito “que se excita ao ver nudez ou ato sexual de outrem”;
- **Século XX:** apesar de manter a conotação sexual atrelada ao conceito, a psicanálise freudiana, proporcionou brechas para outras (re)interpretações não sexuais, como na figura do (tele)espectador, e outros (Silva, 2016, p. 29).

Assim, entre 1833 e 1950, o *voyeurismo* se popularizou como uma prática de invasão de privacidade, ou seja, observar, sem o consentimento, situações privadas e momentos íntimos de outros sujeitos; mas cabe salientar que o *voyeur* não participava, apenas observava enquanto sujeito oculto (Bagdasarov *et al.*, 2010; Gumpert; Drucker, 1998; Metzl, 2004; Yalom, 1960).

De acordo com Metzl (2004), o fator que motivava esse sujeito a exercer essas atitudes eram impulsos psicológicos associados ao prazer visual. Nesse sentido, foram classificados dois tipos de *voyeur*: (i) *voyeur patológico*: associado aos desvios de conduta social, visto como um transtorno mental que carece de acompanhamento profissional; (ii) *voyeur normal*: sente satisfação em contemplar qualquer situação visual distante da nudez e da sexualidade (Metzl, 2004).

No primeiro caso, para a psiquiatria e a psicanálise, o *voyeurismo* patológico é entendido como escopofilia ou parafilia, que em casos mais graves, esse desvio de comportamento pode tornar o *voyeur* um precursor de atos graves, como ofensas e violência (Duff, 2018).

Já no segundo caso, a figura do *voyeur*, a qual foi reconstruída e ressignificada pela cultura popular nas artes, no cinema e na TV, contribuiu para a intensificação e a naturalização do conceito, bem como transformou seus telespectadores em *voyeurs* inconscientes (Sanabria, 2008). Com isso, a atitude *voyeurística* foi sendo incorporada por uma sociedade cujas ações na intimidade do lar eram tidas como aceitáveis; dentre elas, tem-se o consumo de conteúdo erótico (Báder, 2013; Bagdasarov *et al.*, 2010; Metzl, 2004; Munar, 2010).

Desse modo, a nudez banalizada e exibida nos meios de comunicação e nas produções culturais, contribuiu para que a popularização do *voyeurismo* se tornasse

o reflexo de uma cultura moderna (Bagdasarov *et al.*, 2010; Deery, 2004). Nesse sentido, mediante essa naturalização do conceito, a imagem do *voyeur* também se tornou um arquétipo comercial veiculado nas mídias (Gediman, 2017). Esse olhar *voyeurístico*, cada vez mais aceito nas dinâmicas sociais contemporâneas, passou a induzir seus consumidores por meio das produções *hollywoodianas* (Denzin, 1995) (Figura 7).

FIGURA 7 – POPULARIZAÇÃO DO VOYEUR NO CINEMA.



Imagem 1. Cena do filme Janela Indiscreta (*Rear Window*, 1954).

Imagem 2. Cena do filme De volta para o futuro (*Back to the future*, 1985).

FONTE: Paramount Picture (1954). Reprodução Universal Picture (1985).

No Brasil, esse *voyeurismo* midiático foi fortalecido dos anos 1980 ao início dos anos 2000, quando o sensacionalismo e o erotismo se tornaram sinônimos de audiência para grandes emissoras de televisão. Nesse período, telespectadores de todas as idades assumiram, inconscientemente, a identidade de *voyeur* ao assistir propagandas, novelas, videocliques e programas de auditórios com conteúdo apelativo, sensacionalista ou erótico (Dias, 2017; Gomes, 2022).

Para além do midiático, o *voyeurismo* apresenta correlações com práticas de vigilância, exibicionismo, curiosidade com pessoas e lugares, dentre outros. Aqui cabe um adendo em relação às tecnologias de vigilância. De modo que,

[...] **voyeurismo está de fato arraigado à sociedade contemporânea** [...] também se torna claro que as tecnologias de visão contribuíram para a instauração desta condição psicossocial nos dias atuais, **onde todos buscam satisfazer-se escopicamente a partir da intimidade alheia**. Tecer considerações críticas a respeito da maneira como os cidadãos se relacionam com a tecnologia torna-se de extrema importância **numa sociedade saturada pelos dispositivos tecnológicos**. Neste âmbito, pensar sobre o *voyeurismo* torna-se uma forma de refletir sobre uma constante contemporânea decorrente desta sociedade tecnocrática, midiática e globalizada (Silva, 2014, p. 08, grifo nosso).

Nesse sentido, Silva (2012) faz uma analogia da figura do *voyeur*, enquanto

um vigia ou segurança, e as correspondentes práticas de vigiar, espiar e/ou espionar. Para esse autor, o sujeito é vigiado seja para ‘sua segurança’, seja para a segurança ‘deles’. Mas, quem são eles? Afinal, nem sempre sabemos quando somos vigiados ou não, como por exemplo, em uma guarita espelhada ou uma câmera de vigilância na calçada que pode não estar funcionando. Nem sempre é possível ter ciência da identidade de quem nos observa na rua, no *shopping*, no supermercado ou no elevador.

Neste cenário somos observados, vigiados ou espionados com ou sem nosso consentimento³⁷, sejam por câmeras de monitoramento público ou privado, câmeras de celulares e/ou câmeras dos computadores, artefatos estes que também assumem, como na ficção, o papel de olho do “Grande Irmão”. Se, na obra literária 1984, de George Orwell, ecoa a célebre afirmação de que “o Grande Irmão está vigiando você” (Orwell, 2021, posição 29), na contemporaneidade essa vigilância deixa de ser apenas uma distopia literária e passa a configurar uma experiência cotidiana. Quando a vida imita a arte, evidenciam-se claras similitudes entre o mundo narrado por Orwell e as dinâmicas atuais de controle, visibilidade e monitoramento, nas quais o sujeito se encontra permanentemente observado, como no trecho em que:

A teletela [câmera com microfone] recebia e transmitia simultaneamente. Qualquer barulho que Winston fizesse, acima do nível de um sussurro muito baixo, era captado por ela; ademais, enquanto ele permanecesse no campo de visão alcançado pela placa metálica [câmera], seria visto e também ouvido. Obviamente, **não havia como saber se você estava sendo observado em dado momento nem com que frequência, ou por qual sistema**, pois a Polícia do Pensamento [vide o caso da Muralha Digital de Curitiba³⁸] se conectava a um cabo específico. **Era provável que eles observassem todas as pessoas o tempo todo**, já que poderiam se conectar [...] quando quisessem (Orwell, 2021, posição 29, grifo nosso).

Este trecho demonstra que qualquer semelhança com a realidade pode não

³⁷ No que se refere ao ato de ser monitorado ou espionado, essa situação pode acontecer de duas maneiras: com autorização, quando concordamos com termos e cláusulas digitais, mesmo sem ler as disposições detalhadas de contratos longos; e sem autorização, quando nossos computadores, *smartphones* e/ou similares são comprometidos por vírus e *malwares* ou ainda por atividades de *hackers*.

³⁸ A Muralha Digital de Curitiba, implantada em 2021, possui mais de 2 mil câmeras espalhadas pela cidade, distribuídas entre câmeras fixas, *bodycams* e câmeras veiculares (Prefeitura de Curitiba, 2025). Assim como na literatura de George Orwell, esse tipo de monitoramento acende um alerta em relação uso indevido de dados e imagens (vide Lei nº 13.709/2018: Lei Geral de Proteção de Dados – LGPD). Peres; Maciel-Lima (2022) também apresentam casos de exposição, segregação racial e invasão da privacidade associados a monitoramentos de vigilância, porém, o principal contra-argumento é a segurança de todos.

ser uma mera coincidência. Assim, se de um lado tem-se essas práticas de monitoramento, de outro os próprios sujeitos chamam a atenção para si, de modo que correlacionado ao *voyeurismo*, tem-se o exibicionismo, como ato de cultuar e exibir o próprio corpo em performances, enquanto padrões estéticos que, na atualidade, se mostram cada vez mais em evidência perante à indústria cultural (Silva, 2016).

Para Frosh (2001) esses registros fotográficos públicos ou domésticos, para além da mera representação, se tornaram fundamentais para compreender as relações sociais estabelecidas entre o público e o privado. Segundo Silva (2014), a evolução tecnológica das câmeras, redes sociais e dos *smartphones* também intensificaram esta prática em uma sociedade cada vez mais visual.

Neste cenário, Munar (2010) menciona que com o advento da *internet*, a cultura da exposição foi intensificada e passou a contribuir com o comportamento *voyeurístico* uma vez que sujeitos compartilham, de modo voluntário, detalhes de suas vidas pessoais. Com isso, o sujeito por medo de perder algo (F.o.M.O³⁹) dedica grande parte do seu tempo a expor sua vida, mas principalmente, contemplar a vida alheia nas redes sociais (Tandon *et al.*, 2021).

Até aqui foi possível ter ciência do papel que o *voyeur* ocupa na sociedade. Se no passado, o sujeito *voyeur* usava de artifícios para espionar outras pessoas, sozinhas ou acompanhadas durante momentos íntimos (Silva, 2016); de lá para cá, o termo continuou sendo estudado e passou a ser associado ao prazer visual, distante de conotações apelativas (Yázigi; Carlos; Cruz, 2002).

Assim, tendo em vista os sujeitos que dispõem de todos os sentidos, no *voyeurismo* a visão é considerada o sentido prioritário, de modo que o conhecimento apreendido se origina majoritariamente dessa experiência empírica visual que o sujeito performa em um determinado lugar (MacLean, 1979). Logo, a ação de contemplar precisa ir além do simples ato de ver ou enxergar (Urry; Larsen, 2021, p. 53). Contudo, vale destacar que muitos sujeitos vivem em modo automático e talvez nunca tenham utilizado dessa percepção de maneira consciente.

Desse modo, a lente da câmera se torna a ferramenta entre o sujeito e o assunto, e a fotografia ou o vídeo se tornam a materialização desse desejo, dessa

³⁹ F.o.M.O. é o termo designado as pessoas que verificam seus smartphones em um intervalo de tempo muito curto. A sigla vem de como *Fear of Missing Out* ou medo de perder algo.

curiosidade observacional (Visoto, 2014). A partir desse posicionamento, torna-se possível inferir que o prazer no consumo visual também passa a ser assimilado por esse sujeito como positivo ou negativo. Com isso, o turista também pode assumir o traje de um *voyeur* passivo, ou seja, aquele que observa apenas o que lhe é apresentado (Pine; Gilmore, 2011).

Neste cenário, se, “todas as nossas percepções visuais são mediadas pelo vidro da lente⁴⁰” (MacLean, 1979, p. 11), torna-se possível inferir que um sujeito em visita às Cataratas do Iguaçu, por exemplo, assume um caráter de *voyeur* diante da magnitude estética positiva que lhe chega ao olhar, gerando sensações de prazer como *inputs* a partir de todos os seus sentidos, porém a ênfase estará sempre focada no sentido visual. Um exercício que deveria ser incentivado e praticado em conjunto com os demais sentidos com o intuito de intensificar as percepções e experiências no/do sujeito (tópico do próximo capítulo).

Ao consumo e à produção visual soma-se o papel das fotografias sensacionalistas, que despertam a curiosidade e a atenção de sujeitos que se comprazem com conteúdos associados a locais de sofrimento e morte, que nesta seara é conhecido por Turismo Macabro ou *Dark Tourism* (Broeck; López, 2018; Dahmen, 2015; Lennon, 2017; Stone, 2006). Um caso conhecido são as fotos e vídeos do atentado ao *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001. Esse material visual circulou o mundo por anos, gerando documentários, reportagens especiais, filmes e, inclusive, estimulando a visitação ao local.

Onde antes se erguiam as Torres Gêmeas, encontra-se hoje um memorial⁴¹ às 2.977 pessoas mortas nos ataques terroristas. O *National September 11 Memorial & Museum at the World Trade Center*, também conhecido como *9/11 Memorial*⁴² atrai

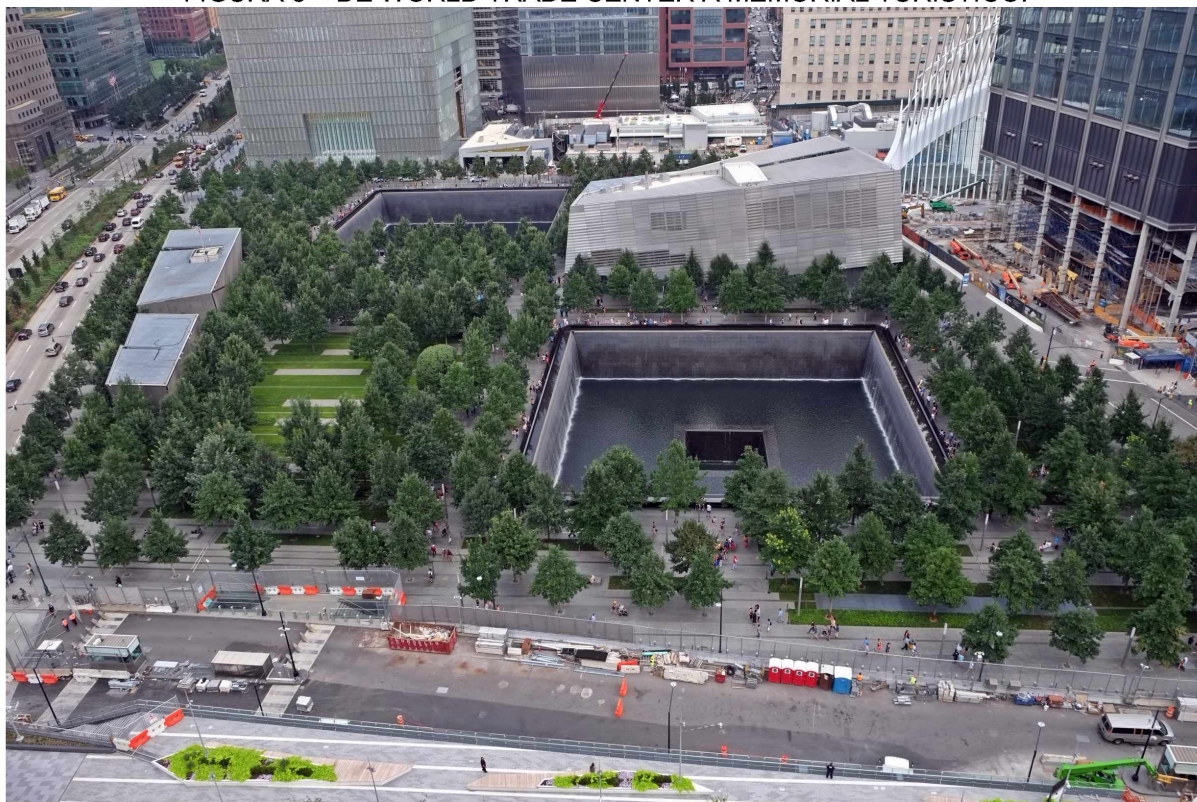
⁴⁰ Convida-se a refletir que essa lente vai desde a lente dos óculos ao monitor e à lente da tela do celular. Porém cabe salientar que, diferentemente do zumbi de celular, aqui o sujeito emprega o dispositivo apenas como uma extensão corporal destinada aos registros visuais; paralelamente contemplará o local com todos os seus sentidos e em plenitude.

⁴¹ Um memorial mobiliza experiências de luto, testemunho e responsabilidade social; eles assumem formas materiais como lugares, edifícios, museus, praças, monumentos, cemitérios e objetos (estátuas, cruzes, pedras, entre outros) ou imateriais, a exemplo de rituais, narrativas e práticas institucionalizadas. Seu propósito é rememorar e educar, possibilitar o processamento de traumas, atuar como política pública de representatividade, promover a produção de lugar e identidade, bem como preservar ou convocar uma memória coletiva relacionada a eventos de sofrimento, a pessoas ou a processos históricos (Farrelly, 2019; Moliner; Bovina, 2019; Shanken, 2012; Wagoner; Brescó, 2022).

⁴² O Memorial do 11 de Setembro está localizado no antigo complexo do *World Trade Center* e ocupa aproximadamente metade da área de 6,5 hectares. Os dois espelhos d'água do Memorial têm quase 4.000 metros quadrados cada e apresentam as maiores cachoeiras artificiais da América do Norte.

inúmeros turistas *voyeurs*⁴³ interessados em contemplar o cenário da tragédia (9/11 Memorial & Museum, 2024; Lisle, 2004) (Figura 8).

FIGURA 8 – DE WORLD TRADE CENTER A MEMORIAL TURÍSTICO.



FONTE: Sableman (2016).

De acordo com Bruno (2002), esse turista *voyeur* deve ser um viajante que conecta e experiencia tanto sua visão, quanto o local visitado. Na seara turística há também um tipo de *voyeurismo* cultural quando o sujeito busca se inteirar sobre outras culturas e etnias por meio de experiências mediadas (Appiah, 2018).

Ainda segundo Bruno (2002), essa é uma alternativa para estreitar laços e mitigar preconceitos étnicos. Porém, vale lembrar que no ato de contemplação turística, seja pela estética ou pela curiosidade, deve prevalecer um *voyeurismo* ético. Esse tópico vem à tona em decorrência de situações nomeadas, como “Turismo de Favela” ou “Favela tour⁴⁴”, uma prática em que turistas, geralmente de classes sociais

⁴³ De acordo com o relatório de 2024 o Memorial recebeu 11,6 milhões de visitantes (Bloomberg; Hillman, 2024)

⁴⁴ No turismo o *voyeurismo* é um dos elementos que levam turistas a viajar, a necessidade de contemplar/conhecer um lugar, uma paisagem. Mas, um desses desdobramentos turísticos, são os passeios em favelas ou *favelatours* (Burgold; Rolfes, 2013), ocorridos, geralmente, no Rio de Janeiro, em que turistas, em sua grande maioria estrangeiros, sobem ao morro para conhecer de perto a realidade daquelas pessoas. Esse tipo de turismo acende discussões a respeito do quão ético é esse tipo de turismo uma vez que o público internacional denomina esses passeios como ‘Safaris’ (*Ibid.*).

mais altas vão até comunidades para ver como é a realidade daqueles sujeitos (Acioli; Silva; Souza, 2014; Araujo, 2013; Dovey; King, 2012; Dürr; Jaffe, 2012; Menezes, 2007).

Desse modo, embora existam diferentes modalidades de *voyeurismo* midiático, digital, entre outras, o *voyeurismo* turístico constitui o foco central desta pesquisa. A investigação, portanto, orienta-se pelo prazer visual e contemplativo da paisagem, em especial da paisagem turística. Conforme assinala Jean-Marc Besse, na abertura deste tópico, “não se trata mais apenas de pensar e de ver, mas também de andar”.

Assim, é por esse caminhar que o sujeito se constitui ora como *flâneur*, com passos conscientes, ora como voyeur, ético em seu modo de olhar contemplativo, de modo que as experiências decorrentes dessas performances corporais possibilitarão o diálogo com múltiplas áreas e interpretações do espaço (Larsen, 2006; Larsen; Urry, 2014). O próximo capítulo dedica-se à apresentação das percepções e representações oriundas das experiências espaciais desses diferentes sujeitos.

2 A PERCEPÇÃO E A REPRESENTAÇÃO DO E NO ESPAÇO

*Quando se trata da **representação**, juntamente com a **percepção** e a **cognição**, naturalmente **se volta para a elaboração e construção do espaço**, que por sua vez são essencialmente devidas à coordenação de movimentos que são solidários entre si. Lembramos que não existe um espaço, mas **vários espaços**, e aqui vamos nos preocupar com o espaço representativo, que por sua vez é geométrico, topológico, projetivo, psicológico etc.*

Livia de Oliveira in Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia (2002, p. 193, grifo nosso)

De acordo com Vestena e Stoltz (2005) os estudos a respeito da percepção iniciaram na década de 1970 com as precursoras Livia de Oliveira e Lucy Marion Calderini Philadelho Machado. Com o passar do tempo esse tema começa a ser reconhecido e trabalhado por inúmeros pesquisadores no campo da Geografia⁴⁵.

De acordo com Oliveira (2002, p. 189), “a percepção é multifacetada” e carece de “exploração, transposição, espaço-temporal”; a qual corresponde “a sistemas relacionais, nos quais é possível caracterizar as estruturas, não por decisões arbitrárias, mas procurando traduzir passo a passo em expressões precisas as condutas dos sujeitos [...]” (Oliveira, 2002, p. 191).

Por sua vez, Tuan (2015b, p. 15), a percepção é “tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. Nesse sentido, o ponto de vista do sujeito, dita sua percepção. Ainda que essa percepção seja a respeito de um mesmo objeto, como por exemplo, ao olhar do solo para o alto da Torre *Eiffel* proporcionará uma percepção diferente de olhar do alto da Torre *Eiffel* para baixo e ver que “as pessoas parecem formigas, pontos em movimento, abstrações” (Tuan, 1995, p. 14, tradução nossa). Essa percepção do alto pode indicar para alguns sujeitos medo (da queda), enquanto para outros, poder (amplitude do horizonte) (*Ibid.*, 1995).

Assim, a percepção da paisagem tornou-se um conceito associado ao belo e ao sublime em um mundo em que qualquer sujeito pode acessar (Tuan, 1995, p. 128), mas que poucos conseguem conscientemente. Para Kozel (2018a, p. 81), a

⁴⁵ Um destes destaques foi Lineu Bley que “desenvolve estudos aplicados à Teoria de Lynch no estudo da “Percepção do espaço urbano de Curitiba” (dissertação defendida em 1982), e posteriormente sobre a “Paisagem de Morretes” (tese defendida em 1990), [...] junto ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná” (Vestena; Stoltz, 2005, p. 02).

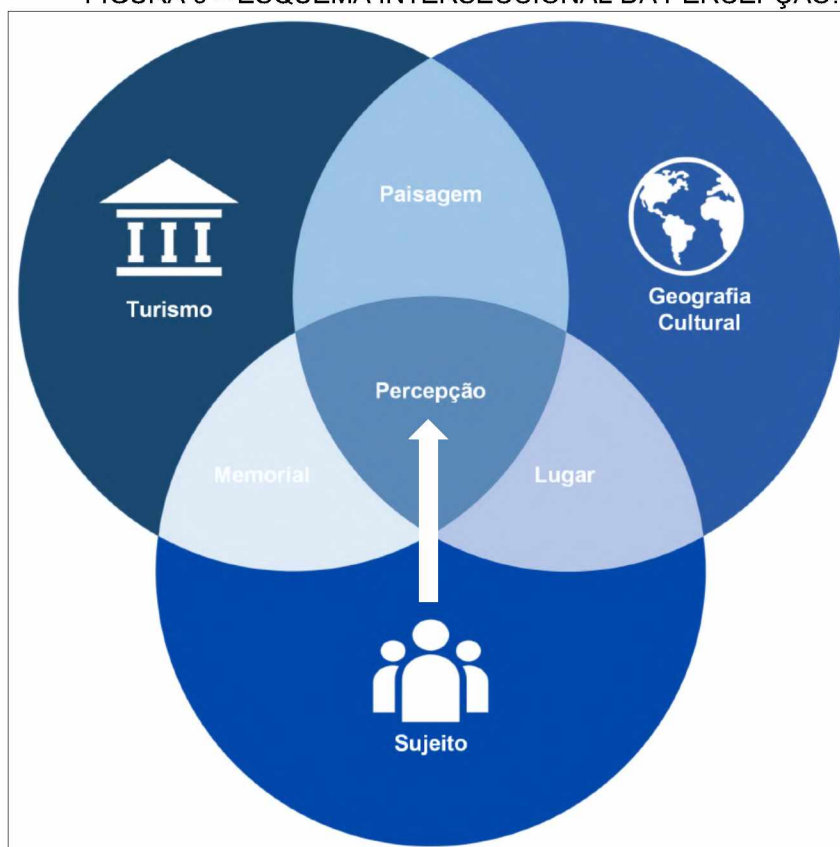
representação é definida como “o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades, que podem se referir a outro objeto, a um fenômeno relevante ou à realidade”. Em suma,

A representação é entendida como processo pelo qual o sujeito se apropria do objeto, convertendo-o em ideia; a verdade é produzida pelo sujeito no processo de percepção do eu intelectual. A consciência, entendendo-a como capacidade de síntese, a partir de si mesma, passa a ser fundamento, certeza primeira, fonte das demais (Lima, 2014, p. 105, grifo nosso).

Com isso, a representação se ocupa da elaboração e construção de um espaço simbólico resultante de um processo mental (Oliveira, 2002, p. 193). Esse processo mental coloca a percepção em um ponto de interseção dentre vários elementos e fatores a serem ponderados.

Neste caso, por exemplo, tem-se a percepção entre: (i) Sujeito e Turismo: por meio da materialização experiencial do atrativo turístico, enquanto memorial; (ii) Sujeito e Geografia Cultural: a partir da categoria geográfica de lugar; (iii) Geografia Cultural e Turismo: de modo interdisciplinar, apresenta e representa a paisagem enquanto elemento visual e simbólico (Figura 9).

FIGURA 9 – ESQUEMA INTERSECCIONAL DA PERCEPÇÃO.



FONTE: O autor (2024).

Nas palavras de Lima (2014, p. 86), para Maurice Merleau-Ponty, “a relação da consciência com o mundo já pressupõe algo que é percebido, porque, para ele, trata-se de empreender uma descrição direta da experiência do sujeito tal como ela acontece”. Logo, se a Geografia está do lado da percepção, a paisagem está ao lado do sentir (Besse, 2006, p. 79). A partir deste contexto,

As dimensões sociais e culturais estão sempre presentes na definição dos ambientes, mediando a percepção, a avaliação e as atitudes do indivíduo frente ao ambiente. **Cada pessoa percebe, avalia e tem atitudes individuais em relação ao seu ambiente físico e social.** Por outro lado, inter-relação também quer dizer que estudamos os efeitos desse ambiente físico particular sobre as condutas humanas. Então, estamos estudando uma reciprocidade entre pessoa e ambiente (Moser, 1998, p. 121, grifo nosso).

Com isso, Silveira (2018, p. 4) menciona que essa compreensão das representações e dos significados instituídos como ações dinâmicas no lugar são definidas “como a função pela qual a mente, o sujeito, se representa, coloca os objetos diante dele”. Por esse motivo “precisamos de uma paisagem que nos faça recordar continuamente do nosso passado e individualmente os nossos afetos” (Kozel, 2019, p. 21). Essa tarefa ficou a cargo dos mapas e cartografias míticos, ficcionais, realistas.

No que compete à representação do espaço, Kozel (2018a, p. 74) menciona que “a Geografia sempre esteve associada às imagens” desde o passado remoto com a transmissão de informações a respeito de “espaços desvendados” até a confecção de mapas mais elaborados. Desse modo,

Inserida no desenvolvimento histórico da Geografia, desde épocas remotas até os dias atuais, aparece a cartografia, acompanhando o próprio progresso da civilização, podendo-se afirmar que, **das demais formas de comunicação gráfica, a mais antiga da humanidade é o mapa [...]** (Cavalcanti; Viadana, 2010, p. 15, grifo nosso).

De acordo com Paz (2018), os viajantes do século XIX percebiam a paisagem do panorâmico ao micro de uma maneira diferente, e por meio da visão e do movimento corporal eles realizavam pintura para a literatura e a botânica. Segundo essa autora, essa sensibilidade era moldada por seus hábitos, cultura e filosofia (*Ibid.*, 2018). Assim, essas viagens se tornavam difusoras de seu interesse pela Geografia e pela cartografia (Cavalcanti; Viadana, 2010).

No que compete a cartografia, ela também age como uma ferramenta de representação do espaço real e imaginário (Cosgrove, 2001), em outras palavras,

esse autor demonstra que o mapa em vez de um objeto isolado, possui relações com a arte, com a ciência e com o espaço (Cosgrove, 2011). Neste contexto, vale lembrar que o interesse pela cartografia foi se ampliando a ponto de vigorar em outros campos fora da seara geográfica, como por exemplo, na literatura com a *epic fantasy*⁴⁶ ou fantasia épica, a qual proporcionava aos leitores uma experiência realista mediante as representações visuais (Chartier, 2024).

Essa capacidade de criar mapas reais e ficcionais está ligada à habilidade perceptiva do sujeito em atribuir e interpretar os espaços, de modo que para além de uma ancoragem visual, também possibilita criar narrativas, ideias e influenciar emoções (Carvalho, 2024).

Para Besse (2006, p. 17, grifos do autor) “o mapa é, com efeito, o ato de uma mimesis, e muitos foram os cartógrafos que, no século XVI, retomaram a analogia de origem ptolomaica [como imitação gráfica e representação pictórica] entre a Geografia e a pintura”. Dessa forma, tendo em vista que os primeiros exploradores realizavam suas representações na forma de mapas ilustrados, essas representações eram o seu ponto de vista, suas percepções sua forma de ver o mundo (Figura 10).

FIGURA 10 – MAPA DA ISLÂNDIA COM ILUSTRAÇÕES MÍTICAS.



FONTE: Royal Museums Greenwich (2019).

⁴⁶ Senhor dos Anéis, O Hobbit, Dom Quixote, Gulliver e outros (Chartier, 2024).

Como mencionado anteriormente, o desconhecido era tratado como sobrenatural. Nesse contexto, com o surgimento das Grandes Navegações, muitas cartas marinhas foram criadas para alertar dos perigos dos mares. Verdadeiras obras que representavam, ora a fúria dos deuses, ora criaturas que habitavam as profundezas do oceano à espera de navios desavisados. Assim, cartografias que antes agiam como guias aos navegantes, hoje, emolduradas, compõe acervos museológicos como representação de um espaço imaginado.

A partir deste contexto, Dardel (2011, p. 14–15), menciona que essa percepção telúrica implica na profundidade, na espessura, na solidez ou na plasticidade e “que não são dadas pela percepção interpretada pelo intelecto, mas encontradas numa experiência primitiva: resposta da realidade geográfica a uma imaginação criativa”, ou seja, antes da percepção (e da cognição) o instinto imperava.

Com isso, como pontua Gomes e Berdoulay (2018, p. 367) os elementos presentes em um mapa, “não são pelo tamanho ou volume, mas sim pela associação que desejamos expressar para fins de uma argumentação”. Em outras palavras, esse mapa,

[...] **desempenha um papel de antecipação diagramática em relação à invenção efetiva da paisagem**, não porque a prefigura, mas sim porque **dá à invenção e ao projeto um espaço de figuração**, ou seja, uma significação espacial apreensível (Besse, 2014, p. 181, grifo nosso).

Neste contexto, Gomes (2017) correlaciona os mapas com os quadros em exposição nos museus. Segundo esse autor semelhante à percepção cartográfica há também,

[...] uma **cartografia do olhar que interpreta as composições de uma figura [em um quadro]**. Constatamos que o lugar ocupado por ela, a forma de exposição, são **elementos que intervêm diretamente na recepção e na compreensão daquela imagem**. Isso quer dizer que um quadro, ao delimitar o que deve estar reunido na composição interna, **não deixa de também produzir sentido** pelo que separa. Mais ainda, produz também sentido pelo lugar próprio que ocupa, pela narrativa dentro da qual se inscreve (Gomes, 2017, p. 96, grifo nosso).

Assim, os mapas (enquanto quadros) nos auxilia a “pensar e descobrir coisas novas e não apenas para ilustrar conhecidas” (Gomes, 2017, p. 131). Porém, além dos mapas de fantasia na literatura, os mapas políticos na Geografia, os mapas com trajetos no Turismo, existem vários modos de cartografar um espaço, como por

exemplo, desenhos livres⁴⁷ (com lápis, tinta), maquetes (com objetos), argila e/ou massa de modelar, tecidos (costuras e bordados) entre outros (Fabrício, 2017; Mekdjian; Olmedo, 2016; Oliveira, 2012). Essas representações para além do visual, proporcionam uma percepção tátil, tanto na confecção, quanto no aprendizado.

Portanto, os mapas não são apenas representações do mundo, são instrumentos capazes de moldar nossa percepção e compreensão (visão do espaço) (Cosgrove, 2008). Dessa forma, como assinala Livia de Oliveira (2002) no começo deste capítulo, a compreensão, a interpretação e a construção do espaço enquanto representação visual derivam da percepção cognitiva do sujeito. Esse processo pode, inclusive, resultar em uma obra artística, possibilitando a compreensão do lugar como arte da, na, sobre ou a partir da paisagem, como será apresentado a seguir.

2.1 O LUGAR DA PAISAGEM E O LUGAR NA PAISAGEM

Os lugares são escolhidos para ser contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos. Tal expectativa é construída e mantida por uma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos, que constroem e reforçam o olhar.

John Urry em O Olhar do Turista (2001, p. 18, grifo nosso).

Na Geografia, algumas categorias são amplamente discutidas, dentre elas se destacam os estudos voltados ao espaço, ao território, à região, à paisagem e ao lugar (Holzer, 1997; Oliveira *et al.*, 2020). A partir da seara da Geografia Cultural, esta pesquisa, optou por vislumbrar o fenômeno analisado por meio da lente de uma dessas categorias – o lugar. A intenção desta pesquisa não é limitar as demais categorias geográficas (até porque, cada uma possibilitaria uma leitura diferente), mas realizar uma análise espaço temporal a partir dessa escolha.

Dito isto, cabe lembrar que na década de 1950, na obra ‘O homem e a Terra’, Eric Dardel, contribuiu com as primeiras ideias de categorias geográficas de lugar e paisagem ao definir fenomenologicamente distâncias, direções, a partir do corpo no espaço (Holzer, 2008, p. 141). De lá para cá, influenciado por Eric Dardel, Edward Relph começa a dar destaque para a categoria de lugar (Holzer, 2008, p. 141).

⁴⁷ Nesse cenário há também os mapas mentais e mapas afetivos (Kozel, 2018b; Silva; Bomfim; Costa, 2019)

Para Relph (2014, p.17), no passado a Geografia era compreendida como o “estudo de lugares”, mas sem definir o que isso significava de forma real. Atribuía-se a esse fato “a descrição de diferentes assentamentos e regiões da Terra”.

Neste contexto, esta pesquisa adota como premissa que todo espaço é para um sujeito, primeiramente, apenas um local. De modo que o sentido de “lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, a história, as relações sociais e a paisagem” (Tuan, 2015a, p. 06). Logo, somente a partir da nutrição de afetos do sujeito pelo local, este se tornará um lugar.

Desse modo, conforme pontua Tuan (2015a, p. 06) “o lugar é a pausa no movimento”, pois quando se está em movimento não há tempo hábil para experienciar o ambiente em sua completude. Ao contrário, durante um hiato temporal o sujeito acessa todas as possibilidades de apreensão em seu espaço. Com isso, o tempo, enquanto fator histórico proporciona a atribuição dessas lugaridades (Relph, 2014; Tuan, 2015a).

Assim, conforme pontuado por Yi-Fu Tuan, quando um sujeito ‘pausa’ seu movimento e vivencia por um longo período um determinado local, memórias afetivas vão sendo criadas. Quando muitos anos depois o sujeito acessa o mesmo espaço, toda experiência acumulada é revivida. Nesse caso tem-se como exemplo, lugares de infância, como por exemplo, a casa dos avós, a primeira escola, a rua da antiga casa e outros (Silva, 2019b; Tuan, 2015a).

Sobre essa nostalgia, Lowenthal (2013) menciona que não se trata do tempo passado/ perdido, mas por passados imaginados e situações não vividas. De acordo com esse autor, essa percepção do passado depende da permissão da memória para que o sujeito reviva os mesmos sentimentos novamente, de modo que essa nostalgia, muitas vezes, ativada por associações sensoriais, como um toque, cheiro, sabor ou som esquecido, que desencadeiam lembranças vívidas (*Ibid.*, 2013). Indubitavelmente,

Nossa vida acontece, além da relação com as outras pessoas, também com os espaços da vida cotidiana. Tal relação é indissociável, porque **somos sujeitos espaciais**. O vínculo com o espaço se dá tanto na esfera íntima do corpo e a necessidade de orientação espacial básica (acima e abaixo; pra frente e pra trás; de um lado para o outro) e também na construção de espaços de (con)vivência (espaço de trabalho, lazer, na escola, de sociabilidade) (Silva, 2018, p. 70, grifo nosso).

Com isso, o lugar passou a ser interpretado a partir das perspectivas comportamental, humanista e fenomenológica ao qual se atribuiu uma gama de análises mediante diferentes perspectivas, como, por exemplo, a economia, o urbanismo, a filosofia, o feminismo entre outras (Relph, 2014). Assim,

O lugar pode ser compreendido como a espacialização das relações sociais, sendo que todas elas interagem com a história acumulada do lugar e com o que lhe é externo. A relação do sujeito, ou do grupo social, com seu espaço de vida, passa por construções de sentido e de significado que se baseiam não somente na experiência direta e na prática funcional, mas também no **valor simbólico** conferido ao ambiente, **construído pela cultura e pelas relações sociais**. (Nór, 2013, p. 124, grifo nosso).

A partir desse contexto, Relph (2014, p. 22–27) propôs pensarmos o lugar de diferentes maneiras:

- **Lugar como reunião:** Um lugar que reúne, aglutina;
- **Lugar como localização:** uma característica comum, mas não essencial de lugar. E.g.: um avião, um ônibus;
- **Fisionomia de lugar:** confere uma identidade, sugere a forma (colinas, vales, construções, ruas);
- **Espírito do lugar:** associado a lugares excepcionais (construções, templos e igrejas);
- **Sentido de lugar:** capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades;
- **Lugar como raízes e enraizamento:** onde se tem nossas raízes (terra-natal);
- **Lugar como interioridade/familiaridade:** conhece o lugar de dentro para fora (como morador) (diferente de como faz o turista ou observador);
- **Lugar como lar:** onde se reconhece e é reconhecido pelos outros, onde se pertence;
- **Lugar-sem-lugar:** quando a capacidade de um lugar em promover a reunião é fraca ou inexistente temos lugar sem lugaridade (no inglês *Placelessness*);
- **Lugar como nós:** conexões estabelecidas entre diferentes lugares formando redes nacionais e internacionais;
- **Lugar de exclusão e inclusão:** “este é o meu lugar” e você é diferente (por causa da renda, raça, crença, política, gênero, outros) então ‘fique fora daqui’;
- **Sentido contaminado de lugar:** se baseia na visão de enraizamento e convicção de que “este é meu lar” e se manifesta com uma visão preconceituosa (limpeza étnica, Turismofobia);
- **Construção de lugar:** Uma estratégia básica para conter a expansão, proteger e recuperar criação (revitalizações);
- **Fabricação de lugar:** identidade manipulada e inventada, emprestada – mimeses (E.g.: a reprodução de uma Torre Eiffel na China) (*Ibid.*, 2014, grifo nosso).

Neste contexto, a partir da relação de pertencimento junto a estes diferentes tipos de lugares mencionados acima, prevalece as “sensibilidades e [as] ligações afetivas ao espaço [...]” (Sampaio, 2023, p. 06, grifo nosso). Sampaio (2023, p. 06), também explicita que o “apego ao lugar” é subjetivo e revela que esse ato não é específico a ter nascido, mas vivido durante um longo período num determinado lugar (*Ibid.*, 2023).

Já em se tratando da paisagem do lugar, de acordo com Neto e Alves (2010), personalidades com Alexander Von Humboldt, intelectual, viajante e naturalista, teve sua contribuição na constituição inicial da paisagem para a Geografia.

A paisagem, um dos conceitos fundantes da ciência geográfica, foi utilizada no século XIX, inicialmente, por Alexander von Humboldt, para caracterizar os **quadros naturais** do espaço geográfico. Esse conceito esteve por muito tempo associado, somente, aos aspectos naturais e físicos, mas com os trabalhos de Paul Vidal de La Blache, no início do século XX, acrescentou-se o **elemento cultural/humano** na paisagem. A partir da metade do século XXI, o conceito de paisagem transformou-se para **paisagem natural e paisagem artificial**, dando caracteres aos elementos construídos e modificados pela **ação antrópica** (Sales, 2010, p. 280, grifo nosso).

Neste cenário, se, outrora, a paisagem se orientava por um ideal capitalista voltado principalmente para a produção de alimentos (uma perspectiva da terra sobre a paisagem), ela passava a adquirir simultaneamente características dotadas de valor e de não valor, conforme o conceito de *social formation*, proposto por Cosgrove (1998). Desse modo, a paisagem assumia um valor e um *status* nos quais prevaleciam a contemplação e o hedonismo, especialmente em locais capazes de provocar o interesse pelo consumo visual de viajantes e/ou visitantes, sobretudo quando o lugar continha áreas naturais (Urry, 1995). Haja vista as narrativas do naturalista Saint-Hilaire em sua passagem pela região dos Campos Gerais, no Paraná:

[...] esses campos são certamente **uma das mais belas regiões que já percorri** desde que cheguei à América... **Até onde a vista alcança, descortinam-se extensas paisagens**; pequenos campos, onde sobressai a valiosa e imponente Araucária... Os bosques de Araucária não são os únicos ornamentos da região; numerosos rios riachos ajudam a embelezá-la, além de **proporcionarem frescura e fertilidade** (Saint-Hilaire, 1995 p. 12 e 14 *apud* Mocellin, 2020, p. 45, grifo nosso).

Todavia, vale lembrar que as belezas naturais de uma paisagem, sua assimilação e contemplação exigem certo nível de maturidade e arcabouço cognitivo; de modo que uma criança nem sempre se interessará por uma paisagem, contudo, quando adulta, terá condições de apreender e perceber a completude que a paisagem

demanda (Tuan, 1995; Tuan, 2015b, 2015a).

Besse (2006, p. 38, grifo nosso) também menciona que “a paisagem [seja natural ou antrópica] é a ordem do mundo que se faz visível”, evocando, assim, o amor do humano pela natureza (Tuan, 2015b). Desse modo, consolida-se o conceito de topofilia, entendido como o “laço afetivo com o ambiente” que nos envolve, ou, em outras palavras, o “amor ao lugar” (Tuan, 2015b, p. 09).

Porém, ainda que a paisagem beire uma pintura (Besse, 2014), essa evolução conceitual deslocou a paisagem das representações pictóricas para um campo interdisciplinar que envolve as ciências sociais, as artes, a filosofia, a ecologia, o urbanismo e outras áreas afins (Besse, 2014, p. 07).

A partir deste contexto, Caetano e Bezzi (2011, p. 453), afirmam que “a paisagem cultural⁴⁸ é o resultado do sistema simbólico de um grupo cultural formado por códigos culturais materiais e imateriais representativos”. Logo, ela assume a condição de um texto que pode ser lido (Caetano; Bezzi, 2011). Nesse sentido,

Quando me mostram em uma paisagem um detalhe que sozinho eu não soube distinguir, **existe** ali **alguém que já viu [já leu, já interpretou]**, que já sabe onde é preciso colocar-se e onde é preciso olhar para ver. **A iluminação conduz meu olhar** e me faz ver o objeto, então é porque um certo sentido ela conhece e vê o objeto (Merleau-Ponty, 2018, p. 415, grifo nosso).

Visto que toda paisagem é criadora e portadora de signos, dotada de sentido e valor (Bertoli, 2013). Andreotti (2012, 2013) propõe o conceito de “euritmia” como uma interpretação com base nos símbolos que passam a se integrar com a paisagem, ou simplesmente o significado do objeto para o sujeito, cita como exemplo, a Torre *Eiffel*, como um monumento estético, que no início era desarmônico com o local, mas que, na contemporaneidade, sem ele Paris perderia sua identidade visual (Andreotti, 2012, 09–10).

Paralelamente, Bertoli (2013) também apresenta o conceito do “mito fundador”, que nada mais é que o significado que algo pode ter para alguém, como exemplo, essa autora apresenta que uma rocha que se encontra decorando um jardim japonês terá significados diferentes para quem é do Oriente e já tem imbuído em sua percepção aquele significado, quanto para quem, é do Ocidente e o desconhece.

⁴⁸ Muitos estudos atribuíram a qualidade de “cultural” junto ao termo paisagem como uma necessidade de validação da categoria como sendo cultural, de fato. Porém, cabe destacar que toda paisagem ser cultural (Andreotti, 2013; Sauer, 1997; Silva, 2019a).

Com isso, além das paisagens bucólicas, o cenário cultural urbano, também passa ser alvo de apreciação, lembrança e contemplação (Lynch, 2011, p. 09); e com a popularização do turismo alguns destinos começam a (re)produzir paisagens cênicas de alguns atrativos turísticos icônicos⁴⁹, mas não como imitação e sim como uma réplica ou referência. Esse fenômeno tende a despertar a atenção ou curiosidade do sujeito para com essas paisagens remontando a reprodutibilidade técnica de Walter Benjamin (2014).

A essa transposição cultural, na qual objetos, formas e símbolos de uma paisagem são recriados em outro local, dá-se o nome de mimese (Knudsen; Rickly-Boyd; Metro-Roland, 2012; Mello, 2019). Na seara do Turismo, em função da infraestrutura que tais espaços desenvolvem, esses locais passaram a ser classificados como Áreas Funcionais Turísticas ou *Urban Tourism Precincts* (Guissoni; Chemin, 2023; Hayllar *et al.*, 2011).

Concomitantemente, as imagens desses lugares, ora longínquos, ora paradisíacos, evocam por meio de uma “força fundamental” o desejo para conhecê-los, além de influenciar o movimento das migrações em massa verificado na sociedade contemporânea” (Silveira, 2005, p. 01). Isso ocorre porque a demanda turística tende a aumentar diante do interesse em experienciar paisagens distintas daquelas do cotidiano, ainda que sejam resultantes de processos miméticos (Mello, 2019, p. 79).

Neste ínterim, nota-se uma “intenção de emular o olhar” na tentativa de “captar a experiência das pessoas em relação ao lugar” (Goltara; Mendonça, 2015, p. 134). Uma “cumplicidade entre imagem, sentimento e lugar turístico” em que cada elemento influencia tanto no registro fotográfico quanto na experiência do indivíduo no local (Fontenele; Matos, 2015, p. 68). Soma-se a isso a possibilidade de acompanhar as transformações no espaço urbano, comprovada pelas representações em fotografias, cartões-postais e jornais antigos (Del Vecchio, 2010).

Assim, perante uma gama de paisagens: visuais, sonoras (*soundscales*), olfativas (*smellscales*), táteis, gustativas (*tastescapes*), e noturnas (Góis, 2010,

⁴⁹ A exemplo das réplicas de inúmeros ícones, atrativos ou elementos culturais como a Estátua da Liberdade, *Torre Eiffel* e o Cristo Redentor, reproduzidos em diversos contextos e lugares pelo mundo (Benjamin, 2014). No contexto brasileiro, soma-se a proliferação de restaurantes temáticos, tanto em áreas urbanas quanto às margens de rodovias, como por exemplo, os estabelecimentos da Rede Graal e similares.

2018b, 2018a, 2021; Merleau-Ponty, 2018; Urry; Larsen, 2011), no âmbito de uma reflexão geral, insiste-se na dimensão da polissensorialidade voltada às experiências paisagísticas (Besse, 2014, 09), como por exemplo, em paisagens modernas, históricas ou que marcaram relações sociais e se tornaram lugares icônicos⁵⁰.

Olender (2017, p. 324), considera o patrimônio afetivo como sendo “o principal indicador social da relevância histórico-cultural de um bem para a sua comunidade”. Outro aspecto a se considerar, diz respeito a infraestrutura material que mediante essas relações sociais estabelecidas entre sujeito e lugar, o apreende como um patrimônio afetivo para os residentes, principalmente (Olender, 2017; Wetherell; Smith; Campbell, 2018).

Deste modo, a ambiência tende a proporcionar uma determinada experiência performática, por intermédio do estabelecimento de atmosferas (Anderson, 2009). No contexto de Curitiba, segundo Koti (2017, p. 113), os “temas regionais como os pinhões e araucárias estilizadas na Rua XV, temáticos como a lira musical na Praça Osório, fortalecem a identidade da cidade e atribuem valor à paisagem”. Dessa forma, é possível

[...] construir uma história do caminhar como forma de intervenção urbana que traz consigo os significados simbólicos do ato criativo primário: **a errância como arquitetura da paisagem**, entendendo-se com o termo paisagem a ação de **transformação simbólica**, para além de física, do espaço antrópico (Careri, 2013, p. 28, grifo nosso).

Nesse sentido, torna-se possível pensar o lugar com uma delimitação espaço-temporal dentro do ‘cenário’ visual urbano, cuja leitura da paisagem poderá ocorrer a partir da interpretação desses elementos culturais que vigoram cognitivamente junto aos referenciais e aprendizados constituídos pelo sujeito. Com isso, “a Geografia ou a paisagem não são nada mais do que o mundo das mediações, ou seja, a cultura, no interior das quais a existência humana adquire um sentido concreto” (Besse, 2006, p. 94).

Dito isto, nota-se que a paisagem, nesta pesquisa, se apresenta para além da categoria geográfica. Ela se manifesta no ambiente enquanto um cenário visual e simbólico (Cosgrove, 1998, 2008). Com isso, se John Urry mencionou no início deste tópico, que “os lugares são escolhidos para ser contemplados porque existe uma

⁵⁰ E.g.: World Trade Center, Muro de Berlin, Fronteira entre México e Estados Unidos, Ponte da amizade, e tantos outros

expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos”. Constitui-se, portanto, que será a partir do olhar do outro, como ponto de vista, que se atribuirão significados a essas experiências em um determinado momento, interpretado e mediado por signos visuais, físicos e orgânicos cuja carga simbólica e emocional acontece pela relação entre as experiências e as performances desses sujeitos com o lugar na paisagem, como será apresentado no próximo capítulo.

2.2 PERFORMANCES: DA EXPERIÊNCIA SENSORIAL AO REGISTRO FOTOGRÁFICO

*Sofia sempre achou que **o (seu) jardim era um mundo inteiro** para ela. Toda vez que ouvia falar do Jardim do Éden mencionado no mito da criação, ela se lembrava de estar **sentada no seu esconderijo** (em um dos cantos deste jardim) **observando seu próprio paraíso**.*

Jostein Gaarder in O mundo de Sofia (2012, p. 19, grifo nosso).

Apresentados os sujeitos que permeiam essa pesquisa, este tópico se destina à essência que compõe parte da subjetividade deles. São elas, as experiências e performances moldadas por emoções, sentimentos e afetos acessados via sentidos humanos e urbanos enquanto canais (*inputs*) para consolidação dos registros fotográficos.

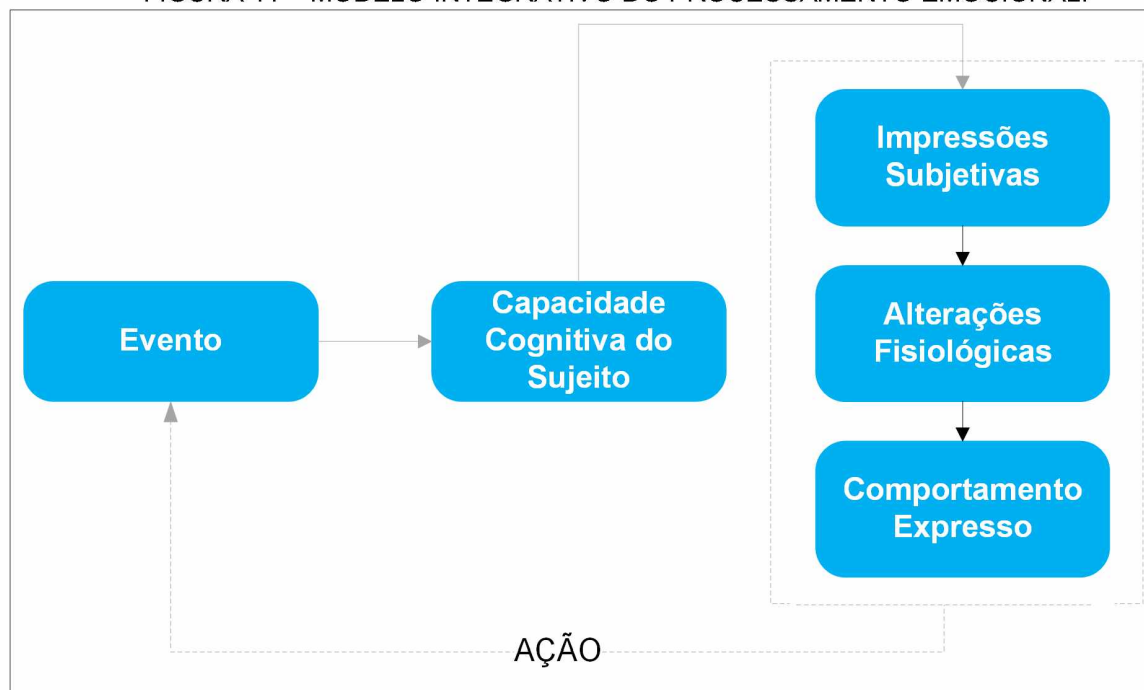
No que compete o senso comum, todo ser humano é dotado de emoções e muitas vezes elas influenciarão as decisões em relação a uma determinada situação ou lugar, como em um ato de previsibilidade; tais ações subsequentes desses sujeitos corresponderão com as experiências e performances no ambiente.

Desse modo, tanto a Geografia Cultural quanto o Turismo articulam-se como campos interdisciplinares na busca por uma compreensão mais aprofundada destas percepções em relação aos significados e às experiências vivenciadas em determinado contexto. Esta compreensão provém da interpretação dos signos visuais, físicos e orgânicos, os quais resultam em uma carga simbólica e emocional estabelecida entre sujeito e lugar.

Desde o nascimento até o último suspiro, o ser humano encontra-se dotado da capacidade, consciente ou inconsciente, de sentir, de experienciar, de externalizar em gestos e fisionomias suas satisfações ou o inverso (Miguel, 2015). Prova disso, são as fisionomias dos recém-nascidos ao ver a mãe e ao ver um estranho; bem como a sensação de ‘borboletas no estômago’, mãos suadas, pernas trêmulas e voz

embargada antes de um importante acontecimento, como lembra Weil e Tompakow (2015), o corpo também fala. Nesse sentido, a ação estabelecida com o espaço e/ou com o outro também “é envolvida por emoções, possibilitadas a partir das nossas experiências e vivências” (Silva, 2016, p. 100) (Figura 11).

FIGURA 11 – MODELO INTEGRATIVO DO PROCESSAMENTO EMOCIONAL.



FONTE: Adaptado de Miguel (2015, p. 157).

Desse modo, essa carga emocional que permeia os sujeitos, inata a todos os seres humanos, é independente à etnia (Miguel, 2015, p. 154). Segundo Ekman (2011, p. 13), “as emoções determinam nossa qualidade de vida. Elas acontecem em todos os relacionamentos que nos interessam: no trabalho, em nossas amizades, nas interações familiares e em relacionamentos íntimos”.

Apesar de ainda não haver um consenso sobre a quantidade de emoções definidas, assim como por existir uma gama de teorias e variações que se voltam à tentativa de identificar e classificar as expressões e emoções faciais nos sujeitos, esta pesquisa se pautou pela teoria proposta por Miguel (2015). Segundo esta teoria seis expressões emocionais são aceitas como emoções primárias, base para a reação humana. São elas: “alegria, medo, surpresa, tristeza, nojo e raiva” (Miguel, 2015, p. 156).

Porém, há dois pontos a serem destacados: (i) ao se olhar para o sujeito nem sempre será possível identificar suas emoções uma vez que ele possui a capacidade

de dissimular; (ii) esta pesquisa não tem a pretensão de segmentar as emoções ao se utilizar dessa teoria como suporte teórico.

Ao longo de todo este processo evolutivo, o sujeito desenvolveu a capacidade de interpretar as emoções em si e em seus semelhantes e com isso tornou-se possível prever tanto suas próximas decisões quanto as ações do outro. Nesse sentido, o sujeito ‘eu’ compreende o ‘outro’ por meio das relações (experiências), como por exemplo, não é preciso que o ‘eu’ sinta cólera para saber que o outro a expressa (Lima, 2014, p. 42–45).

Para Vallverdú (2022), a vida em sociedade só se torna possível pois há a empatia entre os conviveres, quando um sujeito não consegue expressar suas emoções ele passa a ter dificuldades de convivência e fica à margem da sociedade, visto que a vivência é regida pelo emocional, ou seja, por um lado busca-se o prazer e por outro se evita a dor. Nesse contexto, as ações do sujeito passam a ser regidas pelas emoções, soma-se a essa instância existencial o humor e os sentimentos (*Ibid.*, 2022).

De acordo com Rosanelli e Barnabé (2017, p. não paginado), “hoje, mais do que nunca, há a necessidade do aguçamento dos sentidos, de ter perspicácia suficiente para conhecer as “pedras” e as “árvores” existentes, reconstruí-las ou fundi-las às novas paisagens propostas para formatar uma cidade viva [...]”. Por sua vez, Boutin (2012, p. 125), menciona que “a visão predomina sobre a audição como fonte de cognição, beleza e verdade, e o olfato, o paladar e o tato figuram entre os sentidos inferiores e instintivos”. Nesse contexto, Gomes (2020), nos convida a pensar a Geografia a partir do percurso, pois:

As pessoas constroem o sentido do espaço não somente pela atividade consciente do pensamento teórico, mas, sobretudo pelo conhecimento intuitivo do espaço que passa a ser expresso. Ao criar as formas do mundo estabelecem sentidos que expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço **vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado** (Kozel, 2018a, p. 81, grifo nosso).

Dito isto, Neto (2020) pontua a necessidade dos sentidos e afetos do caminhar que tendem a conformar as experiências do sujeito e transformar a paisagem urbana. Assim, se para a Geografia Emocional, nas relações sociais “o corpo é o lugar dos sentimentos, da experiência, enquanto um sujeito psicológico” (Silva, 2016, p. 113), os sentidos seriam os canais (*inputs*) perceptivos.

Na visão da Geografia, o espaço geográfico diz respeito tanto à esfera material (construções edificadas e a paisagem natural, por exemplo), mas também a imaterial, que **se desenrola com o nosso envolvimento com os lugares, a partir das nossas memórias, experiências de vida, lembranças, emoções** (Silva, 2018, p. 70, grifo nosso).

De acordo com Kozel (2018a, p. 135), embora existam trabalhos sobre “odores, sons, tato e sensações”, ao se analisar a percepção “a partir do campo visual”, nota-se o estabelecimento “direto e imediato” de relações entre sujeitos, objetos e seus movimentos no espaço. Com isso,

Cada paisagem é produto e produtora da cultura, e é possuidora de formas e cores, odores, sons e movimentos, que podem ser experienciados por cada pessoa que nela se insira, ou abstraídos por aquele que a lê através de relatos e/ou imagens. Nesse sentido, é por meio da paisagem que os elementos que integram o espaço **“saltam aos olhos” do ser humano, “gritam” aos seus ouvidos, e envolvem-no nas suas dimensões sensíveis** (Torres, 2011, p. 72, grifo nosso).

Ferrari (2013) apresenta a relevância que as cores possuem para a produção e interpretação nos registros de uma paisagem. No que compete à cromática, Besse (2006, p. 54), menciona que “a cor [... proporciona] aos homens o mundo em sua verdade sensível e vivente. Na cor encontra-se o que a geometria não alcança, a carne do mundo, que é o lugar mesmo da manifestação da sua essência.” Com isso, “a cor é uma sombra, mas o azul é a evidência desta sombra, o apelo à obscuridade sempre presente no mundo aberto ao olhar do viajante, algo como o signo de uma distância intangível onde a cor não desaparece (Besse, 2006, p. 59).

Logo, as cores contribuem com a interpretação da paisagem, como por exemplo, as brumas em Ouro Preto-MG, em que as luzes amareladas em manhãs azuladas ou as mesmas luzes ao entardecer criam uma atmosfera cênica, interpretada como romântica para uns e assombrada para outros (Xavier, 2009).

Assim, diferentes emoções e sentimentos se conformam para diferentes situações, como por exemplo, vergonha em uma praia nudista, surpresa ao estabelecer contato com uma cultura étnica diferente da sua, medo em países em conflito, entre outros. O mesmo ocorre com a intenção de se induzir a dramatização de uma paisagem ao realizar um registro fotográfico em preto-e-branco (Sontag, 2004).

Para Andreotti (2012), uma paisagem interage com o indivíduo e vice-versa, mesmo que esteja inserida em sua rotina, encontra-se em constante desenvolvimento

e carrega em si um “universo de valores, imagens e símbolos” a respeito daquela comunidade e com isso torna-se inseparável “do homem, do seu espírito, da sua imaginação, e percepção” (Andreotti, 2012, p. 06). Com isso, a percepção da cidade se torna a síntese da materialização dos sentidos, da percepção a partir das diferenças e preferências comuns à cultura e ao lugar (Matos, 2017; Silva, 2018; Tuan, 2015a, 2015b).

Ao tomarmos como exemplo os registros fotográficos dos primórdios da Praça Dom Luiz e Souza, antecessora à praça do Japão (no próximo capítulo), torna-se possível perceber a transposição de experiências e memórias afetivas⁵¹ de um espaço juvenil em que as crianças caçavam rãs, para um memorial étnico que celebra uma cultura que veio de outro país. Haja visto que,

A aparente qualidade cinestésica de uma rua, a sensação de deslocação ao longo dela, **influencia os observadores até ao nível da sua memória:** as curvas, as subidas, as descidas. Isto verifica-se, sobretudo, se a rua é percorrida a grande velocidade. Uma curva, bem pronunciada no sentido descendente, **pode ser uma imagem inesquecível** (Lynch, 2011, p. 110, grifo nosso).

Nesse sentido, as cores, os cheiros, os sons agirão como gatilhos capazes de evocar ou induzir emoções e sentimentos, como por exemplo, ao rememorar um encontro romântico à noite; retornar mentalmente ao almoço de natal na casa dos avós, à primeira apresentação teatral na escola ou ainda a qualquer outra situação ou lugar nostálgico. Pois, as

[...] qualidades físicas estão relacionadas com os atributos da identidade e estrutura da imagem mental. Isto leva à definição daquilo a que podemos chamar imaginabilidade: aquela qualidade de um objeto físico que lhe dá uma grande probabilidade de evocar uma imagem forte num dado observador. **É essa forma, cor, disposição, que facilita a produção de imagens mentais vivamente identificadas, poderosamente estruturadas e altamente úteis no meio ambiente.** Também pode ser chamada legibilidade ou talvez, visibilidade em sentido figurado, onde os objetos podem [...] **ser] apresentados de uma forma definida e intensa aos nossos sentidos** (Lynch, 2011, p. 20, grifo nosso).

Assim, a experiência enquanto afetividade ambiental no lugar (Bomfim, 2008, 2023; Bomfim; Urrutia, 2005) dependerá de referenciais do passado e no presente.

⁵¹ Neste tipo de experiência é comum ouvir dos sujeitos frases do tipo: “quando cheguei, aqui era tudo mato”, “era uma época boa”, “um tempo bom que não volta mais”, etc.

Por exemplo as emoções que o sujeito sente em um *tour* por um campo de concentração de *Auschwitz*, na Polônia, terá uma carga emocional diferente de um *tour* para degustar as tortas na colônia alemã Witmarsum, no interior do Paraná. Esse tipo de experiência é constituída pelo sujeito como sendo uma “geografia pessoal única” com base em sua imaginação e influências culturais (Lowenthal, 1982).

No campo geográfico, segundo Lowenthal (1982), o sujeito compreende o mundo a partir de suas experiências (imaginação, influências culturais e língua). Logo, para esse autor, cada sujeito, ao longo da vida irá constituir sua ‘geografia pessoal’. Em suas palavras, “a experiência não é somente única; mais significativamente, ela é também autocentralizada: sou parte do seu meio ambiente, mas não do meu próprio, e nunca me vejo como o mundo me vê” (Lowenthal, 1982, p. 124).

De acordo com Pol (1996) nesta apropriação do espaço, o sujeito constrói e atribui significados que vão desde sua casa (espaço privado) ao espaço público. Segundo esse autor, essa apropriação assume um caráter comportamental e simbólico; neste segundo caso tem-se identificações afetivas, cognitivas e interativas (Pol, 1996). Para Yi-Fu Tuan, a

Experiência é um termo que **abrange as diferentes maneiras** por intermédio das quais **uma pessoa conhece e constrói a realidade**. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização (Tuan, 2015a, p. 16, grifo nosso).

Logo, se as emoções são comumente estudadas na psicologia, na sociologia, na filosofia, na Geografia (Silva, 2018, 2019b; Silva, 2016), e visto que as emoções e sentimentos associadas ao universo turístico também resultarão em experiências, por que não aproximar e intensificar os estudos das percepções emocionais no campo do Turismo? Haja visto que o turismo, por si só, já é uma experiência (antes, durante e após a viagem) que consolida o sujeito em um “ser” turista “em contínua construção, em contínua formação (Panosso Netto, 2005, p. 29).

Almeida *et al.* (2024, p. 72) defendem que todo tipo de turismo se qualifica como experiencial, uma vez que em cada segmentação turística existe sempre algum tipo de “aprendizagem e enriquecimento emocional de um indivíduo”. Com isso, “a Tipologia de Turismo Experiencial baseia-se na participação ativa física, emocional e cognitiva dos turistas em atividades proporcionadas pelos destinos” (*Ibid.*, 2024).

No passado, após a realização de trajetos, artistas e outros sujeitos

experienciavam paisagens enquanto caminhavam, posteriormente escreviam poesias nas quais descreviam as paisagens pitorescas que contemplaram (Jarvis, 1997). Soma-se a este grupo, naturalistas como Saint Hilaire (Besse, 2006), considerado um colecionador de paisagens (Acquisto, 2007). Assim, esses sujeitos peripatéticos, aprendiam e apreendiam enquanto caminhavam em uma espécie de pedagogia do caminhar (André, 2023).

Logo, se antes havia basicamente duas formas de propagação de uma paisagem: (i) pelas descrições em diários, poesias e literatura; (ii) pelas reproduções em óleo sobre tela, bordados e aquarelas (Besse, 2006, 2013); na contemporaneidade, a comunicação visual turística assumirá o papel de uma ferramenta capaz de fomentar emoções e experiências nos sujeitos (Franchi, 2004, p. 120). Neste caso, em se tratando da percepção subjetiva, “torna-se igualmente útil o treino do observador, ensinando-o a olhar para a sua cidade, a observar as suas formas múltiplas e como elas se misturam” (Lynch, 2011, p. 130). Pois,

Nossas experiências emocionais no espaço são mediadas através do corpo. **É a partir do corpo que nos comunicamos com o espaço, construímos nosso mundo vivido, em que as emoções sempre estão presentes.** A partir do nosso corpo, agimos no espaço e criamos distintas espacialidades. Assim, corpo, ação, emoção e espaço estão intrinsecamente relacionados (Silva, 2016, p. 114, grifo nosso).

Desse modo, as experiências turísticas em paisagens simbólicas se tornariam fatores ainda mais significativos no que compete a consolidação e o reconhecimento do atrativo, do destino ou do circuito (Cosgrove, 2004; Minca, 2007). Todavia essas experiências, por serem subjetivas, tenderiam a ser positivas ou negativas, a depender do humor e disponibilidade do sujeito ainda que o lugar estivesse próximo da perfeição, no sentido alegórico (Dias; Correia; Cascais, 2017; Scarles, 2009; Zatori; Smith; Puczko, 2018).

De acordo com Pezzi e Santos (2012), uma experiência pode ser analisada mediante duas lentes, a primeira da antropologia, a qual tem na experiência uma interrupção evolutiva da rotina do sujeito (rito de passagem), e em segundo momento, por meio do *marketing*, (voltado para o mercado), que vê o sujeito turista como protagonista [diga-se performático, grifo nosso] junto a produtos que foram intencionalmente criados.

Neste contexto cabe salientar que, essas emoções ofertadas em anúncios

podem alterar a valorização do lugar. Quando se fala em experiência, principalmente no âmbito turístico, logo se vem à mente o desenvolvimento de um produto para turistas que resulte em divisas. Porém a experiência deve ser pensada para além da lucratividade; pois uma experiência, seja ela positiva ou negativa, é algo que o sujeito levará consigo enraizado em sua memória ao longo de toda sua vida (Pine; Gilmore, 2011).

Segundo Aroeira *et al.* (2016, p. 604), as principais variáveis relacionadas a uma experiência turística memorável se aproximam ao: hedonismo, envolvimento, novidade, cultura local, conhecimento e renovação. Segundo esses autores, essas variáveis “evidenciam a influência positiva das dimensões reputação, percepção cognitiva, infraestrutura, evento e recreação [...]” (Aroeira; Dantas; Gosling, 2016, p. 605). Por sua vez, para Pezzi e Vianna (2015), uma experiência memorável está diretamente associada à estética, hospitalidade e entretenimento, com destaque para o acréscimo de experiências inéditas, e segurança.

Cabe lembrar que apesar desses estudos serem direcionados ao universo turístico, residentes também fazem uso desses locais, em sua cidade (como um morador) e em outras (como um turista). Nesta situação, experiências turísticas e afetivas são intrínsecas a todos os sujeitos independente de sua ‘rotulação’.

Assim, se na atmosfera sensorial do espaço, o sujeito não está separado do meio (Pallasmaa, 2014), sua experiência também o acompanhará. Por esse motivo, na essência, a experiência é única a todos os sujeitos, independente se ele é turista ou residente, o que distingue são as interpretações a partir das percepções cognitivas de cada um. Dessa forma, Maurice Merleau-Ponty, pontua que:

Para que percebamos as coisas, é preciso que as vivamos. Todavia, nós rejeitamos o idealismo da síntese porque ele também deforma nossa relação vivida com as coisas. Se o sujeito que percebe faz a síntese do percebido, é preciso **que ele domine e pense uma matéria da percepção, que organize e ligue ele mesmo, do interior, todos os aspectos da coisa**, quer dizer, que a percepção perca sua inerência a um sujeito individual e a um ponto de vista, que a coisa perca sua transcendência e sua opacidade (Merleau-Ponty, 2018, p. 436, grifo nosso).

Apesar de Besse (2006, p. 64) mencionar que sem desprezar a existência e o papel das imagens e das percepções no processo eminentemente complexo da definição da paisagem, parece possível avançar a ideia de que a paisagem não se reduz a uma representação, a um mecanismo de projeção subjetiva e cultural. Esse

mesmo autor também menciona que “Ler a paisagem é extrair formas de organização do espaço, extrair estruturas, formas, fluxos, tensões, direções “e limites centralidades e periferias” (*Ibid.*, 2006).

Na mesma ordem de ideias, o desenvolvimento de mídia – como a **fotografia** e o **cinema** – e o das técnicas digitais de gravação, de fabricação e de reprodução dos **sons** e das **imagens** levaram a considerar **outros tipos de paisagens**, que se avizinham dos universos da imaterialidade e da virtualidade e que, de qualquer forma, vão além das tradicionais referências à picturalidade (Besse, 2014, p. 09, grifo nosso).

Assim, no que diz respeito a experiências e performances visuais direcionadas aos registros fotográficos, o ato de fotografar se torna uma atividade ativa comumente realizada por todos os humanos dotados da capacidade ocular, já as fotografias podem, com auxílio do braile e de outras tecnologias possibilitar sua leitura.

[...] a palavra **fotografia** [...] é formada de maneira análoga: foto (*phos*) significa luz em grego, então, fotografia pode ser compreendida como o processo pelo qual um conjunto de reações químicas desencadeadas pela exposição à luz produz uma imagem sobre uma superfície que registra os traços materiais dos corpos e formas. Não é o conjunto dos corpos em sua materialidade, é a imagem deles, é o registro da **maneira como esses corpos se apresentam em um determinado lugar, em determinado momento** (Gomes, 2020, p. 02, grifo nosso).

Paulo César da Costa Gomes, apresenta na breve passagem que se segue, o conceito de grafar, deixar uma marca ou registro. Uma analogia aos atos performativos do sujeito.

Quantas vezes ouvimos que geo quer dizer Terra em grego (Gaia) e grafia é a escrita ou descrição e, por isso, a Geografia seria a ciência que estuda e desenvolve a descrição da Terra? Ao revisitar essa estação ou o procedimento de análise etimológica, nos é permitido contestar uma parcela dessa afirmativa habitual. Grafia provém do verbo grego *graphein* e, no sentido mais preciso, **pode ser traduzido como gravar, inscrever, registrar, deixar rastros**. Em outras palavras, a maneira de ser da Terra deixa um registro na sua forma, há uma imagem, uma escrita, que revela essa maneira de ser. **Geografia pode ser, então, entendida como o estudo dos vestígios desses processos que ocorrem na Terra e que se inscrevem em sua superfície, em seu corpo** (Gomes, 2020, p. 02, grifo nosso).

Nesse sentido, infere-se que se sujeito + performance no lugar = experiências, esses registros também se apresentam como elemento capazes de marcar uma passagem ou uma experiência em ‘Gaia’. Desse modo, o sujeito pode registrar o local (por meio da fotografia) e deixar o registro de sua passagem pelo local (através de

livro de registros⁵², pegadas, queimadas, pichações⁵³, pixos⁵⁴ e outros). Logo, a paisagem é da ordem da imagem, seja esta imagem mental, verbal, inscrita sobre uma tela, ou realizada sobre o território (*in visu ou in situ*)” (Besse, 2006, p. 61).

A partir deste contexto, em um tempo que antecedia as câmeras fotográficas, ao olhar para o passado é possível notar que a contemplação de paisagens icônicas sempre foi uma atividade inerente a todos os sujeitos dotados do sentido da visão. Porém, as performances de viajantes também estiveram associadas a deixar marcas de suas passagens nos locais pertencentes a ‘outros’ (Figura 12).

FIGURA 12 – REGISTROS DA PASSAGEM DE VISITANTES NO PASSADO.



FONTE: Adaptado de Fellet (2009).

Contudo, quando os sujeitos não deixavam o registro de sua passagem, levavam a paisagem ou parte dela consigo, principalmente durante a realização de viagens pelo *Grand Tour*. Uma ação condizente apenas com as classes mais altas da sociedade, as quais partiam em jornada, acompanhados de pintores habilidosos para que pudessem eternizá-los em uma tela durante sua passagem por um determinado local. Quando retornavam dessas viagens esses quadros passavam a decorar seus salões de festas e outras dependências (Goeldner; Ritchie, 2012).

⁵² Para saber mais, vide: MARQUARDT, Suellen. **Cadernos de cume e a experiência no Pico do Paraná: contribuições para o turismo de montanha**. 2021. 203 f. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

⁵³ Pichação é juridicamente ilegal, entendido como um crime ambiental.

⁵⁴ Pixo (grafia com 'x' culturalmente aceita) com teor mais estético que o picho, feito por encomenda ou com autorização. Pichação e Pixo não devem ser confundidos com grafite (painéis com pinturas encomendadas). Para mais informações vide: MUNIZ, Brenda Letícia de Paula; BRANQUINHO, Evânio dos Santos A pichação e o graffiti como elementos da paisagem e da reivindicação do espaço em Alfenas/MG. **Revista da FUNDARTE**, v. 66, n. 66, p. e1692–e1692, 2025.

A partir destes referenciais imagéticos, o espectador era convidado a exercitar, de modo limitado, a experiência ‘do outro’, emoldurada como uma mimese que, agora incorporada ao espaço doméstico, simulava um frame sensível e simbólico daquela viagem (Lima, 2014; Mello, 2019; Pezzi; Vianna, 2015).

Para Besse (2006, p. 68), toda paisagem é um “artefato”, pois detém nela resquícios do passado, que quando registrado (pintura ou foto) possibilita realizar, leituras, interpretações e inferências. Logo, se a fotografia é a representação dessa paisagem que pode ser lida. As imagens de um lugar serão fundamentais à motivação dos sujeitos em conhecer um determinado destino turístico, ou seja, elas serão responsáveis por despertar “necessidades e desejos”, com isso se estabelece um “vínculo” entre os sujeitos e o lugar antes mesmo da viagem (Dorta; Droguett, 2004, p. 12).

De acordo com Costa e Brandão (2017, p. 05), o registro fotográfico é um “[...] um recurso de representação das pessoas e dos seus percursos (auto)biográficos. E nesse sentido, a imagem se torna um registro de conhecimentos dos/sobre os sujeitos/fotógrafos e seus imaginários”. Mas será então, que uma fotografia ou pintura diz mais sobre o sujeito/fotógrafo/pintor do que o assunto registrado?

Nas palavras de Kozel (2018a, p. 81), essa imagem é uma forma de representação simbólica e explícita de um determinado fenômeno observado e/ou vivenciado, ou seja, do “real”. Uma confirmação simbólica de que “Estive aqui! Aqui é assim” (Mello, 2019). Logo, as representações e fotografias, para além dos registros, serão mapas dos lugares, performances e experiências por onde o sujeito caminhou/passou (Costa; Brandão, 2017).

Dessa forma, as pinturas e fotografias se tornaram uma espécie de *souvenir* visual, de modo que, se antes a representação de uma paisagem era uma exclusividade aos ricos e abastados, na contemporaneidade, a fotografia se tornou banal, no sentido de que qualquer pessoa além de ter acesso, também tem possibilidade de realizar grandes quantidades de registros (Mello, 2019).

Atualmente, os sujeitos estão performando o tempo todo, se relacionando direta ou indiretamente, compartilhando emoções, sentimentos, experiências, informações, corporeidades (Larsen, 2005, 2006). Nesse contexto, independente de ter sido uma tela, uma foto analógica ou digital, essa representação, enquanto recurso visual, age como um gatilho mental responsável por rememorar uma experiência

passada, bem como despertar em seus expectadores atributos afetivos (emoções, sentimentos, desejo de retorno ou aversões). Essas experiências estão associadas a dinâmicas sociais, culturais, turísticas e políticas (*Ibid.*, 2005, 2006).

Com a invenção da fotografia e consequentemente dos diferentes tipos de lentes, esse 'olhar' passou a contar com uma tecnologia que permitiu acessar um universo inacessível a 'olho nu'. Lentes que aproximam, que detalham, que testemunham, capturam e eternizam experiências, enfim que encantam (Sontag, 2004). Cabe lembrar que,

Houve enorme proliferação das imagens fotográficas, desde a invenção da fotografia, em 1839. Ao longo deste um século e meio ocorreu uma ilimitada **insaciabilidade do olho que fotografa, uma insaciabilidade que ensina novos modos de contemplar o mundo e novas formas de competência para fazê-lo [...]**. Nossas recordações dos lugares onde estivemos são estruturadas em grande medida através das imagens fotográficas e o texto, sobretudo verbal, que tecemos em torno dessas imagens quando as mostramos para os outros. Assim, o olhar do turista envolve irredutivelmente a rápida circulação das imagens fotográficas (Urry, 2001, p. 184–187, grifo nosso).

De acordo com Lindón e Hiernaux (2012), os imaginários sociais formam uma trama de imagens, significados e valores necessários para se compreender as dinâmicas sociais contemporâneas. Assim, o olhar assume um caráter *voyeurístico* e a fotografia ganha o *status* como a eternização de uma performance de poder (Frosh, 2001), ou seja, o olho do sujeito consegue captar o fenômeno que o afeta, de modo que o registro do momento exato pode perdurar no tempo. Alguns exemplos de registros que nos afetam até hoje (Figura 13).

FIGURA 13 – REGISTROS FOTOGRÁFICOS NA HORA CERTA E NO LUGAR CERTO.



Imagem 1 por Charles C. Ebbets (1932): Operários no intervalo do almoço durante a construção do edifício Rockefeller Center, em Manhattan, Nova Iorque.

Imagem 2 por Alfred Eisenstaedt (1945): O famoso Beijo da Time Square, após o término da Guerra.

Imagem 3 por Jeff Widener (1989): Um rapaz desarmado invade a Praça da Paz Celestial, na China, e para em frente aos tanques.

FONTE: Divulgação Equipe Fotografia Mais (2019).

Tuan (2015a) menciona que, quando um sujeito leva na memória um afeto por

um determinado lugar, os registros fotográficos funcionarão como representação pictórica de um ponto no espaço-tempo. Em relação às suas performances e experiências afetivas, estas assumirão uma carga simbólica maior em detrimento às experiências visuais, como por exemplo, o ato de contemplar e meditar, confirmados pelos ensaios fotográficos junto às redes sociais, um gatilho que facilitará (re)acessar aquele momento no futuro (Larsen, 2004, 2005, 2006, 2012; Larsen; Urry, 2014).

Esta experiência do sujeito no local será comprovada e eternizada pelo registro fotográfico que resultará de uma carga afetiva subjetiva. Essa carga afetiva acontece devido ao “nosso envolvimento com os lugares, a partir das nossas memórias, experiências de vida, lembranças, emoções” (Silva, 2018, p. 70). Visto que, as pessoas se lembram mais do visual que do textual (Mello, 2019), a fotografia como representação, materialização e tangibilização dessa experiência sensorial do sujeito no atrativo, só ocorrerá se houver alguma intenção em evocar memórias futuras.

As fotografias são, portanto, uma maneira ‘rotineira’ do sujeito – turista ou residente – olhar para fora de uma rotina e registrar suas experiências performáticas. Com isso, através da fotografia, ampliam-se as possibilidades de se conhecer e compreender a imagem de um lugar, bem como o estudo do seu passado, a reflexão do seu presente e sua projeção para o futuro.

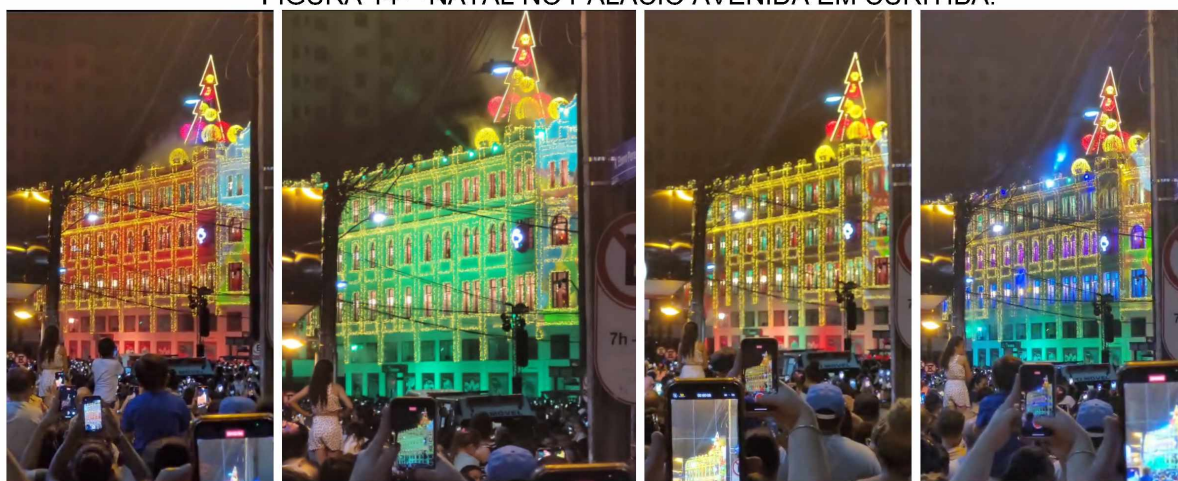
Desse modo, a fotografia assume um papel cultural ambíguo, em que de um lado possibilita seu uso de forma ética e ao inverso, e por outro tem o poder de emocionar (resultado da junção entre a técnica, a cultura, a estética e a ideologia) (Takeuchi, 2010).

Assim, se antes a fotografia era uma comprovação do real, uma ferramenta incontestável, atualmente, ainda que vigore como possibilidade para eternização de um instante, ela se tornou questionável perante a gama de possibilidades de adulteração, inclusive com o aporte da inteligência artificial. Neste cenário, se o registro digital se tornou acessível, em relação ao analógico (limitado em poses e caro na revelação), com o advento das redes sociais, as fotografias digitais sofreram uma ampliação do registro de viagens para narrativas visuais no dia a dia do sujeito.

Todavia, por acabar gerando desconfiança (Gomes; Berdoulay, 2018), uma foto deverá ser sempre colocada sob interrogatório: Será mesmo um teor real ou uma justaposição de anseios que o olho ou obturador almejaram? Estaria o espectador no momento certo, na hora certa, com a iluminação certa, na gama de cores perfeitas que a imagem realmente apresenta ou elementos foram inseridos e vários *clics* e

camadas e filtros adicionados? Esse assunto tem sido alvo de críticas por conta da exposição exacerbada de pessoas e situações em que se fotografa primeiro e come depois, assim como a realização de *lives* durante *shows*, eventos ou *tours* (em analogia ao já mencionado “*Zumbi de celular*” (Argin; Pak; Turkoglu, 2019, 2020). Como por exemplo, durante as apresentações natalinas de Curitiba, em 2023 (Figura 14), em que a quantidade de celulares corrobora uma experiência parcial aos sujeitos.

FIGURA 14 – NATAL NO PALÁCIO AVENIDA EM CURITIBA.



FONTE: Acervo do autor (2023).

Com isso, a experiência visual fotográfica, como resultado performático no cenário urbano dependerá do ritmo no local, da temperatura, clima, horário do registro, iluminação (natural ou artificial), estado de espírito dos envolvidos e influência visual de terceiros (Larsen, 2006; Nogué; Eugenio Vela, 2011; Nogué; Eugenio-Vela, 1970). Mas, e se der uma falha técnica ou mecânica ou ainda se for alvo de furto ou perda, como estarão essas memórias? Onde estarão essas memórias?

Vale lembrar que na academia, o uso da fotografia no campo da Geografia esteve diretamente relacionado a estudos voltados para o ensino da disciplina ou alinhada com os registros cartográficos aéreos (Kunz, 2025; Nascimento; Steinke, 2018; Silva *et al.*, 2018; Travassos, 2001). Já no campo do Turismo, surge como objeto de estudo voltado ao *marketing* e divulgação de destinos principalmente (Perinotto, 2013; Trigueiro, 2004). Porém, uma ferramenta como a fotografia pode ser trabalhada de maneira ampla na construção do conhecimento, como se propõe nesse trabalho.

Quando bem utilizados e compreendidos, a fotografia e o Turismo (e por quê não a Geografia?) podem proporcionar visões diferentes que outros tipos de recursos não exploram com tanta propriedade (Fontenele; Matos, 2015). Nesse percurso, a

semiótica se apresenta como o campo interpretativo responsável pela atribuição de significados, no qual cores, elementos e signos são concebidos de maneira intencional para a transmissão de uma mensagem (Nöth; Santaella, 2017).

Esse olhar direcionado busca de modo inconsciente, decompor uma fotografia, ou seja, analisa parte a parte, elemento a elemento, de modo que ao término dessa leitura, o sujeito seja capaz de inferir a respeito do assunto, das cores, dos planos, da composição, das performances e outros (Guissoni, 2021; Guissoni *et al.*, 2023).

Assim, a fotografia de/em um atrativo age de modo fundamental para proporcionar informações, ilustrar roteiros, registrar a viagem e influenciar as performances de outros sujeitos. Essa materialização é responsável por gerar expectativas em relação àquela realidade e para além disso, é um ponto de vista ‘emprestado’ do outro que só efetuará a ação de fotografar algo ou alguém após o término do processo perceptivo, ou seja, o sujeito ao chegar em um lugar, olha ou vê, percebe, e só então decide se fotografa ou não.

A partir desse sentido, a percepção demonstra uma relevância em relação à fotografia, pois o registro visual que dita as ações performáticas durante a visita, enquanto narrativa visual, tende a exteriorizar a percepção visual de seu idealizador (Guissoni *et al.*, 2023).

De acordo com Mello (2019), para a semiótica, presente no âmbito do Turismo, há certos elementos visuais que contribuem com a análise e interpretação destas informações. Esses elementos são chamados de signos. Para essa autora, esses signos expressam: o exótico, o longínquo, as belezas paradisíacas, o estranho, o sagrado, entre outros; sempre associados a algo típico ou extraordinário, autêntico ou inautêntico (*Ibid.*, 2019).

Com isso, a partir da decodificação desses signos turísticos⁵⁵ obtém-se dois tipos de discursos: (i) o discurso visual turístico tradicional: relacionado com o tipo de foto ‘comum’; (ii) o discurso visual turístico passional: relacionado ao colecionismo de registros fotográficos, tais como as fotos de especialistas, fotos afetivas, fotos que enaltecem a felicidade associada a um estilo de vida (Mello, 2019).

⁵⁵ Na semiótica, tudo é signo, porém os signos turísticos são atribuídos de forma específica ao universo das viagens. Logo, dado ao fato de um memorial étnico também ser um atrativo turístico, ainda que frequentado por residentes, as fotos e publicidades produzidas neste local agem no contexto do Turismo.

Para essa autora, a Semiótica do Turismo apresenta que o discurso visual turístico tradicional se divide em dois tipos de registros fotográficos, são eles:

- **Foto Cartão-postal:** é o tipo de registro em que se enaltece a estética local, na maioria dos casos, esse tipo de registro não prioriza a presença humana;
- **Foto troféu:** Ao contrário da primeira, esse tipo de registro prioriza a presença humana, que se apresenta em primeiro plano com o assunto registrado ao fundo. Esse tipo de registro é uma forma de comprovar a estada ou passagem pelo local. Como se dissesse ‘Eu estive naquele lugar e aqui está a comprovação, venha fazer o mesmo’ (Mello, 2019).

A partir desse contexto Guissoni *et al.* (2023) propõe um percurso a ser seguido para a realização de uma leitura, interpretação ou análise visual (Quadro 3).

QUADRO 3 – PERCURSO PARA UMA ANÁLISE FOTOGRÁFICA.

EXAME	CRITÉRIOS
Análise dos elementos cromáticos, topológicos e eidéticos	Quais as cores que chamam mais a atenção e o que significam? Quais as posições dos elementos que compõe a foto e o que indicam? Se as formas geométricas se destacam, o que sugerem?
Análise da tipologia da foto	É linear (prevalece planos estáticos) ou pictórica (indica movimento, expressa dinamismo, ausência de planos definidos)?
Análise dos ângulos	Do ponto de vista de quem fez e/ou de quem observa a foto?
Análise dos planos	O que é visto em 1.º plano, 2.º plano e 3.º plano?
Análise do registro	Profissional ou amador? Foto real (espelho da realidade) ou fantasiosa? Provoca leituras subliminares?
Análise da categoria dos signos turísticos	Interpretação do índice, do ícone e do símbolo. Qual a categoria do signo turístico? Qual o discurso visual: tradicional ou passional?
Análise do(s) contexto(s)	Turístico, social, cultural, econômico, outros.
Análise da produção de sentido	A foto evoca um apelo subjetivo (emocional) ou um apelo objetivo (comercial)?

FONTE: Guissoni *et al.* (2023, p. 09).

Assim, “se o objeto é a paisagem, o sujeito deste julgamento é o olhar” (Besse, 2006, p. 74). Logo, “a paisagem é uma espécie de Geografia Afetiva que repercute os poderes de ressonância que os locais têm sobre a imaginação” (Besse, 2013, p. 46).

Como citado no começo deste tópico, a associação feita por Sofia ao comparar seu jardim com o Jardim do Éden revela que as experiências e performances resultam da interação entre referenciais formados, emoções, sentimentos, afetos e percepções sensoriais, mediadas pelo contexto urbano, influenciando tanto a performance nos espaços quanto sua representação em fotos. Assim, até aqui, foi possível entender, de maneira concisa, que essas vivências e atuações se transformarão em narrativas orais e visuais, principalmente.

Portanto, este tópico demonstrou que a partir das emoções, pode se estabelecer uma interpretação das experiências performáticas do sujeito. Um conjunto de recortes subjetivos que juntos irão compor o que para cada sujeito seria a percepção da paisagem ideal. No próximo capítulo, apresenta-se um sobrevoo a respeito do pluriculturalismo de Curitiba.

PARTE II – UMA VOLTA AO MUNDO DENTRO DE CURITIBA

3 CURITIBA: UMA CIDADE PLURICULTURAL

Viagem Infinita

*Estou sempre em viagem
O mundo é paisagem
Que me atinge
De passagem.*

Helena Kolody in Sempre Poesia (1994, p. 08).

De acordo com Antonelli (2020, p. 09), “conhecer a história é fundamental para compreender o presente e projetar o futuro”. Nesse sentido, nada melhor do que começar esse capítulo com os versos de Helena Kolody, uma descendente direta de imigrantes ucranianos⁵⁶, que escolheu Curitiba, desde a década de 1930, como seu lugar, e que hoje figura como uma das principais personalidades da cidade. Mas, antes de adentrar nos meandros contemporâneos, realiza-se um sobrevoo ao passado curitibano cujo intuito seja familiarizar leitores a respeito desta evolução urbana, bem como um breve resgate das etnias que “compõe e colore” a cidade (Antonelli, 2020, p. 10).

Com base em dados históricos, o passado de Curitiba teve seu início quando, de acordo com Lacerda (1993), lideradas pelo bandeirante Baltazar Carrasco dos Reis, as primeiras bandeiras chegaram ao primeiro planalto, pelo Caminho do Peabiru. Exploraram ao máximo o primeiro planalto em busca de ouro e na caça de indígenas ‘dóceis’ para auxiliá-los. Mas, quando a comida estava no fim, Eleodoro Ébano Pereira partiu com sua expedição em 1649, acompanhado de 30 famílias e pelo Cacique de Tindiquêra que munido de uma vara os levou para a região de Kur’yt’yba⁵⁷ (que significa terra de pinhal/ pinheiral ou terra que dá muito pinhão), lá chegando fincou a vara no chão e disse “Aqui!” (Fenianos, 2007; Lacerda, 1993;

⁵⁶ Seu pai, Miguel Kolody (1881-1941), nascido na cidade de Bibrke (Galícia Oriental), veio com a família para o Brasil com 12 anos. [...] A família veio para o Brasil acompanhando o grande fluxo migratório que ocorreu bem no final do século XIX, quando grupos da Polônia e da Ucrânia (tudo, então, Império Austro-Húngaro) deixaram a Galícia. As razões pelas quais os êxodos aconteceram são históricas: perseguições políticas e raciais, um surto de cólera que atingiu a Ucrânia e, ainda, o sempre cultivado sonho de um mundo novo e produtivo. [...] A mãe de Helena, Victoria Szandrowsky (1892-1975), nasceu na aldeia galiciana Yuriiámpolh, filha de José Szandrowsky e Maria Szandrowsky, e chegou com seus pais ao Brasil com quase 19 anos (em 1911). Motivo: a iminência da Primeira Guerra Mundial (Fontes, 2018, pp. 17-18).

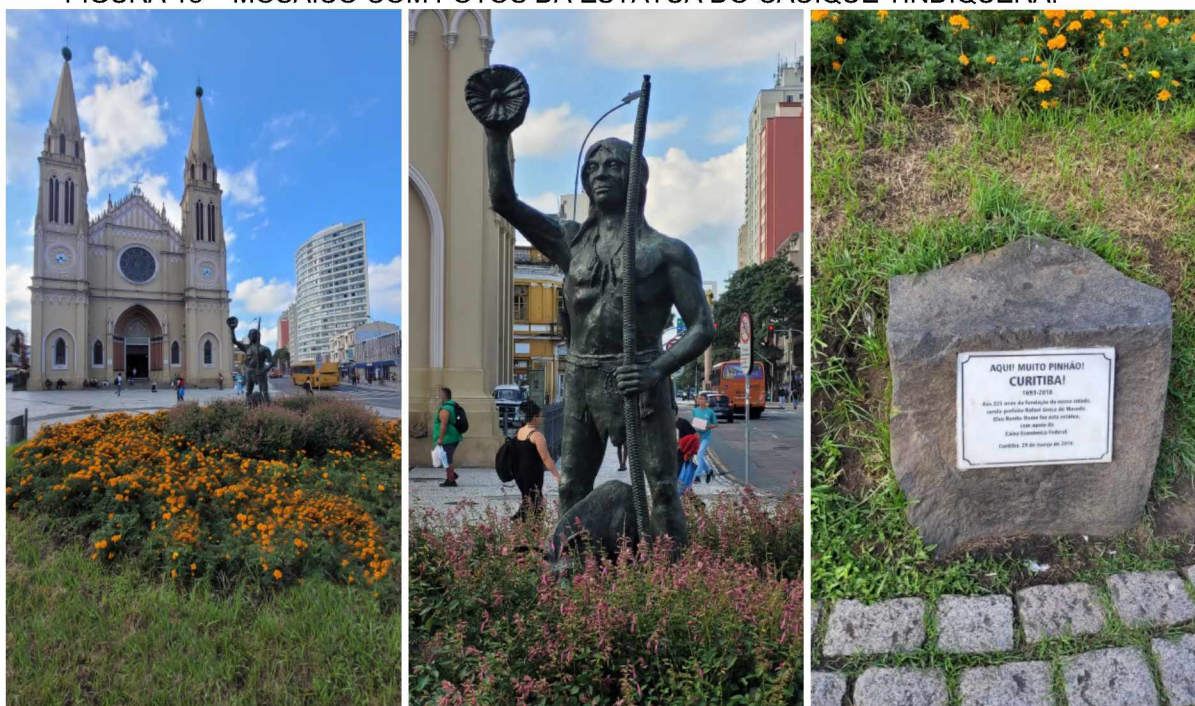
⁵⁷ Kur = pinhão / yt = árvore / yba = grande quantidade). Até 1812 a grafia era Curityba, em 1919 passou a ser Curitiba, mas por fim, na Terceira República oficializou-se Curitiba (Fenianos, 2007, p. 08).

Mocellin, 2020). Iniciava-se naquele lugar o que viria a se tornar a Curitiba como conhecemos.

Tanto esses bandeirantes, quanto os demais que os acompanhavam eram religiosos e traziam a imagem de Nossa Senhora da Luz, oriunda de Portugal; reza-se a lenda que todos os dias a santa amanhecia com a face virada para a direção que correspondia a região dos indígenas Tinguís (Fenianos, 2007; Lacerda, 1993; Mocellin, 2020). Os devotos desta santa diziam que ela olhava para o lado onde sua capela deveria ser construída (*Ibid.*). Visando evitar conflitos com aqueles indígenas, os bandeirantes convocaram o Cacique Tindiquêra para ser o intermediário (Lacerda, 1993). Ao se estabelecer o local da Capela de Nossa Senhora da Luz, a vila foi sendo formada.

Na contemporaneidade, para celebrar esse passado e homenagear esse cacique foi instalada, na Praça Tiradentes, uma escultura em frente ao local onde foi construída a antiga capela, e que abriga hoje a igreja Matriz Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, como ficou conhecida. Uma representação simbólica dos primórdios de Curitiba (Figura 15).

FIGURA 15 – MOSAICO COM FOTOS DA ESTÁTUA DO CACIQUE TINDIQUÊRA.



FONTE: Acervo do autor (2025).

O Museu Paranaense (MUPA) possui em seu acervo uma maquete com a representação dos primórdios de Curitiba. De acordo com funcionários do museu, esta

maquete foi constituída a partir de registros e documentos de época. Nela é possível ver os primeiros arruamentos e sinais de uma urbanidade ainda precária (Figura 16).

FIGURA 16 – O INÍCIO DA CIDADE DE CURITIBA.



FONTE: Acerco do autor (2024).

Esta maquete representa o cenário em que a paisagem curitibana foi sendo conformada. De acordo com Mocellin (2020, pp. 58–59), por conta da ausência documental, muitos historiadores tentam mitigar e até “negar a escravidão em Curitiba”. Nesse sentido, cabe destacar a obra de Debret (1827) (Figura 17) considerada uma das primeiras representações de Curitiba e que traz em primeiro plano mais escuro, a figura de um negro trabalhando; note que à sua frente há várias ferramentas, cada uma para um propósito diferente.

FIGURA 17 – VISTA PARCIAL DE CURITIBA EM 1827.



Aquarela de Jean-Baptiste Debret, reproduzida do livro: Pintores da Paisagem Paranaense.
FONTE: Reprodução fotográfica. Local: Exposição permanente do Memorial de Curitiba (2024).

Na figura anterior, a existência de diversas ferramentas sugere que o vilarejo que viria a se tornar a cidade de Curitiba, idealizava um conceito de avanço; de modo que cada instrumento, vinculado a um objetivo particular, indica o surgimento de distintos setores e funções no ambiente, sinalizando a organização socioespacial local. Essa aspiração é intensificada pela luz sombreada junto ao negro, em primeiro plano, insinuando um movimento de expansão em direção à paisagem bucólica, cujo limite natural é definido pela grandiosidade da Serra do Mar, ao fundo.

Apesar da cidade ser pluricultural na atualidade, ela oculta cicatrizes de um passado preconceituoso, primeiramente contra negros e depois contra os imigrantes, em destaque para os amarelos, termo atribuído aos japoneses e que será apresentado no próximo capítulo.

De acordo com Mocellin (2020, p. 57) após a abolição da escravidura, em 1888, mediante discursos hipócritas, em que se proliferava “teses racistas”, os governantes passaram a defender a imigração de europeus (para o “branqueamento” de uma região que negava a escravidão), para estes governantes um país não seria desenvolvido tendo uma população sumariamente negra e mestiça.

Em contraste a esses discursos racistas, nota-se que, na atualidade, tanto a presença indígena quanto a negra estão representadas na centralidade de Curitiba, com destaque para a já mencionada escultura do cacique Tindiquêra, situada próxima ao Marco Zero, assim como outras esculturas, painéis e museus voltados para as culturas dos povos originários. A presença negra também se manifesta com ênfase em duas representações emblemáticas e um ponto específico (Figura 18).

FIGURA 18 – REGISTRO DA PRESENÇA NEGRA EM CURITIBA.



FONTE: Acervo do autor (2025).

A primeira imagem, após o complexo comercial nomeado como Arcadas do Pelourinho, encontra-se um marco representado por uma rocha, cuja placa ornada se lê: “Neste lugar em 4 de novembro de 1668 foi levantado o Pelourinho da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais por Gabriel de Lara, Capitão Mor e Procurador do Marquês de Cascais senhor das terras da Capitânia de Paranaguá”.

No mesmo pavimento em lado oposto, a segunda obra, nomeada como “Água para o Morro” cuja figura ficou pejorativamente conhecida como ‘Maria Lata d’água’, assume hoje o nome da modelo que pousou para a escultura: Emerenciana Cardoso Neves. A escultura está localizada entre o Pelourinho e o os fundos do Paço da Liberdade, na Praça Generoso Marques. A escultura representa, segundo a placa que orna sua base, a “beleza brasileira” em homenagem à “Memória daqueles que foram grandes”, uma obra do artista Erbo Stenzel em tributo ao Dia da Consciência Negra e aos 330 anos da cidade de Curitiba.

A última imagem é da escultura de Enedina Alves Marques (1913 – 1981), mulher negra, professora e primeira engenheira do Paraná; participou da construção da Hidrelétrica Capivari-Cachoeira, Usina da Copel, considerada uma obra-prima da engenharia. Esta estátua se encontra no Calçadão da XV de Novembro, entre a Boca Maldita⁵⁸ e o Relógio da Praça Osório.

Para além da reconfiguração narrativa do espaço urbano, seriam essas manifestações, uma forma de a cidade se redimir em relação ao seu histórico, caracterizado por silenciamento, apagamento e exclusão?

Retomando a evolução urbana e cultural de Curitiba, nota-se a existência de uma contradição, pois se por um lado os governantes desejavam o ‘branqueamento’ de Curitiba, por outro lado os imigrantes, responsáveis pela produção de alimentos e pelo ‘branqueamento’ se tornariam alvo de ataques e preconceitos. Pelo dito popular ‘a mesma mão que afaga também apedreja’. Um paradoxo que perduraria por muito tempo, como será apresentado a seguir.

⁵⁸ Nome dado ao local em que se discutia, de modo aberto e democrático, as principais notícias e decisões políticas de Curitiba, do Paraná e do Brasil. Fundado em 1956, institucionalizado em 1966, este local reunia os “Cavaleiros da Boca Maldita”, um grupo de intelectuais, políticos, empresários, residentes e famosos; esses sujeitos enalteciam seu lema paradoxal “nada vejo, nada ouço, nada falo”. Por isso o nome Boca Maldita (Dittrich *et al.*, 2016; Moraes; Fazon, 2019; Tschoke; Rechia; Vieira, 2013). Na contemporaneidade, o local se mantém como ponto de referência para marchas e protestos, encontros e manifestações sociais, artísticas, culturais e políticas.

Como rememora Fenianos (2007, p. 82), “enquanto no Brasil sobrava terra faltava mão-de-obra, na Europa sobrava mão-de-obra e faltava terra”. Assim, com o intuito de povoar áreas vazias, ocupar fronteiras e suprimir a escassez de alimentos, imprimiram em vários idiomas e distribuíram pela Europa as vantagens que o Brasil ofertava para potenciais imigrantes (Maranhão, 2014; Mocellin, 2020).

Enquanto isso, no Brasil os governantes estabeleciam princípios que em teoria funcionariam perfeitamente, mas quando colocados em prática a realidade viria se mostrar outra:

- Dizer a verdade aos imigrantes sobre a nova pátria;
- Convencê-lo da existência de terras férteis;
- Facilitar o transporte e as vias de comunicação;
- Ofertar bons lotes nos arredores dos centros populosos;
- Evitar que os imigrantes sofram vexame;
- Depois que cumprir as promessas aos colonos, “libertá-los”, deixando-os entregues à sua própria iniciativa (Mocellin, 2020, p. 60).

Assim, por escolha própria ou falta de opção, muitos imigrantes das mais variadas partes do mundo vieram para Curitiba. Cabe destacar que os séculos XIX e XX apresentaram o maior contingente de chegada, dentre eles: alemães, poloneses, italianos, portugueses, espanhóis, árabes, judeus, ucranianos, russos, franceses, ingleses, africanos, sírios, haitianos (Guissoni; Valduga, 2023; Mocellin, 2020).

Muitos desses imigrantes ao desembarcar em Paranaguá se direcionavam para outras partes do estado, os que optavam por Curitiba, se uniam em uma região, como por exemplo os italianos que constituíram um reduto ítalo-brasileiro, o bairro de Santa Felicidade (Maranhão, 2014). Porém, cabe destacar que os imigrantes internos, oriundos de outros estados brasileiros acabavam ficando invisíveis perto do contingente europeu no que compete à construção da cultura e da paisagem da cidade (Mocellin, 2020).

Enfim, instaurado este cenário, na prática, começava a ficar evidente o poder latifundiário significativo que os imigrantes passariam a ter, fato este que acabou se tornando um estopim para revoltas contra todos esses recém-chegados, uma vez que o governo “oferecia terras e bens públicos a estrangeiros, enquanto grande parte da população nacional vivia em condições precárias”; um contraste social em que de um

lado o Governo Imperial, e posterior Republicano, cediam terras e suporte à vinda dos imigrantes, mas aos ex-escravos e seus descendentes, e grande parte da massa nacional nada foi ofertado (Mocellin, 2020, pp. 90–91).

No início do século XX, era comum ver a aglomeração de imigrantes no centro de Curitiba, para vender seus produtos e manufaturas oriundos das colônias localizadas nos arredores da cidade (Figura 19), mas por falta de recursos financeiros para compra de transportes motorizados, esses “produtos eram transportados em carroças [...]” (Dudeque, 2005, p. 36). Estes meios de transporte eram considerados pelos governantes da época como ‘toscas’ (*Ibid.*, 2005).

FIGURA 19 – COLONOS E SUAS CARROÇAS COM PRODUTOS NO CENTRO DE CURITIBA.



FONTE: Curitiba (2025a).

Essa cena era vista como uma vergonha e contribuía com a ideologia oposta ao progresso identitário e acentuava ainda mais os atos preconceituosos (Dudeque, 2005, p. 36). Uma “vergonha” que só se transformaria em “virtude” aos imigrantes a partir de 1980, com a construção do Bosque do Papa João Paulo II⁵⁹, também

⁵⁹ Em 1980, quando o então Papa Karol Wojtila, popularmente conhecido como João Paulo II, veio a Curitiba, celebrou uma missa aos imigrantes para mais de um milhão de pessoas. Nas palavras de Dudeque (2005, p. 217) essa solenidade “marcava uma certa ironia contra os redatores do Plano Agache, que idearam o Centro Cívico como um local de representação do poderio laico, mas cujo maior evento acabou sendo uma missa”.

reconhecido como Memorial da Imigração Polonesa, localizado no Centro Cívico; de modo que “se o Plano Agache repudiara as carroças, no bosque do papa elas eram elevadas a um monumento local” (Dudeque, 2005, p. 217).

Mocellin (2020, p. 91) também lembra que outro fator que motivava conflito ocorria por parte dos imigrantes, com destaque aos europeus, que detentores de um sentimento de “superioridade” não viam com bons olhos a união matrimonial entre uma “moça de origem” europeia com um brasileiro (tidos como preguiçosos), a situação se agravava se o cônjuge fosse “pobre, mestiço ou negro”.

Assim, com o passar do tempo, mesmo diante da necessidade da força de trabalho dos imigrantes e seus descendentes na produção de alimento, o desprezo social por parte da população local para com eles era evidente, mas quando o contingente de imigrantes aumentou consideravelmente os governantes também começaram a ficar preocupados com os rumos que a situação alcançaria (Dudeque, 2005).

Desse modo, com o intuito de preservar a identidade brasileira, a ditadura do Estado almejava “extirpar os ‘quistos étnicos’ do sul do Brasil⁶⁰”; e com isso, algumas ações passaram a vigorar em Curitiba, tais como por exemplo, “elogiar os hábitos dos imigrantes” seria considerado uma falta para com o Estado Novo, pois caminharia contra os ideais nacionalistas em pró da “construção da tal ‘identidade nacional’” (Dudeque, 2005, p. 36).

Todavia, quando todos os conflitos, preconceitos e obstáculos (idioma, clima e condições de trabalho) foram colocados de lado, tornou-se explícito que os imigrantes “deixaram uma herança cultural imensurável” para Curitiba (Antonelli, 2020, p. 11). Neste cenário, o desenvolvimento urbano de Curitiba foi se tornando o resultado dessa “construção coletiva” ao longo dos tempos, ao instituir um valor simbólico (cultural e histórico) e socioeconômico (político e imobiliário)” esses significados passaram a dar sentido à vida como uma referência urbana (Rosanelli, 2017, p. 18). Em outras palavras, uma amálgama de contrastes que passaram a compor a paisagem curitibana.

Logo, com exceção aos descendentes dos indígenas que aqui estavam, a

⁶⁰ Os quistos eram regiões em que se concentravam grupos de imigrantes que mantinham sua língua, cultura, costumes e tradições. Essas práticas eram vistas pela ditadura do Estado Novo como aberrações que feriam a identidade nacional (Dudeque, 2005).

partir da chegada dos portugueses colonizadores, dos africanos trazidos escravizados e posteriormente com a vinda dos imigrantes, pode-se afirmar que “somos todos imigrantes” (Mocellin, 2020, p. 58).

Para Rosanelli e Barnabé (2017), o planejamento de uma cidade é a convergência de vários campos disciplinares que sustentarão o desenvolvimento socioespacial e consequente aspectos multidisciplinares em diferentes escalas, como por exemplo, a região, a cidade, a paisagem, os edifícios.

Nesse sentido, é possível notar as transformações desse ordenamento urbano nas décadas de 1930, 1960, 1990 e contemporaneidade. Destacam-se esses momentos por conta do contraste urbano perceptível. Na década de 1930, Curitiba ainda possui poucos edifícios, mas as longas avenidas que cortam a cidade já se faziam presentes na paisagem (Figura 20).

FIGURA 20 – CURITIBA NA DÉCADA DE 1930.



FONTE: Foto avulsa. Arquivo Nacional (2023).

Para Lynch (2011, p. 09) uma “paisagem urbana é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado e contemplado”. Neste contexto, a cidade de Curitiba cumpriu seu papel ao passar por diversas transformações urbanísticas desde 1827, quando foi elevada a cidade, até a contemporaneidade; o Plano de Urbanização da Cidade de Curitiba, conhecido como Plano Agache (1941-1943) foi o

mais relevante; implantado durante o governo de Manoel Ribas, que por intermédio da empresa paulista Coimbra Bueno e Ltda, contratou o engenheiro francês Alfred Hubert Donat Agache – renomado engenheiro reconhecido por suas obras na Europa, no Rio de Janeiro e em Porto Alegre (Dudeque, 2005; Mocellin, 2020; Oliveira, 2000).

Este planejamento urbano visava a criação de parques para a drenagem das águas pluviais, bem como propunha a divisão da cidade em áreas agrupadas de acordo com suas funções, como por exemplo, a região do bairro Centro Cívico, local onde se concentraria o Palácio do Governo, Residências oficiais, Assembleia Legislativa, Tribunal do Juri, Secretarias do Estado e assim por diante com outros setores e funções pela cidade (Mocellin, 2020; Oliveira, 2000).

Assim, se na década de 1930 a cidade de Curitiba era retilínea, com o Plano Agache, a paisagem apresentava início de uma verticalização, principalmente na região central da cidade (Figura 21).

FIGURA 21 – IMAGEM AÉREA DE CURITIBA EM 1960.



FONTE: Divulgação Câmara de Curitiba (2019).

Na década seguinte, em 1970, surgiu outro nome de destaque que contribuiu com grandes transformações na paisagem urbana de Curitiba, foi o engenheiro,

arquiteto e urbanista Jaime Lerner, que descendente de judeus e poloneses, foi responsável por: (i) implantar a Rede Integrada de Transportes (RIT) em conjunto com o BRT (*Bus Rapid Transit* – Transporte Rápido por Ônibus), que utilizava um modelo de ônibus maior e articulado, posteriormente biarticulado; (ii) construir o Calçadão da XV de Novembro, em 1972 (Boni, 2011; Dudeque, 2005; Mocellin, 2020). Nesse cenário, o conhecido ônibus “Ligeirinho” ganhava destaque na imprensa por conta do “visual futurista” (Oliveira, 2000, p. 60). Já o Calçadão da XV de Novembro foi considerado a primeira rua destinada exclusivamente para pedestres no país (Fenianos, 2007, p. 03).

Com isso, a administração pública de Curitiba passa então a prezar pela estética urbana. Comprovação esta que ainda pode ser obtida durante uma caminhada pelo centro da cidade que estará sempre organizado, muito limpo e florido⁶¹. Diante das transformações visuais paisagísticas e estéticas Lerner contribuiu com ideologias de “vanguarda urbanística”, reforçou a vocação turística da cidade, demonstrou a eficiência e agilidade administrativa e projetou a capital nacional e internacionalmente (Oliveira, 2000, p. 60).

Com seu planejamento funcionando a todo vapor, a cidade que foi fundada em 1693, passa a colecionar alguns títulos, tais como: Cidade Sorriso (1926), Laboratório de Experiências Urbanísticas (1970); Capital Ecológica (1990), Cidade Modelo (1974/ 2004/ 2008), Cidade Inovadora, Sustentável e Resiliente (2005), Cidade Criativa (2014/ 2017), Destino Inteligente (2023) (Curitiba, 2023b, 2023c; Dudeque, 2005; Kozel, 2018a; Oliveira, 2000; Santos *et al.*, 2022).

E, se antes os imigrantes europeus eram vistos como usurpadores, Curitiba passa a ter neles seu fator alavancador. Os governantes em parceria com os arquitetos e agregados do IPPUC almejavam transmitir a imagem de uma cidade desenvolvida, com ares europeus; uma atmosfera romantizada e encenada mediante ilusões que acabaram por convencer a ONU, o Banco Mundial e a UNESCO de que de fato Curitiba era uma Cidade Modelo; uma “conspiração internacional” que nas palavras de Dudeque (2005, p. 04) transformava Curitiba em uma ilha alheia à realidade brasileira e ao mundo.

Em se tratando de comparar Curitiba com outras cidades pelo mundo, ao fazer jus às alterações realizadas pelo Plano Agache e somadas à construção da imagem

⁶¹ Vasos e jardineiras temporárias são trocadas conforme temporada de floração.

mental de uma Curitiba modelo, Lynch (2011, p. 20) menciona que essa construção imagética poderia ser compreendida como um “modelo”, mas que pelo fato de não se tratar de algo fixo ou imutável, careceria de ajustes contínuos até que se mantivesse ou alcançasse o desejado.

Mas, seria Curitiba uma ‘Cidade Modelo’ de fato? Para Dudeque (2005), esse título polarizou e dividiu e divide opiniões, pois se de um lado havia um exemplo de organização e planejamento a ser seguido por outras cidades, por outro lado interventores alegavam que esse título era uma falácia ou uma tentativa de “melhorar a autoestima local”; uma vez que seus governantes passaram a redigir papéis timbrado e encomendar publicações em revistas e periódicos com expressões do tipo “uma das melhores cidades do planeta” ou “a cidade ideal para se viver”, “a cidade ideal para o turismo”, “um dos maiores centros culturais do continente”, entre outros (Dudeque, 2005, p. 02).

Falácia ou realidade, fato é que esse tipo de marketing indutivo contribuiu com a consolidação de Curitiba. A partir deste contexto e com as devidas ressalvas, esta pesquisa concorda com o ponto de vista de Mocellin (2020) que defende que em relação à sustentabilidade, justiça social, desenvolvimento econômico, político e cultural destinados majoritariamente a grande parcela da população, o título de Cidade Modelo seria um mito; por outro lado ao comparar as intervenções urbanas com outras capitais brasileiras, Curitiba se destaca (Figura 22).

FIGURA 22 – CURITIBA ANOS 1990.



FONTE: Reprodução (Fenianos, 2007, p. 37).

Em 1943, quando Curitiba completou 250 anos, por conta da Segunda Guerra Mundial, os grupos étnicos estavam invisibilizados, uma vez que Alemanha, Itália e Japão eram tidos como países inimigos do Brasil (logo, seus representantes na cidade acabaram por assumir o fardo de rivais). Mas, 50 anos depois, em 1993, durante as solenidades de 300 anos da cidade o cenário era completamente outro por conta do Projeto Terra de Todas as Gentes, desenvolvido pela Prefeitura de Curitiba (Maranhão, 2014). Esse projeto enalteceu e homenageou diferentes etnias. Com isso, este ano se tornou um marco na história da Capital Paranaense.

Nesse mesmo ano, a novela *Sonho Meu*⁶², ambientada em Curitiba difundia diariamente em rede nacional o nome, a fama e as paisagens de Curitiba como cenários para o desenrolar da trama (Rede Globo, 2021). Vale lembrar que se na atualidade o *streaming* é um dos modos de se consumir conteúdo, em uma época que não havia *internet* “ver televisão” era uma atividade que constituía a vida dos brasileiros (Hamburger, 2005, p. 16).

Desde o primeiro episódio, a cidade foi apresentada para o Brasil, e seus telespectadores puderam conhecer os “parques, o calçadão da Rua XV de Novembro, as estações tubo e os ônibus expressos, a Rua 24 Horas, o Teatro Guaíra, o Prédio Histórico da UFPR, a Unilivre, a Ópera de Arame, o Jardim Botânico e a Torre Panorâmica” (Savoia, 2019, p. 90). Ainda segundo esse autor, a novela *Sonho Meu* transmitia a imagem de Curitiba como “um lugar organizado, limpo e diferenciado não só por sua arquitetura urbana, mas até mesmo pelo clima, como demonstrava o figurino da telenovela” (Savoia, 2019, p. 90).

De lá para cá, inúmeras outras produções (filmes e documentários) foram realizadas tendo a paisagem de Curitiba como *set* de filmagem. De acordo com Franchi (2004, p. 130), esse tipo de exposição midiática “ainda que passageira” contribui para que o lugar se torne um ícone momentâneo “para negócios turísticos”, como por exemplo, a visita aos locais que serviram como *set* para essas gravações.

Na atualidade, o registro realizado no alto da Torre Panorâmica (Figura 23) também conhecida por Torre das Mercês, em alusão ao bairro homônimo, ou ‘Torre

⁶² Além do Brasil, a novela *Sonho Meu* foi exibida em vários países, dentre eles: Bolívia, Chile, Chipre, Costa Rica, Filipinas, Guatemala, Honduras, Indonésia, Jordânia, Malásia, Nicarágua, Síria, Líbano, Panamá, Peru, Polônia, Porto Rico, Portugal, República Dominicana, Rússia, Turquia, Ucrânia, Uruguai e Venezuela (Rede Globo, 2021).

da Oi’, por conta da antiga operadora de telefonia da cidade, apresenta um recorte de como a verticalidade se encontra concentrada em algumas áreas da cidade.

FIGURA 23 – VISTA PARCIAL DE CURITIBA NA ATUALIDADE.



FONTE: Acervo do autor (2023).

Foi somente a partir do reconhecimento e consequente valorização das etnias cofundadoras de Curitiba, que a cidade passou a contar com um vasto catálogo de atrativos, ainda que nem todos sejam étnicos. Algumas delas foram homenageadas e receberam destaque em um memorial, praça, rua e até bairro (vide Apêndice 3 e Anexo 1). Salienta-se que, um

Aspecto curioso em toda essa política era sua faceta étnica. Não é preciso muito esforço para se perceber que **o essencial da política de patrimônio histórico e de promoção de atividades culturais remetia recorrentemente a uma parte específica da memória e da cultura imigrante**. Essa parte era aquela **de origem europeia**, notadamente daquela onde se originou a elite dirigente do período. Claro que a celebração dos valores alemães, poloneses e italianos – os mais privilegiados pela política vigente – também fazia parte, indiretamente, do projeto de “modernização” urbana, pela associação recorrentemente feita na cultura nacional entre progresso e imigração europeia. **Cabe destacar que esse esforço de celebração dos valores das etnias mencionadas continua rendendo lucros, haja vista a sua importância na veiculação da imagem da cidade como “europeia”, de “primeiro mundo” etc.** (Oliveira, 2000, p. 56, grifo nosso)

Dito dessa forma, os patrimônios étnicos parecem estar ligados primeiramente a uma política pública, e a homenagem cultural e os afetos, propriamente ditos, são

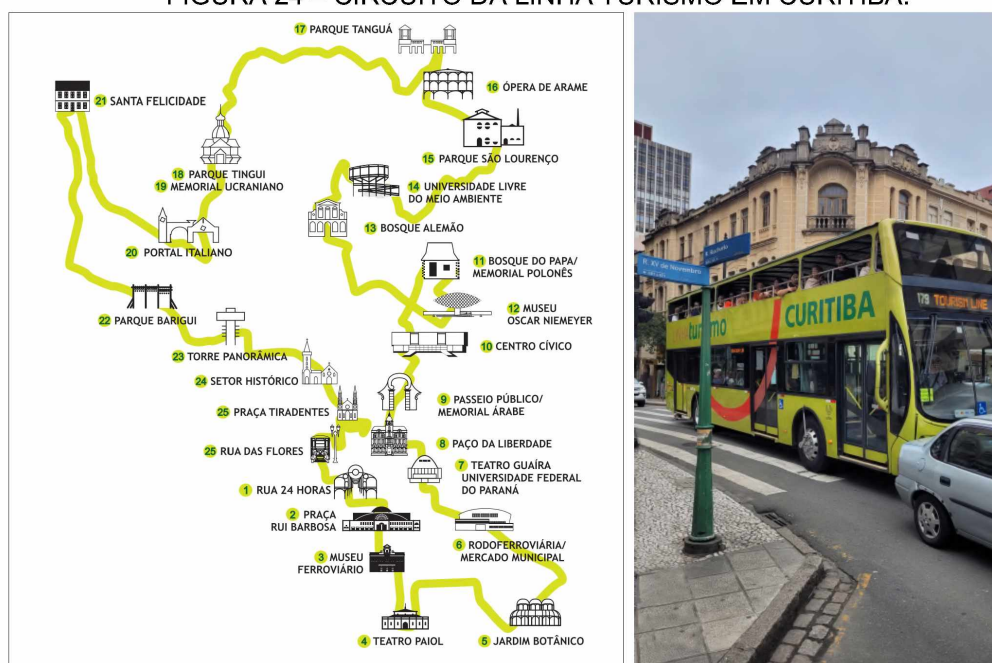
apenas consequências, ou quem sabe uma expiação por conta do passado opressor que algumas etnias sofreram.

Para Fenianos (2007, p. 03), desde a construção desses atrativos, “há muito o que fazer em Curitiba e muito o que não fazer em Curitiba. isso vai depender dos olhos, das pernas e da percepção de quem viaja por ela.” Ainda segundo este autor,

Aqui, a Alemanha fica a cerca de 1 km da Polônia e o **Japão fica no início da avenida que homenageia a República Argentina**. A Ucrânia e sua mais pura arquitetura estão em um parque que recebe o nome de Tingui, homenagem aos índios que habitavam o território curitibano antes da chegada dos primeiros desbravadores (Fenianos, 2007, p. 03, grifo nosso).

Atualmente a cidade possui a Linha Turismo⁶³ (Figura 24) que contempla alguns desses atrativos.

FIGURA 24 – CIRCUITO DA LINHA TURISMO EM CURITIBA.



FONTE: Imagem 1: Mapa com o circuito turístico da Linha Turismo. (URBS – Urbanização de Curitiba S/A, 2023); Imagem 2: Ônibus *double deck* exclusivo da Linha Turismo. Acervo do autor (2024).

Se por um lado a Linha Turismo, age como uma vitrine urbana ao apresentar o que a cidade tem de melhor, indiretamente contribui com “o apagamento” de inúmeros outros atrativos da cidade que, possuindo ou não ligação étnica, atendem

⁶³ De acordo com a URBS (2023) “A Linha Turismo é uma linha de ônibus especial com dois andares (*double deck*) que passa por 26 pontos de atração de Curitiba”. Apesar de não contemplar toda a cidade, é possível conhecer os principais parques, bosques, praças e outros espaços.

somente os moradores da região; como é o caso do Memorial Africano, no bairro Pinheirinho (vide Apêndice 3). Ainda assim, dentre os atrativos ‘secundários’, ou seja, que não são contemplados pela Linha Turismo, alguns apresentam mais destaques que outros, como é o caso da Praça do Japão, apresentada mais adiante.

Nas palavras de Costa e Brandão (2017, p. 08), “é como se uma divisão fosse feita: o centro visível para os turistas e o seu entorno para a população local.” Nesse contexto, uma alternativa simples seria estabelecer uma ação criativa durante o embarque apresentando aos usuários do serviço os inúmeros outros pontos que a cidade possui e não apenas entregar um mapa com letras minúsculas que priorizam apenas o já conhecido. Bahl e Murad (2011) corroboram a ideia de implantação de um roteiro turístico-cultural temático. Até o término desta pesquisa encontra-se em trâmite na Câmara Municipal de Curitiba a proposta de uma “Rota Nipo-Curitiba” (Câmara Municipal de Curitiba, 2024).

Além da representação cultural por parte dos atrativos, há museus que também possuem em seu acervo peças que fazem jus a um passado cultural, como é o caso do mundialmente conhecido, Museu Oscar Niemeyer – MON, também conhecido como Museu do Olho, dada sua arquitetura. Na Figura 25, há alguns exemplos de peças e países em exposição permanente que homenageiam a África, a Ásia e o Afeganistão. Para além dessas exposições também é possível ter contato com a cultura paranista, indígena e algumas exposições temporárias.

FIGURA 25 – MOSAICO COM REPRESENTAÇÃO ÉTNICA DE DIFERENTES CULTURAS.



FONTE: Acervo do autor (2025).

Lynch (2011, p. 170) nos lembra que uma cidade é “o habitat de muitos grupos e só através de uma compreensão das imagens de grupo [...]” que se pode construir “um ambiente satisfatório para todos”. Nesse sentido, se por um lado os museus detêm um acervo material, a transmissão imaterial fica por conta dos grupos folclóricos (Figura 26).

De acordo com Fenianos (2007, p. 86), Curitiba possui dezenas de grupos folclóricos; incentivados pela Associação Interétnica do Paraná (AINTEPAR), criada em 1974 e tem como propósito preservar e manter vivas as culturas e tradições dos imigrantes. Esta associação possui atualmente 18 grupos que representam 13 etnias de todo o mundo (AINTEPAR, 2025).

FIGURA 26 – APRESENTAÇÃO FOLCLÓRICA BRASILEIRA NO MEMORIAL DE CURITIBA.



Imagem 1: Grupo Querência De Santa Mônica. Imagem 2: Apresentação folclórica no Memorial de Curitiba. FONTE: Acervo do autor (2025).

Como mencionado anteriormente por Fenianos (2007), em Curitiba existe um certo tipo de sincretismo cultural. A Figura 27, por exemplo, ilustra momentos festivos associados à cultura e tradição italiana, com atores de diferentes descendências. Essa celebração à cultura italiana aconteceu na Praça da Espanha, que teve sua identidade visual temporariamente cedida às cores da bandeira italiana (verde, branco e vermelho).

FIGURA 27 – APRESENTAÇÃO CULTURAL ITALIANA NA PRAÇA DA ESPANHA.



FONTE: Acervo do autor (2022).

Em síntese, esta espécie de sincretismo cultural se revela na convivência e na atuação criando uma paisagem simbólica diversa, dinâmica e relacional (Fenianos, 2007). Eventos como este, com exibições folclóricas de diferentes partes da Itália, realizadas por pessoas de várias origens, na Praça da Espanha ou em outros locais e celebrando outras culturas, confirmam a identidade urbana pluricultural de Curitiba.

Desse modo, memória, pertencimento e performance se interconectam no espaço público. Este arranjo confirma a cidade como um espaço de interações interculturais, onde o patrimônio imaterial atua menos como uma preservação estática do passado e mais como uma prática viva, negociada e reconfigurada no presente (Castro; Magalhães, 2020; Costa; Serres, 2016; Oliveira; Calvente, 2012; Oliveira, 2018).

Um exemplo é o Teatro Guaíra, um espaço de compartilhamento em comum que exhibe apresentações musicais, dança e teatro. Na Figura 28 um compilado de

alguns momentos do 62º Festival Folclórico e de Etnias do Paraná. Na ocasião a cultura japonesa foi apresentada e celebrada com culturas e tradições de diferentes locais do Japão. Esse tipo de apresentação fortalece os laços culturais entre a comunidade nipônica, mantém viva a memória e a tradição, bem como age como porta de entrada para não descendentes que desejam conhecer um pouco mais da cultura japonesa.

FIGURA 28 – O JAPÃO NO TEATRO GUAÍRA.



FONTE: Acervo do autor (2024).

Assim é Curitiba! Um espaço que a partir das palavras do Cacique Tindiquêra o “Aqui!” se tornou lugar para inúmeros sujeitos, incontáveis sonhos, coloridos olhares, e no peito sentimentos e afetos ‘por cá’ (Brasil) e ‘por lá’ (Terra-Natal). Uma cidade cuja paisagem simbólica resultou da tecitura de várias etnias, com suas cores, seus costumes, seu dialeto, cujo resultado foi um belíssimo bordado no tecido cultural da capital paranaense.

Como mencionado na epígrafe, se o mundo é uma paisagem que nos atinge de passagem, eternizada na lateral de um edifício no centro da cidade (vide Apêndice 4), a imagem e os versos de uma descendente de imigrante que se tornou residente – Helena Kolody nos convida a refletir sobre essas passagens, pelo tempo, pelos ‘outros’, pela vida. Portanto, o que importa? Seria a nossa passagem por Curitiba enquanto turistas ou Curitiba passando por nós, enquanto residentes e descendentes de imigrantes?

3.1 A IMIGRAÇÃO JAPONESA EM CURITIBA

A pátria é onde moramos. É lá que construímos nossa história, guardamos nossa memória e preservamos nossos produtos materiais e cultura simbólica.

Sedi Hirano – Presidente da Comissão do Centenário da Imigração Japonesa in Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, imaginário e Memória (Carneiro; Takeuchi, 2010, p. 16, grifo nosso)

Perante a fala do Sr. Sedi Hirano, percebe-se o afeto que os japoneses nutrem pelo local que escolhem morar, neste caso o Brasil. Na contemporaneidade, japoneses e brasileiros vivem em harmonia. Por conta dessa convivência, ocorreu a “constituição de um Brasil multicultural”, marcado por uma dualidade estabelecida entre o “estranhamento” e o “exótico” (Takeuchi, 2010, p. 25), mas, infelizmente nem sempre foi assim, como será apresentado a seguir.

Sauer (1997, p. 05) menciona que o “desenvolvimento da Geografia Cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente”. Nesse sentido, para compreender a presença da cultura japonesa em Curitiba, na atualidade, convida-se à leitura deste breve resgate dos primórdios desta imigração.

Contextualmente, após a Abolição da Escravatura, em 1888, e posteriormente com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, foi estabelecida a intenção de transformar o país em uma nação moderna por meio de um “projeto étnico-político” no qual a “elite política e econômica” desejava eliminar progressivamente o “sangue negro e indígena” da população, vistos como motivo de atraso econômico e cultural; iniciava-se naquele momento a Era das Imigrações Europeias⁶⁴ (Takeuchi, 2010, pp. 26–27). Nesse período, chineses e japoneses ainda não tinham permissão para entrar no Brasil.

Entretanto, de acordo com Takeuchi (2010), o fator preponderante à consolidação dos japoneses no Brasil foi o Decreto *Prinetti* estabelecido pelo governo italiano em 26 de março de 1902. Mas, como o governo da Itália seria responsável pela imigração japonesa no Brasil? Simplesmente porque passou a proibir a imigração italiana para o Brasil após “denúncias de maus-tratos e exploração por parte dos fazendeiros que, ainda sob a influência da mentalidade escravista, não reconheciam

⁶⁴ As únicas exigências eram: ser preferencialmente católico, não estar sujeito a ações criminais, não ser indigente e estar apto a trabalhar.

os direitos e as necessidades dos colonos italianos” (*Ibid.* 2010, p. 26). Com isso, as fazendas cafeeiras do estado de São Paulo sofreram um acentuado declínio na mão de obra italiana. A saída encontrada foi trocar o imigrante europeu pelo asiático.

Neste cenário, de acordo com Vieira e Moura (2010), visando suprir a demanda de mão de obra diante da expansão cafeeira, bem como para colonizar regiões com baixa densidade populacional, o Governo do Estado de São Paulo estabeleceu um convênio com a Companhia Imperial de Imigração Tokyo-Japão, cuja principal empresa privada de colonização foi a *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha*, a qual realizava propagandas incentivando a imigração para o Brasil. Nesse processo imigratório, acordado como experimental entre 1908 e 1925, o Governo brasileiro se comprometia a oferecer terras e subsídios aos recém-chegados (*Ibid.*, 2010).

Os primeiros imigrantes vieram para o Brasil por conta de propagandas ‘exageradamente otimistas’. A campanha acordada entre esses dois países foi assertiva e atraiu considerado contingente étnico. Na Figura 29, os dizeres em japonês “Aqui vamos nós. Faça uma viagem em família para a América do Sul. Bureau de Suporte Co., Ltda. Negócio da Agência de Pessoal”.

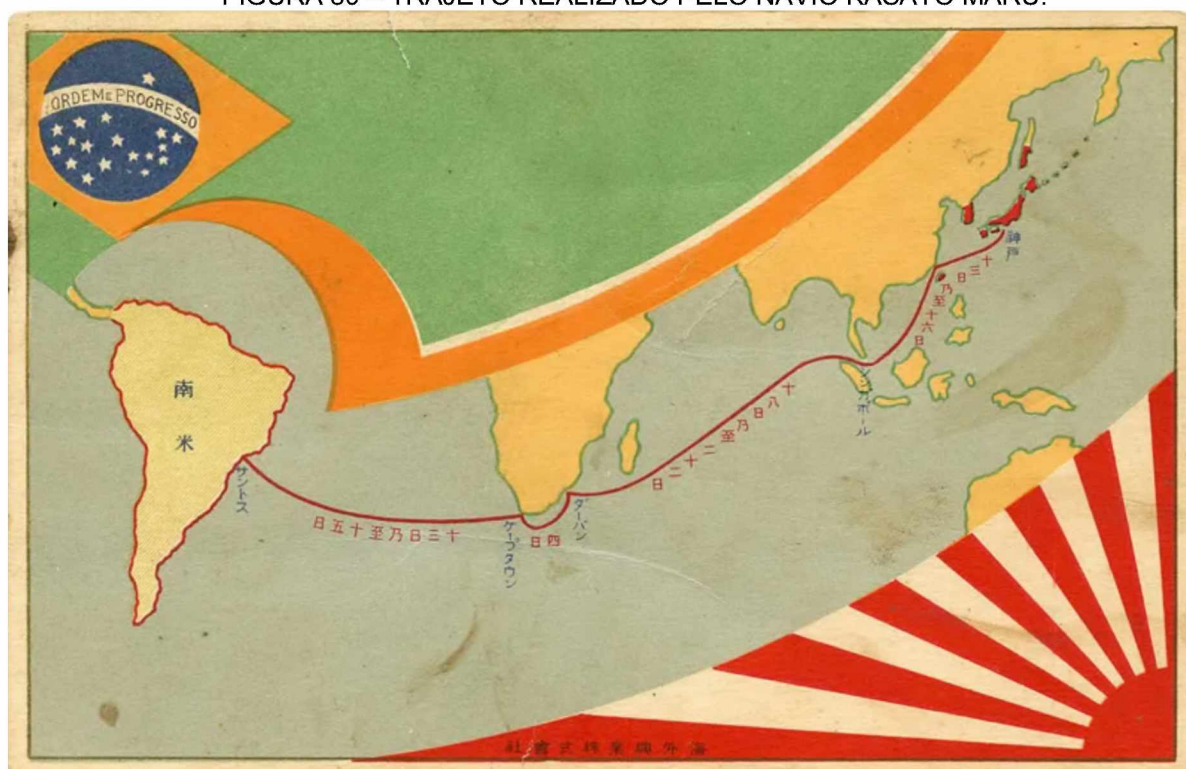
FIGURA 29 – ANÚNCIO DIFUNDIDO NO JAPÃO.



FONTE: Reprodução (Vieira; Moura, 2010, p. 370).

Assim, de acordo com NIKKEI (2000); Seto (2002), em 28 de abril de 1908 zarpava do porto de Kobe, no Japão, o navio *Kasato Maru* com os primeiros 791 imigrantes japoneses (vide Anexo 2). Quase três meses depois, em 18 de junho de 1908, estes primeiros imigrantes japoneses desembarcariam no porto de Santos/SP, no Brasil (*Ibid.*). Antes da viagem, foi distribuído aos passageiros um cartão com a representação do trajeto realizado pelo navio Kasato Maru entre Japão e Brasil (Figura 30) o qual trazia escrito em japonês, abaixo da linha vermelha, uma explicação com as prováveis datas e os nomes dos locais por onde passariam.

FIGURA 30 – TRAJETO REALIZADO PELO NAVIO KASATO MARU.



FONTE: Acervo do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil (2020).

Durante a travessia, o sentimento que pairava entre os passageiros era o mesmo: “o navio deixa o porto e todo o passado fica para trás. O futuro é incerto, mas cheio de esperanças” (Sakurai, 2007, posição 518.4). Desconhecendo o desafio que viria a experimentar após sua chegada, Shuhei Uetsuka, um “homem de rara sensibilidade [...] que mais tarde ficaria conhecido como o ‘pai dos imigrantes japoneses no Brasil’”, ao avistar a Serra do Mar escrevia o primeiro *haikai*⁶⁵ em terras brasileiras – “Nau imigrante cortando os oceanos”; um *haikai* que transmitia sonhos e

⁶⁵ Versos japoneses.

esperanças (Seto, 2002, p. 42).

Porém, ao chegar no Brasil a realidade começava a se mostrar outra e os japoneses que não foram para as plantações de café, adotavam atividades rurais como seu principal meio de subsistência. Com isso, os sonhos e as esperanças que os acompanhavam desde o Porto de Kobe cederiam lugar ao medo e às incertezas. Iniciava-se um drama que perduraria por muito tempo.

Entretanto, diante da chegada de uma demanda superior à esperada, e somada a denúncias junto ao Ministério das Relações Exteriores, levaram o Brasil a suspender todos os subsídios em 1921; dentre essas denúncias constavam a preocupação com o “branqueamento do Brasil” ou em outras palavras “o medo da degenerescência⁶⁶” por parte de eugenistas; um segundo motivo era a concorrência desleal em relação aos baixos salários que os japoneses aceitavam, bem como os preços que praticavam por serviços prestados os quais eliminavam a concorrência brasileira; em outra ocasião chegou a ser redigido um relatório com uma alegação de que a imigração japonesa fazia parte de um plano secreto de expansão e infiltração, tendo seus núcleos nas colônias de Sete Barras/SP e Registro/SP (Shizuno, 2010; Vieira; Moura, 2010).

De acordo com Seto (2002, p. 69), quando o governo brasileiro suspendeu os subsídios aos imigrantes, a notícia demorou a chegar do outro lado do planeta, e um outro navio já estava em viagem com mais 909 japoneses; por conta dessas circunstâncias, 650 foram alocados para várias regiões do Estado de São Paulo, o restante foi trazido para Curitiba/PR. Em retaliação pela quebra de contrato por parte do Governo brasileiro, o Governo japonês continuou a financiar as viagens dos japoneses que assim desejassem contribuindo com o ápice dessa imigração entre 1926 e 1935 (Vieira; Moura, 2010). Este ato gerou revolta no Brasil e um levante contra estas imigrações.

A notícia da chegada dos primeiros imigrantes japoneses a Curitiba, publicadas, principalmente, em jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo veio na

⁶⁶ De acordo com Vieira e Moura (2010, p. 574), lê-se no relatório enviado para a Diretoria da Secretaria da Agricultura: “O problema imigratório brasileiro tem que ser resolvido também de acordo com as necessidades de defesa do nosso padrão étnico. Já nos bastam os resíduos hotentotes [termo pejorativo para se referir aos africanos – grifo nosso] ainda não desaparecidos e a não pequena população nordestina de origem indígena, muito semelhante à raça mongólica. A contribuição imigratória japonesa apresenta essa série de desvantagens acrescida ainda pela grande tendência que tem os nipônicos aqui aportados para o enkystamento [encistamento, de se tornar um cisto – grifo nosso].”

frente. A imprensa local com destaque para o jornal ‘O Diário da Tarde’ passou a reproduzir reportagens e campanhas contra a imigração japonesa (Kimura, 2006; Seto, 2002). A imprensa se manteve, por muito tempo, publicando esse tipo de reportagem, fato que inflamava cada vez mais a população curitibana. Essas ações viriam a se tornar o estopim para a desordem e o caos generalizados.

Naquele ínterim, a vida desses primeiros imigrantes japoneses que chegaram a Curitiba não foi fácil, pois os que abriram frente, primeiro havia a necessidade de alocação, depois conseguir trabalho, por fim, serem passivos perante as constantes represálias que sofriam; já para os que foram chegando depois e já cientes da situação, sabiam para que local deveriam se dirigir para (re)encontrar com seus laços afetivos (parentes ou conhecidos já estabelecidos), fato este que facilitou um pouco a mudança entre ambos os países, mas não melhorou a situação e a adaptação (Seto, 2002; Shizuno, 2010).

Nesse período Curitiba registrou a presença de 35 mil pessoas de origem nipônica conforme dados da NIKKEI (2000); um desses primeiros *isseis* (imigrantes) que se fixou em Curitiba foi Ryu Mizuno, responsável por auxiliar na vinda de várias famílias japonesas para o Brasil e para Curitiba, bem como por ser um dos fundadores da Colônia Alvorada.

Apesar das represálias, nem todos os curitibanos nutriam desafetos contra os japoneses. Desse modo, com o passar do tempo e em decorrência do aumento na densidade populacional da cidade, alguns sujeitos, perante o desagravo da sociedade daquela época, optaram por unirem-se em matrimônio. Naquele momento iniciava-se a miscigenação⁶⁷ nipo-curitibana.

De acordo com Seto (2002, 107–111; 157), o primeiro casamento interétnico entre uma brasileira e um japonês, ocorreu na Igreja Matriz de Curitiba no dia 20 de dezembro de 1919 (Figura 31 – Imagem 1); todos os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão são reconhecidos como *nikkei*, em outubro do ano seguinte nascia o primeiro *ainokô* (mestiço nikkei); já o primeiro casamento inter-racial aconteceu em 29 de novembro de 1930 (Figura 31 – Imagem 2).

⁶⁷ Cabe salientar que “Hoje em dia a noção de povo miscigenado é um lugar-comum, amplamente difundido e aceito no Brasil. É a identidade, o traço marcante do Brasil” (Sato; Watanabe, 2010, p. 18).

FIGURA 31 – PRIMEIROS MATRIMÔNIOS: INTERÉTNICO E INTER-RACIAL.



FONTE: Reprodução (Seto, 2002, p. 107; 157).

Cabe destacar que este último casamento causou controvérsia e repercutiu tanto nas colônias japonesas, quanto na sociedade curitibana da época, por conta da cor da pele dos noivos. Para conseguirem se casar na igreja, o noivo foi obrigado a se batizar e mudar seu nome de Tetsunosuke Yamamoto para Milton Yamamoto (Seto, 2002).

Como mencionado antes, o país precisava de mão-de-obra, queria ocupar áreas, carecia do aumento na produção de alimentos, mas nutria desafetos constantemente contra imigrantes, e apesar de toda a discriminação aplicada contra os japoneses, sua cultura ainda era objeto de desejo entre os ocidentais, principalmente a elite urbana branca dos grandes centros, que consumiam a cultura japonesa na forma de vestuários (Figura 32), passando pelas artes, arquitetura, gastronomia e outros (Sakurai, 2007; Vieira; Moura, 2010).

FIGURA 32 – BRASILEIRAS ADOTAM A MODA JAPONESA.



FONTE: Reprodução. Revista Fon Fon nº 46 (1909) *apud* Takeuchi (2010, p. 32).

Na Figura acima, a jovem da elite carioca materializa sua experiência mimética como “*mussumê* (moça filha de japones)” com traje completo – “quimono, sombrinha e leque” (Takeuchi, 2010, p. 32). Uma performance cujo registro fotográfico celebra a apropriação cultural do exótico por meio dos elementos figurativos de outra cultura (Mello, 2019).

Outro ponto a ser destacado, se dá ao fato de as lojas Pernambucanas publicarem anúncios e contratarem pessoas que falavam japonês para atender os respectivos clientes. Na Figura 33, o anúncio, em japonês, menciona que as Casas Pernambucanas possuem produtos vindos diretamente da fábrica, por isso existe uma grande quantidade de opções com preços baixos e diferentes tipos de tecidos “estilo ocidental” (lã, linho, seda e outros), duráveis e que não desbotam, com novas estampas todos os meses, com atendimento em japonês para melhor servir. Por fim, o anúncio enfatiza que por ser uma rede os preços são os mesmos em qualquer unidade. Neste cenário, apesar dos japoneses não serem benquistos, sua cultura e seu dinheiro eram desejados.

FIGURA 33 – ANÚNCIO DAS CASAS PERNAMBUCANAS.

CASAS PERNAMBUCANAS
RUA CONSELHEIRO DANTAS N.º 640
SANTA CRUZ DO RIO PARDO
SOROCABANA

カーザス・ヘルナンブカナス

サンタ・クルース市
コンセレイロ・ダントス街六四〇

▼ 営業種目 ▲
木綿織物一般、洋服羅紗地
麻織物、絹織物、カーテン類
メーザ掛、敷布、半布、其の他一切

◎ 値段が非常に廉價で織物が丈夫であります
◎ 常に在庫豊富で柄の撰り好みは自由です
◎ 毎月新柄が入荷し色褪絶對に有りません
尙今度日本人諸賢の御便宜上日本人店員が御用命に應じます

無駄を省いて工場から直接皆様に供給するカーザ・ベルナムブカナスの織物には次の特長が有ります。
◎ カーザ・ベルナムブカナスはブラジル全国何所の支店でも買ひになつても値段は皆同一であります

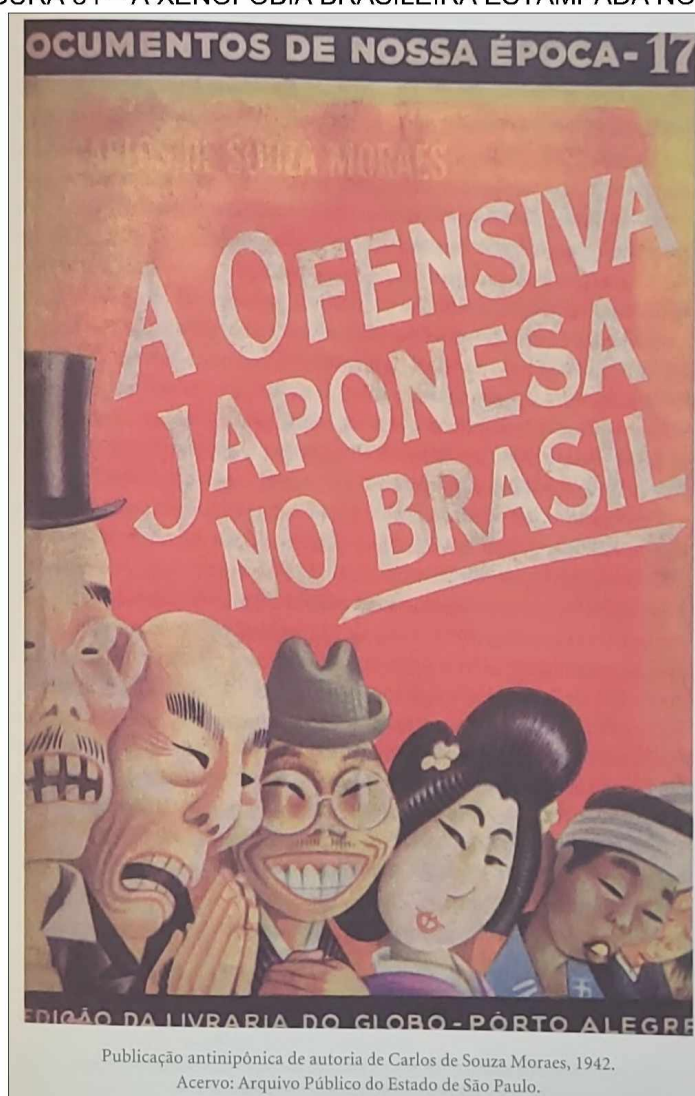
FONTE: Reprodução (Kossoy, 2010, p. 388).

Fatores como estes demonstram a dimensão do impacto da imigração japonesa no Brasil. Mas, se a situação dos japoneses estava difícil, pioraria com o anúncio da Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil tomou partido contra os países do Eixo – Alemanha, Itália e Japão.

Shizuno (2010), menciona que o período da Segunda Guerra Mundial foi marcado por intenso sofrimento para com as comunidades nipônicas em decorrência das restrições estabelecidas aos países do Eixo. Os japoneses, em várias partes do Brasil, passaram a ser vistos como inimigos – um “perigo amarelo” (*Ibid.*, 2010).

Assim, se por um lado a imprensa desta época enaltecia a elite com vestimentas japonesas, publicava anúncios para aumentar vendas e atrair clientes japoneses, por outro lado, mantinha publicações que denunciavam a população nipônica como “perigo amarelo” em matérias que faziam piadas e caricaturas pejorativas que deturpavam a imagem japonesa (Sakurai, 2007, p. posição 547.8).

FIGURA 34 – A XENOFOBIA BRASILEIRA ESTAMPADA NO JORNAL.



FONTE: Reprodução (Carneiro, 2010, p. 93).

Nesse cenário, e incentivados pelas constantes campanhas contra o “perigo-amarelo”, os brasileiros começaram a reproduzir atos realizados contra japoneses em outros países (Kimura, 2006; Shizuno, 2010). Assim, em março de 1942, 10 mil curitibanos se reuniram na Praça Osório em manifestação contra os países do Eixo, porém a ordem foi perdida e o vandalismo imperou ganhando proporções assustadoras (Seto, 2002). Esses vândalos saíram em caminhada por Curitiba carregando “metros e metros de tecidos em chamas e gritando ‘morte aos quintas-colunas⁶⁸’”; esse “quebra-quebra” teve como alvo: residências, “estabelecimentos comerciais, bancos, indústrias, e clubes pertencentes a imigrantes alemães, italianos e japoneses” (Seto, 2002, p. 230).

⁶⁸ Quinta-coluna era um nome pejorativo atribuído aos japoneses.

De acordo com Kimura (2006); Seto (2002); Shizuno (2010), Silva (2011) muitas foram as formas de punições⁶⁹ atribuídas à etnia japonesa durante esse período, tais como:

- Suspensão de circulação de periódicos em japonês;
- Veto de práticas políticas, assim como hastear ou usar bandeiras⁷⁰, flâmulas e estandartes, uniformes, distintivos, insígnias ou quaisquer símbolos de partido político estrangeiro ou nações estrangeiras;
- Prisões dos cidadãos que fossem flagrados conversando em público no idioma japonês (Figura 35)⁷¹;
- Saída e proibição de acesso a locais considerados de segurança;
- Desapropriação e expulsão de suas terras e propriedades ou do país⁷²;
- Cobrança de altas taxas para depósitos bancários;
- Cobrança de indenizações por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros⁷³;
- Proibição de aquisição de produtos importados oriundos dos países do Eixo;
- Intervenção estatal junto às cooperativas e estabelecimentos comerciais nipônicos;
- Vigiar, reprimir, perseguir e punir (violência psicológica e física);
- Ataques a residências e estabelecimentos comerciais;

⁶⁹ Para saber mais, recomenda-se o filme *Corações Sujos* (2011), baseado na realidade, narra o sofrimento dos imigrantes japoneses no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial e a recusa em aceitar a derrota do Japão.

⁷⁰ Vide Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, art. 2º, inciso 3º e parágrafo único. (que proibia a estrangeiros qualquer tipo de atividade política no Brasil).

⁷¹ O Decreto-Lei Nº 1.545, de 25 de agosto de 1939, (que dispunha sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros), deixava registrado: Art. 1º Todos os órgãos públicos federais, estaduais e municipais, e as entidades paraestatais são obrigados, na esfera de sua competência e nos termos desta lei, a concorrer para a perfeita adaptação, ao meio nacional, dos brasileiros descendentes de estrangeiros. Essa adaptação far-se-á pelo ensino e pelo uso da língua nacional, pelo cultivo da história do Brasil, pela incorporação em associações de caráter patriótico e por todos os meios que possam contribuir para a formação de uma consciência comum. Art. 15. É proibido o uso de línguas estrangeiras nas repartições públicas, no recinto das casernas e durante o serviço militar. Por conta da 'Campanha de Nacionalização' do Estado Novo (1938-1945), no ano de 1942, as delegacias de polícia começaram a distribuir 'leis' que proibiam essa comunicação pública em idioma estrangeiro aos súditos do Eixo Alemanha, Itália e Japão (Silva, 2021).

⁷² Vide Decreto-Lei Nº 479, de 8 de junho de 1938 (que dispunha sobre a expulsão de estrangeiros).

⁷³ Vide Decreto-Lei Nº 4.166, de 11 de março de 1942 (que dispunha sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro).

- Extorsões por parte da polícia;
- Apreensão de material impresso em japonês;
- Apreensão de rádios ou qualquer tipo de transmissores;
- Internação em campos de trabalho (a Granja do Canguiri em Pinhais, Região Metropolitana de Curitiba foi uma delas);
- Desaparecimentos.

FIGURA 35 – MODELO DE DECRETO FIXADO EM ESTABELECIMENTOS PELO PAÍS.



FONTE: Reprodução (Iepsen, 2018).

Dessa forma, se antes o *haikai* de Shuhei Uetsuka celebrava os sonhos e as esperanças dos japoneses que estavam a chegar no Brasil, a canção de Tomoo Handam⁷⁴ enaltecia o inverso:

*Mentiu quem disse que o Brasil era bom,
Mentiu a companhia de emigração;
No lado oposto da Terra cheguei,
Fiado no Paraíso, para ver o Inferno.*

Na contemporaneidade, Shizuno (2010) realizou uma análise das representações dos japoneses a partir de documentos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do Estado do Paraná, de 1945 a 1951. Nesse levantamento foi possível comprovar, ainda que muitos anos depois, “percepções” a cerca dos imigrantes japoneses reconhecidos como “um não-cidadão” (*Ibid.* 2010, p. 146).

Dentre os materiais que proporcionaram essa percepção constam: diligências,

⁷⁴ Tomoo Handam. O Imigrante Japonês: História de sua Vida no Brasil, São Paulo, T. A. Queiroz, Centro de Estudos Nipo-Brasileiro, 1987, p. 115 apud Carneiro (2010).

relatórios, ofícios, mandados de busca, recortes de jornais, cartas de suspeitos, fotos, declarações assinadas. Para essa autora, o Brasil passou por um período em que o racismo se apresentava pelas cores vermelha (indígenas e nordestinos), preta (negros), amarela (japoneses). Esses “indesejáveis foram representados como uma ameaça, o que suscitou ações estatais de exclusão e repressão” (Shizuno, 2010, p. 125).

Mesmo após o término da Segunda Guerra Mundial, os japoneses continuaram a sofrer discriminação por conta de seu idioma, sua cor – tida como amarela, mas principalmente por suas características físicas com destaque para os olhos. Essas represálias foram diminuindo quando a imprensa parou de difundir reportagens xenofóbicas e os governantes japoneses vieram ao Brasil para negociar acordos diplomáticos (Kimura, 2006; Seto, 2002; Shizuno, 2010).

Nos anos 2000, a Associação Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba divulgou a existência de mais 1,2 milhão de *isseis* (imigrantes japoneses), *nisseis* (filhos de japoneses) e *sanseis* (netos de japoneses) no Brasil. Destes, mais de 220 mil são *dekaseguis*⁷⁵ (nascidos no Brasil, mas que optaram por morar e trabalhar no Japão).

Dito isto, quando esta pesquisa optou por direcionar um foco de luz sobre a comunidade nipônica em Curitiba, não houve a intenção de vê-los como objeto para consecução de uma tese, mas de modo sensível aproximar-se deles para compreender seu passado, apreender sua realidade, enaltecer sua cultura e identidade.

Como lembrava Haesbaert (2013, p. 236) “toda identidade só se define em relação a outras identidades, numa relação complexa de escalas territoriais e valorações positivas e negativas”. Portanto, lembrando as palavras do Sr. Sedi Hirano, se o Brasil se tornou a Pátria para que esses *isseis*, seus *nisseis* e *sanseis* pudessem se (re)estabelecer, a Praça do Japão, tema do próximo tópico torna-se o símbolo materializado dessa identidade nipônica na capital paranaense; um espaço que se transformou em lugar e manteve um elo com seus ancestrais e com o próprio Japão.

⁷⁵ Todos os descendentes de imigrantes japoneses quando retornam para o Japão também são vistos como *nikkeis* – nascidos fora do Japão.

3.2 A PRAÇA DO JAPÃO: MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E ATRATIVO TURÍSTICO

*[...] a imigração povoa o imaginário curitibano. Há parques, praças, memoriais e portais dispersos pela malha urbana da cidade, que homenageiam estes imigrantes. Essa relação direta com a imigração é muito presente na cidade, famílias conservam as tradições de seus antepassados, materializados na culinária, religiosidade, além de várias outras ações e costumes muitas vezes não concebidos. Ainda permanece na cidade o hábito de perguntar a origem de uma pessoa: **Você descende de quê?** Essa informação também pode ser obtida a partir do seu sobrenome ou até pelo bairro onde se reside, demonstrando que, ainda hoje, o **pertencimento** a um grupo de imigrantes é um dado importante na cidade.*

Mazzarotto & Batista in Arquitetura Italiana em Curitiba (2013, p. 05, grifo nosso).

Em Curitiba, cada atrativo étnico tem sua identidade particular e uma estética única em alguns casos. Muitas vezes os visitantes nem ficam sabendo a real história por trás deste ou daquele atrativo, mas são capazes de identificar uma presença cultural exógena apenas pela interpretação de seus signos. Essa identificação ocorre por meio de elementos ou signos culturais (Lourenço, 2019; Mello, 2019). No caso da Praça do Japão esses elementos se fazem presentes na forma e na disposição da vegetação, na topiaria, na arquitetura, e na harmonização entre o antrópico e o natural.

Para Sakurai (2007), a natureza sempre esteve intrínseca na vida dos japoneses. Por conta desse apreço por áreas verdes, com o surgimento das grandes metrópoles houve a necessidade em se presentificar o ambiente natural junto ao espaço antrópico criado com concreto e aço. Então, no meio de Tóquio, por exemplo, envolto por arranha-céus, os japoneses conseguiram reproduzir a natureza em miniatura – os jardins japoneses – “compostos de plantas, água e pedras” (Sakurai, 2007, posição 30.3).

Ainda segundo Sakurai (2007), esses jardins vêm sendo reproduzidos pelos japoneses desde o período feudal, época no qual receberam o nome de ‘pedacinho do paraíso’ por contemplar natureza e homem; eles eram meticulosamente planejados para parecerem o mais natural possível. Para essa autora, dentre os elementos ‘obrigatórios’ e comuns a todos esses jardins estão: a arquitetura, as pedras de diferentes formatos e tamanhos, os peixes (preferencialmente as carpas coloridas), o relevo ondulado, as pontes, as lanternas e as plantas. Na vegetação o destaque fica para o bambu (*take*) e a ameixeira (*ume*) por fazerem parte da alimentação japonesa; e a cerejeira (*sakura*) por estar associada à beleza e pureza, inclusive com um festival próprio – o *he nami* (que significa olhar as flores), o pinheiro (*matsu*) completa essa

composição por ser a espécie preferida para criar os *bonsais* (Sakurai, 2007).

Desse modo, a Praça do Japão, em Curitiba, procurou reproduzir todos esses elementos em seus 14.000 m², galgando tanto um valor simbólico aos descendentes de japoneses, quanto um valor estético e turístico aos não descendentes.

Nesse contexto, o japonês exercia uma ação mimética ao tentar reproduzir o espaço natural. Por sua vez, a Praça do Japão se tornou uma mimese da cultura japonesa, desde o pagode como réplica do templo budista Kinkaku-ji (Templo do Pavilhão Dourado), em Quioto, até o paisagismo dos jardins que a ornaram. Essa representação mimética ativa no sujeito um gatilho ‘de faz de conta’ – faz de conta que estou no Japão (Ferrari, 2013; Urry; Larsen, 2021).

De acordo com Günter e Wulf (2004, p. 49), diferente da réplica que é idêntica, o pagode é uma mimese do Templo Dourado de Quioto, ou seja, foi inspirado; visto que a mimese permite uma “nova interpretação de mundos já interpretados”, é possível notar que enquanto o templo foi ornado com folhas de ouro e possui no topo uma fênix, o pagode da Praça do Japão foi pintado de amarelo e em seu topo possui um *tsuru* (grou) (Figura 36).

FIGURA 36 – SEMELHANÇAS ENTRE O TEMPLO DOURADO E O PAGODE DA PRAÇA DO JAPÃO.



FONTE: Imagem 1: Reprodução (Viaja Certo, 2025); Imagem 2: Acervo do autor (2024).

Desde sua instalação como Praça do Japão em 1962 até a contemporaneidade (Figura 37), o local foi recebendo novos elementos e ampliando características visuais pertinentes à cultura japonesa a cada intervenção e/ou

revitalização. Essa foi a maneira que a Prefeitura, encontrou para homenagear a memória dos pioneiros japoneses que escolheram Curitiba como lar, bem como sua respectiva descendência.

FIGURA 37 – A PRAÇA DO JAPÃO NA CONTEMPORANEIDADE.



FONTE: Acervo do autor (2023).

Recapitulando, a Praça do Japão está localizada na junção da Avenida Sete de Setembro com a Avenida República Argentina, no Bairro Água Verde, é comumente frequentada por turistas e moradores de seu entorno como um ponto de interesse para fotos e contemplação durante a floração das cerejeiras. Mas, apesar de ser considerada um dos cartões-postais não oficiais de Curitiba e receber uma considerável demanda de visitação por conta de sua beleza arquitetônica e paisagística, o local não compõe o *tour* da Linha Turismo (URBS, 2023).

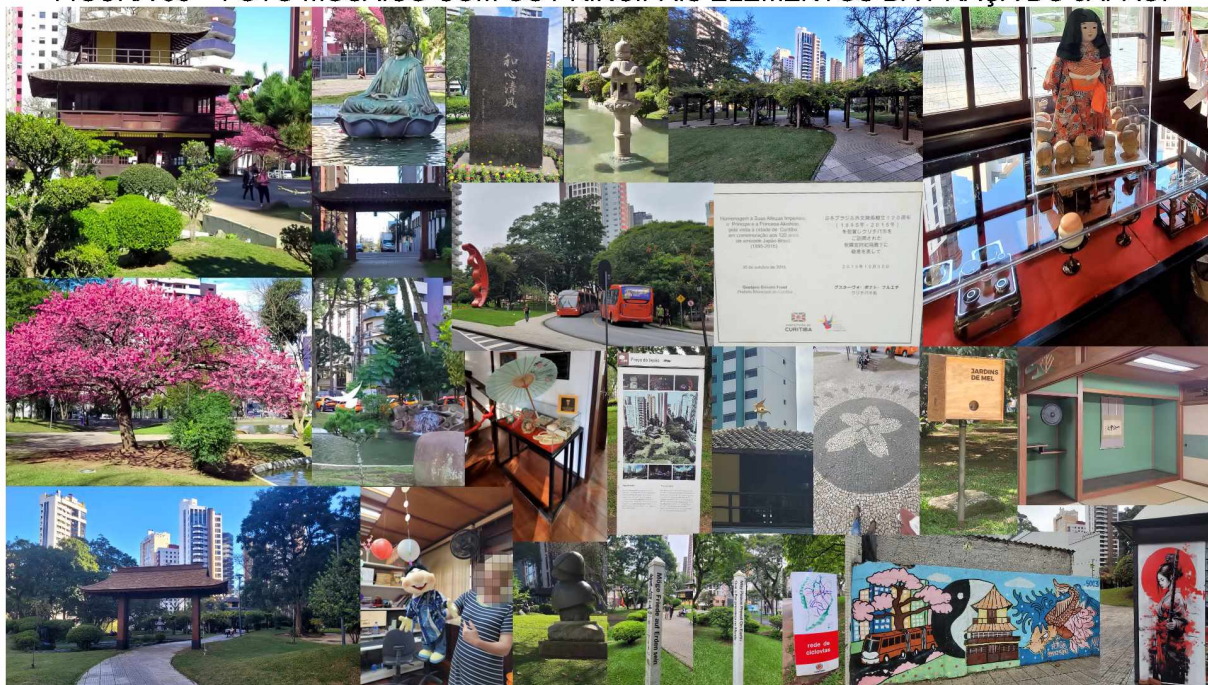
Desde 1993, a Praça do Japão, detém o título de Memorial da Imigração Japonesa, título que foi reforçado com as celebrações do Centenário da Imigração Japonesa, em 2008. Para Lourenço (2019) recebe o título de memorial a edificação que presta homenagem e tributo à memória de pessoas ou acontecimentos que não devem ser esquecidos. Porém, cabe salientar que diferente de outras praças, esse local, enquanto um espaço público, tem funções que estão para além de um memorial étnico e um atrativo turístico, como será apresentado, a seguir.

A edificação central (pagode) possui três pavimentos: no primeiro piso encontra-se a biblioteca Hideo Handa do projeto Farol do Saber, uma loja de *souvenir* e um espaço destinado a uma pequena exposição com peças, placas comemorativas e a maquete do Castelo Himeji (1610), também possui sanitários e um espaço para

uso dos funcionários; no segundo piso, alguns objetos decoram as paredes do espaço para apresentação das tradicionais cerimônias do chá (durante eventos), na lateral há mesas e cadeiras para a realização de cursos e oficinas (vide Apêndice 2); o terceiro piso é para uso interno.

No conjunto, a Praça do Japão também possui uma estátua do Buda Sidarta Gautama – o iluminado, um portal de acesso, um pergolado, esculturas e placas que homenageiam a comunidade japonesa, pontes, lagos com carpas, uma lanterna japonesa, pequenas quedas d'água, e um paisagismo que lembra os jardins japoneses. Para inauguração da Praça, o Império Nipônico fez uma doação de 30 mudas de cerejeiras, também conhecidas como *sakuras*, motivo de adoração e contemplação. No mosaico da Figura 38 é possível observar vários elementos e recortes que compõe a paisagem da Praça do Japão.

FIGURA 38 – FOTO MOSAICO COM OS PRINCIPAIS ELEMENTOS DA PRAÇA DO JAPÃO.



FONTE: Acervo do autor (2023, 2024, 2025).

De acordo com Nikkei (2000), os principais eventos realizados na Praça do Japão, são: *Shinnenkai* (quando inicia o ano), *Moti matsuri* (Festival do bolinho da sorte – em abril), *Imin Matsuri* (Festa da Imigração – em junho), *Haru matsuri* (Festa da primavera – em setembro), *Undokai* (Gincanas – entre setembro e outubro), *Benekai* (despedida do ano que se encerra).

Turisticamente, a praça é muito procurada no período de agosto e setembro quando as cerejeiras estão florindo, mas a alta temporada turística ocorre entre os

meses de junho e julho; dezembro e janeiro (época propícia para viagens em família por conta das férias escolares).

Ao longo dos tempos, a Praça do Japão passou por várias reformas e revitalizações que alteraram sua estrutura, sua forma e sua função. Contudo, esse local nem sempre foi assim. Antes de ser a Praça do Japão, a estrutura que havia no local era completamente diferente da atual. De acordo com registros hemerográficos do acervo da Casa da Memória de Curitiba, no dia 25 de março de 1980, foi publicada, no Jornal O Estado do Paraná, uma reportagem sobre as transformações da Praça do Japão (Figura 39). Segue inteiro teor da reportagem que além do cunho informativo apresenta uma comparação das transformações na paisagem urbana com destaque para a verticalização da cidade, além de relatar a rotina e as experiências que os moradores daquela região tinham com o local.

FIGURA 39 – REPORTAGEM DE O ESTADO DO PARANÁ.



FONTE: Destefani (1980).

De acordo com essa reportagem, em 1940, antes de ser reconhecida como Praça do Japão, esse espaço se chamava Praça Dom Luiz e Souza. As três fotos da reportagem apresentam o mesmo ângulo fotográfico com destaque para a Avenida República Argentina, em 1940, 1971 e 1980. Sublinha-se o acerto que a reportagem fez a respeito da “muralha de cimento armado”, com destaque para o ano de 2023 (Figura 40).

FIGURA 40 – VERTICALIZAÇÃO DAS DUAS PRINCIPAIS VIAS DE ACESSO À PRAÇA.

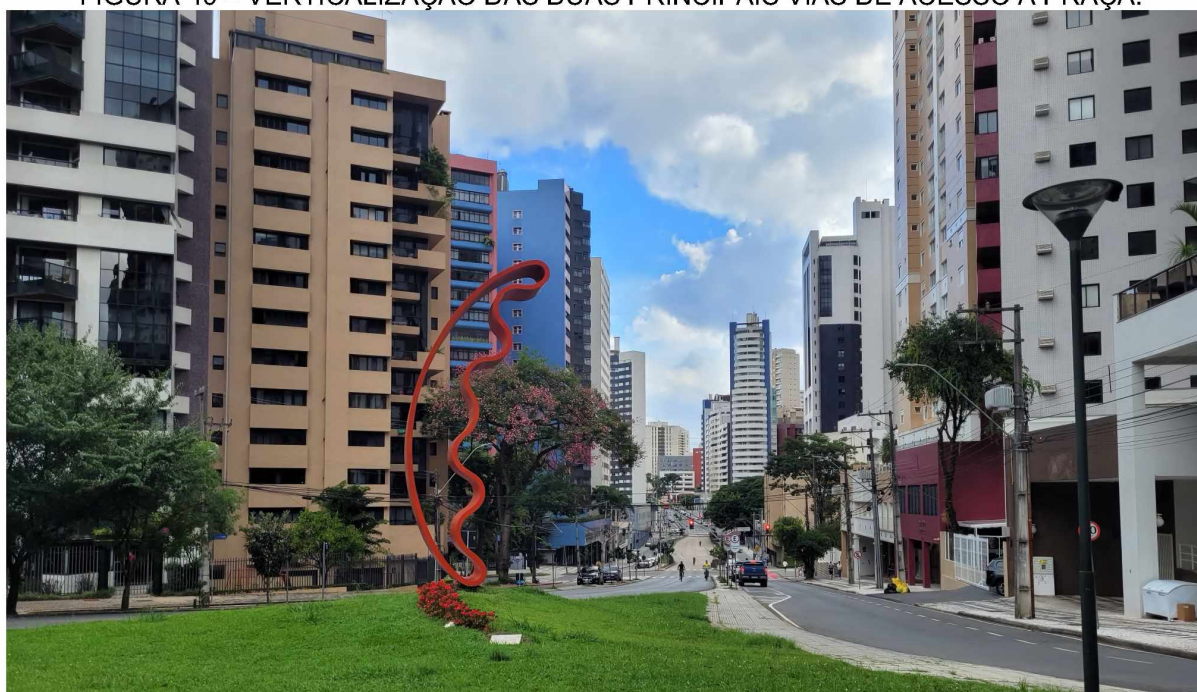


Imagem 1: Avenida República Argentina (mesmo ângulo da Figura 39 e da Figura 116 – Anexo 3).

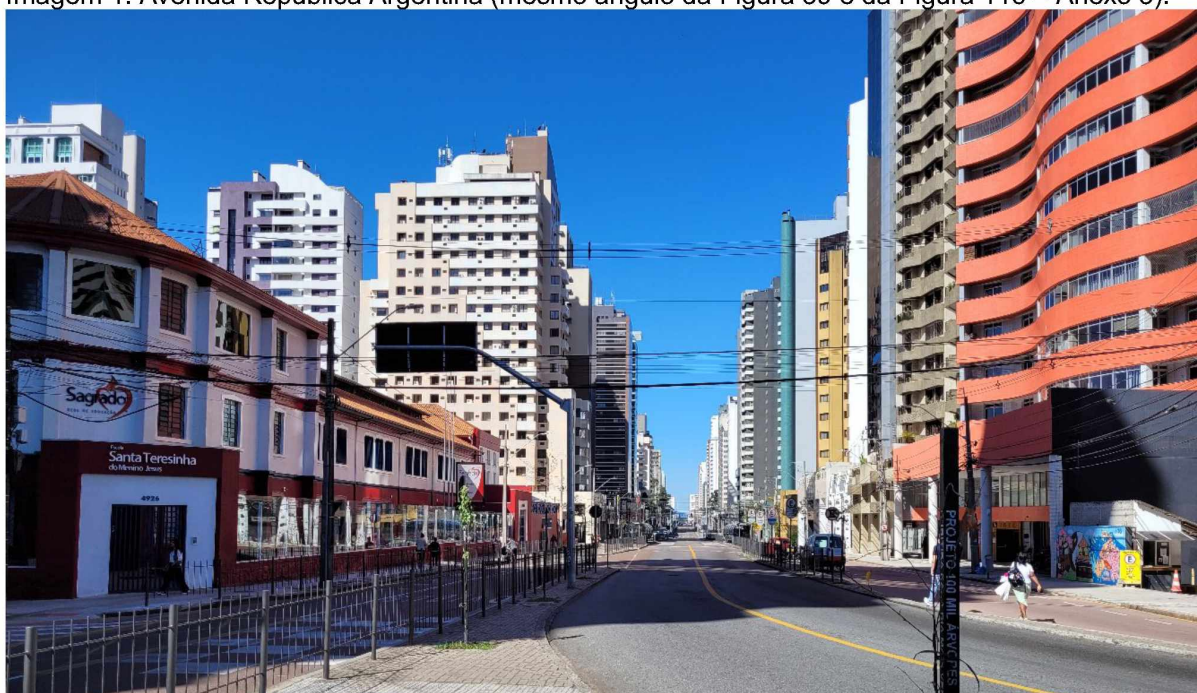


Imagem 2: Avenida Sete De Setembro.

FONTE: Acervo do autor (2024).

Essas duas vias arteriais que margeiam a Praça do Japão ligam bairros residenciais ao centro da cidade. Ambas possuem canaleta exclusiva para o transporte público (Sistema BRT, ônibus biarticulado conhecido popularmente como Vermelhão), além de permitir a circulação de veículos oficiais como viaturas e ambulâncias, as vias marginais são destinadas ao tráfego de carros.

Visto que o ambiente pode impactar as percepções dos sujeitos (Tuan, 2015a), cabe destacar que a foto mais antiga encontrada da Praça do Japão foi a da reportagem anterior (Figura 39 – Imagem 1), na qual foram apresentadas as obras na Praça Dom Luiz e Souza, em meados de 1940; em 1980, o repórter Cid Destefani apontava “os espigões” (Figura 39 – Imagem 3), se referindo aos primeiros prédios que surgiam ali; já na foto mais recente do acervo do autor, de 2024 (Figura 40 – Imagem 2), a verticalização urbana se faz presente por toda a região. Essas transformações na paisagem urbana acompanharam as contínuas evoluções da praça, bem como as respectivas experiências dos sujeitos no local em diferentes temporalidades.

Nesse sentido, desde o projeto inicial até a atualidade sua estética transmite uma ideia condizente com a realidade urbana em cada período, contribuindo assim com a apreensão de diferentes iconografias de um mesmo lugar. Com intuito de se apreender essas transformações apresenta-se, parcialmente e em ordem cronológica, essa evolução iconográfica.

Em **1962**: Primórdios da já então Praça do Japão (Figura 41 – Imagens 1 e 2). Ano em que houve a mudança de Praça Dom Luiz e Souza para Praça do Japão.

FIGURA 41 – REGISTRO DA PRAÇA DO JAPÃO EM 1962.

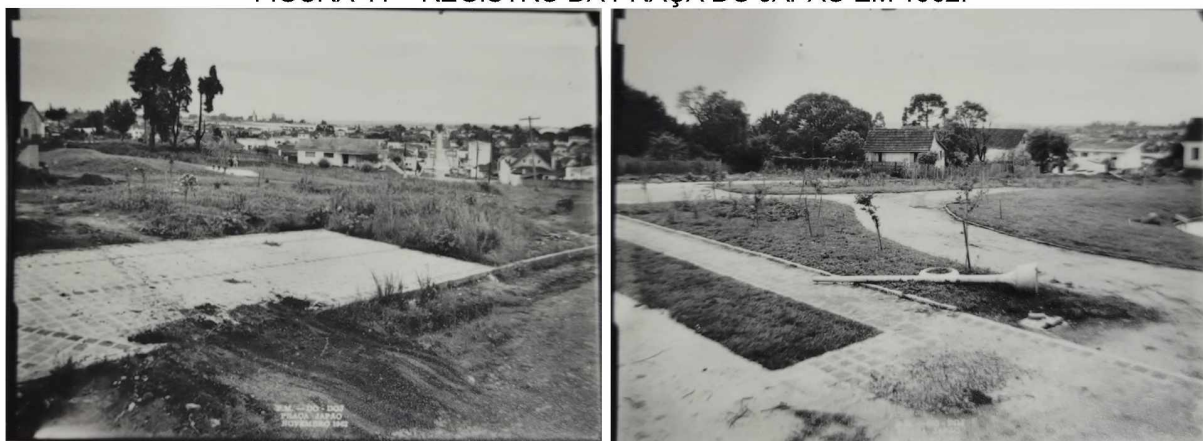


Imagem 1: Coleção Arthur Wischral. Cadastro FO, 15253/SN, 15253.

Imagem 2: Cadastro FO, 15254/SN, 15254.

FONTE: Acervo da Casa da Memória (2023).

Nas fotos, é possível observar que a praça mantém as características físicas da praça antecessora; parece estar desprovida de iluminação, de zelo, de ordenamento e apelo estético. A urbanidade do entorno, ainda não verticalizada, se faz presente pela simplicidade das residências com cerca de madeira.

Entre **1962** a **1967**: Nesse período a praça aparenta estar bem cuidada, refizeram o gramado, plantaram algumas árvores, e restauraram o calçamento. Nota-se que o único elemento que faz alusão à cultura japonesa é uma discreta lanterna instalada no centro da praça (Figura 42 – com destaque nosso em vermelho). A urbanidade também sinaliza sua evolução. Já possível notar a presença de edificações com mais de dois andares.

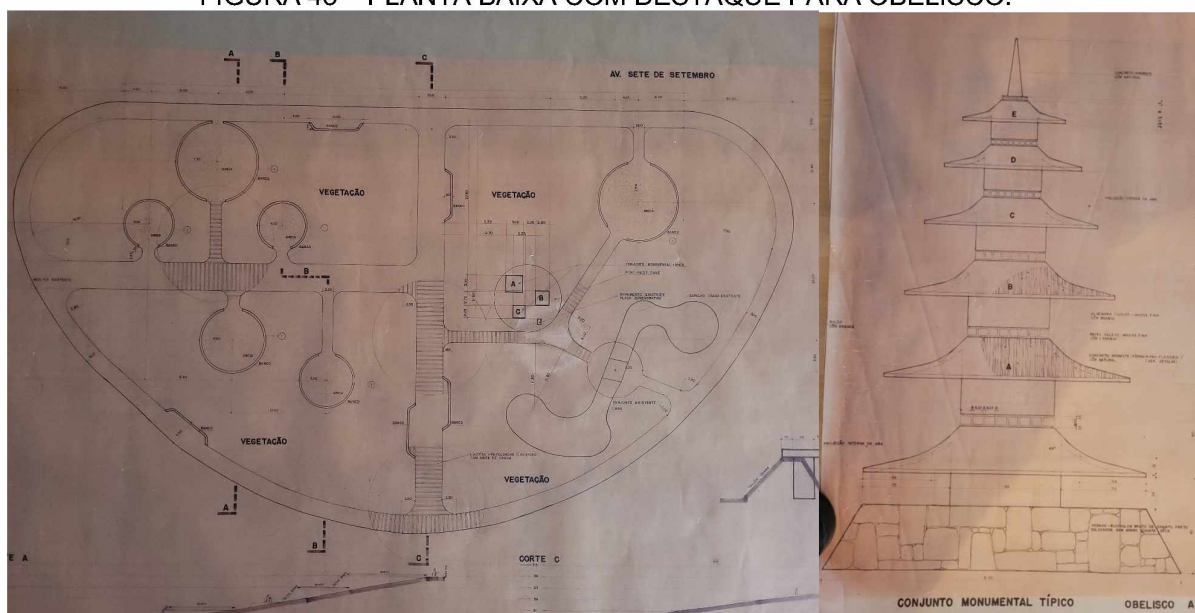
FIGURA 42 – FOTO PARCIAL DA PRAÇA DO JAPÃO ENTRE 1962 E 1967.



FONTE: Acervo da Casa Da Memória De Curitiba (2023).

Entre **1968** a **1970**: A praça sofre suas primeiras reformas. No projeto de 1968 (Figura 43), ela ganha um formato que lembra o atual. Também ganhou um obelisco que foi removido mais tarde. A partir da observação da planta baixa constitui-se o espaço arquitetônico da praça, das relações, dos elementos e do movimento, ou seja, uma representação de toda a “organização espacial” (Aldrigue; Tinem, 2016, p. 123).

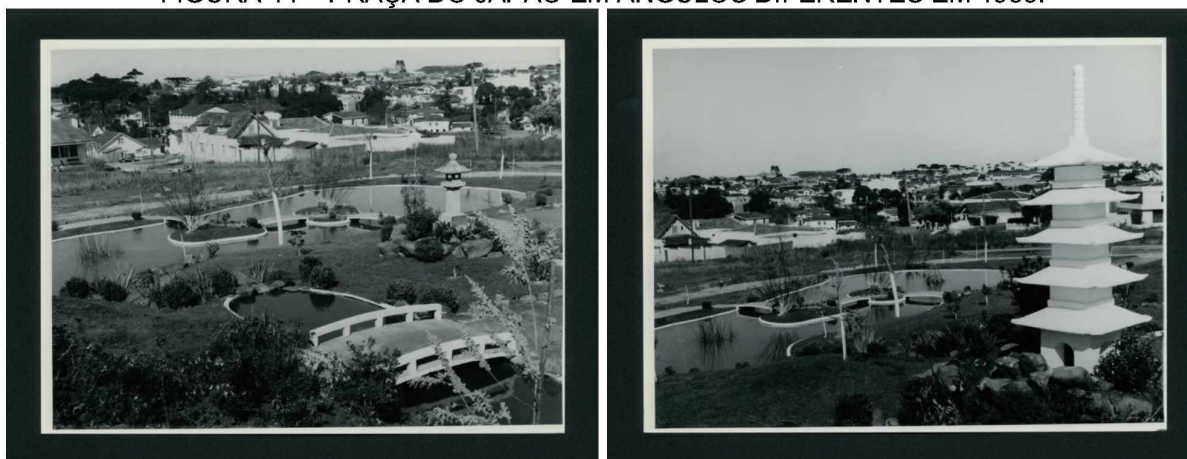
FIGURA 43 – PLANTA BAIXA COM DESTAQUE PARA OBELISCO.



FONTE: Acervo técnico do IPPUC (2023).

Nesse período, a Praça do Japão ganha características parecidas com as atuais, por meio de elementos como os lagos que eram maiores, das pontes, da lanterna japonesa, das pedras e da vegetação (Figuras 44 – Imagens 1 e 2; e Figura 45). Esse foi o primeiro projeto que fez alusão direta à cultura japonesa. Nota-se que a praça passa a contar com um teor estético mais harmônico e convidativo que no passado.

FIGURA 44 – PRAÇA DO JAPÃO EM ÂNGULOS DIFERENTES EM 1969.



FONTE: Acervo da Casa da Memória de Curitiba (2023).

Na Figura 45, é possível perceber a variação no tipo de calçamento em integração com o gramado. Ao fundo, nota-se a presença do obelisco (com destaque nosso em vermelho n.1). Em relação à cidade, Curitiba ainda não possui uma verticalização acentuada, logo o poder de alcance da visão ainda é possível. Na

porção superior, à esquerda na foto, é possível ver ao longe uma torre de igreja como ponto mais alto daquela região (com destaque nosso em vermelho n. 2). Pelo formato da torre indica ser a Igreja Bom Jesus, localizada na atual Rua João Bettega, no Bairro Portão. Atualmente, essa visão só é acessível das sacadas dos edifícios.

FIGURA 45 – FOTO FRONTAL DA PRAÇA DO JAPÃO EM 1969.



FONTE: Acervo da Casa da Memória de Curitiba (2023).

Em **1973**: A Praça do Japão sofre nova intervenção. Inspirados pela arte de Frederico Lange de Morretes, desde o final do século XX, os símbolos paranistas (caruma, pinhões, rosáceas e outros) foram sendo incorporados no cotidiano curitibano, nas calçadas em *petit pavé*, em murais e outros (Bueno, 2009; Vasconcelos, 2006). Mas, no caso da Praça do Japão, a decoração da calçada da praça com elementos da cultura japonesa ficou a cargo das flores das cerejeiras (Figura 46).

Por conta do projeto, as ruas que circundam a praça receberam asfalto novo, os jardins adotaram uma vegetação colorida cuja estética passa a ser uma prioridade paisagística. Pelo fato desse registro fotográfico ter sido parcial, não foi

possível identificar outras transformações visuais, bem como a presença dos demais elementos que figuraram no projeto anterior como os lagos, as pontes e o obelisco.

FIGURA 46 – CALÇADA DA PRAÇA DO JAPÃO COM DESTAQUE PARA O PETIT PAVÉ.



FONTE: Ribas (1973).

Em **1975**: a neve caiu em Curitiba. Um caso peculiar e atípico, mas que possibilitou aos curitibanos experienciarem a gélida paisagem, bem como registrá-la para a posteridade. De acordo com dados da Prefeitura de Curitiba (2025c), em 17 de julho de 1975, a neve transformava temporariamente a paisagem da capital, todos os jornais do dia seguinte publicavam sobre o fenômeno e a reação dos curitibanos.

Na Figura 47, é possível observar a paisagem da Praça do Japão tendo como ponto de referência o edifício localizado na Avenida Sete de Setembro. Na foto,

realizada debaixo para cima, é possível notar mudas recém plantadas em primeiro plano e um paisagismo característico muito bem cuidado.

FIGURA 47 – PRAÇA DO JAPÃO DURANTE A NEVASCA DE 1975.



FONTE: Curitiba Histórica (2025).

Em **1979**: A Praça do Japão ganha um novo projeto de revitalização (Figura 48). Esse projeto foi considerado o mais ‘artístico’ de todos. O desenho da praça foi alterado, novos elementos foram inseridos e o destaque ficou por conta do calçamento em pedras de seixo e o pergolado.

Nas legendas, há duas observações escritas com os dizeres ‘Monumento existente a retirar’, ao que tudo indica se tratar do obelisco e da primeira versão da lanterna japonesa. Um ponto a ser destacado é em relação ao pergolado que foi implantado no projeto de 1979 não corresponder ao existente na atualidade. Este fato indica sua remoção em projetos futuros para ser reintegração novamente no local onde se encontra na atualidade.

Infelizmente, não foram encontradas fotos desse período.

FIGURA 48 – PLANTA BAIXA DO PROJETO PARA A PRAÇA DO JAPÃO EM 1979.



FONTE: Acervo Técnico do IPPUC (2023).

De acordo com dados da Casa da Memória de Curitiba, a lanterna japonesa foi confeccionada no Japão e doada pela Assembleia Legislativa de *Hyogo* para o projeto de 1979. Apesar de ela ter sido instalada no ano do projeto, os registros fotográficos encontrados foram de 1982 (Figura 49).

FIGURA 49 – FOTO REPRODUZIDA POR HARATON MARAVALHAS EM 1982.



FONTE: Registro NG7318. Acervo Da Casa Da Memória (2023).

Em **1988**: Foi a vez da instalação do Monólito em honra à imigração japonesa (Figura 50). De acordo com dados da Casa da Memória de Curitiba, esse monólito também foi confeccionado no Japão e, em um ato simbólico, foi trazido de navio pelo mesmo percurso que o *Kasato Maru* fez com os primeiros imigrantes. Houve uma solenidade de inauguração que contou com a presença do então prefeito Jaime Lerner, o Cônsul japonês e outras figuras públicas (vide Anexo 3).

FIGURA 50 – MONÓLITO E LANTERNA JAPONESA

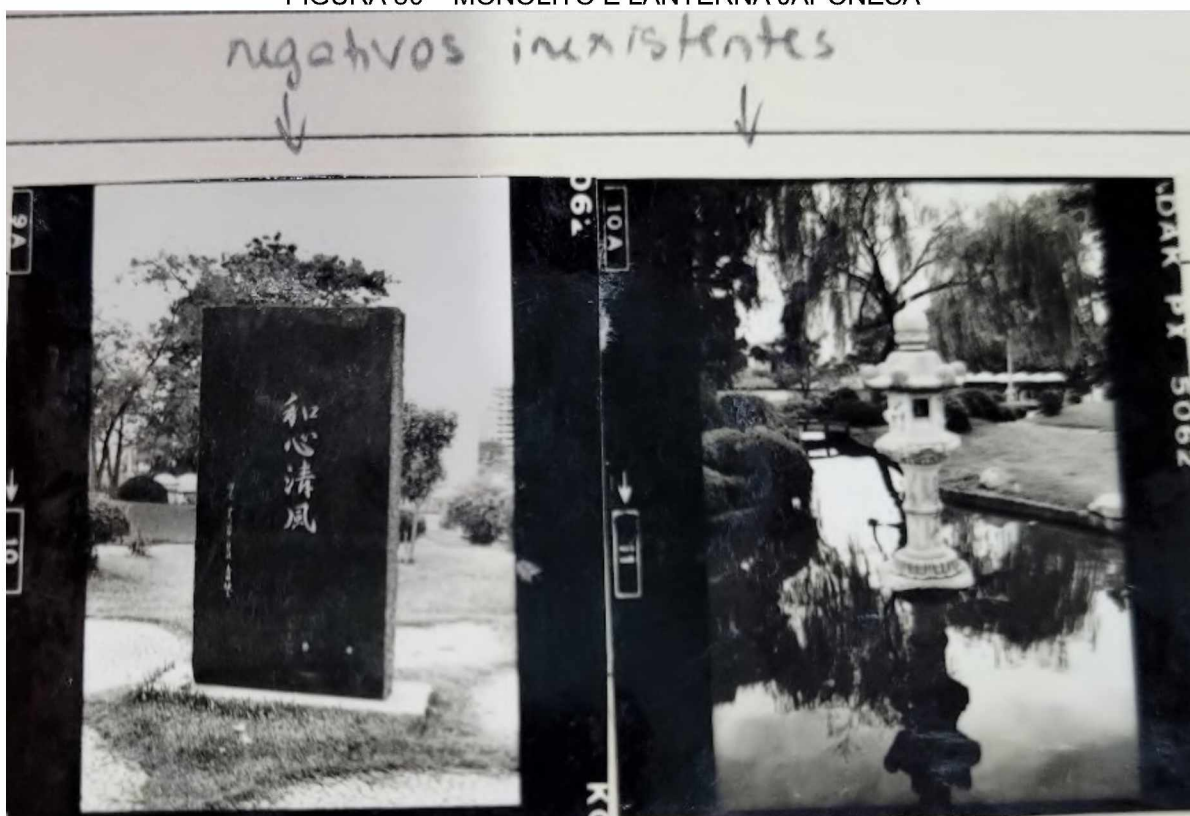
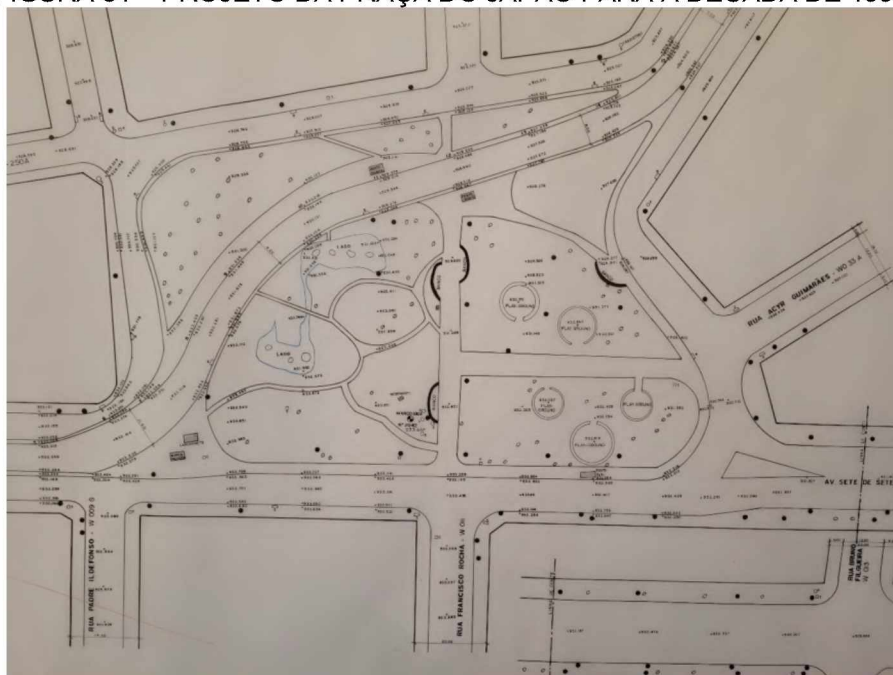


Foto de Almir C. Bornacin em 1988.

FONTE: Registro NG3745. Acervo da Casa da Memória (2023).

Em **1990**: Um novo projeto é executado (Figura 51). Esse projeto já está mais parecido com a atual configuração por conta da disposição dos caminhos, lagos, pontes, mas ainda não foi o projeto final. A partir desse projeto e consequentemente da modernização urbana de Curitiba, já é possível ver o início do que seria uma verticalização acentuada no entorno da Praça do Japão (Figura 52). Nesse período, para atender a população flutuante e residente na região foram instalados pontos de ônibus e uma grande quantidade de postes de iluminação no interior e nas avenidas circundantes à praça, fato que pode indicar a ocorrência da circulação de pedestres no período da noite.

FIGURA 51 – PROJETO DA PRAÇA DO JAPÃO PARA A DÉCADA DE 1990.



FONTE: Acervo Técnico do IPPUC (2023).

Se comparado aos projetos anteriores, este foi o projeto que mais descaracterizou a Praça do Japão desde o início. A praça sofreu uma terraplanagem, removendo os relevos, característicos dos jardins japoneses e existentes no local de 1968 a 1979. O tamanho do lago também foi reduzido, o pergolado e outros elementos que faziam alusão à cultura japonesa também foram suprimidos. Não foi possível identificar a existência de vegetação típica.

FIGURA 52 – RESULTADO DO PROJETO DA PRAÇA DO JAPÃO EM 1990.



FONTE: Acervo Casa da Memória de Curitiba (2023).

Ressalta-se que durante as pesquisas, por conta de obras na biblioteca do IPPUC, os projetos da Praça do Japão após 1990 e antes de 1993 (ano de construção do pagode; comemoração e titulação da praça como Memorial da Imigração Japonesa) não foram encontrados, por esse motivo não serão apresentados. Porém, mediante salvaguardas necessárias, é possível comparar visualmente a Figura 52 com a atual configuração da praça para se ter uma noção das transformações que foram feitas.

Descritivamente, de acordo com o acervo hemerográfico da Biblioteca Pública do Paraná de 1993, vários jornais locais relataram que foi entregue uma praça nas configurações atuais, mantiveram o monólito (1,20 metro de altura), mas com outra disposição, retornaram com as elevações do relevo, instalaram a estátua do Buda Sidarta Gautama, construíram o pagode na parte mais oeste da praça, reinstalaram o atual pergolado e a lanterna japonesa, aumentaram e conectaram os lagos (que agora passam a ter cascatas e carpas), plantaram 30 cerejeiras e alguns pinheiros que foram trazidos do Japão.

De lá para cá, outros elementos foram acrescentados a essa paisagem, tais como: o monumento nomeado como ‘Estátua Paz nº 30.31’ em homenagem às vítimas da bomba atômica em Hiroshima e a escultura feita por *Tomie Ohtake*, na cor vermelha, com sete metros de altura, nomeada como ‘Curitiba’ (peça criada para representar a integração e união entre a cidade de Curitiba, o Brasil e o Japão) e a escultura de *Manabu Mabe* que representa a ‘união de duas nações irmãs’. Por fim, houve a transferência dos pontos de ônibus da praça para as estações tubo nas avenidas de acesso.

Diferente de alguns projetos do passado, a atual configuração da Praça do Japão denota tanto a homenagem, quanto a representatividade da cidade de Curitiba para com os japoneses. Assim, após se ter ciência das transformações que a Praça do Japão sofreu desde sua fundação, bem como pela ludicidade aos leitores que ainda não conhecem Curitiba, o autor desta pesquisa realizou uma gravação em vídeo de um *flânerie* durante um de seus trabalhos de campo realizado em setembro de 2023.

De acordo com Aroles e Küpers (2022) a *flânerie* pode ser uma prática metodológica que reflete a observação de um fenômeno no ambiente virtual, ou seja, para além do simples ato de caminhar contemplativo do *flâneur*, o pesquisador também pode ampliar seu arcabouço ferramental ao contar com a *flânerie* como aporte exploratório, uma vez que mediante os registros qualquer pesquisador pode

rever quantas vezes precisar em busca de alguma informação necessária, ou simplesmente como registro temporal.

Com isso, o pesquisador, optou por publicizar essa *flânerie* (não monetizados no Youtube), apenas com intuito de agregar informação visual à pesquisa, além de proporcionar conteúdo para outros pesquisadores, bem como o público em geral que não se lembra, não conhece ou quer conhecer as opções e atrativos para visitar quando for a Curitiba (Figura 53).

FIGURA 53 – CAPA DO VÍDEO NO YOUTUBE.



FONTE: O autor (2023).

A produção desse material, apesar de simples, funcionou para além de uma mera vitrine, pois a partir desse registro foi, é e será possível realizar inúmeras inferências sobre outras intervenções. Uma delas já pode ser contemplada. No vídeo ainda é possível ver o antigo portal de acesso, antes de ser destruído por um caminhão-pipa e ser realocado para a outra face da praça. O resultado, na íntegra, pode ser visto no canal da plataforma Youtube, nominado como '*Um Flâneur de Walkman*'⁷⁶.

Por fim, apresenta-se um compilado de momentos em que a Praça do Japão

⁷⁶ A escolha do nome do canal foi pensada para não causar estranhamento no público em geral, ou seja, não parecer que se trata de um conteúdo estritamente acadêmico. A *flânerie* realizada na Praça do Japão pode ser contemplada em:

https://www.youtube.com/watch?v=G755TuCiPaA&ab_channel=OFI%C3%A2neur

foi retratada pela imprensa local enquanto palco para as mais diferentes, inusitadas e assustadoras performances. Nas imagens a seguir apresenta-se este breve acervo com momentos icônicos ocorridos no interior de seu perímetro.

FIGURA 54 – A PRAÇA DO JAPÃO ASSASSINADA.



Casal é baleado por motivos passionais durante piquenique.
FONTE: Oliveira; Barros (2016).

FIGURA 55 – A PRAÇA DO JAPÃO INVADIDA.



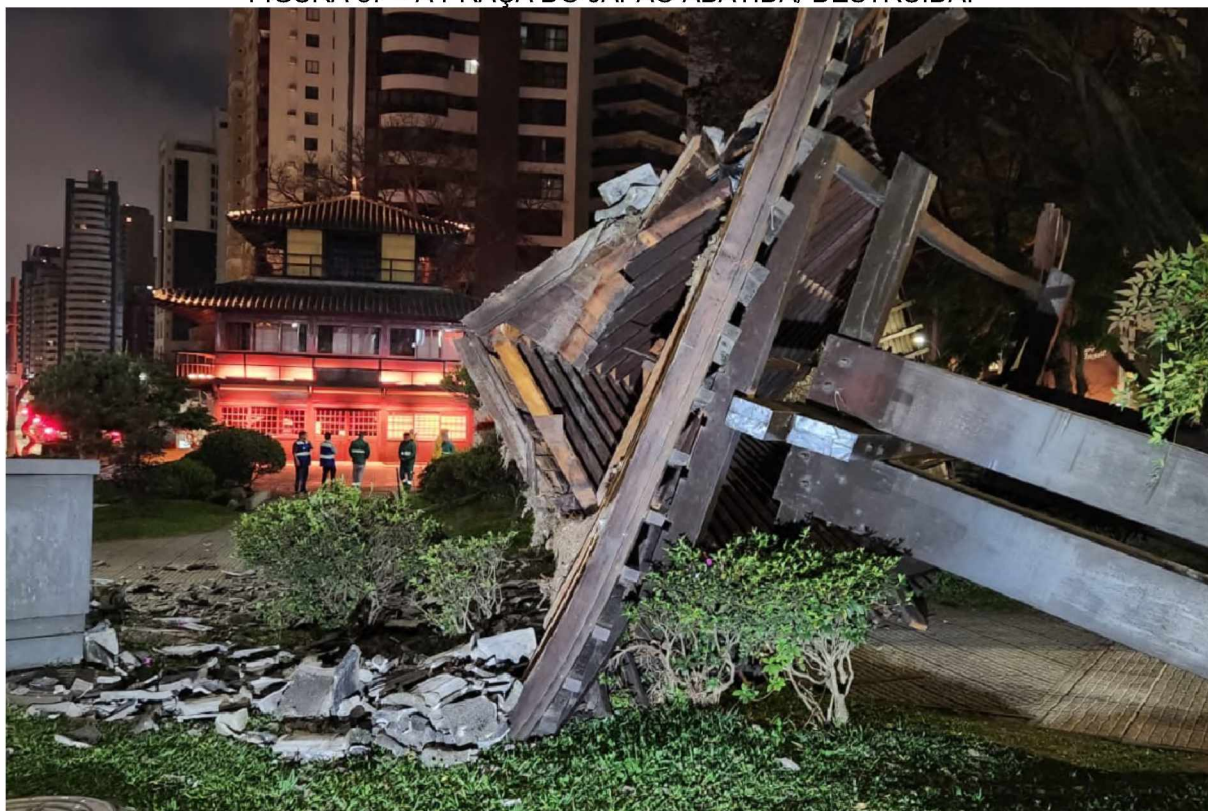
FONTE: RPC (2022).

FIGURA 56 – A PRAÇA DO JAPÃO ATROPELADA.



Jovem faz estrago ao invadir Praça do Japão com carro e acaba presa: 'Embragada'.
FONTE: Redação Banda B: Sarzi; Vaz (2024).

FIGURA 57 – A PRAÇA DO JAPÃO ABATIDA/ DESTRUÍDA.



Caminhão pipa derruba portal.
FONTE: Divulgação Redação Rede Massa (2024).

FIGURA 58 – A PRAÇA DO JAPÃO PEDE SOCORRO.



Moradores do entorno se mobilizam contra as obras da linha de transporte público 'Ligeirão Norte-Sul'.
FONTE: (Albuquerque, 2018 in Gazeta do Povo).

FIGURA 59 – A PRAÇA DO JAPÃO VIGIADA.



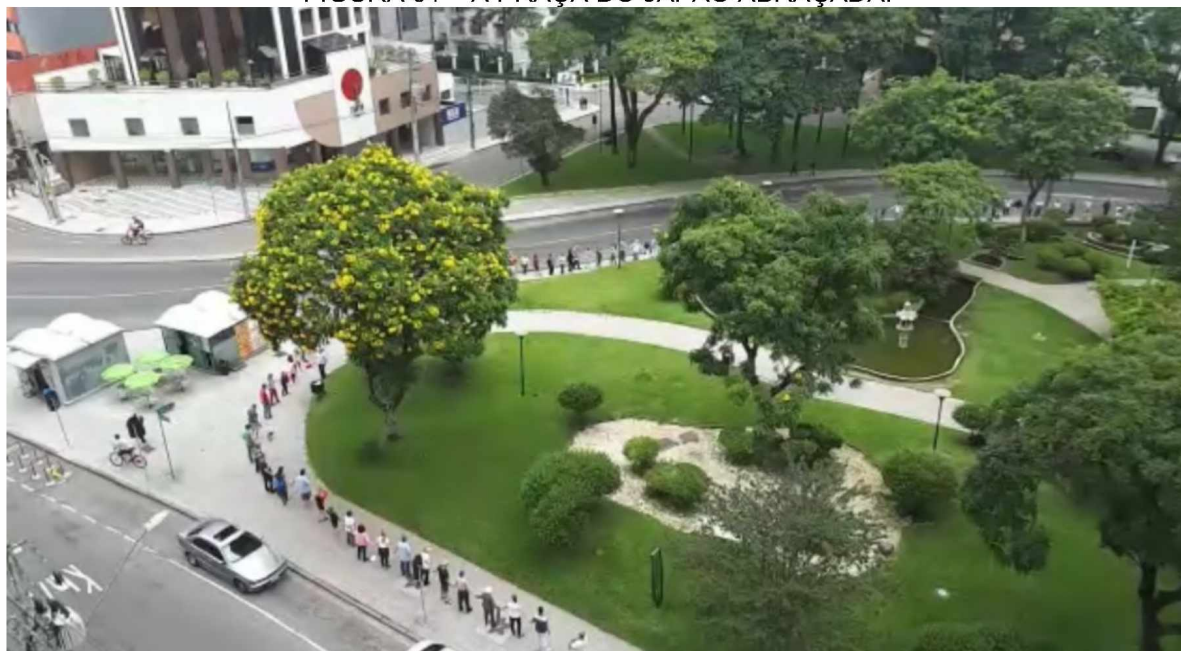
Prefeitura instala câmeras de monitoramento 24 horas.
FONTE: Curitiba (2022c).

FIGURA 60 – A PRAÇA DO JAPÃO HOSPITALEIRA.



Casal que aguarda a chegada do bebê dorme na praça em busca de emprego e condições melhores.
 FONTE: Redação (2022).

FIGURA 61 – A PRAÇA DO JAPÃO ABRAÇADA.



Moradores do entorno realizam um ato simbólico em protesto à passagem do biarticulado.
 FONTE: Redação (2018).

Por fim, ainda que não seja o escopo dessa pesquisa, não tem como deixar passar o contexto que o território imprime na figura da Praça do Japão. Se toda identidade, se define em relação a outras, uma identidade “transterritorial” não é uma identidade a-territorial, pois “determinados grupos culturais migrantes podem não

apenas entrecruzar sua identidade no confronto com outras culturas, mas também levar sua territorialidade consigo, tentando reproduzi-la nas áreas para onde se dirigem (Haesbaert, 2013, p. 241).

Desse modo, Silva *et al.* (2021) nos lembra dos usos e apropriações sociais do espaço perante segregações (dos negros, das mulheres e por que não dos imigrantes), impostas por uma supremacia branca, masculina resultante da colonização europeia. Nesse sentido, a apropriação social e simbólica da Praça do Japão, pode ser vista como uma representação de uma microterritorialidade que se expande para as performances e pertencimentos de seus descendentes. Enquanto atrativo turístico, a Praça do Japão é um lugar fixo e delimitado, mas que na essência vai além das fronteiras geográficas.

Em analogia às palavras de Berque (2012, p. 242) se por um lado a paisagem se constitui ao longo dos tempos a partir de “palimpsestos” resultantes de expressões da sociedade, por outro, a cultura envolvida contribui com a interpretação desse espaço, mas sempre articulando entre o real e o imaginário (*Ibid.*, 2012). Com isso, mediante a quantidade de transformações que sofreu desde sua fundação, em 1962, esse local foi gerando um discurso da memória, da história e da cultura mediante elementos e valores simbólico, estéticos, turístico, mas acima de tudo afetivos, que gradativamente transformou a praça em um lugar para seus frequentadores e moradores do entorno.

Apesar de observarmos apenas um recorte parcial do espaço urbano, se comparado aos inúmeros outros atrativos e memoriais étnicos de Curitiba, somos convidados a refletir a respeito das percepções dos sujeitos que experienciaram a praça desde sua implantação, ou seja, em diferentes temporalidades que antecederam essa pesquisa propriamente dita. Em outras palavras, o mesmo espaço, percebido por outras estéticas, por outros corpos, em outros momentos.

Assim, se ao longo dos tempos, a Praça do Japão foi invadida por carros, limitada com tapumes, maculada por assassinatos, reduzida, destruída e reconstruída e vigiada; foi casa, foi palco para protestos e para celebrações, mas acima de tudo a praça do Japão foi abraçada por anônimos, um abraço simbólico que independe de rótulos e classificações (turista, residente, descendente), mas um abraço carregado de afetos e apreço tofílico.

Desse modo, nos moldes de Sousa e Silva (2020); Tuan (2015b), a tofília presente na essência da Praça do Japão está diretamente relacionada a essa

afetividade (do sentir) que veio sendo nutrida pela comunidade nipônica e por seus agregados (turistas e outros visitantes).

Dito isto, a luz que foi direcionada sobre o passado da Praça do Japão, com todas as alterações e transformações que sofreu ao longo de décadas possibilitará aos leitores dessa pesquisa, cientes de seu passado, olhá-la diferente quando passarem pelo local.

Portanto, ao retomar a ideia de Mazzarotto e Batista (2013), as homenagens que a Prefeitura de Curitiba destinou à etnia japonesa pela figura da Praça do Japão, seja de modo proposital, seja despretensiosamente, mantém viva a memória desses pioneiros, preserva a identidade japonesa e contribui com o imaginário contemporâneo dos diferentes sujeitos.

PARTE III – CAMINHOS E DESCOBERTAS

4 O PERCURSO METODOLÓGICO

*Observai os meios que o pescador emprega
Para o peixe apanhar: o produto que ele entrega.
Vede como ele usa todo seu conhecimento;
E também rede, isca, anzol e todo equipamento.*

*Mas há peixes que nem anzol, nem linha, os pode pegar;
Nem rede, nem armadilha os pode capturar.
Esses devem ser buscados e incitados,
Ou, do contrário, não serão apanhados.*

*Como o caçador busca capturar a presa
De tantas maneiras! E assim realiza sua empresa:
Suas armas, redes, arapucas, matracas e mais.
Ele rastreia, rasteja, anda; o que for preciso ele faz.*

John Bunyan in O Peregrino ([1678] 2019 pp. 13–14, grifo nosso).

Esta seção traz como epígrafe um fragmento da obra ‘O Peregrino’ de John Bunyan. Apesar da obra, escrita no século XVII, vigorar no campo da literatura, seu teor reverbera até a contemporaneidade, visto que seus ensinamentos se aplicam para a vida, já que ninguém alcança o sucesso se não souber como fazer. Logo, esse capítulo apresentará os caminhos e instrumentos que foram necessários para apreender os objetivos propostos.

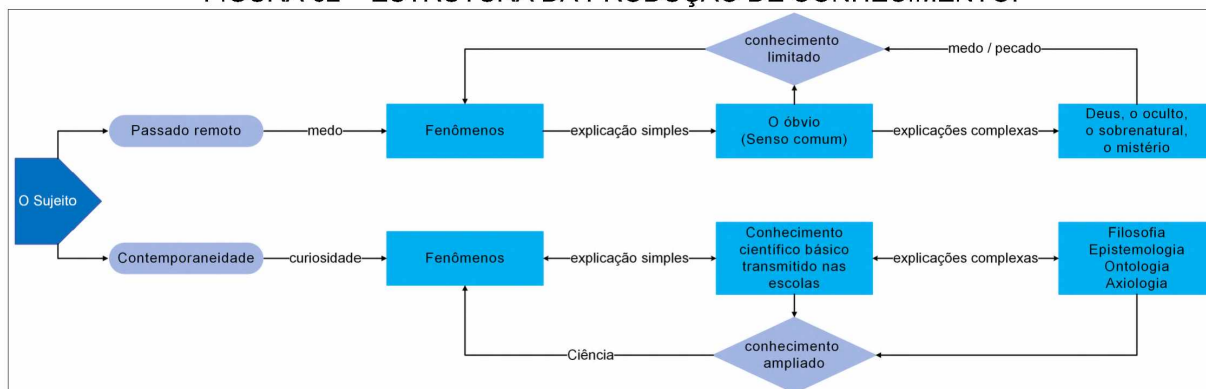
Desde os primórdios, que os questionamentos impulsionaram o ser humano a ir em busca de explicações e soluções para os mais diferentes tipos de fenômenos, ou seja, a mente humana sempre foi mobilizada à solução e/ou explicação destes acontecimentos (Laville; Dionne, 1999).

Assim, o sujeito passou a descrever o mundo a partir das lentes: da religião na Idade Média; do cosmos no Renascimento; da “cartografia do fantástico” no iluminismo e assim por diante até que finalmente obteve as lentes da ciência no século XX (Moreira, 2008, pp. 14–15). Então, se antes as narrativas mitológicas e a cosmogonia contribuíram com a explicação desses fenômenos (Castro, 2019; D’Ambrosio, 2016), na contemporaneidade, o sujeito se distancia desse imaginário e passa a ancorar seu conhecimento na cientificidade (Hernández-Sampieri; Fernández Collado; Baptista Lucio, 2013; Moreira, 2008).

No âmbito da ciência, torna-se natural a realização de uma pesquisa com a finalidade tanto de conhecer, quanto de compreender um determinado fenômeno (Laville; Dionne, 1999). Com isso, na busca pela ampliação de conhecimento, o ponto de partida são as “raízes” do fenômeno que se almeja apreender, ou seja, elementos

históricos e sociais, pois estes proporcionarão aos pesquisadores “a solidez e a profundidade” necessárias ao intento (Fourez, 1995, p. 176) (Figura 62).

FIGURA 62 – ESTRUTURA DA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO.



FONTE: Adaptado de Hernández-Sampieri *et al.* (2013).

Porém, a partir deste contexto, cabe destacar que durante muito tempo o conhecimento se tornou cada vez mais “especializado, restrito e fragmentado, o conhecimento passou a ser disciplinado e segregador” (Trindade, 2008, p. 67). Ainda segundo este autor,

Na ciência moderna, eleita a condutora da humanidade na transição das trevas para a luz, o conhecimento desenvolveu-se pela especialização e passou a ser considerado mais rigoroso quanto mais restrito seu objeto de estudo; mais preciso, quanto mais impessoal. **Eliminando o sujeito de seu discurso, deixou de lado a emoção e o amor**, considerados obstáculos à verdade (Trindade, 2008, p. 67, grifo nosso).

Trindade (2008, p. 67), também defende que apesar da evolução das ciências, os pesquisadores e cientistas delimitaram as fronteiras entre as áreas (disciplinas), mas esta “excessiva disciplinarização” das ciências transformou esses sujeitos em “ignorantes especializados”, pois se nas palavras dele, haviam “criado um pássaro” com “asas potentes” (o conhecimento), este ficava trancado em uma gaiola (uma única área).

Frente a essa realidade, Fazenda (2008), sugere uma mudança nesses paradigmas estabelecidos, ou seja, novas abordagens voltadas à interdisciplinaridade. Para Charaudeau (2013) a importância da interdisciplinaridade não está em sobrepor uma ciência à outra, tampouco abraçar todas as áreas simultaneamente, mas transpor o objeto de estudo para o foco de luz de disciplinas afins. Em outras palavras, atravessar diversas áreas do conhecimento em prol de um mesmo questionamento (Lohmann; Panosso Netto, 2012; Veal, 2011).

Dito isto, este pesquisador se convenceu de que a realização de uma pesquisa interdisciplinar possibilitaria a ampliação das inferências a respeito do fenômeno analisado, flexibilizaria o teor e manteria a pesquisa mais humanizada. Assim, a partir desse contexto, o entrelaçamento de temas pertinentes tanto à Geografia Cultural quanto ao Turismo e a áreas afins se apresenta como interdisciplinar em sua essência, em suas provocações e em sua formação.

Ao se aproximar da seara da pesquisa, nota-se pelas produções científicas que tanto a Geografia, quanto o Turismo e áreas afins, continuam a evoluir gradativamente (Sales, 2010). E, em seu cerne evolutivo, abriga debates a respeito do quão científico são os temas envolvidos por elas e o que ainda é preciso para que ambas as áreas continuem a evoluir (Panosso Netto, 2005; Panosso Netto; Castillo Nechar, 2014), uma vez que:

[...] o Turismo representa um elo entre diversas ciências, entre essas conexões está a Geografia, que tem uma história epistemológica conflitante, por estar entre as ciências naturais, humanas e sociais. Esse conflito epistemológico, que define sua base teórico-metodológica, é pertinente no Turismo, pois **possibilita uma discussão profunda na construção do seu referencial, categorias de análises, objeto de estudo, conceitos-chave, técnicas de pesquisa entre outros fundamentos** (Sales, 2010, pp. 279–280, grifo nosso).

Desse modo, quando se atribuem “filtros” como: paisagem, lugar, região e/ou território, enquanto categorias geográficas inerentes ao espaço geográfico, os resultados obtidos tendem a apresentar diferentes perspectivas de análise (Suertegaray, 2005, p. 58). Com isso, a Geografia Humanista inicia seu assentamento “na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência”, a partir de então o particular se torna singular, em vez de apresentar explicações, visa-se a compreensão do “mundo real” (Castro; Gomes; Corrêa, 2000, p. 30).

Porém, cabe lembrar que quando a representação e o imaginário ganharam força junto às Ciências Sociais, a Virada Cultural, na Geografia Humanista, passou a contrariar pesquisadores mais dogmáticos, que observaram o declínio de pesquisas positivistas e estruturalistas (Claval, 2007, 2011; Lévy, 2015).

A partir de então, uma gama de temas ganhou espaço na Geografia Cultural, como por exemplo, estudos voltados à religião, gênero, identidade, imaginário, representações e outros (Claval, 2024). A exemplo, na contemporaneidade, esse

escopo tem se ampliado, porém com outros focos, novas roupagens e novos resultados principalmente em tópicos relacionados às “culturas dos jovens, das mulheres, dos velhos; culturas do trabalho e culturas do lazer e do Turismo; cultura dos grupos dominantes e culturas das minorias e dos marginais entre outros (Costa, 2019, p. 194)”.

Apesar da relutância por parte dos pesquisadores mais conservadores, faz-se necessário o empenho em continuar a ampliação destes arcabouços temáticos, bem como atualizar conhecimentos existentes à luz da atualidade; de modo que novos temas possam ir, gradualmente, se consolidando como conhecimento teórico; como ocorrido com a própria Geografia Cultural (Sauer, 1997), pois:

O que nos parece essencial é a ideia de que **a Geografia Cultural completa** o campo da Geografia Social, que até pouco tempo não era suficientemente explorada: [...] ela acrescenta o que a abordagem sociocultural traz: **o papel dos meios de comunicação na difusão dos saberes, dos conhecimentos, das crenças e das emoções, a significação dos imaginários, as dinâmicas de identidade/mimese e de distinção como os processos de civilização ou de declínio**. A cultura se enriquece e se difrata nos enfrentamentos com os quais ela constantemente se depara, quer se trate da natureza, da paisagem ou do corpo. Ela é, em sua forma mais pura, representação da vida coletiva (Claval, 2024, par. 68, grifo nosso).

Assim, se o conhecimento está em constante construção, o enfoque epistemológico desta pesquisa auxilia na compreensão das escolhas tanto teóricas, quanto metodológicas. Nesse sentido, a epistemologia continua cumprindo esse papel, pois como mencionam Hernández-Sampieri *et al.* (2013, p. 30), em uma pesquisa acadêmica faz-se necessário o estabelecimento de “um conjunto de processos sistemáticos, críticos e empíricos aplicados no estudo de um fenômeno”.

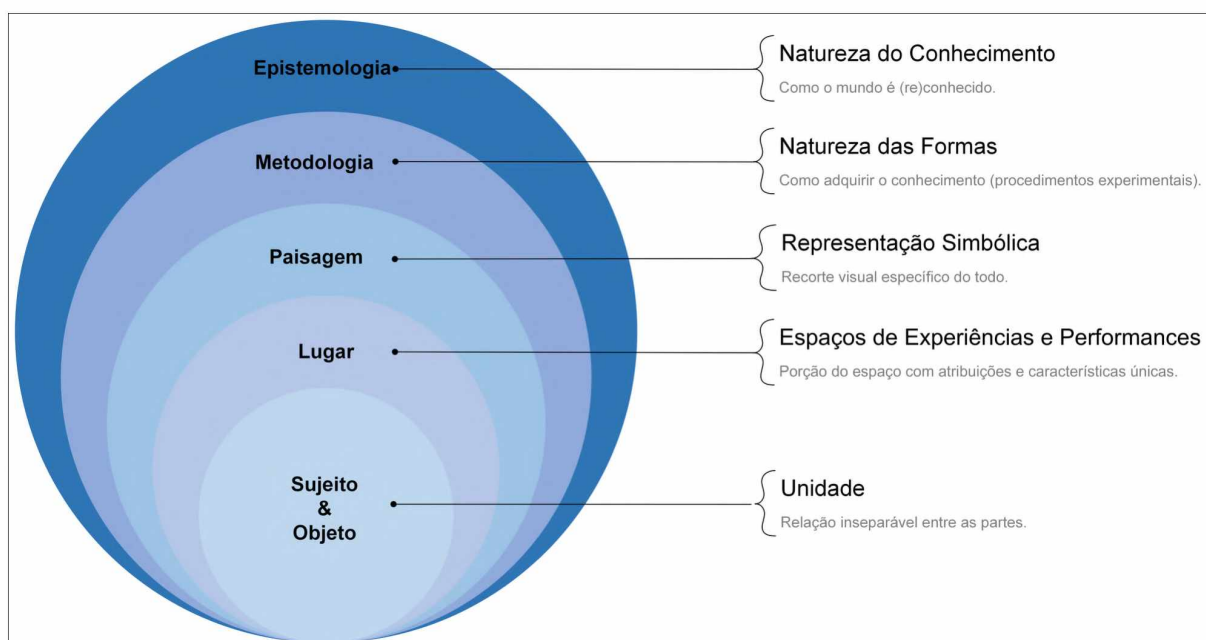
Então, a partir deste contexto, uma tese passa a vigorar como “[...] uma atividade lúdica que apanha diversas perspectivas em contraponto, exacerba dinamicamente os contrastes e nos faz descobrir uma nova maneira de ler ou ver o já visto ou lido” (Ferrara, 2019, p. XIV).

Deste modo, por mais que se almeje atingir o patamar do ineditismo, uma pesquisa deve buscar a compreensão ou interpretação de fenômenos conhecidos através de pontos de vistas específicos, pois a partir do momento que a ‘roda foi inventada’, não é necessário reinventá-la novamente, mas (re)interpretá-la mediante uma nova ótica. Com isso, inúmeros pesquisadores, vão adquirindo a capacidade de estabelecer questionamentos “mais delimitados graças à experiência e ao saber que

acumularam, à tradição científica de sua área [...]” (Laville; Dionne, 1999, p. 86).

Logo, a lente pela qual esta pesquisa se contempla ajusta o foco para a percepção e a representação. Assim, a partir desse entendimento, traça-se um caminho epistemológico (Figura 63), no qual inicia-se afastado do fenômeno, na esfera epistemológica, passando pela metodologia e teorias corroboradas por contribuições de autores interdisciplinares e seminais a respeito da paisagem e do lugar, até chegar à unidade de interação entre o sujeito e o objeto.

FIGURA 63 – NATUREZA EPISTEMOLÓGICA DA PESQUISA.



FONTE: O autor (2024).

Cabe enfatizar que, o lugar assume seu papel de categoria geográfica, enquanto a paisagem, apesar de também ser uma categoria geográfica, mas que aqui será interpretada como uma representação simbólica (cenário) presente no ambiente em que ocorrem as ações performáticas dos sujeitos.

Ao que compete à Fenomenologia, Marandola Jr. (2021), a descreve enquanto uma filosofia heterodoxa por não conduzir a um caminho fechado desde Edmund Husserl e isso se reflete em como os geógrafos, ao longo do tempo, vão beber, não necessariamente da mesma forma, nas fontes do conhecimento para seus trabalhos. Com isso, muitas vezes, na Geografia, essa incorporação é feita através de metodologias, o que torna comum localizar a fenomenologia como trabalho de campo, metodologia ou método (*Ibid.*, 2021).

Porém, nem sempre foi assim. A partir de Kant e Hegel, Edmund Husserl formula o “método fenomenológico” (Lima, 2014, p. 11), mas para muitos geógrafos,

a Fenomenologia Transcendental de Husserl era considerada de “difícil compreensão” (Holzer, 2008, p. 141). Consequentemente, a Fenomenologia, na visão de Amorim Filho (1999, pp. 84–85), ainda era considerada como algo distante à Geografia no que competia à necessidade da ampliação epistemológica e assimilação de bases filosóficas.

Neste cenário, a fenomenologia começou a aparecer de modo discreto e em momentos pontuais, como por exemplo, nos estudos de Carl Ortwin Sauer (geógrafo americano) nos anos 20 quando falou de paisagem e sujeito; posteriormente na obra de Éric Dardel⁷⁷ (2011), na Geografia Francesa (Marandola Jr., 2021).

Interessado pelo potencial fenomenológico, Edward Relph se torna o pioneiro em propor o uso da fenomenologia, na década de 1970, como um método capaz de “fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido, da experiência humana e [...] reconhecer as “essências” da estrutura perceptiva”; posteriormente Yi-Fu Tuan e outros pesquisadores abraçam a ideia e começam a empreender pesquisas de cunho fenomenológico (Holzer, 2008, p. 140). Porém, de acordo com Holzer (2008) foi John Pickles o primeiro geógrafo a investigar e utilizar uma Fenomenologia Geográfica e uma Geografia Fenomenológica em meados de 1985.

De lá para cá, a fenomenologia veio ganhando força, mas no Brasil ainda não aparecia com a mesma intensidade que em outros países (Marandola Jr., 2021). Desse modo, colocada à parte em processos mecanicistas, a fenomenologia passa a ser vista como “nova abordagem” em análises do comportamento do sujeito (Lima, 2014, p. 90).

De acordo com Marandola Jr. (2021), apesar dessas evoluções nas abordagens fenomenológicas, o campo ainda é emergente na Geografia contemporânea. Logo, torna-se mais interessante compreender a Fenomenologia como ampliação das possibilidades para os pesquisadores, do que tentar identificá-la ‘como’ e o ‘por que’, usá-la nessa área (*Ibid.* 2021).

Lima (2014, p. 9), enaltece que a fenomenologia foi uma das correntes “mais importantes” do século XX. Para Cerbone (2012, não paginado), apesar da extensa lista de fenomenólogos, considera Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty como “as figuras mais famosas no movimento fenomenológico”. A partir deste cenário, esta tese estabelece uma intenção

⁷⁷ Obra esta que ficou à margem porque não reverberava a Geografia que era feita na época.

fenomenológica a partir do amparo junto às reflexões, teorias e preceitos do filósofo Maurice Merleau-Ponty (2004, 2018).

Sobre esse filósofo, cabe destacar dois fatos: (i) Apesar de Maurice Merleau-Ponty não ser considerado um “husserliano” (Lima, 2014, p. 89), muitas das ideias de Merleau-Ponty foram influenciadas pela Fenomenologia de Husserl (Cerbone, 2012, não paginado); (ii) Merleau-Ponty foi influenciado pela Psicologia da Gestalt, nos anos 1930, em suma, essa teoria afirma que “o todo é anterior às partes, portanto, é mais do que sua soma” (Cerbone, 2012, não paginado).

Desse modo, a fenomenologia de Merleau-Ponty apresenta um foco voltado à percepção, primordial na relação entre sujeito e mundo, e no sujeito enquanto um corpo próprio (Lima, 2014, p. 89). Logo, a partir deste contexto, a fenomenologia é apreendida aqui como:

[...] o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: **a essência da percepção, a essência da consciência**, por exemplo. Mas a fenomenologia é também **uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua ‘facticidade’**. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também **uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico** (Merleau-Ponty, 2018, p. 01, grifo nosso).

Cabe destacar também que apesar de se apropriar da ideia de Husserl com o corpo sendo o “ponto zero de orientação” (Cerbone, 2012, não paginado), para Merleau-Ponty, o corpo para além desse marco inicial, é o “veículo” do sujeito no mundo; logo para se alcançar suas percepções e representações da realidade é necessário que esse corpo habite conscientemente o lugar (Lima, 2014, pp. 79–80).

Sobre essa relação entre sujeito e mundo circundante, Seamon (2013) propõe o uso de uma Geografia Fenomenológica denominada como “dança do lugar”, ou seja, por meio da movimentação cotidiana dos corpos desses sujeitos por lugares que possuem algum significado a ele, suas experiências e percepções ocorrerão com base na ação e reação ou “estímulo-resposta” (*Ibid.*, 2013, p. 11). Esse corpo torna-se então, simultaneamente, tanto o sujeito em si, quanto o seu ponto de ancoragem em relação ao mundo que o rodeia (Lima, 2014; Merleau-Ponty, 2018).

A partir deste arcabouço, Maurice Merleau-Ponty faz uma excelente analogia a partir da vela. Analogia esta que remonta a teoria semiótica do signo de Charles

Peirce (ícone, índice, símbolo), significado, significante (Nöth; Santaella, 2017; Santaella, 1983). De modo que, ao se observar uma vela, nota-se que ela é feita de cera (parafina), pode ter variados tamanhos, cores, aromas, mas o que as velas têm em comum entre elas e que as tornam reconhecíveis a todos os sujeitos é uma forma e uma função. Essa forma está associada à geometria (circular, quadrada, triangular e outras).

Para Merleau-Ponty (2018, p. 83), a visão sempre atribui uma “função” ao fenômeno em questão. Neste caso, ainda que existam diferentes tipos de velas, o que todas têm em comum é sua função; isto é, a “casca” (aquilo que está por fora, que é visível), que corresponde à informação à qual temos acesso, e frequentemente retroalimenta o senso comum de que aquilo é uma vela.

Nesse sentido, se a energia acaba, acende-se uma vela para iluminar; se alguém faz aniversário, acende-se uma vela para celebrar; em igrejas e rituais religiosos, acende-se uma vela para orar; e, em ocasiões românticas, acende-se uma vela para perfumar o ambiente e assim por diante.

Merleau-Ponty (2004), nos convida a pensar a fenomenologia da percepção como a desconstrução dessa vela para além do que é visto; uma vela feita com cera parafina branco-opaco, que quando derretida se torna transparente, ou seja, quando derretemos a vela, ela perde sua forma e perde sua função, mas em sua essência ela ainda será cera.

Assim são nossas percepções, representações e experiências enquanto sujeitos. Tudo possui, em maior ou menor grau, um nível de subjetividade que se oculta por formas e funções enquanto ‘cascas’ externas e/ou máscaras sociais, trajes arquetípicos e performances ensaiadas.

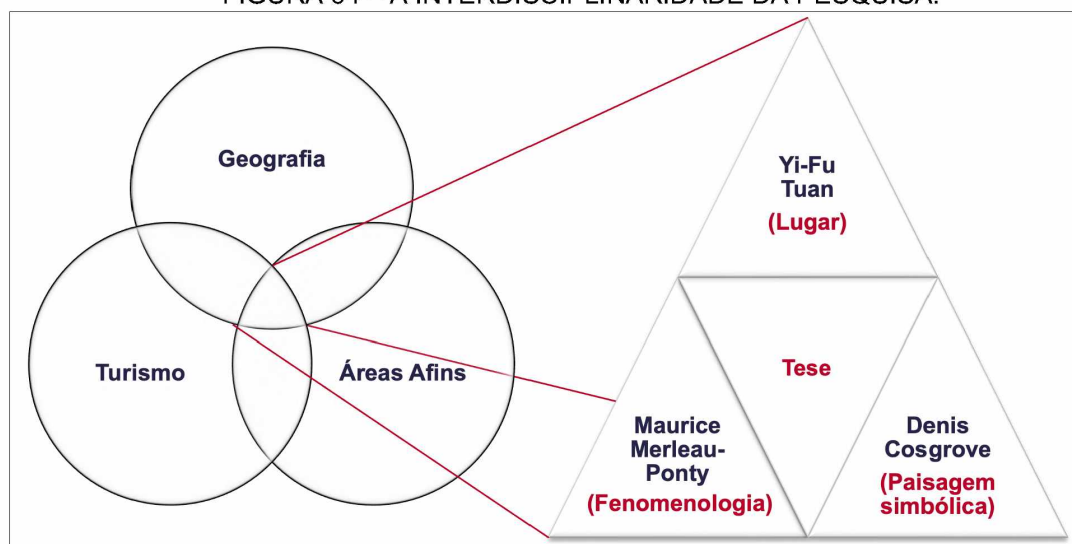
Igualmente, um atrativo turístico e/ou memorial étnico também se assemelha à vela, uma vez que possui uma forma e uma função. Por sua forma, tem-se a geometria da planta baixa, cuja função é ser um refúgio para a fauna urbana, um ponto de referência, um lugar para descansar, entreter, celebrar uma cultura, entre outras. Porém, quando metaforicamente o ‘derretermos’ ou o ‘desconstruímos’, ainda que ele perca sua função original, manterá sua essência. Será esta a essência⁷⁸ que

⁷⁸ Não confundir com a redução eidética de Edmund Husserl. Aqui a essência se encontra na subjetividade oculta por trás da fachada ou “casca visual” do lugar. Quase que uma leitura das entrelinhas ou o que não foi dito, mas foi experienciado.

almejamos, a partir da percepção atribuída pelos sujeitos que lá frequentam.

Dito isto, para dialogar com a fenomenologia das percepções de Maurice Merleau-Ponty (2018), essa pesquisa busca sustentação teórica em dois referenciais centrais: (i) Yi-Fu Tuan (1995, 2011, 2015, 2015a, 2015b), o qual atribuirá significado à denominação do lugar; (ii) Denis Cosgrove (1985, 1998, 2001, 2003, 2004, 2008, 2011) o qual apresentará o contexto cultural capaz de moldar as paisagens como simbólicas (Figura 64).

FIGURA 64 – A INTERDISCIPLINARIDADE DA PESQUISA.



FONTE: Adaptado de Charaudeau (2013); Jantsch (1972); Trindade (2008).

Com o intuito de se ampliar o arcabouço teórico interdisciplinar para além das fronteiras da Geografia Cultural, alinham-se aos teóricos seminais mencionados outros autores que também dialogam com essas áreas (vide marco teórico). Para tanto, a estrutura conceitual e metodológica será corroborada pelo emparelhamento de dados estabelecido entre teoria e prática conforme proposto por Laville e Dionne (1999). Assim, torna-se claro o estabelecimento da linearidade interdisciplinar do pensamento (vide Apêndice 5).

Em relação ao trabalho de campo, vale lembrar que alguns atrativos turísticos da cidade de Curitiba se destacam mais que outros, como por exemplo o Jardim Botânico com sua estufa e caminhos que rememoram os Jardins de Versalhes, os arcos do Parque Tanguá com sua cascata em contraste com a luz do pôr-do-sol, ou ainda a estrutura metálica da Ópera de Arame com sua ponte suspensa sobre um lago em meio à vegetação. Esses são alguns dos considerados cartões-postais oficiais da cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná.

O Instituto Municipal de Turismo de Curitiba reconhece oficialmente apenas

nove memoriais na capital (Curitiba, 2023d). Oito deles não foram considerados nesta pesquisa por não se adequarem à proposta (Quadro 4).

QUADRO 4 – MEMORIAIS OFICIAIS DESCONSIDERADOS.

MEMORIAL	LOCALIZAÇÃO	MOTIVO DE EXCLUSÃO
Memorial Africano	Bairro Pinheirinho	Apesar do teor étnico, não faz parte da Linha Turismo, é pouco divulgado turisticamente e a movimentação, em suma, é dos moradores da região.
Memorial Árabe (Praça Gibran Khalil Gibran)	No Centro	Apesar de ser contemplado pela Linha Turismo e possuir teor étnico, a visitação é baixa. A concorrência também é desleal em relação ao Passeio Público, localizado ao lado, também contemplado pela Linha Turismo.
Memorial da Imigração Polonesa (Bosque do Papa)	Bairro Centro Cívico	É contemplado pela Linha Turismo, de modo que a movimentação se intensifica apenas após a passagem do ônibus turístico.
Memorial da Segurança no Transporte	Bairro Cidade Industrial	Narra a história do sistema de transporte curitibano. Não possui teor étnico, logo destoa do escopo da pesquisa.
Memorial de Curitiba⁷⁹	Bairro São Francisco	É um museu com anexo para a realização de eventos e exposições. Faz parte da Linha Turismo, residentes o procuram sumariamente durante eventos.
Memorial Dr^a Zilda Arns Neumann (Museu da Vida)	Bairro Mercês	Possui uma parceria com a Pastoral da Criança e traz como homenagem o nome de sua fundadora. Também teor étnico, e destoa do escopo da pesquisa.
Memorial Paranista	Bairro São Lourenço	Faz parte da Linha Turismo. Apresenta a história, artefatos relacionados à descoberta e evolução do Paraná, mas pouco frequentado por residentes. A movimentação de residentes está diretamente atrelada ao Parque São Lourenço, em anexo.
Memorial Ucraniano	Bairro Pilarzinho	Por ser contemplado pela rota turística, a movimentação se intensifica apenas com a passagem do ônibus da Linha Turismo.

FONTE: O autor (2025) com base em IMT (2025b).

⁷⁹ Cabe salientar que apesar do Memorial de Curitiba ser reconhecido como Pavilhão Étnico, este lugar vigora como uma zona neutra de convergência a todas as etnias presentes na cidade. Logo, é comumente reconhecido com uma área para realização eventos, exposições e apresentações culturais étnicas e não étnicas. Assim, por não apresentar uma unicidade e perante a sazonalidade que o impera, este memorial não foi considerado nesta pesquisa.

Cabe salientar que durante a realização dessa pesquisa, apesar de haver uma placa de Memorial Inglês junto a Praça Gomm, no Bairro Batel, este não entrou para as análises, pois até término desta pesquisa, esse memorial étnico não figurava no *hall* oficial dos memoriais divulgados e reconhecidos pelo Instituto Municipal de Turismo de Curitiba, bem como não faz parte da Linha Turismo, consequentemente é frequentado majoritariamente por moradores da região do que por turistas.

Assim, esta pesquisa optou por analisar o Memorial da Imigração Japonesa, popularmente conhecido como Praça do Japão. A justificativa pela escolha do memorial étnico Praça do Japão, em detrimento a outros Memoriais Étnicos (vide Anexo 1), ocorreu devido ao fato dele ser reconhecido como um memorial étnico oficial junto ao Instituto Municipal de Turismo de Curitiba⁸⁰, e mesmo que não esteja integrada à Linha Turismo sua fama a precede e com um dos cartões-postais (não oficiais) da cidade, fato que mantém uma visitação constante.

Devido ao fato da etnicidade estar presente ao longo dessa pesquisa no que compete ao fenômeno e as relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos envolvidos – turistas e/ou residentes – independentemente de serem ou não descendentes⁸¹, validou-se a escolha da Praça do Japão em decorrência à sua ligação com uma cultura étnica, nomenclatura, função do atrativo, peculiaridades e especificidades, tipo de arquitetura e elementos visuais.

Em relação à delimitação temporal, apesar de a pesquisa apresentar um resgate histórico/ documental em que se enaltece as transformações desse memorial étnico, o recorte compreende uma realidade apreendida entre os anos de 2021 e 2025, período de realização da pesquisa.

Metodologicamente, em relação à Praça do Japão, notou-se a existência de uma relação emocional com o espaço em detrimento de outras praças, uma espécie de ponte temporal com o passado, porém não foram encontrados estudos que abarcassem a percepção entre os diferentes sujeitos que a frequentam. A partir deste contexto, esta lacuna passou a vigorar nesta tese ancorada pelas experiências e performances, concomitantemente aos aspectos emocionais e afetivos dos sujeitos que a visitam.

⁸⁰ Guia de Museus e Memórias de Curitiba. Disponível em <https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/preview/aPGd69eYydrdA04HulxuClimgln/ElrSncEIHT8yg=>

⁸¹ Cabe salientar a existência de indivíduos com etnia indefinida, parcialmente desconhecida ou mista. Resultado da miscigenação entre etnias e gerações.

Destaca-se também que, apesar de muitos produtos qualitativos (monografias, dissertações, teses e artigos) apresentarem hipóteses, cabe (re)lembrar que uma hipótese se configura como um elemento presente em pesquisas de cunho positivista. Logo, por se tratar de uma pesquisa com direcionamentos fenomenológicos e contrariando alguns padrões academicistas vigentes, no que compete o escopo epistemológico, esta tese não adotou o uso de hipóteses⁸² uma vez que cabe ao pesquisador (imerso no contexto curitibano) o papel de interpretar a realidade subjetiva dos sujeitos e não realizar previsões.

Pacheco Júnior *et al.* (2007, p. 13), sugere que ao realizar uma pesquisa o “ideal é o pesquisador ‘se afastar’ do problema, realizando um diagnóstico inicial sem qualquer tomada de posicionamento quanto às possíveis soluções. Porém, cabe salientar que em relação à neutralidade, Demo (2002, p. 25) argumenta que não existe neutralidade na ciência, visto que a ciência trabalha como elementos, construídos, históricos, que já estão enraizados ideologicamente, cujos resultados de outros pesquisadores insistem na pregação objetiva e neutra.

Neste direcionamento, o autor destaca que “se a ciência fosse objetiva e neutra não seria questionável”. Ainda em concordância com Demo (2002, p. 16), a ciência possui “tantos acordos, quanto polêmicas, o que desde logo, revela ser a dúvida a parte central da ciência. Não que ela seja propriamente duvidosa, mas será impossível fazer ciência sem polêmica”.

Cientificamente, é comum a ocorrência de ruídos entre ter um problema ou uma problemática. Nas palavras de Laville e Dionne (1999, p. 98), a problemática é o “quadro no qual se situa o problema”. Em linhas gerais, o problema é visto como a ponta do *iceberg*, ou seja, uma única pergunta; já a problemática, parte submersa e mais ampla, é um “conjunto dos fatores que fazem com que o pesquisador se conscientize de um determinado problema” (*Ibid.*, 1999, p.98).

Assim, ao empreender essa pesquisa, apresenta-se a seguinte problemática: Qual é a percepção dos diferentes sujeitos em relação ao memorial étnico Praça do Japão? Como essa percepção pode expressar e materializar uma representação afetiva? Para isso, de modo geral, busca-se compreender a perspectiva emocional e

⁸² Como lembra Magalhães (2005, p. 175), Newton buscou se distanciar do positivismo optando por ignorar as hipóteses e se satisfazer apenas com o fenômeno, que naquele caso se tratava de seus estudos a respeito da gravidade.

simbólica do lugar a partir das percepções, experiências e performances dos frequentadores no memorial étnico Praça do Japão.

De modo a complementar a pesquisa, foram estabelecidos três objetivos específicos cuja função determina: (i) Demonstrar as percepções enaltecidas durante as visitas ou apenas passagens pelo local; (ii) Investigar de que maneira a paisagem da Praça do Japão nutre afetos junto aos seus visitantes/frequentadores enquanto memória funcional pessoal e social (coletiva); (iii) Produzir uma representação a partir das percepções e experiências dos visitantes/frequentadores da Praça do Japão.

Note que o percurso linear pré-estabelecido a partir dos objetivos específicos, por intermédio de uma análise perceptiva subjetiva, resultará na materialização das experiências, a qual tenciona a composição da Cartografia Experiencial Afetiva (CEA)⁸³.

De acordo com Magalhães (2005, p. 226), método (do grego *meta* + *hodos*) significa “através ou ao longo do caminho”. Logo, o caminho que se pretende trilhar na busca de respostas. Para Marradi (2002), na concepção científica, toda pesquisa apresenta: técnica (padrão acadêmico e científico, em outras palavras é o saber fazer), método (caminho ou percurso para atingir os objetivos ou a combinação das técnicas) e uma metodologia (a reflexão e a análise do conjunto de procedimentos).

Assim, dentre os procedimentos metodológicos adotados, elegeu-se uma metodologia híbrida⁸⁴ entendida como um desenho combinado, desenvolvido exclusivamente para essa pesquisa, cujo *design* ilustra os caminhos e conexões estabelecidas de maneira eficiente.

Para essa pesquisa empírica, tem-se, portanto, uma natureza qualitativa⁸⁵ (Creswell, 2014; Denzin; Lincoln, 2006; Flick, 2009; Yin, 2016), que objetiva ser exploratória-descritiva (Gil, 2017); com uma combinação entre abordagem

⁸³ Implicitamente, cabe ressaltar que toda pesquisa é uma espécie de cartografia, uma vez que o pesquisador delimita um percurso a ser seguido, almeja onde espera chegar, gostando ou não de suas tomadas de decisão. Assim, por se tratar de uma metodologia ativa, a proposta de se criar uma Cartografia Experiencial Afetiva, visa a humanização das subjetividades dos sujeitos envolvidos com a pesquisa.

⁸⁴ Um diferencial na escolha e aplicação de um desenho metodológico híbrido encontra-se no fato de estar voltado a resultados sensíveis. Por resultados sensíveis, entenda-os como opostos aos resultados obtidos nas ditas ‘ciências duras’ e metodologias únicas.

⁸⁵ Enfatiza-se que apesar de a pesquisa apresentar alguns números, esses dados numéricos não são suficientes para configurar a pesquisa como quantitativa ou mista. Sua função é apenas para exemplificar o contexto. Ainda que o recorte amostral analisado seja pequeno, é significativo e representa um recorte da realidade cultural e étnica da Praça do Japão, em Curitiba/PR.

fenomenológica (Merleau-Ponty, 2018), levantamento histórico, hemerográfico (notícias), iconográfico (acervo fotográfico e planta baixa), trabalho de campo (com método de observação não participante (Marietto, 2018), diário de campo, registros fotográficos), Análise de Conteúdo (Bardin, 2016) e técnicas de representação cartográfica.

Desse modo, essa metodologia híbrida foi conformada em concordância com os objetivos pré-estabelecidos. Isso quer dizer que após aprofundamento teórico-metodológico constatou-se que esse seria o melhor percurso a ser seguido para a obtenção dos resultados. Dada essa configuração, a pesquisa se conforma como um projeto aberto, ou seja, os resultados sempre serão diferentes quando replicados em qualquer recorte espaço temporal.

A vantagem neste tipo de pesquisa encontra-se como possibilidade para diferentes interpretações a cada nova ida a campo, pois mediante monitoramentos, e de acordo com as mudanças na sociedade, na paisagem, nos frequentadores, quanto mais recentes forem os dados obtidos, mais ampla e diversa serão as interpretações. Com isso, a partir de uma amostra longitudinal torna-se possível contemplar essas nuances ou variações (perceptivas, representacionais, afetivas e/ou outras) em relação ao lugar.

No que compete à pesquisa ser exploratória, Pacheco Júnior *et al.* (2007, p. 09), menciona que este objetivo “constitui o primeiro estágio de uma pesquisa científica, uma vez que caracteriza, classifica e define o problema. Bem como, “permite ao pesquisador aumentar sua experiência em torno de um certo tópico-problema. Pode servir de ponto de partida para futuros estudos descritivos em que o pesquisador irá aprofundar o que estudou [...]” (Triviños 1987 *apud* Teixeira, 2009, p. 124).

Por sua vez, um objetivo descritivo, segundo Pacheco Júnior *et al.* (2007, p. 81), busca: (i) revelar as relações entre os elementos do objeto de estudo; (ii) necessita de um planejamento de investigação bem estruturado; (iii) a definição das técnicas deve ser clara; (iv) deve-se dar maior importância na descrição do processo em que as variáveis se relacionam; (v) descrever o fenômeno quando parâmetros de causa(s) e efeito(s) são conhecidos ou estabelecidos.

Quanto à representação simbólica da Praça do Japão, o pesquisador buscou inspiração na Metodologia Kozel (Mapas Mentais), que conceitualmente, “constitui-se em um recurso para representar detalhadamente as conexões existentes entre as

informações, que muitas vezes se acham fragmentadas e pulverizadas, tornando-as mais visíveis” (Kozel, 2018b, p. 32). Em outras palavras, os mapas mentais não são apenas desenhos, mas narrativas que carregam o ponto de vista único de diferentes sujeitos (Kozel, 2018b).

Ainda segundo Kozel (2018b, p. 31), se a premissa dos Mapas Mentais, desenvolvida por Tony Buzan, era voltada para a “perspectiva da informação, memorização e planejamento”; a “Metodologia Kozel” ou Mapas Mentais, converge para a representação mental dos sujeitos, que munidos de sua arte livre, expressa a representação de um determinado contexto para si (seja sua: vida, rotina, rua, escola, ou a realidade de seu bairro, região, cidade ou país; entre outros), que será decodificado e interpretado pelo pesquisador.

Historicamente, quando os “mapeamentos cartográficos convencionais” abriram fronteiras para “representações livres advindas da percepção do espaço” (Kozel, 2018, pp. 19–20), também viriam a contribuir significativamente com a utilização dos mapas mentais, e sua utilização foi sendo cada vez mais valorizada e presente.

Nesse ponto, surgiu o seguinte questionamento: se a ideia dos Mapas Mentais é justamente “mapear os pensamentos” (Kozel, 2018b, p. 32), e se “o mundo é visto e experimentado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações em que se encontram sobrepostos valores, sentimentos, atitudes, vivências, entre outros” (Kozel, 2018b, p. 45); por que não ajustar, de forma respeitosa e ética, este percurso? E se em vez dos sujeitos produzirem representações para serem decodificadas, coubesse ao pesquisador decodificar os dados, interpretá-los e transformá-los em uma representação universal dessas experiências, intenções e subjetividades dos sujeitos?

Ao decidir trilhar por este caminho, o principal desafio seria: Como ‘entrar na mente’ dos sujeitos para obter as informações necessárias? A alternativa encontrada foi a utilização de um formulário eletrônico (*e-form*), pois de acordo com Capistrano *et al.* (2022) o uso do *e-form* possui eficiência metodológica frente a um público geograficamente indefinido (neste caso, composto por residentes e turistas).

Para Teixeira (2009, p. 126), um dos aspectos definidores para a realização deste tipo de *survey* é que “os estudos são realizados em amostras representativas para que os resultados possam ser ampliados à população”. Com isso, esse tipo de estratégia para coletar dados, se mostra eficiente, pois a filtragem dos sujeitos

ocorrerá somente durante o tratamento dos dados.

Definido o caminho para obtenção de dados, foi realizado um pré-teste⁸⁶ de 30 de julho de 2023 a 30 de julho de 2024 com o intuito de efetuar os ajustes necessários. Após a realização desses ajustes, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais – CEPCHS da Universidade Federal do Paraná – UFPR sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE nº 83618024.6.0000.0214 com parecer número 7.256.429 aprovado em 28 de novembro de 2024. Logo, seguiu-se todos os procedimentos necessários para salvaguardar a identidade dos participantes. A seguir, apresenta-se na íntegra a estrutura do formulário destinado aos frequentadores da Praça do Japão, em Curitiba (Quadro 5).

QUADRO 5 – ESTRUTURA DOS E-FORMS APLICADOS A RESIDENTES E TURISTAS.

APRESENTAÇÃO:
<p>Explorando a percepção e a emoção por meio dos sentidos em Memoriais Étnicos de Curitiba/PR</p> <p>Caro(a), participante,</p> <p>É com grande satisfação que lhe damos as boas-vindas a esta pesquisa! Agradecemos desde já o seu tempo e interesse em contribuir com suas opiniões e informações valiosas para o desenvolvimento deste estudo. Com sua colaboração, estaremos um passo mais próximos de alcançar nossos objetivos e contribuir significativamente com o avanço do conhecimento.</p> <p>O objetivo desta pesquisa é coletar informações a respeito de suas percepções em atrativos turísticos étnicos de Curitiba/PR. Suas respostas nos ajudarão a obter insights significativos e aprofundados sobre esse tema. Os resultados serão apresentados na forma de tese e artigos.</p> <p>*** Confidencialidade e Anonimato: Gostaríamos de ressaltar que todas as informações fornecidas nesta pesquisa serão tratadas de forma estritamente confidencial. Garantimos que suas respostas serão anônimas, ou seja, não haverá nenhum tipo de identificação pessoal associada aos seus dados assegurando sua privacidade.</p> <p>Instruções:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Leia cada pergunta cuidadosamente e responda com sinceridade e honestidade. Sua opinião é fundamental para o sucesso deste estudo. 2. Caso uma pergunta não se aplique a você ou você não saiba a resposta, fique à vontade para selecionar a opção “Não sei” ou deixá-la em branco, se for o caso. 3. Utilize as opções de resposta fornecidas ou, quando necessário, escreva sua resposta de forma clara e objetiva. 4. Certifique-se de que suas respostas reflitam seu ponto de vista e experiências pessoais. Não existem respostas certas ou erradas, o importante é a sinceridade.

⁸⁶ As respostas obtidas durante o pré-teste não foram consideradas.

5. Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa ou durante o preenchimento do questionário, não hesite em entrar em contato conosco através do e-mail guissoni@ufpr.br.
6. O tempo médio gasto para responder este formulário varia entre 01 e 06 minutos, aproximadamente.

Atenciosamente,

Rodrigo Guissoni - Doutorando em Geografia
Marcos Alberto Torres - Orientador
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Termo de Consentimento:

1. Aceito que as respostas fornecidas por mim neste formulário sejam tratadas com rigoroso sigilo e confidencialidade.
 2. Compreendo que todas as informações manterão o anonimato dos participantes, preservando assim sua confidencialidade.
 3. Entendo que todos os dados serão utilizados apenas para fins de análise e elaboração de resultados acadêmicos e que estes resultados poderão ser publicados ou apresentados em eventos científicos desde que meu nome e quaisquer informações que possam identificar minha pessoa sejam ocultados.
 4. Compreendo que não existem riscos significativos à minha saúde ou segurança decorrentes da minha participação nesta pesquisa.
 5. Declaro que as fotografias, caso as envie, são de minha autoria.
 6. Autorizo a reprodução das fotos que envio, desde que seja preservada a privacidade (para garantir o anonimato das pessoas presentes nas fotos, peço que desfoque seus rostos).
 7. Tenho ciência que posso esclarecer minhas dúvidas com os responsáveis pela pesquisa, através do e-mail mencionado.
 8. Ao enviar minhas respostas, declaro que a minha participação nesta pesquisa é voluntária e que tenho o direito de desistir de participar a qualquer momento, sem que isso acarrete qualquer penalização ou prejuízo para mim.
- *** Este Termo de Consentimento juntamente com as respostas obtidas ficarão arquivados com os responsáveis pela pesquisa.

Declaro que li e compreendi devidamente o termo de consentimento desse formulário.	<input type="checkbox"/> Aceito participar da pesquisa por livre e espontânea vontade (redireciona para a seção I) <input type="checkbox"/> Não concordo com os termos e não desejo participar da pesquisa. (redireciona para os agradecimentos)
SEÇÃO I: TRIAGEM	
Quando você está respondendo este formulário:	<input type="checkbox"/> Não me encontro no atrativo neste momento. <input type="checkbox"/> Estou no atrativo enquanto respondo este formulário.

Quanto ao seu gênero , você se considera:	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Não-binário <input type="checkbox"/> Prefiro não dizer <input type="checkbox"/> Outro _____.
Qual é a sua idade ?	<input type="checkbox"/> 18 a 29 anos. <input type="checkbox"/> 30 a 39 anos. <input type="checkbox"/> 40 a 49 anos. <input type="checkbox"/> 50 a 59 anos. <input type="checkbox"/> 60 a 69 anos. <input type="checkbox"/> 70 a 79 anos. <input type="checkbox"/> 80 anos ou mais. <input type="checkbox"/> Prefiro não dizer.
Qual a sua nacionalidade ? (em que país nasceu)	
Como você se identifica	<input type="checkbox"/> Possuo moradia em Curitiba: Sou um(a) residente. (redireciona para a seção II) <input type="checkbox"/> Não possuo residência em Curitiba: Sou um(a) turista. (redireciona para a seção III)
SEÇÃO II: PARA QUEM RESPONDEU “POSSUO MORADIA EM CURITIBA: SOU UM(A) RESIDENTE.”	
Quanto tempo reside em Curitiba	<input type="checkbox"/> Moro em Curitiba desde que nasci. <input type="checkbox"/> 1 ano ou menos. <input type="checkbox"/> Entre 2 e 5 anos. <input type="checkbox"/> Entre 6 e 10 anos. <input type="checkbox"/> Mais de 10 anos.
Em que bairro você reside atualmente	
Levando em consideração as etnias: árabe, africana, japonesa, polonesa e ucraniana, como você se identifica? (Se possuir uma descendência diferente das mencionadas escreva qual a sua descendência em “Outros”)	<input type="checkbox"/> Não sei minha descendência. <input type="checkbox"/> Sou descendente de árabes. <input type="checkbox"/> Sou descendente de africanos. <input type="checkbox"/> Sou descendente de ingleses/britânicos. <input type="checkbox"/> Sou descendente de japoneses. <input type="checkbox"/> Sou descendente de poloneses. <input type="checkbox"/> Sou descendente de ucranianos. <input type="checkbox"/> Outros _____.
Você já visitou ou tem o costume de frequentar a Praça do Japão - também conhecido como Memorial da Imigração Japonesa?	<input type="checkbox"/> Sim. (continua com formulário) <input type="checkbox"/> Não. (redireciona para os agradecimentos)

Com que frequência você vai ou passa por esse atrativo?	<input type="checkbox"/> Vou às vezes. Sem data planejada. <input type="checkbox"/> Não vou ao atrativo, apenas passo por ele a caminho dos meus compromissos. <input type="checkbox"/> Vou de 1 a 3 vezes por semana. <input type="checkbox"/> Vou de 4 a 6 vezes por semana. <input type="checkbox"/> Vou todos os dias.
Qual o horário que melhor define seu contato com esse atrativo étnico? (Frequentando ou apenas passando)	<input type="checkbox"/> Antes das 06h00 da manhã. <input type="checkbox"/> Entre 06h00 e 09h00 da manhã. <input type="checkbox"/> Entre 09h00 e meio-dia. <input type="checkbox"/> Entre meio-dia e 15h00 horas. <input type="checkbox"/> Entre 15h00 e 18h00 horas. <input type="checkbox"/> Entre 18h00 e 21h00 horas. <input type="checkbox"/> Entre 21h00 e meia-noite. <input type="checkbox"/> Entre meia-noite e 06h00 da manhã.
O que te motiva a ir ou passar por esse atrativo?	
Como é sua experiência ou rotina de ida ou passagem pelo atrativo? (Descreva brevemente)	
Qual a probabilidade de você recomendar esse atrativo para alguém que não o conheça?	<p style="text-align: center;">Escala Likert</p> <p style="text-align: center;">Nada provável (0) a (5) Extremamente provável</p>
Como você descreveria o atrativo para outras pessoas que não frequentam esse lugar?	
Exercício sinestésico: Um exercício sinestésico é uma atividade que envolve a estimulação de diferentes sentidos no corpo, como visão, audição, olfato, tato e paladar. Esse tipo de exercício estimula diferentes partes do cérebro e melhora a capacidade de perceber a realidade de forma mais eficiente.	
Em uma palavra, o que o atrativo significa para você?	
Qual parte do atrativo você mais gosta e por quê?	
Qual parte do atrativo você menos gosta e por quê?	
Nesse atrativo, o que mais chama a atenção do seu olhar ?	
Se você fechar os olhos, o que você ouve no atrativo? Na sua opinião esse som é o ideal?	

Qual cheiro você consegue identificar no atrativo?	
No atrativo, o que você gostaria de tocar com as mãos ou com os pés?	
Qual sabor você associa a esse atrativo?	
Já fotografou o atrativo?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Para qual finalidade você fotografou o atrativo? <i>(Você pode marcar mais de uma opção)</i>	<input type="checkbox"/> Para postar nas Redes Sociais (Facebook, Instagram, outros). <input type="checkbox"/> Para guardar como lembrança da minha viagem. <input type="checkbox"/> Para imprimir ou presentear alguém como um souvenir. <input type="checkbox"/> Outros _____.
Para fins acadêmicos, você pode nos enviar uma(s) foto(s) de sua experiência no atrativo? <i>(Sua privacidade é importante para nós. Assim, caso apareçam pessoas na(s) foto(s) nós nos comprometemos a desfocar os rostos para que não sejam identificadas)</i>	<input type="checkbox"/> Sim. (Você pode enviar até 5 fotos com tamanho máximo de cada foto em 10 MB) <input type="checkbox"/> Não (redireciona para os agradecimentos).
Por que você escolheu enviar essa(s) fotografia(s) e não outras?	
SEÇÃO III: NÃO POSSUO RESIDÊNCIA EM CURITIBA: SOU UM(A) TURISTA.	
Em relação à cidade de Curitiba :	<input type="checkbox"/> Esta é sua primeira vez na cidade. <input type="checkbox"/> Já estive em Curitiba outras vezes.
Qual a sua cidade de origem ?	
Qual o principal motivo de sua visita a Curitiba?	<input type="checkbox"/> Férias. <input type="checkbox"/> Negócios. <input type="checkbox"/> Eventos. <input type="checkbox"/> Visita a familiares ou amigos. <input type="checkbox"/> Saúde. <input type="checkbox"/> Estudos. <input type="checkbox"/> Religioso. <input type="checkbox"/> Outros _____.

Quantos dias pretende ficar em Curitiba?	<input type="checkbox"/> Menos de 01 dia. Estou de passagem. <input type="checkbox"/> De 01 a 03 dias. <input type="checkbox"/> De 04 a 07 dias. <input type="checkbox"/> Mais de 07 dias.
Levando em consideração as etnias: árabe, africana, inglesa, japonesa, polonesa e ucraniana, como você se identifica? <i>(Se possuir uma descendência diferente das mencionadas escreva qual a sua descendência em "Outros")</i>	<input type="checkbox"/> Não sei minha descendência. <input type="checkbox"/> Sou descendente de árabes. <input type="checkbox"/> Sou descendente de africanos. <input type="checkbox"/> Sou descendente de ingleses/britânicos. <input type="checkbox"/> Sou descendente de japoneses. <input type="checkbox"/> Sou descendente de poloneses. <input type="checkbox"/> Sou descendente de ucranianos. <input type="checkbox"/> Outros _____.
Você já visitou ou tem o costume de frequentar a Praça do Japão - também conhecido como Memorial da Imigração Japonesa?	<input type="checkbox"/> Sim. (continua com formulário) <input type="checkbox"/> Não. (redireciona para os agradecimentos)
Em que horário você realizou a visita ao atrativo?	<input type="checkbox"/> Antes das 06h00 da manhã. <input type="checkbox"/> Entre 06h00 e 09h00 da manhã. <input type="checkbox"/> Entre 09h00 e meio-dia. <input type="checkbox"/> Entre meio-dia e 15h00 horas. <input type="checkbox"/> Entre 15h00 e 18h00 horas. <input type="checkbox"/> Entre 18h00 e 21h00 horas. <input type="checkbox"/> Entre 21h00 e meia-noite. <input type="checkbox"/> Entre meia-noite e 06h00 da manhã.
O que te motivou a ir até esse atrativo?	
Como foi sua experiência durante a visita ao atrativo? <i>(Descreva brevemente)</i>	
Qual a probabilidade de você recomendar esse atrativo para alguém que não o conheça?	Escala Likert Nada provável (0) a (5) Extremamente provável
Como você descreveria o atrativo para outras pessoas que não realizaram a visitação?	
Exercício sinestésico Um exercício sinestésico é uma atividade que envolve a estimulação de diferentes sentidos no corpo, como visão, audição, olfato, tato e paladar. Esse tipo de exercício estimula diferentes partes do cérebro e melhora a capacidade de perceber a realidade de forma mais eficiente.	

Em uma palavra, o que o atrativo significou para você?	
Qual parte do atrativo você mais gostou e por quê?	
Qual parte do atrativo você menos gostou e por quê?	
Nesse atrativo, o que mais chamou a atenção do seu olhar ?	
Se você fechasse seus olhos, que som você ouviria no atrativo? Na sua opinião esse som é o ideal?	
Qual cheiro você conseguiu identificar no atrativo?	
No atrativo, o que você gostaria de tocar com as mãos ou com os pés?	
Qual sabor você associaria a esse atrativo?	
Já fotografou o atrativo?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Para qual finalidade você fotografou o atrativo? <i>(Você pode marcar mais de uma opção)</i>	<input type="checkbox"/> Para postar nas Redes Sociais (Facebook, Instagram, outros). <input type="checkbox"/> Para guardar como lembrança da minha viagem. <input type="checkbox"/> Para imprimir ou presentear alguém como um souvenir. <input type="checkbox"/> Outros _____.
Para fins acadêmicos, você pode nos enviar uma(s) foto(s) de sua experiência no atrativo? <i>(Sua privacidade é importante para nós. Assim, caso apareçam pessoas na(s) foto(s) nós nos comprometemos a desfocar os rostos para que não sejam identificadas)</i>	<input type="checkbox"/> Sim. (Você pode enviar até 5 fotos com tamanho máximo de cada foto em 10 MB) <input type="checkbox"/> Não (redireciona para os agradecimentos).
Por que você escolheu enviar essa(s) fotografia(s) e não outras?	

SEÇÃO IV: COMENTÁRIOS, CRÍTICAS E SUGESTÕES	
Gostaria de deixar algum comentário, sugestão, crítica, elogios?	
Caso queira receber uma cópia da tese, após a defesa, deixe seu e-mail. <i>(opcional)</i>	

SEÇÃO V: AGRADECIMENTOS

FONTE: O autor (2023).

Para o pré-teste, apenas o *link* do *e-form* em conjunto com as explicações necessárias, foram disseminados em grupos de Curitiba na rede social *Facebook*, bem como o envio via *WhatsApp* para contatos indicados (vide Técnica Bola de Neve (Vinuto, 2014)). Após a realização de um pré-teste foi possível efetuar os ajustes necessários e constatar que esse caminho seria possível, uma vez que este *e-form* continha os principais tópicos que o pesquisador pretendia investigar.

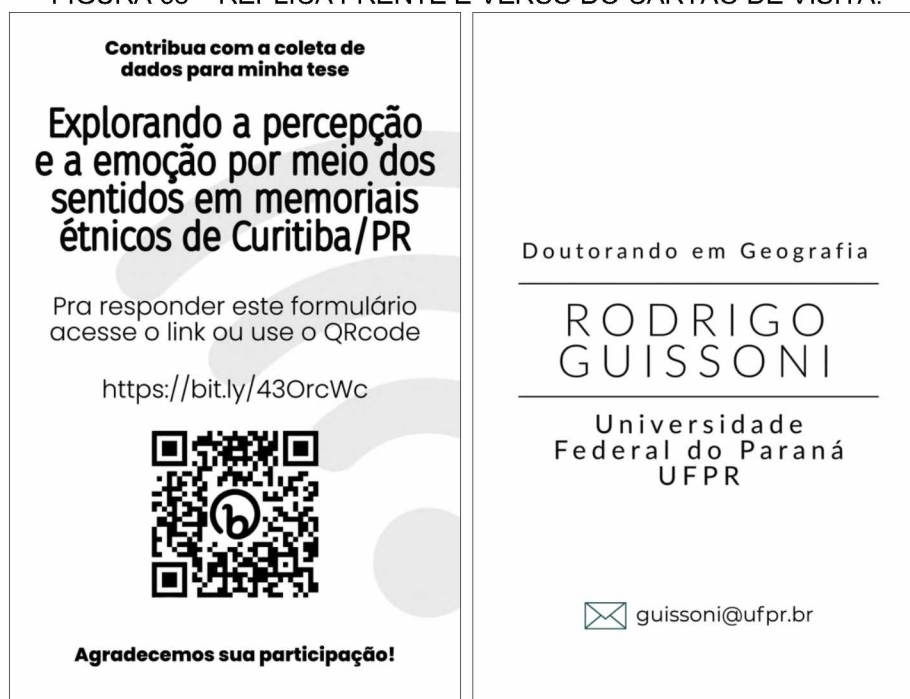
Salienta-se que o *e-form* foi pensado para ser padronizado em seções, ou seja, dependendo da resposta do sujeito, ele se ampliava ou se finalizava, garantindo assim uma filtragem prévia dos participantes. Esta padronização contribui com a assertividade na obtenção dos dados uma vez que o sujeito visualizava “as questões formuladas da mesma maneira, na mesma ordem e acompanhada da mesma opção de resposta”; já o anonimato, visava “facilitar a tarefa deles”, uma vez que ao não se identificar, tendiam a ser mais sinceros nas respostas, sem qualquer ônus ou represália (Laville; Dionne, 1999, pp. 184–185).

Durante a tomada de decisão a respeito da plataforma onde seria hospedado o formulário eletrônico (*e-form*), levou-se em consideração as inúmeras funcionalidades de três diferentes plataformas, pagas e gratuitas. Dentre elas, *SurveyMonkey*, *Google Forms* e *Microsoft Forms*. Optou-se por essas três plataformas em decorrência ao tempo que estão no mercado e pelo histórico na obtenção de resultados satisfatórios por parte de outros pesquisadores. Porém, como já era de se esperar as plataformas gratuitas se limitavam na oferta de recursos, tanto para confecção do *e-form*, quanto para a coleta e tratamento dos dados. Outro ponto decisivo na escolha ocorreu pelo fato de o modo gratuito limitar a quantidade de respostas coletadas mensalmente.

Desse modo, visto que o modo gratuito nas supracitadas opções se limitava a apenas 100 respostas mensais, este *e-form* foi elaborado na plataforma *Google Forms*, cujas repostas coletadas ficaram armazenadas em nuvem no *Google Drive* na modalidade assinante. Apesar de não haver como prever a quantidade de respostas que seriam obtidas a partir desse formulário, a modalidade assinante permitia a coleta de um número superior a 100 respostas por mês, caso fosse necessário.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética e considerando o conforto tanto do turista quanto do residente em dispor de seu tempo para participar de interrogatórios durante o período de férias, momentos de ócio ou no deslocamento para seus compromissos cotidianos, foi confeccionado um card impresso, no formato de cartão de visita (Figura 65). A abordagem ocorreu de forma presencial e iniciou-se com uma breve apresentação do pesquisador, seguida da explicação acerca da finalidade da pesquisa. Em seguida, realizou-se a entrega do *card*, contendo as orientações necessárias para o acesso ao questionário por meio de *link* ou *QR Code*, bem como o convite à participação. Dessa forma, ao receber o material, o participante pôde, posteriormente, de maneira voluntária, anônima e caso ainda desejasse participar da pesquisa, acessar e responder ao formulário eletrônico.

FIGURA 65 – RÉPLICA FRENTE E VERSO DO CARTÃO DE VISITA.



FONTE: O autor (2023).

Como pode ser observado na figura frontal, o cartão apresenta o propósito da

pesquisa seguido por duas opções de acesso: o *link* direto ou um *QR Code*⁸⁷ de acesso ao *e-form*. No verso, o *card* constam os dados e o contato do pesquisador. Desse modo, o público que compôs a amostra da pesquisa, justificou-se por conveniência (Gray, 2012), como consequência direta de sua relação com a delimitação espacial do memorial étnico.

Visto que “cada indivíduo tem sua própria relação com o mundo em que vive e, conseqüentemente, uma visão muito particular dos lugares” (Kozel, 2018a, p. 81), tanto a ambiência, quanto a atmosfera percebida na Praça do Japão são evidentes em detrimento a outros atrativos de teor étnico. Nesse sentido, em se tratando desse tipo de amostragem, esta se caracterizou como estratificada-intencional, pois de acordo com Costa e Costa (2019) houve a escolha deliberada da amostra, neste caso, os frequentadores da Praça do Japão.

Trata-se de uma amostragem intencional devido ao fato de o objeto de pesquisa apresentar elementos e características que o diferenciaram dos demais, uma vez que o memorial foi selecionado por seu teor étnico e por ser considerado representativo em detrimento de outros espaços semelhantes (Costa; Costa, 2019).

A caráter exemplificativo, um deles é o Memorial Árabe, localizado na Praça Gibran Khalil Gibran, ao lado do Passeio Público, com vários espelhos de água à sua volta e uma arquitetura típica que lembra um grande cubo na cor vermelha. Durante os trabalhos de reconhecimento de campo, em conversa com as bibliotecárias, foi relatado que muitos sujeitos que passam ali não sabem que local é aqueles, se pode entrar, o que tem lá dentro etc., ou seja, quando comparado com a Praça do Japão por exemplo, tem-se dois espaços públicos chancelados por sua estrutura física.

Desse modo, tem-se dois tipos de situações, uma induzida e consciente e a outra o inverso. Na primeira, o sujeito é estimulado a exercitar sua capacidade cognitiva e os sentidos de maneira proposital, como por exemplo, durante uma visita ao Jardim das Sensações, dentro do Jardim Botânico de Curitiba. Neste local, antes de adentrar ao recinto, o visitante é preparado para:

⁸⁷ A tecnologia *Quick Response Code* – popularmente conhecido por *QR Code* – foi desenvolvido em 1994 pela empresa Denso Wave (Sanzovo, 2024). Para esta pesquisa, o uso do *QR Code* foi pensado e adaptado a partir dos estudos de Sanzovo (2024). Nos estudos da pesquisadora, foi apresentado o uso do *QR Code* para fornecer informações complementares aos turistas em Curitiba. Nesse sentido, por que não trilhar o caminho inverso e coletar opiniões e experiências a partir do atrativo turístico? A adaptação do formulário eletrônico com acesso via *QR Code* se mostrou eficiente e menos invasivo que as abordagens convencionais.

- (i) observar determinadas plantas que atraem por suas cores ou características visuais;
- (ii) sentir o aroma de determinadas plantas;
- (iii) tocar a superfície de algumas folhas;
- (iv) ouvir o som do ambiente pelos insetos zumbindo nas flores ou o vento nas árvores.

Em um cenário como este, o visitante já está consciente de que deverá seguir tais orientações para conseguir aproveitar o máximo esse tipo de experiência. Já na segunda situação, na Praça do Japão, os frequentadores também farão uso de seus sentidos, contudo de maneira implícita e inconsciente para alguns sujeitos. Logo, o *e-form* suscitou nos respondentes a necessidade de rememorar o que viram, ouviram sentiram, enfim suas experiências sinestésicas.

Ao término do formulário, os respondentes foram convidados a compartilhar suas fotos realizadas junto à Praça do Japão. Esse compartilhamento, anônimo e voluntário, permite representar o ponto de vista dos frequentadores, pois de acordo com Gomes e Berdoulay (2018, p. 358), “imagens, pinturas, desenhos, fotografias, filmes, vídeos, mapas, cartogramas e até textos” possuem um papel de destaque na construção do pensamento geográfico, ao que esses autores nomeiam como sendo um “estatuto epistemológico das imagens” em que de um lado o visual assume um caráter lúdico; e do outro lado, procura-se nesse arcabouço visual “algo que possa ser identificado como “geográfico””.

Assim, ao se analisar/ interpretar o ponto de vista subjetivo dos participantes da pesquisa, deve-se ter em mente que as imagens (fotos compartilhadas) são o “resultado de uma escolha, de uma seleção” para representar aquela realidade em perspectiva (Gomes; Berdoulay, 2018, p. 367). Logo, esses autores nos induzem à seguinte questão, proposta por eles mesmos, “O que aquela imagem nos faz ver?” (Gomes; Berdoulay, 2018, p. 367). Mas, acima de tudo,

[...] a imagem é constitutiva da realidade: ela transforma o mundo pelo poder que tem de representá-lo. Poderíamos então dizer que, **mais do que uma representação, a imagem é uma apresentação do mundo que é trazido à consciência daqueles que o produzem** (Gomes; Berdoulay, 2018, p. 362, grifo nosso).

Nesse sentido, as fontes visuais tanto da percepção, quanto da representação

daquela realidade tendem a proporcionar os seguintes vislumbres: (i) a percepção experienciada (ii) a perspectiva entre os diferentes sujeitos canalizadas pelo *input* de seu olhar. Com isso, ao realizar o compartilhamento visual de suas experiências, os participantes se tornam coprodutores ao fornecerem fotos que apresentam as sutilezas do cotidiano urbano (Durán Segura, 2011; Larsen; Meged, 2013).

Neste ínterim, cabe lembrar que desde a década de 1970, com a evolução e disseminação da comunicação, de conteúdos, padrões e estruturas, a sociedade vem sendo inundada com informações verbais, textuais, visuais em diferentes tipos de mídia (Bardin, 2016, pp. 7–10), na contemporaneidade, soma-se a esse fato o advento da *internet* com as redes sociais.

Logo, a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), possibilita ultrapassar uma leitura inicial e/ou superficial; bem como contribui com a categorização das estruturas. Para tanto, o padrão adotado como categorização pode ser observado a seguir (Figura 66):

FIGURA 66 – MODELO UTILIZADO PARA A CATEGORIZAÇÃO DA PESQUISA.



FONTE: Adaptado de Bardin (2016).

Visando destacar as conexões entre percepções e vivências no âmbito do Memorial da Imigração Japonesa, em Curitiba/PR, foram organizadas as informações obtidas a partir do trabalho de campo e da coleta realizada por meio de *e-form*. As narrativas textuais foram incorporadas ao *software Atlas.ti* (Versão 23.2.1), permitindo uma codificação mais sistemática e precisa dos dados qualitativos.

Desse modo, após o encerramento da coleta de dados via *e-form*, o conteúdo foi organizado e tratado no *software Atlas.ti*, aliado à teoria de codificação proposta por Bardin (2016), de modo que o resultado proporcionou a confecção de uma arte

simbólica livre que este pesquisador nomeou como Cartografia Experiencial Afetiva (CEA).

Portanto, a Cartografia Experiencial Afetiva (CEA) assume um caminho paralelo, partindo da interpretação das narrativas coletadas via *e-form*, para só então montar uma imagem que represente o compilado dessas narrativas. A intenção não foi sobrepor a Metodologia Kozel, mas apresentar alternativas complementares que enriqueçam ainda mais as pesquisas na seara da Geografia, do Turismo e outras áreas afins (Quadro 6).

QUADRO 6 – CONTRASTES ENTRE METODOLOGIAS.

CONTRASTES	METODOLOGIA KOZEL (MAPAS MENTAIS)	CARTOGRAFIA EXPERIENCIAL AFETIVA (CEA).
Fonte de dados	Entrevistas	<i>e-forms</i>
Arte	Desenho com ou sem escrita	Texto + Foto(s)
Decodificação	O sujeito (realidade)	O pesquisador (simbólico)
Obstáculos	Timidez e/ou predisposição para desenhar	Responder ao formulário
Dificuldade	Interpretação dos signos e caligrafia	Compilação do conteúdo
Resultado	Mapa Mental	Cartografia Experiencial Afetiva

FONTE: O autor (2025) com base em Kozel (2018, pp. 59–63).

Assim, ao relembrar o fragmento de Bunyan presente na epígrafe deste tópico, torna-se clara a relação entre o sujeito e o ambiente, bem como o empenho do pescador em alcançar seu intento, o peixe, e o do pesquisador em transformar dados em informação. Desse modo, ao término desta pesquisa, espera-se que o cerne das apreensões acerca do objeto de estudo, a Praça do Japão, ancorado sobretudo nos elementos visuais materiais (cenários e fotografias) e imateriais (narrativas, memórias e imaginários), possa ser lido nas entrelinhas, (re)interpretado e transformado em arte livre.

4.1 TRABALHO DE CAMPO NA PRAÇA DO JAPÃO: PERCEPÇÕES E IMPRESSÕES

Praça do Japão
*Ikebana⁸⁸ de delicadezas
 repousa integrada
 em meio a urbanidade
 lança seus verdes braços
 me acolhe.*

Ricardo Mainieri (2014, grifo nosso).

Por se tratar de uma massa verde em meio a edifícios, o local se tornou um refúgio para a fauna urbana e para sujeitos, principalmente em dias quentes. Este cenário, proporcionou ao pesquisador realizar inferências a partir de suas observações não-participantes e conversas informais no perímetro da Praça do Japão; concomitantemente às informações obtidas de dados técnicos e específicos ao longo de várias visitas ao IPPUC, investigação (mediante agendamentos) junto aos acervos iconográfico e hemerográfico da Casa da Memória, da Biblioteca Pública do Paraná; e em ambiente virtual junto ao Arquivo Público Nacional, sites institucionais e outros.

Do ponto de vista deste pesquisador, a Praça do Japão se consolidou tanto como um lugar afetivo aos residentes, quanto um atrativo aos turistas, tanto em ambiente físico, quanto em ambiente virtual. Nesse sentido, não havia como falar da materialidade da Praça do Japão, enquanto espaço físico passível de ser experienciado e deixar de lado sua existência em ambiente virtual. Desse modo, serão apresentados algumas nuances e detalhes dos trabalhos de campo realizados em ambientes físico e virtual, bem como algumas impressões da parte do pesquisador, enquanto sujeito que ora passou, ora visitou o lugar no virtual e no físico.

4.1.1 As Percepções da Praça do Japão em ambiente virtual

Para Lévy (1999, 2011) com o advento da *internet*, o ambiente físico passa a coexistir com o ambiente virtual – o corpo (avatares), a economia, o conhecimento, relações sociais, o Turismo e outros. Mas, como lembra Marujo (2008, p. 40) “não

⁸⁸ Técnica japonesa para criar arranjos florais cuja simbologia está associada à estética e ao espiritual valoriza a simetria e a harmonia entre o natural e o antrópico (vide Apêndice 2).

basta pegar um conjunto de informações e imagens fotográficas, inserir em páginas e enviar para a rede”. Pois, essa transposição do real para o virtual também impõe certas exigências e padrões sociais tanto para os corpos, quanto para as paisagens (Zanetti *et al.*, 2012).

Nesse contexto, quando a Praça do Japão passa a existir em ambiente virtual, a partir do ponto de vista do sujeito, o modo básico para obtenção de informações a respeito desse local, ocorre por meio de buscadores, como por exemplo, o *Google* (dado sua popularidade).

Assim, quando um sujeito, seja residente ou turista, buscar por “Praça do Japão Curitiba” no *Google*, este retornará com uma infinidade de resultados, que podem variar de acordo com o navegador ou a data em que a busca for feita, mas na maioria das vezes, essa busca retornará com informações sobre localização, fotos, notícias e *links* com redirecionamentos.

No caso da Praça do Japão, essa virtualidade se faz presente por meio de compartilhamentos de fotos em redes sociais (com perfis abertos/ públicos), vídeos no *YouTube*, *sites* de notícias e *blogs* especializados em dicas de viagem. A seguir (Quadro 7), apresenta-se uma síntese da primeira página com os primeiros resultados dessa presença em ambiente virtual. Note que a busca retornou com informações sobre histórico, localização e meios de acesso, mas principalmente com conteúdo visual (fotos e vídeos).

QUADRO 7 – A PRESENÇA DA PRAÇA DO JAPÃO NA WEB.

AMBIENTE VIRTUAL	LINK	ENGAJAMENTO	CONTEÚDO
Google	www.google.com Busca realizada em modo anônimo	Nota: 4,7 9,873 comentários	Fotos, informações, notícias, vídeos.
Wikipédia	https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_d_o_Jap%C3%A3o_(Curitiba)	Informativo Disponível em 3 idiomas: português, espanhol e inglês.	Fotos e informações.
TripAdvisor	https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303441-d2325523-Reviews-Praca_do_Japao-Curitiba_State_of_Parana.html	Nota 4,3 – 1.603 avaliações Atividade nº 32 de 406 opções.	Avaliações com fotos e comentários.

AMBIENTE VIRTUAL	LINK	ENGAJAMENTO	CONTEÚDO
Instituto Municipal de Turismo	https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/praca-do-japao/1618	Institucional.	Fotos e informações.
Instagram	https://www.instagram.com/pracadojapao/	Perfil: @pracadojapao 137 publicações; 3307 seguidores.	Fotos.
Facebook	https://www.facebook.com/FomosViajar/videos/praca-do-japao-em-curitiba/8440910759295182/	Perfil: Fomos Viajar 187 mil seguidores.	Vídeo feito com drone.
curitibacity.com	https://www.curitibacity.com/pontos_turisticos/pracas/praca-do-japao/	Informativo.	Fotos e informações.
Prefeitura Municipal de Curitiba	https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/reconstitucao-pela-prefeitura-de-curitiba-portal-da-praca-do-japao-agora-tem-nova-localizacao/76717	Institucional.	Notícia
TikTok	https://www.tiktok.com/@curitiba.brasil	Perfil: curitiba.brasil 53 comentários 37 mil seguidores.	Vídeos.
Pinterest	https://br.pinterest.com/curitibanabagagem/praca-do-japao-em-curitiba/	Perfil: Curitiba na Bagagem.	Fotos.

FONTE: O autor (2025).

Desse modo, se a *internet* “aguça o apetite pela viagem”, o poder público deveria desempenhar “o papel de sensibilizar o imaginário dos turistas para visitarem” os atrativos e a cidade (Marujo, 2008, p. 39). Porém, isso não ocorre, uma vez que a Praça do Japão não possui uma publicidade institucional própria. Ao poder público coube apenas a divulgação de dados informativos com algumas imagens.

Nota-se que a difusão dessa paisagem em ambiente virtual fica, majoritariamente, a cargo dos frequentadores que compartilham em suas redes sociais as fotos e os vídeos do conjunto de elementos que compõe essa paisagem. Essas divulgações indiretas com registros visuais das experiências dos sujeitos passam a agir como chamariz para outros sujeitos (por conta da geolocalização).

Assim, conforme lembra Marujo (2008, p. 40) “a tomada de decisão sobre um lugar a visitar é muitas vezes condicionada pela imagem que o turista real ou potencial faz desse mesmo lugar”. Nesse cenário, Guissoni (2019); Paula e Garcia (2014)

enaltecem o papel desses compartilhamentos, onde a fotografia se torna elemento de influência para quem realiza o registro e de desejo para quem o consome.

Por se tratar de um atrativo turístico levou-se em consideração o índice de engajamento junto ao TripAdvisor, visto que se torna mais interessante ao sujeito acessar as fotos (de como é o lugar), dicas, opiniões e experiências de outros que passaram ou visitaram a praça, do que métricas e dados técnicos.

Esse fato contribuiu para que o atrativo alcançasse em 2025 o 32º lugar do *ranking* das 406 coisas para se fazer em Curitiba segundo a plataforma do TripAdvisor⁸⁹. Com nota 4,3 (de um total de 5), deteve a percepção de 1603 avaliações distribuídas como: excelente (701), muito boa (637), razoável (238), ruim (21), horrível (06) (Quadro 8) (Tripadvisor, 2025b).

QUADRO 8 – RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COMPARTILHADAS NO TRIPADVISOR.

EXPERIÊNCIA	NOTA	RELATOS (<i>IPSIS LITTERIS</i>)
Excelente	5	<p>Viajar e compartilhar</p> <p><i>Um belo jardim, bem no centro da cidade. Um lugar calmo com uma beleza que irá preencher seus olhos. Lugar limpo e agradável.</i></p>
Muito boa	4	<p>Um pequeno refúgio no centro de Curitiba</p> <p><i>Tive a oportunidade de visitar a belíssima Praça do Japão em Curitiba e fiquei verdadeiramente encantado. É um espaço muito bem cuidado, que convida à contemplação e ao descanso em pleno coração da cidade. Os jardins são lindíssimos, com elementos da cultura japonesa que nos transportam para um ambiente de serenidade e harmonia. Destaco o lago com carpas, as cerejeiras (imagino que na época da floração sejam um verdadeiro espetáculo), e a casa de chá, que dá um charme ainda mais especial ao local. Um sítio perfeito para caminhar, meditar ou simplesmente apreciar a natureza. Ideal também para famílias e para quem procura uma pausa da correria urbana. Recomendo vivamente a visita!</i></p>
Razoável	3	<p>Praça</p> <p><i>No dia em que estivemos lá, os lagos estavam sem água e o museu fechado... esperava mais pelo o que via nas fotos.</i></p>
Ruim	2	<p>Apenas uma homenagem ao Japão</p> <p><i>Apesar do nome, a praça remete pouco a cultura do país oriental e só tem alguns elementos que remetem a cultura japonesa. Ao meu ver, não merecia essa alcunha.</i></p>

⁸⁹ Os três primeiros lugares – cartões-postais oficiais da cidade de Curitiba, possuem publicidade contínua, fato que favorece a quantidade de visitantes. O primeiro lugar pertence ao Jardim Botânico com 26.329 avaliações; seguido pelo Museu Oscar Niemeyer com 13.803 avaliações e o Parque Tanguá com 9.330 avaliações (Tripadvisor, 2025a).

EXPERIÊNCIA	NOTA	RELATOS (<i>IPSIS LITTERIS</i>)
Horrível	1	<p>Tem nada!</p> <p><i>Fiquei frustrada buscando algo interessante e diferenciador na Praça do Japão. Sinceramente... Qualquer caminhada no bairro da Liberdade (SP) nos dá uma sensação mais "japonesa".</i></p>

Nota: Apesar desses relatos estarem públicos no TripAdvisor, esta pesquisa suprimiu os nomes de usuários, pois somente os comentários eram pertinentes à pesquisa.

FONTE: TripAdvisor (2025b).

Esses cinco comentários corroboram a afirmativa de que as percepções são subjetivas (Boutin, 2012; Lima, 2014; Merleau-Ponty, 2018), pois se de um lado, um mesmo local pode “preencher seus olhos”, proporcionar uma “pausa da correria urbana”, o simples fato de a praça ser visitada em um dia de manutenção acaba por quebrar a imagem mental criada enquanto expectativa desmerecendo o passado nipônico e até mesmo a “alcunha” de Memorial da Imigração Japonesa.

Sobre este comentário, torna-se claro que o visitante desconhece todo o passado e trajeto simbólico construído e enaltecido ao longo do centenário desta imigração. Esse tipo de visitante se torna apenas um colecionador de destinos, em que pesa a quantidade (diga-se rasa) em detrimento à qualidade (e profundidade) (Mello, 2019).

Outro ponto que merece destaque é o nível de comparação, pois apesar da Praça do Japão ser uma mimese, ela não é o Japão. Assim, esperar encontrar o país do Sol Nascente em uma praça de Curitiba pode se tornar uma experiência realmente frustrante. Semelhante ocorre em comparação ao bairro étnico da Liberdade, localizado na cidade de São Paulo, que apesar de incrível, seria uma concorrência desigual uma vez que são propostas diferentes (até mesmo em escalas).

Por meio deste sobrevoo virtual tem-se um panorama dessa presença e de suas percepções em ambiente virtual. Apesar de apenas cinco percepções, este recorte nos leva refletir sobre a permissão (sem censura) que o sujeito assume para si ao expressar suas opiniões em ambiente virtual; pois ainda que seu comentário seja público, ele se sente à vontade para expressá-los, diferente de abordagens presenciais, que podem inibir e/ou coibir.

Portanto, a presença da Praça do Japão em ambiente virtual é vista por este pesquisador como um “espelho mosaico” com múltiplas facetas em que tanto o conteúdo informacional e as fotos, quanto os comentários agem como *inputs* das

experiências de terceiros, sejam eles influenciadores ou não (Guissoni, 2019, p. 81); fato este que acaba por impactar na criação de expectativas e consequente experiência final – positiva ou negativa. A seguir, serão apresentadas algumas inferências a respeito das observações realizadas pela ótica deste pesquisador em ambiente físico.

4.1.2 As Percepções da Praça do Japão em ambiente físico

Como já mencionado, a Praça do Japão age como um elo entre a região central e os bairros Água Verde e Batel. Essa praça possui caminhos que foram redesenhados com o passar do tempo em decorrência de reformas e alterações arquitetônicas; ao mesmo tempo em que ela está no caminho entre idas e vindas nas diferentes direções para sujeitos a pé ou em transportes.

Com placas indicativas, as grandes avenidas juntamente com as ‘canaletas’⁹⁰ e as Estações Tubo: Bento Viana, na Avenida Sete de Setembro, e Silva Jardim, na Avenida República Argentina contribuem com o acesso e a mobilidade de residentes e turistas. Por conta da ciclovia que passa pelo local e do fluxo de sujeitos praticantes de atividades esportivas a praça se transforma em ponto de partida ou de chegada.

No que compete à infraestrutura, a praça do Japão pode ser apreendida como uma Área Funcional Turística (AFT)⁹¹ (Guissoni; Chemin, 2023; Hayllar *et al.*, 2011), pois o perímetro interno da praça conta com: um ponto de táxi, quiosques para venda de lanches, pasteis, café, água e outros, uma banca de jornais e revistas, um painel luminoso para anúncios comerciais diversos.

Já em seu entorno imediato há cafeterias, sorveteria, bares, confeitaria, restaurantes de comida síria e temático de empanadas argentinas (sincretismo cultural-gastronômico), chocolateria, frutaria, hotel de alto padrão, estacionamento pago. A guarda municipal realiza rondas periódicas.

Além de usufruir desses serviços mencionados, os edifícios residenciais são assistidos por uma escola, um berçário com pré-escola, consultórios médicos,

⁹⁰ Espaço central destinado exclusivamente ao fluxo dos ônibus biarticulados e carros oficiais. Por conta do fluxo reduzido aos finais de semana, alguns residentes fazem uso dessas vias como área de lazer e prática de esportes (correr, andar de bicicleta e patinar).

⁹¹ Uma Área Funcional Turística (AFT) é caracterizada pela gama de atividades voltadas ao turismo, a preservação cultural e múltiplos usos sociais. Esses locais possuem espaços de autenticidade, descanso, encontro e orientação, ao mesmo tempo que reforçam sua singularidade urbana (Hayllar *et al.*, 2011).

academia, escola de artes marciais, farmácia de manipulação, loja de suplementos, lavanderia, salão de beleza, e diversos outros serviços. Também é comum notar a presença de testemunhas de Jeová com seus *stands* de folhetos. Assim, quem “habita” nessa região cria um costume individual e personalizado cuja confluência e disposição espacial dos serviços acaba por expressar as dinâmicas e as rotinas desses sujeitos (Besse, 2013; Seamon, 2013).

Salvaguarda o horário de funcionamento do comércio local, o perímetro da praça é aberto e pode ser acessado em qualquer horário. O local possui várias entradas e saídas, mas um único portal de acesso principal com caminhos, pontes e passarelas que serpenteiam por uma farta vegetação distribuída em um terreno com relevo ondulado e ornado com pedras naturais.

Em meio a essa vegetação é possível encontrar jardins de mel (com abelha sem ferrão), esculturas, marcos e placas comemorativas, lagos com carpas, interligados por pequenas corredeiras e cascatas que criam a atmosfera sonora. A praça oferece refúgio em um pergolado e descanso junto aos vários bancos espalhados pelo espaço.

O gramado também se tornou um ponto de encontro da vizinhança por se tratar de um espaço *pet friendly*⁹², assim como para a realização de atividades ao ar livre como práticas de yoga, meditação, Tai Chi Chuan e piqueniques. Logo, a relação social para compartilhamento desse espaço se mostrou harmônica e democrática entre sujeitos e grupos locais.

No pagode, o *hall* de entrada conta com artigos museológicos que apresentam um pouco das tradições da cultura japonesa. Anexo há uma loja de *souvenir* que comercializa postais, chaveiros e artigos de decoração, nesta loja também é possível comprar o tradicional biscoito da sorte⁹³.

Em outra de suas dependências encontra-se a biblioteca Hideo Handa (Farol do Saber) com várias opções de livros, mas com uma seção dedicada à cultura Japonesa. As crianças usufruem desse espaço principalmente nos dias de contação

⁹² Espaço destinado a bem receber animais, principalmente cães. Esses espaços costumam colocar vasilhames com ração e água.

⁹³ Na tradição japonesa, conta-se que antes de comer um biscoito da sorte, o sujeito deve quebrá-lo ao meio e ler a mensagem que se encontra no interior. Caso a mensagem seja positiva e vibre com os anseios de seu detentor, pode-se comer as partes, porém se a mensagem for um alerta ou contiver um teor não condizente com seu detentor, o biscoito deve ser descartado. Os biscoitos vendidos na Praça do Japão, geralmente, possuem mensagens positivas e incentivadoras e no verso uma sugestão com seis números para jogar na loteria (opcional).

de histórias com fantoches, bonecos e marionetes. Residentes podem emprestar livros mediante cadastro, já aos turistas só é permitido ler no local. Vale destacar que, apesar de não ser divulgado, o local possui sanitários. O segundo piso só pode ser acessado por turistas durante a realização das oficinas ou apresentações da Cerimônia do Chá.

No que compete aos contrastes entre a paisagem diurna e noturna, observou-se também que além do paisagismo, o clima típico de Curitiba, a circulação de sujeitos e a iluminação contribuem com a criação de uma atmosfera estética quando anoitece. Como lembra Gois (2010) ao anoitecer, a iluminação artificial transforma a paisagem urbana e cria cenários que impactarão na experiência visual dos sujeitos, ou seja,

[...] um mesmo lugar pode possuir **durante o dia certo arranjo** de objetos, um ritmo de circulação de pessoas, a presença de determinados grupos predominantes. **À noite, este mesmo espaço, com o mesmo arranjo de objetos pode, entretanto, ser preenchido por outra vida social.** O ritmo e os comportamentos podem mudar assim como a forma de apropriação do espaço (Góis, 2010, p. 43, grifo nosso).

Assim, se durante o dia o paisagismo, as texturas e o colorido das carpas são apresentados aos frequentadores (Figura 67 – Imagem 1), durante a noite, apesar da baixa movimentação, a iluminação cênica cria uma paisagem singular (Curitiba, 2020) (Figura 67 – Imagem 2).

FIGURA 67 – PERCEPÇÕES DA PRAÇA DO JAPÃO: CONTRASTE DIURNO E NOTURNO.

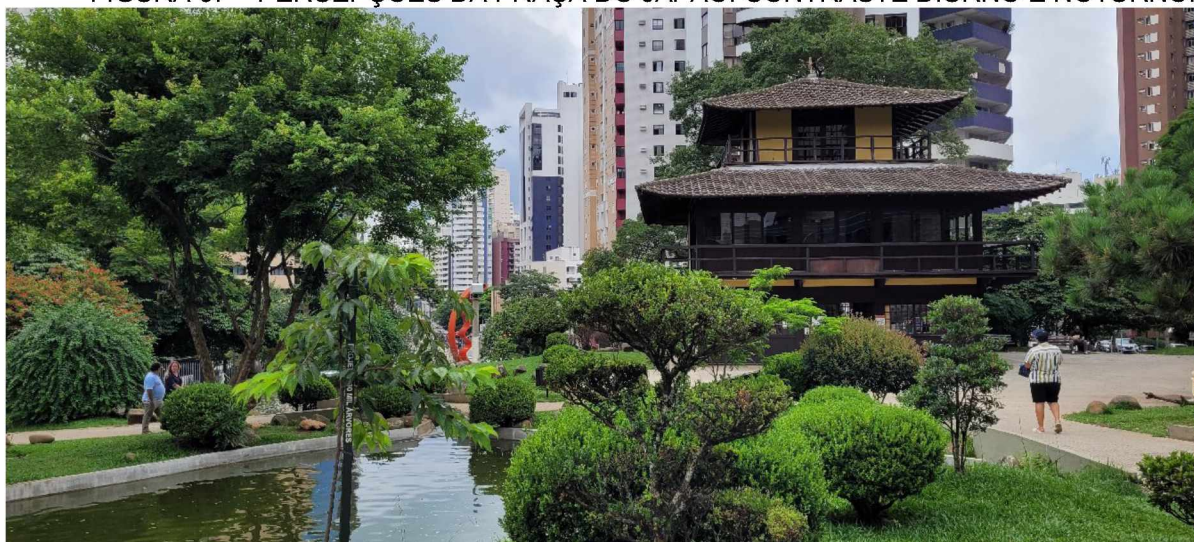


Imagem 1: Sociabilidade na paisagem diurna da Praça do Japão.

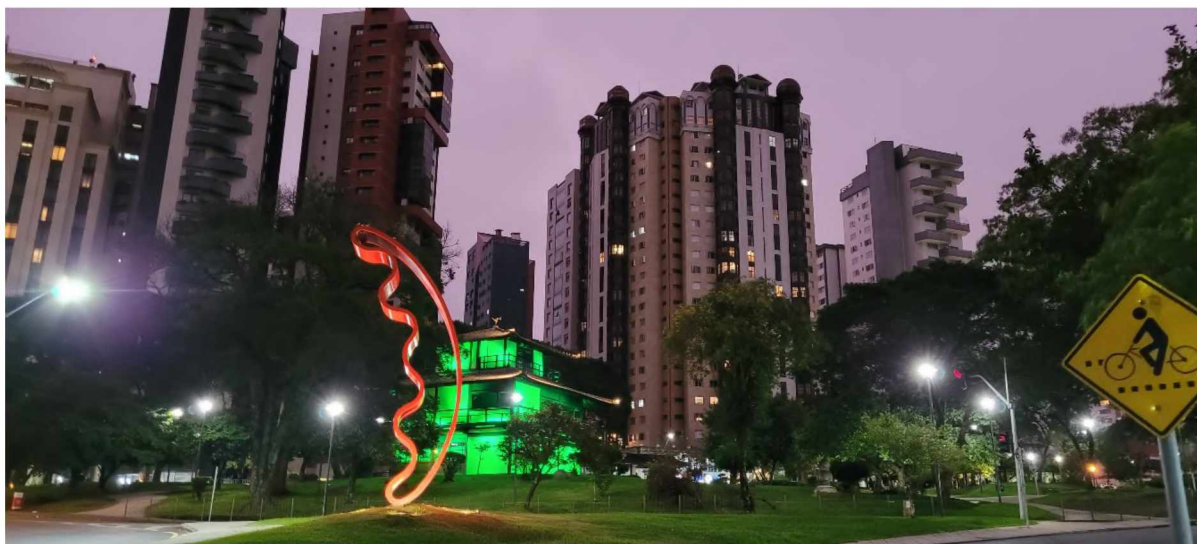


Imagem 2: Paisagem noturna com Iluminação cênica.

FONTE: Acervo do autor (2023; 2024).

Essa iluminação cênica também pode variar em cor de tempos em tempos conforme o propósito vigente, como por exemplo, durante campanhas como: Maio Amarelo (segurança no trânsito), Junho Vermelho (doação de sangue), Outubro Rosa (câncer de mama), Novembro Azul (saúde do homem), Dezembro Laranja (prevenção ao câncer de pele) entre outros (Curitiba, 2017, 2021, 2022a, 2022b, 2023a, 2023e). Logo, para além do impacto visual, esse tipo de visibilidade torna-se fundamental para “a transmissão de uma ideia ou mensagem” (Góis, 2010, p. 44).

Assim, enquanto a dinâmica de alguns espaços públicos permanece uma “polirritmia” após o anoitecer, ou seja, um fluxo de sujeitos que se mantém por conta da sociabilidade noturna (reuniões, encontros em bares, boates); em outros locais, como a Praça do Japão, ocorre o processo contrário chamado de “arritmia noturna” (Góis, 2018b, p. 75), que em outras palavras, representa o inverso do caso anterior, a movimentação noturna após o horário de pico é quase inexistente.

Portanto, se a imagem da Praça do Japão tem a capacidade de criar expectativas e imaginários no sujeito, uma vez que ela é passível de ser vista, contemplada e percebida em ambiente virtual, caberá somente ao ambiente físico a possibilidade do sujeito experienciar o lugar de fato, para então confirmar, refutar, ou superar todas as expectativas criadas previamente. A seguir as impressões deste pesquisador durante os trabalhos em campo.

4.1.3 As Impressões da Praça do Japão para o pesquisador

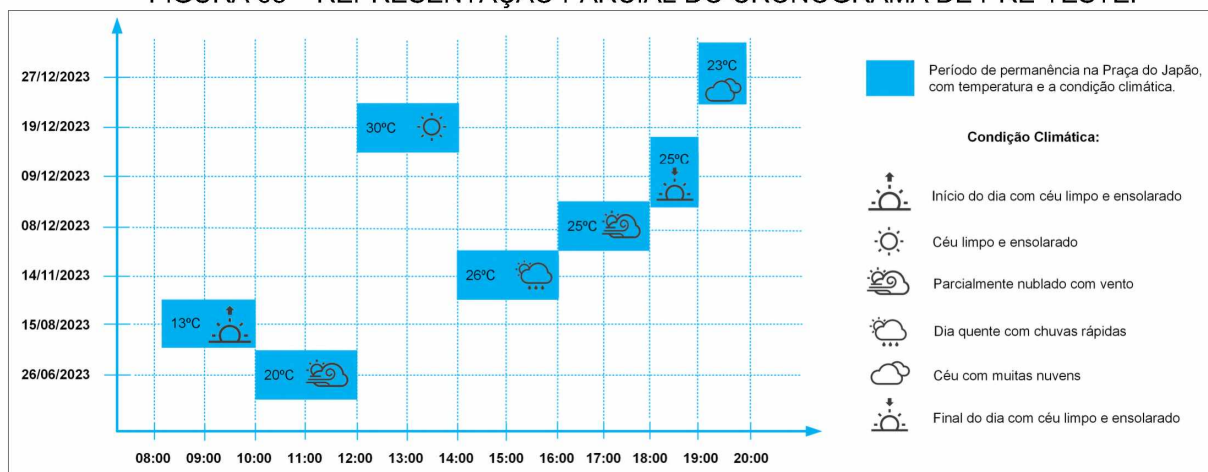
Na academia, são poucos os estudos que destinam um espaço para as

impressões do pesquisador; na maioria das vezes, essas investigações se limitam a apresentação dos dados, as análises e as discussões. Mas, quais foram as percepções do pesquisador, ou o que ficou nas entrelinhas da pesquisa? Nesse sentido, este tópico destina-se a contemplar essas nuances apresentando impressões pessoais com o intuito de enriquecer o debate.

Essas impressões resultaram de um total de trinta e cinco idas a campo em um intervalo de 24 meses (entre junho de 2023 – período de reconhecimento visual do campo e pré-teste, a junho de 2025 – encerramento da coleta). A escolha dos dias e horários para realização do trabalho de campo ocorreu de forma randômica. Assim, estabeleceu-se como padrão a permanência de duas horas dentre os seguintes horários: entre 08:00 e 12:00; entre 12:01 e 18:00; entre 18:01 e 20:00. Com isso, o pesquisador escolhia um dia e um horário para ir a campo de modo que contemplasse todos os intervalos entre 08:00 e 20:00 horas.

Durante o pré-teste, o pesquisador registrou suas idas a campo (Figura 68). Esses registros com data, horário e condição climática serviram para entender em quais horários havia maior e menor movimentação, bem como as atividades que eram preferidas em decorrência da condição climática. Cabe lembrar que não foram realizados trabalhos de campo no período compreendido entre 20:01 até as 07:59 do dia seguinte, por se tratar de horários que a praça detinha pouco ou nenhum movimento.

FIGURA 68 – REPRESENTAÇÃO PARCIAL DO CRONOGRAMA DE PRÉ-TESTE.



FONTE: O autor (2024).

Feitas as devidas explicações, começo este tópico com um questionamento: seria o pesquisador um sujeito *flâneur* e/ou *voyeur*? Do ponto de vista de Bairner (2006), um pesquisador, enquanto cientista social, se assume como *flâneur* quando

opta por caminhar em vez de usar algum meio de transporte. Nesse sentido, mediante sua *flânerie*, as suas impressões e inferências representarão a cidade de maneira sociologicamente válida (*Ibid.*, 2006).

Por sua vez, Zelinsky (2001) menciona que o pesquisador/ geógrafo deverá assumir um papel de *voyeur* durante o trabalho de campo na Geografia. Para esse autor, se por um lado há “[...] a sensibilidade em relação aos nossos arredores [...]”, por outro existe “o talento particularmente humano para imaginar e criar existências alternativas”; então o ato *voyeurístico* torna-se inevitável àqueles que almejam conhecer o mundo (Zelinsky, 2001, pp. 7–8).

Assim, se nas palavras de Besse (2013) e Careri (2017), o caminhar também é o habitar ‘em campo’, então do ponto de vista prático – sim, o pesquisador também pode usar o traje do *flâneur* (como caminhante) e do *voyeur* (enquanto observador). A partir deste contexto, como um sujeito imerso nas dinâmicas urbanas e culturais de Curitiba, assumo-me enquanto residente e pesquisador: *flâneur* e *voyeur*.

Careri (2013) nos lembra que o caminhar está para além da ação e age como uma prática estética em que a rua não apenas conduz, mas se torna um lugar. Nesse sentido, este pesquisador-*flâneur* tomou por base os estudos de Pires e Magagnin (2018) para analisar o índice de caminhabilidade no acesso, dentro e fora do atrativo por meio de alguns indicadores⁹⁴.

O acesso pela Avenida Sete de Setembro (sentido centro-bairro) possui sinalização indicativa, com um aclive leve, calçadas largas com rebaixamento, faixa de pedestre e semáforo. Apesar de não possuir arborização na via pública, os recuos na base dos edifícios agem como proteção contra intempéries. À noite a visibilidade é boa, permitindo ver à distância a aproximação dos ônibus biarticulados. O acesso pela Avenida República Argentina é semelhante, mas com o diferencial do aclive ser moderado no sentido bairro-centro.

Por conta da calçada rebaixada, a praça se torna apta a receber cadeirantes, idosos e sujeitos com dificuldade de locomoção leve, visto a existência de inclinação no relevo da praça. Porém, pessoas com deficiência visual podem ter dificuldade já que não possui piso tátil no acesso, circundando a praça e tampouco em seu interior.

⁹⁴ Largura das calçadas, iluminação pública, tipo de piso, inclinação (aclive e declive) arborização, proteção contra intempéries, sinalização indicativa, faixa de pedestre, semáforo, rebaixamento de calçada, presença de piso tátil, visão de aproximação de veículos, pontos de embarque e desembarque.

Ao chegar no local, o pesquisador realizava uma *flânerie* para sentir a dinâmica do ambiente. Após esta *flânerie* de reconhecimento, efetuava-se uma média de 30 abordagens junto aos passantes, residentes e frequentadores do local, bem como clientes e funcionários de estabelecimentos comerciais do entorno.

Para essas abordagens, seguiu-se os seguintes parâmetros: identificação do pesquisador, explicação do propósito, entrega do *card* e convite para participação da pesquisa (Angrosino, 2009; Belik, 2009; Eckert; Rocha, 2008). Porém cabe salientar que apesar das ciências prezarem pela neutralidade⁹⁵ do pesquisador, acredita-se que ele nunca será total e emocionalmente isento ou ainda capaz de suspender os seus juízos e pré-conceitos adquiridos ao longo de toda uma trajetória acadêmica.

Nessa mesma linha de raciocínio, nota-se que teóricos como Denis Cosgrove, Yi-Fu Tuan, Edward Relph entre outros, também se voltavam para aspectos em que se almejava mais a interpretação de significados subjetivos atribuídos ao espaço do que a suspensão de juízos. Prontamente, nos lembrava Merleau-Ponty (2018, p. 83), que a essência da vela já está posta em sua cera, mas o brilho de seu fogo “muda de aspecto” depois de uma queimadura”, ou seja, se o pesquisador se mantiver totalmente isento, jamais se envolverá suficientemente para experienciar o fenômeno em sua completude.

Desse modo, ao abolir a neutralidade, destaca-se, como um adendo positivo, que em alguns casos, quando os sujeitos abordados se interessavam pela pesquisa, estas resultavam em conversas informais e livres, fato este que proporcionou ao pesquisador obter informações de acontecimentos que estavam para além do que é visto ou publicizado, como por exemplo o culto à memória dos ancestrais japoneses, que será abordado mais adiante.

Como lembra Glass e Frankiel (1968), este tipo de situação serve para estabelecer empatia e confiança entre pesquisador e sujeito. Para estes autores esse tipo de ‘envolvimento emocional’ se torna uma variável importante cujas inferências poderão compor as análises e interpretações subjetivas (*Ibid.* 1968, p. 80). Porém, cabe destacar que nem todas essas abordagens resultavam em espaços de diálogo, por esse motivo elas não foram mencionadas como procedimentos metodológicos.

Em suma, caminhar pela Praça do Japão é prazeroso. Na opinião deste

⁹⁵ A exemplo da redução fenomenológica (*époché*) em que Edmund Husserl propõe a suspensão de juízos para perceber um fenômeno em sua essência (Nantes, 2020, p. 53–54).

pesquisador, dentro do perímetro da praça, a caminhada foi imersiva permitindo experimentar todos os sentidos em diferentes momentos. O sentido visual sempre esteve presente, estimulado pelos elementos que compõe a paisagem da praça. A cor verde se mostrou predominante, por conta da vegetação. O sentido sonoro, dependendo do local, enaltecia o som da água e dos pássaros ou do trânsito.



Em dias de sol e clima seco, a experiência tátil ficou por conta do caminhar descalço pelos gramados e da percepção de texturas, qualidade de materiais e temperatura, como o monólito (liso, frio), a madeira do pagode (áspera e aquecida pelo sol), entre outros.

O comércio do entorno, deteve o sentido olfativo com o aroma do pastel que acabara de ser frito, ou do café recém-passado, em certas ocasiões os lagos emitiram um aroma característico, mas nada que incomodasse. Por último, meu sentido gustativo, sempre se comprazia com o adocicado biscoito da sorte.

Concluídas as *flâneries* e as abordagens, buscava-se um ponto de observação que proporcionasse um bom ângulo de visão das performances desses frequentadores. Neste segundo momento, seguindo as recomendações de Eckert e Rocha (2008), o pesquisador fazia uso de um diário para anotações, lembretes, *insights* a respeito dessas observações, bem como das percepções próprias (Quadro 9). De modo a complementar essas anotações, o pesquisador também utilizou o celular como câmera fotográfica e filmadora para registros próprios.

QUADRO 9 – ESTRUTURA DO DIÁRIO DE CAMPO.

DIÁRIO DE CAMPO		Nº
LOCAL	Praça do Japão	
DATA	__/__/__	Tempo climático/atmosférico <input type="checkbox"/> Frio. <input type="checkbox"/> Com neblina. <input type="checkbox"/> Sem neblina. <input type="checkbox"/> Ameno. <input type="checkbox"/> Com vento. <input type="checkbox"/> Sem vento. <input type="checkbox"/> Quente. <input type="checkbox"/> Com sol. <input type="checkbox"/> Sem sol. <input type="checkbox"/> Com chuva. <input type="checkbox"/> Sem chuva.
HORÁRIO DE CHEGADA	__:__	
HORÁRIO DE SAÍDA	__:__	
		Temperatura: ____°C

HUMANIZAÇÃO	<input type="checkbox"/> Homens. <input type="checkbox"/> Mulheres. <input type="checkbox"/> Outros. <input type="checkbox"/> Idosos. <input type="checkbox"/> Jovens. <input type="checkbox"/> Crianças.
PETS	<input type="checkbox"/> Cão <input type="checkbox"/> Gato. <input type="checkbox"/> Outros _____.
INDICADOR EMOCIONAL DO PESQUISADOR⁹⁶	
INDICADOR EMOCIONAL PERCEBIDO NA MAIORIA DOS SUJEITOS	
Descrição da atmosfera:	
O QUE FOI VISTO?	
QUAL O SOM AMBIENTE?	
QUAL CHEIRO PREDOMINANTE?	
EXISTE A POSSIBILIDADE DE DEGUSTAR ALGO? SE SIM, QUAL O SABOR?	
OUTRAS OBSERVAÇÕES	
COMENTÁRIOS:	

FONTE: O autor (2023).

⁹⁶ Na ordem dos emojis: surpreso, alegre, feliz, indiferente, triste, com raiva, com medo.

Na opinião deste pesquisador, no que compete o papel de *voyeur*, a intenção em realizar uma observação empírica não participante foi assertiva, pois seguindo as sugestões de Flick (2009), sem a ciência de estarem sendo observados, os sujeitos agiram com naturalidade durante suas performances.

E se as praças, desde a Ágora, eram ambientes masculinos, na contemporaneidade, a praça do Japão, destoa da típica imagem de homens-idosos jogando carteados ou vendo o tempo passar, uma vez que ela converge um público variado em gênero, etnia e faixa etária. Durante o campo, também foi interessante perceber certa reverência, quase que natural, para com o local por parte dos descendentes de japoneses, caminhantes, funcionários na loja de *souvenir* e professores (*sensei*) nos cursos e oficinas ofertados localmente.

Para este pesquisador, o marco mais importante na história da Praça do Japão, desde sua fundação em 1962, foi o ano de 1993; momento em que o pagode foi construído, as cerejeiras trazidas do Japão foram plantadas e o lugar galgou o *status* de Memorial da Imigração Japonesa. Nesse sentido, se esta fórmula funcionou para a Praça do Japão, porque não reproduzir o padrão junto a outras praças e locais étnicos⁹⁷?

Essas observações permitiram identificar que, no conjunto da paisagem, os sujeitos detinham sua atenção ou interagiam com os seguintes chamarizes: o pagode, seguido pela estátua de Sidarta Gautama, os lagos e as carpas, mas durante a floração das cerejeiras, estas assumiam temporariamente o primeiro lugar. Na opinião dos moradores e trabalhadores do local e do entorno, a temporada de floração das cerejeiras e o clima são os dois principais interesses de visitação.

De acordo com Cartaxo (2009), a democratização das artes (de museus para o espaço público) é fundamental pois se trata da tentativa de aproximar a arte ao público. Porém, essa autora levanta alguns questionamentos a respeito da “imperceptibilidade”, o anonimato do artista, “a efemeridade da obra”, e a dissolução da obra na estrutura-cidade” (Cartaxo, 2009, p. 10).

⁹⁷ Durante os trabalhos de reconhecimento de campo realizados em diferentes atrativos étnicos, a Praça da França destacou-se negativamente por seu estado de conservação. Além de não possuir elementos estéticos ou simbólicos que façam alusão à França ou à cultura francesa, o espaço apresentava sinais evidentes de descaso e vandalismo, como lixo espalhado, pichações nos muros, acúmulo de folhas secas pelo chão e uma academia ao ar livre em visível necessidade de manutenção. Ademais, o uso deste espaço é realizado majoritariamente por moradores do entorno. Para fins de registro visual, o pesquisador buscou enquadrar os melhores ângulos possíveis (vide Apêndice 3).

Essas inferências se aproximam da realidade da Praça do Japão, pois apesar da existência de várias esculturas, infelizmente algumas não estão valorizadas à altura em decorrência de seu posicionamento nada estratégico, como é o caso da obra de *Manabu Mabe* (Figura 69), inaugurada em outubro de 2019, representa a ‘união de duas nações irmãs’ – Japão e Brasil.

FIGURA 69 – ESCULTURA DA AMIZADE ENTRE BRASIL E JAPÃO.



Nota: Este registro foi feito em um ângulo em que se torna possível perceber os limites da praça a partir do pagode, ao fundo, e da via que circunda em relação à localização da escultura.

FONTE: Acervo do autor (2024).

Esta escultura localiza-se na Avenida Sete de Setembro, no ponto de continuidade com a Avenida República Argentina, em um jardimete adjacente à praça. Por situar-se em frente ao hotel, aparenta estabelecer uma relação simbólica e funcional mais estreita com este equipamento urbano do que propriamente com a praça. Durante as observações em campo, constatou-se a presença reduzida de frequentadores no local, inferência que se confirma na análise dos dados obtidos por

meio do *e-form*, uma vez que o referido espaço sequer foi mencionado pelos respondentes.

Embora a porção inferior da praça tenha sido citada nos resultados do *e-form*, essa área desponta como um espaço percebido como menos atrativo pelos frequentadores. Essa percepção pode estar associada ao fato de que, durante as *flâneries*, observou-se que, apesar da escultura de *Tomie Ohtake*, com seus sete metros de altura chamar a atenção, poucas pessoas se aproximam para contemplá-la de modo mais atento. Situação semelhante ocorre com a escultura ‘Estátua Paz nº 30.31’, a qual é observada apenas de maneira breve pelos transeuntes.

No que concerne à imperceptibilidade destacada por Cartaxo (2009), o autor desta pesquisa chama a atenção para três aspectos centrais: (i) a lanterna japonesa e o monólito encontram-se desprovidos de placas explicativas; (ii) a ausência da tradução dos kanjis 和心清風⁹⁸ grafados no monólito; (iii) apesar do monólito estar em um local de destaque e ornado com flores, foi instalado de modo que seus ideogramas, estivessem voltados para a Avenida Sete de Setembro, contudo a vegetação cresceu ocultando-o parcialmente.

Cabe ressaltar também que o fluxo de sujeitos ocorre às costas da escultura, o que se enaltece são as placas instaladas pela prefeitura. Observou-se, então, que os sujeitos se aproximavam olhavam, mas nem todos circundavam o monólito para contemplá-lo. Essas lacunas informacionais impedem que uma parcela significativa dos frequentadores compreenda plenamente os contextos históricos e simbólicos associados a esses elementos, contribuindo para sua invisibilidade no cotidiano do espaço urbano (Cartaxo, 2009).

Visto que o portal de acesso (original) foi derrubado, após sua restauração, foi recolocado na lateral que faz frente para a Avenida Sete de Setembro, de modo que se antes, ao acessar a praça por esta avenida, via-se primeiramente uma grande massa verde que camuflava o lugar; agora a arquitetura do novo portal passou a sinalizar que ali se encontra um espaço temático (Figura 70). Porém, como esta alteração ocorreu durante a realização desta pesquisa, em sinalização à nostalgia, manteve-se junto à CEA a representação na posição original⁹⁹, como será

⁹⁸ Kanjis: 和 (wa): harmonia, paz, 心 (kokoro) – coração, espírito, 清 (sei) – pureza, clareza, 風 (fū) vento, brisa. Logo, pode ser feita a seguinte interpretação: “Coração pacífico, brisa pura”.

⁹⁹ Pode ser visto nas figuras 55 e 57.

apresentado mais adiante.

FIGURA 70 – NOVO PORTAL DE ACESSO À PRAÇA DO JAPÃO.



FONTE: Acervo do autor (2025).

Por conta das conversas informais mencionadas anteriormente, o pesquisador tomou ciência de que a planta que orna o pergolado é do tipo Glicínia, mas por falta de manutenção especializada, podas incorretas e irregulares, impossibilitou essa planta de florir tornando-a apenas mais uma vegetação no paisagismo. De acordo com relatos durante as oficinas de *Ikebana*, essa espécie quando bem cuidada proporciona cachos de flores que variam de 10 cm a 40 cm, com flores na tonalidade roxa e com perfume característico.

Em outra ocasião durante os trabalhos de campo, em conversa informal com frequentadores, foi relatado que certa vez um senhor nascido no Japão, pedia para sua família que quando morresse fosse levado de volta à sua terra natal para ficar ao lado dos seus, mas quando o fatídico dia chegou, a família desprovida de recursos financeiros, espalhou as cinzas do ente pela Praça do Japão.

Não posso afirmar se esse fato foi real ou se foi uma lenda urbana, também não estou aqui para polemizar o ato pela ótica legal e sanitária, mas confesso que essa narrativa ficou ecoando em minha mente por algum tempo e me levou a refletir sobre a simbologia que um lugar pode assumir para além de todos os contextos que julgamos perceber.

Em analogia à simbologia dessa paisagem, esse ato de espalhar as cinzas

pode ser interpretado como resquícios de um “*status* residual” em que memórias coletivas buscam alternativas (sagradas ou profanas) junto a marcos arquitetônicos e simbólicos tidos como sagrados (Cosgrove, 2004, p. 118).

Neste contexto, Rosendahl (2014, pp. 13–14) enaltece a sacralização de determinados espaços por meio de arranjos aos quais são atribuídos uma “força simbólica” que se distingue do espaço cotidiano (*imaginalis*). De acordo com essa autora, quando se atribui certa sacralidade a um espaço, neste caso a Praça do Japão, ganha-se um aspecto simbólico (numinoso) (*Ibid.*, 2014).

Desse modo, acredita-se que um descendente japonês nascido no Brasil que ainda não tenha ido ao Japão, busca na figura da praça uma representação dessa referência cultural, estética e sagrada/religiosa. Com isso, o ato de espalhar as cinzas de seu ente querido, cumpre para esse sujeito, ainda que em seu imaginário, com sua obrigação, pois “a familiaridade com o lugar religioso e a experiência religiosa compartilhada num mundo *imaginalis* são fatores que favorecem a “essência espiritual” e a qualidade poética dos lugares” (Rosendahl, 2014, p. 16).

Logo, por conta de “rituais simbólicos”, como o mencionado, o lugar passa a ser visto como um “espaço sagrado” para “práticas familiares e religiosas” (Rosendahl, 2014, p. 17). Assim, se o amor pela terra pátria ou saudade pela terra natal – “patriotismo” – foi latente durante a vida, esses espaços instituídos em memória aos mortos e culto aos ancestrais também assume uma simbologia topofílica (Tuan, 2015b, pp. 134–135).

Este espaço vivo, dinâmico e em constante revolução demonstra estar para além dos sujeitos e grupos sociais. Um processo subjetivo de apropriação da dimensão espacial em que ocorre uma “intersubjetividade” cultural por parte dos diferentes sujeitos (Silva, 2019a, p. 52).

Portanto, nos versos que abriram este tópico, Ricardo Mainieri faz uma analogia da Praça do Japão como sendo uma Ikebana – planejada, montada, feita “em meio a urbanidade” para transmitir o desejo, enquanto refúgio que “lança seus verdes braços” e acolhe a todos estes sujeitos. Desse modo, esse espaço visto como um lugar: cultural, étnico, turístico, sagrado e outros, assume um caráter abstrato, místico, fantasmagórico, simbólico em que o turista a imagina, o residente a conhece, o descendente a honra.

5 OS INDÍCIOS DA REALIDADE: A APRESENTAÇÃO DOS DADOS

*O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o **campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas.***

Maurice Merleau-Ponty in Fenomenologia da Percepção (2018, p. 06, grifo nosso).

Esta seção, se destina a apresentar os dados obtidos junto ao *e-form*. Vale lembrar que o trabalho de campo foi realizado em duas fases distintas, na primeira entendida como pré-teste, foi realizado um trabalho de reconhecimento (*flânerie*) registros fotográficos, filmicos e conversas informais.

A realização do pré-teste junto à Praça do Japão, possibilitou diagnosticar equívocos e os ajustes necessários. Além disso, também permitiu qualificar a eficiência da metodologia híbrida proposta, bem como demonstrou a efetividade em sua aplicação (Laville; Dionne, 1999).

Em um segundo momento, após realizar os ajustes necessários e após a aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais – CEPCHS, o pesquisador retornou a campo para distribuição dos *cards* com o QR Code. Essa etapa foi realizada em diferentes períodos (manhã, tarde e noite) em datas alternadas entre dias de semana, finais de semana e feriados (durante a alta e a baixa temporada).

Encerrada a coleta, os dados foram tratados com intuito de analisar a ocorrência de ruídos e validação das respostas. Cabe destacar que foram tomadas todas as medidas necessárias para garantir a ética na pesquisa, como transparência do método e anonimato dos respondentes.

Por último, cabe destacar que em conformidade com as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, com vistas à preservação da privacidade dos participantes, especialmente daqueles que compartilharam fotografias contendo pessoas identificáveis, e considerando que, para esta tese, foram mobilizados apenas os dados mais significativos, permanecendo ainda material inédito passível de publicação científica, a pasta contendo os dados da pesquisa não será disponibilizada publicamente. Feitas as devidas considerações, apresenta-se na sequência a síntese dos dados obtidos via *e-form* junto à Praça do Japão – Memorial da Imigração Japonesa, em Curitiba/PR.

5.1 A CONSTITUIÇÃO DO CORPUS: OS DADOS COLETADOS

*[...] o que chamamos de nossos dados/são realmente nossa própria **construção das construções de outras pessoas**, do que elas e seus compatriotas se propõem [...], pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em si mesma ser examinada diretamente.*

Clifford Geertz in A interpretação das Culturas (2008, p. 07, grifo nosso).

O e-form começou a registrar respostas no dia 30 de novembro de 2024 até 30 de abril de 2025. Ao término, foram computadas 130 respostas sendo 129 válidas¹⁰⁰. Na sequência alguns dados referentes a essa amostra (Quadro 10).

QUADRO 10 – DADOS AMOSTRAL DO PERFIL DOS RESPONDENTES.

DADOS BRUTOS DA AMOSTRA – PRAÇA DO JAPÃO			
TOTAL	130 respostas – 01 inválida = 129 respostas válidas		
GÊNERO	Feminino		70
	Masculino		56
	Outros: Não binário, Fluido, NR		03
RESIDENTES	102	Bairros: Centro (16), Água Verde (06), Bairro Alto (05), Boa Vista (05), Cajuru (05), Cristo Rei (04), Mercês (04), Uberaba (04), Bigorrrilho (03), Boqueirão (03), Juvevê (03), Portão (03), Sta. Felicidade (03), Batel (02), Capão da Imbuia (02), Capão Raso (02), CIC (02), Novo Mundo (02), Rebouças (02), Sítio Cercado (02), entre outros ¹⁰¹ .	Tempo de residência: Desde que nasceu (30), mais de 10 anos (42), entre 02 e 05 anos (14), entre 06 e 10 anos (13), 1 ano ou menos (03).
MOTIVAÇÃO	Paisagem, beleza, tranquilidade, arquitetura, ciclismo, caminhadas ou corridas, lazer, local de passagem para compromisso/ trabalho, eventos, aulas e oficinas, ócio ou descanso.		
DESCENDÊNCIAS (POR ORDEM DECRESCENTE)	*** Respondeu entre 2 e 3 etnias (32) japonesa (20), italiana (11), portuguesa (9), polonesa (08), africana (07), não sabe (06), ucraniana (04), indígena (02), espanhola (02), inglesa (01).		

¹⁰⁰ 01 resposta foi invalidada por inconsistência na resposta.

¹⁰¹ Os 'outros' se referem a bairros com apenas 01 resposta.

TURISTAS	27	Cidades: Manaus/AM (02), Maringá/PR (02), Rio de Janeiro/RJ (02), Arapongas/PR (01), Balneário Camboriú/SC (01), Belo Horizonte/MG (01), Castro/PR (01), Conquista/ MG (02), Londrina/PR (01), Matinhos (01), Morretes/PR (01), Niterói/RJ (01), Uberaba/MG (03), São Paulo/SP (03), Porto Alegre/RS (01), Juiz de Fora/MG (01), Almirante Tamandaré/PR (01), São José dos Pinhais/PR (02).	Estadia: Menos de um dia, de passagem (03) entre 01 e 03 dias (10), entre 04 e 07 dias (09), mais de 07 dias (05).
MOTIVAÇÃO	Visitar parentes e amigos, férias, negócios, estudos, saúde, conhecer a cidade, dança, eventos.		
DESCENDÊNCIAS (POR ORDEM DECRESCENTE)	*** Respondeu entre 2 e 3 etnias (11) japonesa (05), italiana (04), não sabe (02), portuguesa (01), ucraniana (01), africana (01), polonesa (01), árabe (01).		
COMPARTILHAM ENTÃO DE FOTOS¹⁰²	Residentes: 21 fotos (15 fotos utilizadas) Turistas: 09 fotos (09 fotos utilizadas)		

FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

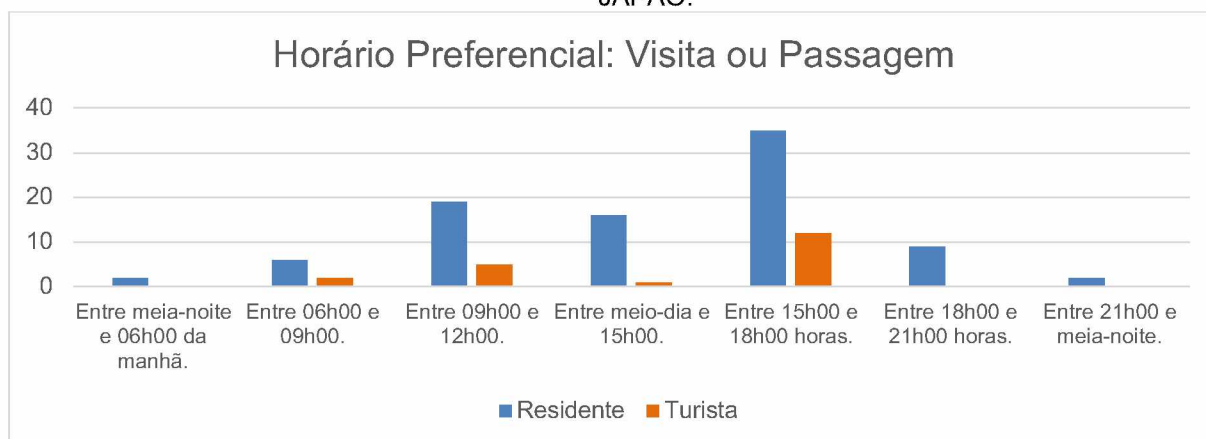
Vale salientar que por conta da miscigenação da população brasileira, na questão relacionada às descendências, a forma de resposta, como caixa de seleção, permitiu a obtenção de mais de uma resposta por participante, inclusive com uma opção 'outros' na qual permitiu uma resposta livre.

Outro ponto que pareceu um tanto quanto contraditório diz respeito ao compartilhamento de fotografias. A quantidade de participantes que aceitaram compartilhar seus registros com esta pesquisa foi considerada baixa, apenas 30 fotos se comparado à quantidade de respondentes (129). Do ponto de vista deste pesquisador, pareceu mais fácil aos respondentes compartilhar publicamente suas fotos na *web* a compartilhá-las para fins acadêmicos, mesmos cientes de que as pessoas na foto teriam seus rostos ocultados digitalmente.

Em se tratando dos demais dados obtidos, quando questionados sobre o horário preferido para visita ou passagem, nota-se (Figura 71) que o período compreendido entre 15h00 e 18h00 foi unânime entre residentes e turistas. Acredita-se que esse horário tenha sido preferido por conta das condições climáticas de Curitiba, com manhãs e finais de tarde mais frias ou chuvosas.

¹⁰² Cada respondente poderia enviar até 5 fotos.

FIGURA 71 – HORÁRIO PREFERENCIAL PARA VISITAR OU PASSAR PELA PRAÇA DO JAPÃO.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

É possível perceber que o horário da manhã é destinado majoritariamente aos residentes. Atribui-se a esse fenômeno dois fatos que puderam ser observados em campo. O primeiro condiz com o horário de trabalho e compromissos, logo parte dessa movimentação diz respeito aos passantes; por sua vez os demais residentes que frequentam a Praça do Japão no período da manhã são, em sua maioria, praticantes de atividades físicas, como corrida, caminhada e ciclismo.

Apesar do trabalho de campo ter sido realizado até as 20h00, é possível inferir que a movimentação desses residentes, após este horário, converge para moradores da região. Interpreta-se que a movimentação após as 21h00 até as 06h00 seja de trabalhadores noturnos da região, assim como motoristas por aplicativo e outros.

No que se refere às idas e vindas dos residentes, investigaram-se suas experiências e rotinas durante a passagem pela praça. Dentre as respostas obtidas, a maioria apresentou avaliações positivas, com destaque para as seguintes manifestações¹⁰³:

R 10 “Passava pelo atrativo **olhando pra ele da janela do ônibus**, de manhã e à noite.”

R 28 “Apenas **observo de dentro do biarticulado** Santa cândida Capão Raso.”

R 72 “Minha rotina é **passar por ela** e olhar como está o clima.”

¹⁰³ Devido ao fato de as respostas terem sido anônimas, apresenta-se a letra R (de Respondente) seguida por um número (posição de resposta na planilha) juntamente com o relato transcrito *ipsis litteris* e destaque em negrito para palavras-chave, como grifo nosso.

Como pode ser visto, parte das respostas condizem com a passagem pelo local durante a ida ao trabalho uma alusão aos “*Flâneurs* de Janelas” (Larsen, 2001). Um outro grupo relatou que suas experiências estão mais ligadas ao contexto da realização de alguma atividade que proporciona recompensa emocional, pois:

R 82 “Sempre acho **bonito** e de alguma forma **me emociona**.”

R 117 “**Me sinto segura** e amo contemplar a natureza ali presente. **É meu ponto de encontro** para pedal com amigos e feira de orgânicos!!”

R 126 “Sempre **linda**. **Traz uma tranquilidade**, memórias afetivas.”

R 128 “**Passeio pela praça**, meditar, comprar biscoito da sorte, **jogar Pokémon go**.”

Por sua vez, há quem experiencie o elo real ou imaginário com o Japão:

R 46 “A experiência é boa. **Gosto de admirar o templo em meio a praça e sentir um pouco do que seria o Japão no local**. Gostaria que o ambiente fosse maior ou que tivessem mais arquiteturas japonesas nos arredores.”

R 65 “Tenho um sentimento agradável quando passo pelo local, é bonito e diferente das paisagens que normalmente se encontram em Curitiba. **Me sinto um pouco por um momento no Japão**.”

R 90 “**Tenho a sensação** de ter as emoções **mesmo não estando no país**.”

R 111 “O local entrega para aqueles que o visitam, uma sensação de conforto e lazer, é possível fazer compras de itens culturais tradicionais japoneses e **sentir que está levando um pouco daquele "mundo" para casa**.”

R 116 “Sempre muito bom, **posso matar um pouco da saudade do Japão**.”

Assim como ao ler um livro pela segunda vez nos permite perceber novos elementos, semelhante ocorre com a paisagem vista repetidamente:

R 108 “Boa, sempre observo atentamente e sinto que **vejo novos detalhes todas as vezes**.”

Como as percepções são subjetivas, houve um respondente que parecia não estar com o sentimento de pertencimento em alta, em:

R 22 “Acho o monumento **pouco atrativo e ou convidativo**.”

Quando questionados sobre como esses sujeitos percebem a Praça do Japão, para o residente ela se (re)apresenta sumariamente pela materialidade

presente em elementos que compõe sua paisagem, já para os turistas, o que foi enaltecido diz respeito à atmosfera (Quadro 11).

QUADRO 11 – COMO OS SUJEITOS PERCEBEM A PRAÇA DO JAPÃO.

PERCEPÇÃO DA PRAÇA DO JAPÃO – RESIDENTE	cerejeiras, ônibus, jardins, avenidas, paisagismo, biblioteca, arquitetura, prédios do entorno, água corrente, vegetação, cultura, tradição, singularidade, valorização, representação da comunidade nipônica, Japão em Curitiba, diversidade étnica.
PERCEPÇÃO DA PRAÇA DO JAPÃO – TURISTA	bonito, seguro, paz, tranquilidade.

FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Note que a percepção por parte dos residentes foi sumariamente maior que a percepção descrita pelos turistas. Essa discrepância está associada à percepção longitudinal, ou seja, quanto mais tempo o residente vivenciar aquela paisagem, mais detalhes perceberá, enquanto o turista que chega e permanece algum tempo perceberá somente os elementos icônicos com maior representatividade visual ou sensorial. Cabe lembrar a já mencionada resposta do residente R 108 em que nota novos detalhes todas as vezes que vai ou passa pelo local.

Como já mencionado, apesar da Praça do Japão não compor a Linha Turismo, é reconhecida por seus frequentadores como um atrativo turístico da cidade (vide R 60), que ao agir como um simulacro, por conta de sua paisagem, teletransporta alguns frequentadores diretamente ao Japão (vide R56):

*R 31 “Ponto turístico, pequeno, mas lindo, paisagismo que nos **faz pensar no Japão de fato.**”*

*R 46 “**Um pedaço do Japão** em Curitiba.”*

*R 48 “Como o **Espírito do Japão** em Curitiba.”*

*R 56 “Um **pedacinho do Japão.**”*

*R 60 “Um **ponto turístico** de Curitiba.”*

Em vez da alusão direta ao Japão, alguns respondentes fizeram menção à etnicidade e a cultura japonesa, inclusive entre os próprios japoneses (vide R 82):

*R 61 “Uma praça que **marca e representa a comunidade japonesa** em Curitiba.”*

*R 79 “**Símbolo da etnia japonesa.**”*

R 82 “**Local onde nós, descendentes de japoneses**, podemos sentir o acolhimento, valorização e homenagem q a cidade nos presta.”

R 92 “Um lugar bonito e gostoso para aproveitar o dia, mas também um espaço cheio de oportunidades para se **introduzir na cultura japonesa**.”

R 99 “Um espaço com **monumentos simbólicos da cultura e dos imigrantes japoneses**.”

R 120 “É uma praça **dedicada a memória da imigração japonesa**, com jardins no estilo japonês e uma construção, ao centro, com algumas características que remetem a arquitetura japonesa. Neste edifício fica um espaço dedicado a oficinas e uma lojinha. Possui uma época com bonitas cerejeiras e o resto do ano fica com um jardim frio e com pouco vida (pois a floração das cerejeiras é curta). Possui também uma escultura de uma artista japonesa, naturalizada Brasileira, no largo a frente da praça.”

Outros frequentadores a descreveram com foco em sua atmosfera espiritual e/ou em comunhão com a ancestralidade:

R 71 “Fiquei em paz porque meus **ancestrais São japoneses**.”

R 90 “O clima do local dá uma **paz** e a sensação de frequentar a mesma **religião**.”

R 107 “Um lugar bom pra **meditar**, tranquilo, dá pra sentar e ler um livro, e ficar em **paz** no meio do caos do centro kkkkkk (apesar de ser [no bairro] água verde continua sendo bem movimentado).”

Para outros, no meio do caminho havia apenas um lugar:

R 110 “Um **lugar** diferente.”

R 117 “Um **lugar** lindo, seguro, abençoado e contemplativo.”

R 122 “Um **lugar** q me traz calma em meio ao caos urbano”.

Já em relação à experiência do turista, um dos destaques que mereceram atenção foi a solidão, ou seria soliditude? Seria a praça solitária em relação ao cinturão de prédios à sua volta? Seria solitária por estar vazia? Seria solitária pela turista estar só?

R 29 “Agradável, porém **solitária**.”

No que compete as experiências sinestésicas:

R 62 “Na primeira visita ao atrativo, achei a praça bonita, mas apenas para caminhada. Nas vezes seguintes, as **cerejeiras estavam floridas**, então a visita se tornava um momento de

contemplação e reflexão. Sentava no chão da praça sob uma das cerejeiras com **um livro e um café gelado**. Foi muito boa, o dia estava **com um céu muito bonito azul** e contrastava bem com as cores do local, deixando as fotos ainda mais bonitas.”

Quando o turista estabelece contato com o residente:

R 83 “Uma das **senhoras que trabalha na biblioteca** da praça falou com a gente sobre os projetos desenvolvidos no local para com a comunidade, além de realmente ser um lugar bem cuidado e lindo.”

Parte dessas respostas foram categorizadas e possibilitaram a composição de uma nuvem de palavras que apresentam e representa a percepção da paisagem, da Praça do Japão do ponto de vista do residente. Vale lembrar que por se tratar de uma composição por frequência, quanto maior a palavra mais ela apareceu nas respostas. O destaque ficou por conta da tranquilidade, da beleza, das flores, da paz e do visual (Figura 72).

FIGURA 72 – NUVEM DE PALAVRAS: RESIDENTES.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Visto que o contingente de respostas dos turistas foi menor que o dos residentes, consequentemente a quantidade de palavras que ilustram sua nuvem de palavras também corresponde, porém não menos importante. Desse modo, a síntese

das palavras que a percepção da paisagem, da Praça do Japão do ponto de vista do turista destaca a paz, da beleza, da cultura e da surpresa (Figura 73). Acredita-se que essa surpresa esteja associada ao período de floração das cerejeiras como um fator imprevisto.

FIGURA 73 – NUVEM DE PALAVRAS: TURISTAS.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Em relação à motivação que levou o turista a realizar a visita, tem-se os seguintes destaques:

R 68 “A cultura japonesa, gosto de **aprender** sempre mais dessa **cultura** e Curitiba tem muitas **opções**, principalmente **gastronômicas**.”

Quando a motivação ocorre por indicação:

R 83 “Minha **mãe** já tinha ido e disse que era bonito pra eu ir ver também.”

Quando a motivação é atribuída à paisagem:

R 32 “Praça do Japão tem como o nome diz **características da cultura japonesa**, tem um **jardim preservado**, fica no centro do bairro chique da cidade e é de fácil acesso.”

R 44 “Um **cantinho japonês** no meio da cidade e grandes vias! Bem cuidada, arborizada, tem um lago, estátua de Buda e um espaço japonês bem legal, possui portal e cerejeiras, tb, um lago com carpas.”

R 83 “É uma praça feita pra ter a maior **vibe japonesa** possível, com um jardim muito bem cuidado e algumas esculturas temáticas também.”

Em relação aos principais interesses dos sujeitos, tem-se a seguinte síntese (Quadro 12). Apesar de alguns itens de interesse repetirem entre as escolhas do turista e do residente, o destaque fica por conta do contraste junto aos pontos de desinteresse.

QUADRO 12 – INTERESSES E DESINTERESSES.

RESIDENTE	TURISTA
LOCAL DE INTERESSE	LOCAL DE INTERESSE
arquitetura, buda , caminhos , carpas, cerejeiras, jardins e natureza, lagos e espelhos d'água, lojinha , pagode, ponte .	arquitetura, carpas, cerejeiras, fontes e cachoeiras , jardins e natureza, lago, pagode, portal .
LOCAL DE DESINTERESSE	LOCAL DE DESINTERESSE
bancos, localização entre avenidas movimentadas , não houve/ não tem/ não se aplica, ônibus , pessoas que joga lixo no chão , prédios no entorno, trânsito.	cachorros e cocô de cachorro , lagos (em manutenção), não houve/ não tem/ não se aplica. prédios no entorno, som da cidade , som do trânsito .

FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Dessa síntese supracitada, foram compilados do ponto de vista do residente e do turista alguns destaques que mereceram atenção em relação ao mais e ao menos interessante na praça. Essa síntese auxiliou na eleição dos elementos que compuseram a CEA. Logo, tem-se:

*R 11 “Do **lago** com carpas, por causa do **movimento dos peixes**.”*

*R 65 “O **lago** com o Buda, porque é calmo, a água meio que traz uma tranquilidade e é bonito.”*

*R 73 “Gostaria mais se fosse época da florada das **cerejeiras** ... e se estivesse a **noite**.”*

*R 82 “A **arquitetura** da edificação remete de imediato ao Japão.”*

*R 94 “Trilhas. **Áreas sombreadas** que propiciam conforto térmico nos dias mais quentes.”*

*R 110 “As **ilhotas** com pontes.”*

*R 111 “Das **flores**, causa uma **experiência de romance** no ambiente.”*

*R 117 “**Cerejeiras**, porque as flores são efêmeras.”*

*R 125 “**Portal**, porque sempre que visito a Praça, gosto de **me permitir viajar num futuro sonhado** que muito está entrelaçado com diversas cenas nas quais possuem portais semelhantes, já que trabalho com cosplay.”*

Por sua vez, o que menos agradou aos residentes ficou por conta das seguintes respostas:

*R 11 “Das pessoas que jogam **lixo no chão**.”*

*R 30 “As **escadas**, [no pagode] acho um pouco perigosa para quem tem criança.”*

*R 65 “Ausência de **lugares ligados às religiões** praticadas no Japão.”*

*R 125 “Perdoe-me, são tantos momentos prazerosos que não consigo separar o atrativo. Todas as minhas queixas seriam sobre manutenção e/ou desejar **que o espaço fosse maior**.”*

Nesse quesito, foram poucas respostas em relação ao que menos gostou. A única resposta que mereceu destaque foi:

*R 44 “Não gosto de que cães tenham acesso! Lugar assim é gostoso pra sentar, entrar em contato com seu eu interior, meditar e não ficar com **medo de sentar em xixi de cachorro**. Não tenho nada contra cães, só não gosto da má educação e bom senso de alguns indivíduos.”*

Objetivamente, ao ser indagado a respeito de suas percepções sensoriais, obteve-se os seguintes dados dos residentes (Quadro 13):

QUADRO 13 – A PERCEPÇÃO SENSORIAL DOS RESIDENTES.

OLHAR	arquitetura, carpas, casa de chá, cerejeiras, espelhos d’água, pagode, paisagem, paisagismo, portal.	
OUVIR	Natural: abelhas, água correndo, cachorros, folhas, pássaros, vento.	Urbano: música (clássica, meditação), pessoas, som da cidade, trânsito.
CHEIRAR	Natural: flores, madeira, mato, natureza, terra molhada.	Urbano: cidade, fumaça, gente, incenso, poluição.
TOCAR	água do lago, buda, carpas, flores, grama, livros (biblioteca), madeira, peças do museu, pedras, plantas, trilhas.	
SABOREAR	Geral: baunilha, café, caldo de cana, chocolate, churros, frutas, infância, limão, siciliano, mel, ovos mexidos, pastel, pipoca, sorvete.	Específico (Cultural): arroz, biscoito da sorte, cereja, chá, comida japonesa, doce (cerimônia do chá), lámen com carne de porco, manju, matcha, moti, peixe, pepino japonês, saquê, shoyo, sushi, yakisoba.

FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Em se tratando dos destaques que mais chamaram a atenção dos residentes,

seguem algumas menções a respeito desta percepção visual:

*R 108 “O memorial, fiquei um bom tempo **encantada admirando**.”*

*R 118 “A **complexidade** de parecer fácil e ao mesmo tempo difícil.”*

*R 122 “A **arquitetura urbana de Curitiba** é tão quadrada e sem graça, **quando vou lá a sensação é diferente**.”*

Por sua vez, a sinestesia sonora ficou por conta das seguintes percepções:

*R 42 “Pássaros, natureza, trânsito bem ao fundo, e talvez algumas pessoas. Acho que **é o som ideal, por se tratar de vida, de pessoas de história, dentro da cidade**, a cidade foi também construída por essas pessoas que imigraram para aqui.”*

*R 65 “Não estou lá agora, mas dava pra ouvir o **som dos carros e das pessoas**. Mas no geral era calmo, tinha o **som da água**. Acho que o ideal seria o silêncio mesmo.”*

*R 117 “Som dos **passarinhos e do biarticulado**. Eu gosto da mistura dos sons da natureza em meio a selva de pedras que é a cidade.”*

Já aos aromas presentes no ambiente, o destaque ficou por conta do:

*R 04 “**Cheiro de cidade**. Uma mistura de muitas coisas que compõe a atmosfera de vida da cidade.”*

Por último, no que se refere à sinestesia tátil, chama-se a atenção para R12, que demonstra como alguns sujeitos vivenciam o espaço de modo inconsciente, em uma espécie de “modo automático” totalmente passivo; ou seja, consomem tudo aquilo que lhes é apresentado sem questionar e sem se questionar (Pine; Gilmore, 2011).

*R 12 “**Nunca pensei nisso**.”*

Os demais destaques enaltecem o que foi interessante de se tocar com as mãos ou com os pés:

*R 13 “O caminhar pela história é **tocar as pessoas**.”*

*R 123 “**Gramma, água morna** como se estivesse em uma casa de banho tradicional japonesa, mas apenas uma área para relaxar.”*

Já as percepções sensoriais do ponto de vista do turista foram (Quadro 14):

QUADRO 14 – A PERCEPÇÃO SENSORIAL DOS TURISTAS.

OLHAR	arquitetura, cerejeira, lagos, pagode, paisagem, paisagismo, pontes, prédios ao redor.	
OUVIR	Natural: água, pássaros, vento.	Urbano: música tradicional, ônibus, pessoas, trânsito.
CHEIRAR	Natural: flores, grama, mato, pólen, vegetação.	Urbano: poluição.
TOCAR	água, buda, grama, terra.	
SABOREAR	Geral: adocicado, amargo, café, cítrico, doce e gelado, felicidade, licor de jabuticaba, morango, suco de melancia.	Específico (Cultural): biscoito da sorte, chá verde, comida japonesa, mochi de sakura, moti, sushi.

FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Em decorrência da quantidade de respostas, apresenta-se uma compilação sensorial das sinestesias para ambos os sujeitos:

Visual: R 25 “*A praça em si é linda, tranquila com. Prédios ao redor, vizinhos devem adorar morar próximo.*”

Sonoro: R 32 “*Ônibus biarticulado passando. Ele não deixa esquecer que estamos no centro de uma metrópole.*”

Olfativo/Gustativo: R 62 “*O sabor do café tomado todas as vezes que fui lá.*”

Tátil: R 68 “*O conjunto da obra, o prédio, as cerejeiras a fonte, cada um separado não tem o mesmo valor que o conjunto todo.*”

Gustativo: R 68 “*Levemente adocicado como um mochi de sakura.*”

Apesar desses dados serem apenas um recorte da realidade, eles possibilitam compreender as dinâmicas que se desenrolam no perímetro da Praça do Japão, bem como as percepções subjetivas dos frequentadores, sejam eles residentes ou turistas.

De modo geral, a partir dessa exposição, julga-se que os trabalhos de campo realizados junto à Praça do Japão foram satisfatórios e atenderam à proposta estabelecida por esta pesquisa.

Em suma as pessoas se mostraram gentis e receptivas ao aceitar o *card* para participação na pesquisa. Ainda que nem todas tenham respondido, este ato implícito

também se torna uma resposta visto que esse ‘silêncio’ também representa uma maneira de perceber a praça.

Por fim, as *flâneries* permitiram experienciar o lugar em sua completude e assim como mencionado nas respostas, este pesquisador também percebeu muitos elementos na paisagem que não havia notado antes. Na sequência, serão apresentados os resultados (dados que se transformaram em informações), seguido pela apresentação da confecção da Cartografia Experiencial Afetiva (CEA) como materialização destas percepções a partir das interpretações deste pesquisador.

6 QUANDO A INFORMAÇÃO SE TORNA TANGÍVEL: ANÁLISE DOS RESULTADOS

O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.

Yi-Fu Tuan in Espaço e lugar: a perspectiva da experiência (2015a, p. 147, grifo nosso)

Durante muito tempo, a pesquisa científica focou quase que exclusivamente na racionalidade como padrão de validade do saber, deixando em segundo plano as dimensões emocionais, afetivas e subjetivas da vivência humana. Essa orientação epistemológica se firmou em diversos domínios do conhecimento, sustentando uma separação entre razão e emoção que impactou significativamente o avanço da ciência moderna (D'Ambrosio, 2016; Trindade, 2008). Contudo, essa priorização do racional em relação ao sensível tem sido gradualmente contestada, especialmente a partir de perspectivas que reconhecem a complexidade do indivíduo e a interligação entre corpo, percepção, emoção e experiência (Claval, 2014; Lowenthal, 1982; Mendonça; Kozel, 2014).

Neste cenário, esta pesquisa age como um ato intencionalmente disruptivo, ao contribuir com o movimento de expansão das fronteiras científicas da subjetividade. Baseada na fenomenologia e sob uma abordagem interdisciplinar, a pesquisa provoca os modelos analíticos positivistas existentes ao ressaltar as experiências sensíveis, as percepções pessoais e os laços afetivos estabelecidos entre sujeitos e lugares. É, portanto, uma abordagem teórico-metodológica que considera o conhecimento como um processo relacional.

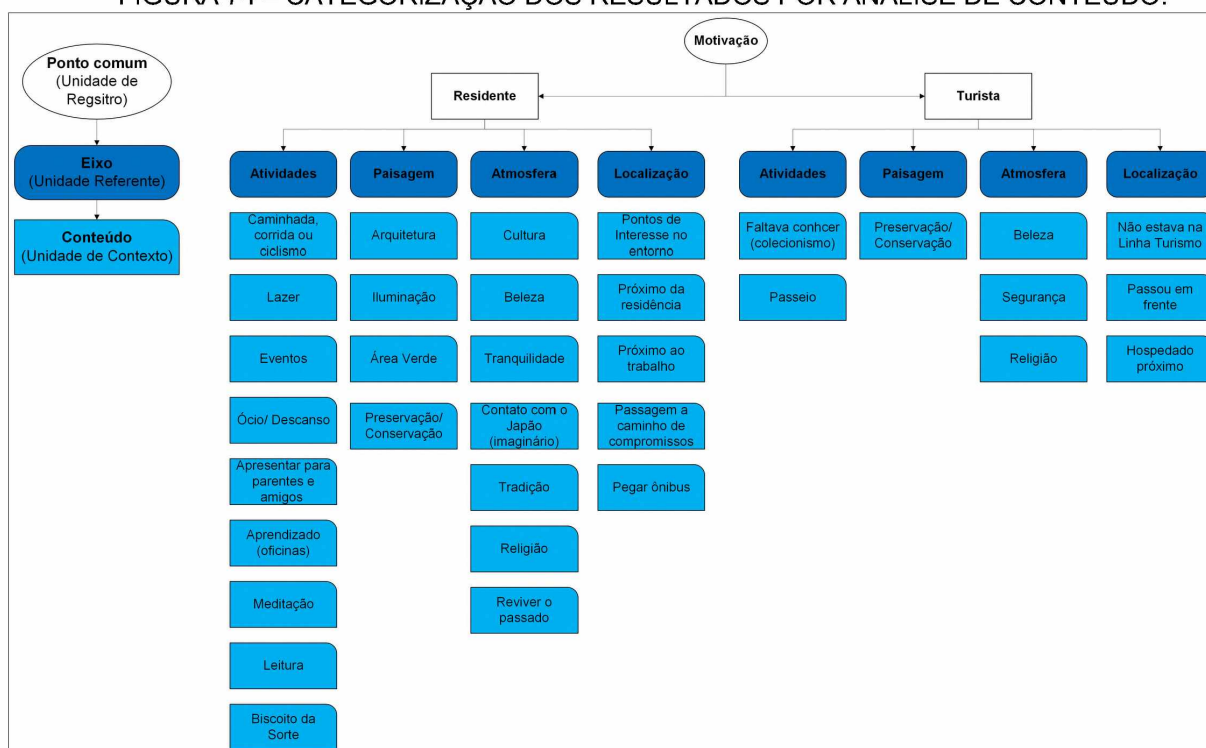
Assim, este capítulo divide-se em duas seções que se complementam: (i) análise dos resultados empíricos, incluindo a classificação das respostas coletadas através dos *e-forms*, bem como a interpretação e leitura das fotografias fornecidas pelos participantes; (ii) Cartografia Experiencial Afetiva (CEA), confeccionada a partir dos dados obtidos, cujo produto foi a síntese das percepções, experiências e significados que os frequentadores atribuíram à Praça do Japão.

Cabe lembrar que o procedimento de confecção da CEA constituiu uma alternativa aos mapas mentais, possibilitando, a partir das interpretações do pesquisador, a criação de uma representação cartográfica simbólica, ou seja, sem precisão técnica, exata ou científica, mas dotada de sensibilidade, com caráter

artístico-visual, marcada pela flexibilidade interpretativa e pela acessibilidade universal, independente da cultura ou etnia.

Após coleta e tratamento, os dados foram examinados à luz da Análise de Conteúdo sugerida por Bardin (2016), possibilitando a formulação de categorias analíticas (unidades de contexto). O procedimento levou ao agrupamento das respostas em eixos temáticos (unidades de referência), estabelecidos com base nas motivações que levaram os indivíduos ao local (unidades de registro), conforme será mostrado na Figura 74.

FIGURA 74 – CATEGORIZAÇÃO DOS RESULTADOS POR ANÁLISE DE CONTEÚDO.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Pela Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), o eixo (unidade referente) se manteve equitativo em quatro unidades para cada conjunto: (i) 'Atividades' (relativo a qualquer tipo de ação), (ii) 'Paisagem' (relativo à parte estética e física), (iii) 'Atmosfera' (relativo à parte abstrata), (iv) 'Localização'¹⁰⁴ (como ponto de referência em relação ao sujeito). Por último, o agrupamento do conteúdo similar (unidade de contexto).

Devido ao fato de os residentes terem tido uma participação maior na

¹⁰⁴ Cabe destacar que apesar da unidade de contexto 'Pegar ônibus' ser uma atividade, optou-se por categorizá-la na unidade referente "Localização" em decorrência da disposição das estações-tubo estarem próximas ao perímetro da praça. Logo, a Praça do Japão se torna um ponto de referência em relação a essas estações.

pesquisa, as unidades de contextos deste grupo foram majoritárias em relação ao conteúdo dos turistas, mas por se tratar de uma pesquisa fenomenológica essa diferença não impactará no resultado. Com isso, codificou-se, enquanto categorização, 25 unidades de contexto para o residente e 09 unidades de contexto para o turista.

A unidade referente ‘Atividades’ (Residente¹⁰⁵) foi a que chamou maior atenção nas narrativas. Isso indica que o ato de ir até o lugar está associado à realização de algum tipo de ação cuja experiência pode estar em âmbito ativo (atividades relacionadas ao movimento) ou em âmbito passivo (contemplação e meditação).

Assim, enquanto para o residente a unidade referente ‘Atividades’ se mostrou com maior relevância, para o sujeito turista esse papel ficou a cargo da unidade referente ‘Atmosfera’ (Turista) e ‘Localização’ (Turista). Em oposição a unidade referente ‘Preservação/ Conservação’ (Turista) alcançou o menor índice na percepção desses sujeitos. Essa discrepância corrobora o fato de que os residentes percebem e (re)significam o espaço e seus elementos de modo mais amplo e profundo que um turista em visita rápida, confirmando assim a fala de Yi-Fu Tuan (2015a, p. 06) de que “o lugar é a pausa no movimento”.

Visto que as fotos são dentre tantas possibilidades, a materialização da experiência individual e/ou coletiva de sujeitos em performances (Larsen, 2001, 2004, 2005; Larsen; Urry, 2014; Urry; Larsen, 2021), e, portanto, uma observação ‘emprestada’ do ponto de vista do outro. Ponto de vista que, na maioria das vezes, o sujeito escolheu registrar influenciado previamente, (in)conscientemente, por outros registros (Guissoni, 2019).

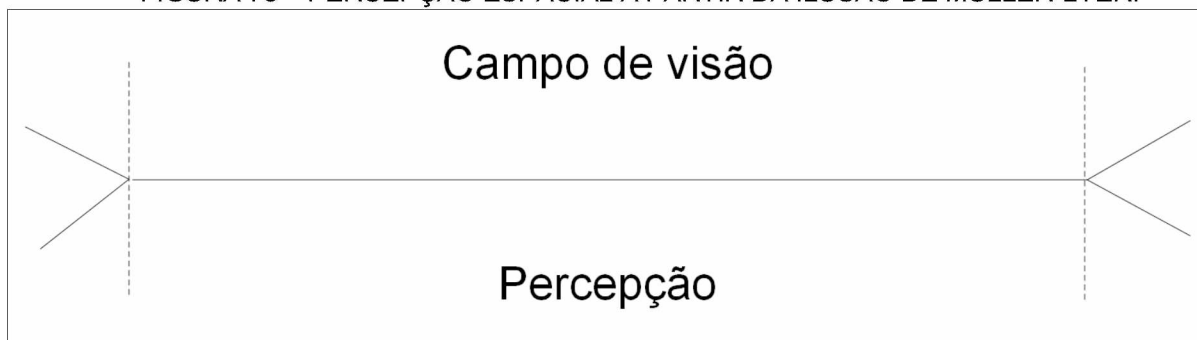
Logo, se o único meio de acessarmos o passado é por meio desses registros feitos por nós ou por outros sujeitos, para que um sujeito consiga atingir seu estado perceptivo nostálgico ao olhar para uma imagem do passado, deverá exercitar sua capacidade imaginária e fantasiosa, como por exemplo, ao observar as fotografias da paisagem da Praça desde sua fundação e/ou registros posteriores (Lowenthal, 2013).

A partir deste contexto, e à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty (2018), entende-se que o campo de percepção do sujeito é, por essência, restrito e localizado.

¹⁰⁵ Os termos “Residente” e “Turista” entre parênteses se referem à unidade de registro (vide Figura 74).

Embora certas pessoas tenham uma percepção visual periférica mais desenvolvida, o campo de visão continua limitado ao que aparece diretamente na frente do corpo. A partir deste contexto, apesar dos sujeitos, em condição biológica natural, possuir sentidos e ser racionais (capacidade cognitiva), sua percepção primária tende a se limitar ao campo de visão (Figura 75).

FIGURA 75 – PERCEPÇÃO ESPACIAL A PARTIR DA ILUSÃO DE MÜLLER-LYER.



FONTE: Adaptado de Merleau-Ponty (2018, p. 27).

Essa situação requer o movimento como uma estratégia essencial para entender o espaço, visto que é através do deslocamento que o indivíduo expande sua percepção e desenvolve uma compreensão mais abrangente do ambiente. Essa ideia é fundamental para a análise sugerida, pois enfatiza que a experiência do espaço é dinâmica, processual e mediada pelo corpo (Besse, 2013; Careri, 2013, 2017; Seamon, 2013; Silva, 2019b).

Como mencionado ao longo da pesquisa, se o corpo é o veículo de apreensão espacial do sujeito (Caminha, 2019; Lima, 2014), ainda que haja o consumo visual prévio, como as experiências só ocorrem no local, a paisagem também só é consumida, em sua plenitude sinestésica, no local (Urry, 2001). E, mesmo que o sujeito passe ou visite o local rapidamente, ele será impactado em maior ou menor grau por experiências corporais e sinestésicas, conscientes e/ou inconscientes.

Essas percepções podem ser confirmadas pelos registros visuais que os participantes da pesquisa realizaram junto à praça. Esses registros foram organizados e categorizados por temática. Para a leitura das fotografias pautou-se pela semiótica ancorada nos seguintes elementos: 1. Cromático (cores) 2. Eidéticos (formas) 3. Topológicos (posição) (Guissoni, 2021; Guissoni *et al.*, 2023). A partir desta segmentação, obteve-se os seguintes agrupamentos:

- No que compete aos residentes:
 - Grupo 1 – Cerejeiras;
 - Grupo 2 – Rotina;
 - Grupo 3 – Verticalização;
 - Grupo 4 – Iluminação;
 - Grupo 5 – Memórias.

- No que compete aos turistas:
 - Grupo 1 – Paisagem Urbana;
 - Grupo 2 – Assunto principal;
 - Grupo 3 – Ângulos;
 - Grupo 4 – Foto troféu.

Todas essas fotos se apresentam como ponto de vista subjetivo do olhar do sujeito. Nesse sentido, cada foto por mais parecida ou similar que seja, é única. Logo, representam seus anseios, suas referências, suas emoções, em outras palavras, a materialização de suas experiências naquele instante. Esses sujeitos acabaram contando uma história através das narrativas visuais que serão apresentadas a seguir.

Cabe destacar que foi indagado a todos os respondentes os motivos (justificativas) de terem escolhido essas fotos em detrimento a outras. Essa intenção buscou ocupar a mente dos respondentes com o intuito de induzi-los a ir em busca da essência de suas percepções (na memória) como sugere Maurice Merleau-Ponty (2004, 2018). Desse modo, ao enaltecer suas justificativas, o pesquisador conseguiu contrapô-las às suas próprias impressões, de modo que, juntas, constituíssem uma realidade perceptível.

Inicialmente, destacam-se alguns infortúnios que impossibilitaram o recebimento e a análise de uma quantidade maior de registros. Em seguida, quando disponíveis, cada grupo apresentará seus principais destaques. Têm-se, então, alguns dos motivos pelos quais os respondentes não compartilharam seus registros:

*“Somente não consigo enviar as fotos por causa de um **dano no celular** eu as perdi”*

*“Não enviei as fotos pois **não tenho mais.**”*

*“**Foi a que achei** no meu celular, mas tenho outras bem melhores.”*

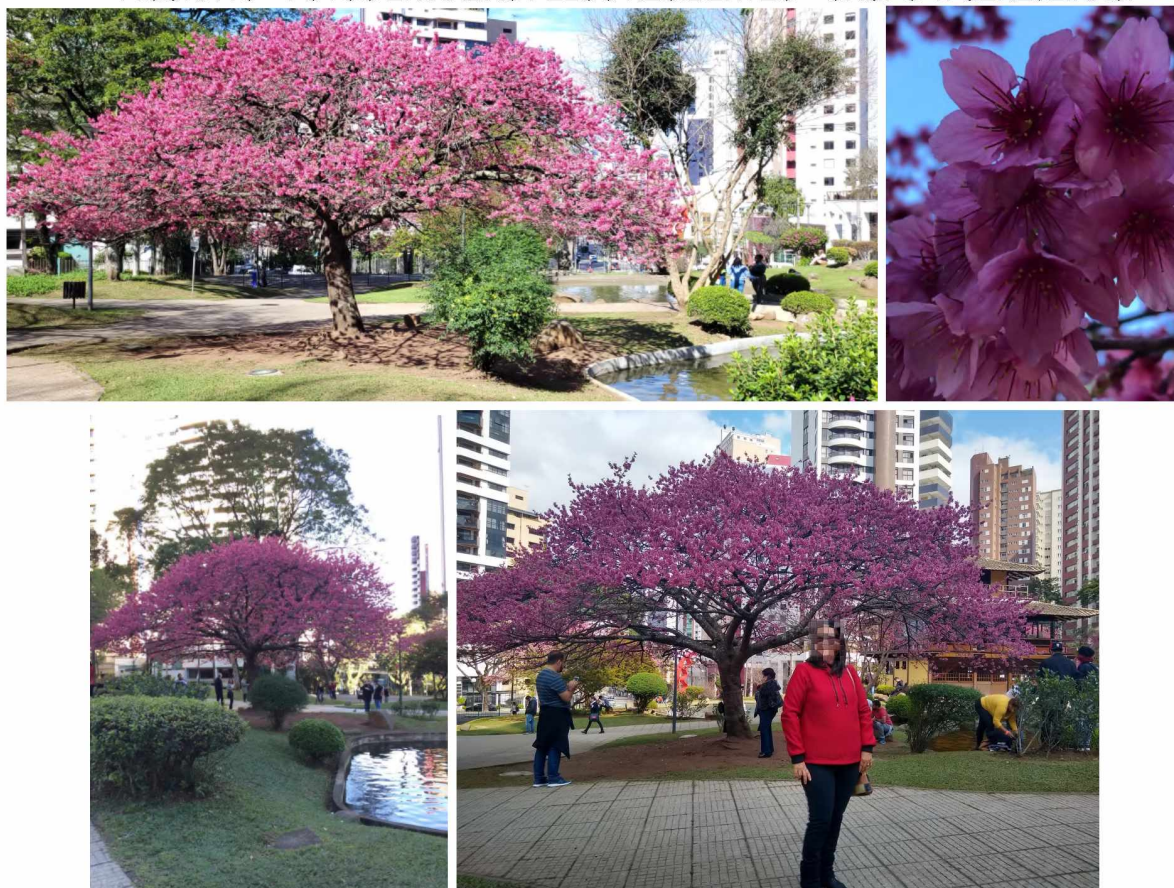
*“Tinha outras, mas era **difícil encontrar.**”*

*“Não encaminhei a foto porque **não sei como fazê-lo.**”*

A partir dessas justificativas, levanta-se o questionamento acerca dos resquícios de memória que cada sujeito conservará das experiências vividas na Praça do Japão, em médio e longo prazo, na ausência do suporte visual proporcionado pelas fotografias. Tal ausência tende a fragilizar a fixação das experiências, favorecendo o esquecimento progressivo dessas vivências. Nesse sentido, nas narrativas a seguir, o primeiro grupo representa o elemento apontado como a principal motivação para a visita da praça: as cerejeiras.

Apesar de efêmeras, nesses registros (Figura 76), as cerejeiras foram enaltecidas como assunto principal. Logo, se apresentam como foto cartão-postal com exceção da última que se configura como uma foto troféu (Mello, 2019). Nesse grupo as fotos foram humanizadas, de modo que os sujeitos aparecem em diferentes planos como meros figurantes. Por sua vez, a paleta cromática predominante a cor rosa, com formas curvilíneas.

FIGURA 76 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 1: CEREJEIRAS.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Observe que nas três primeiras fotos predomina o discurso visual turístico tradicional como ‘cartão-postal’ (Mello, 2019). Nesse tipo de registro, o que se almeja é a exposição estética do lugar, ou seja, o que tem de belo para se mostrar – a paisagem. Ao serem questionados sobre o motivo de compartilhar essas fotos específicas, as respostas foram:

*“Porque nela tem uma cerejeira, **símbolo do Japão**”.*

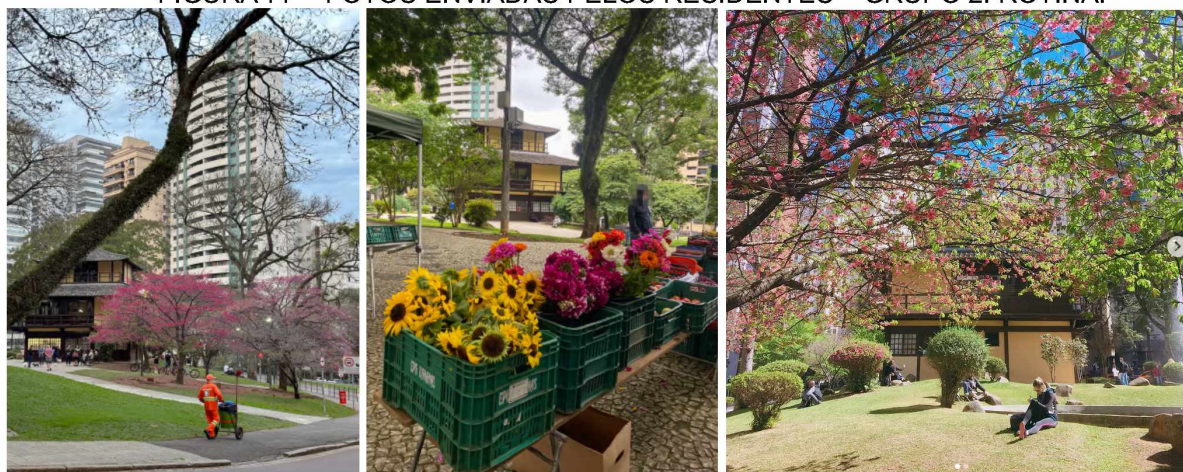
*“Gosto que mostra a água, o sol que faz a praça ficar mais **bonita** ainda e as cerejeiras rosas que estavam floridas quando tirei a foto”.*

*“**Gostei** muito dessa foto”.*

Pode-se observar por meio das respostas que a percepção desses residentes prioriza a atmosfera com destaque para o contato com o Japão e a beleza. Já o Grupo 2 (Figura 77), representa parte da rotina dos residentes cujo assunto central não é a Praça do Japão, mas a dinâmica que ocorre nela. Note que a praça em si age como um palco e se encontra como cenário de fundo. Neste caso, o assunto central são corpos em ação, em movimento.

O gari realizando seu trabalho, o vendedor de flores, sujeitos tomando sol e lendo. Neste último caso, ainda que as pessoas no jardim pareçam imóveis por conta da atividade de meditação contemplação e leitura, seus corpos são vivos e pulsam, seus olhos se movem e elas respiram.

FIGURA 77 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 2: ROTINA.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

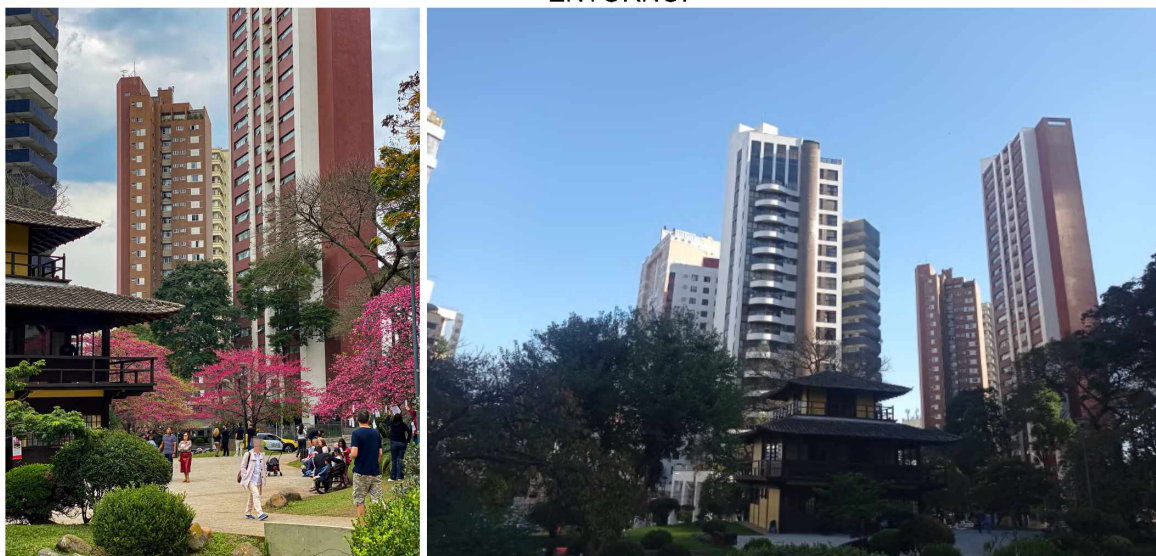
Na paleta de cores, predomina em todas as imagens tons de verde e rosa com alguns destaques cromáticos pontuais. Apesar de algumas linhas, os registros são disformes. Neste grupo, a percepção visual pertence à unidade referente

‘Atividades’. Quando questionados sobre os motivos que levaram a esses registros, uma das respostas mereceu destaque:

*“Porque mesmo sabendo que a qualidade não está boa e não tendo tempo para procurar outras em outro dispositivo, julgo que ela **representa perfeitamente o carinho que tenho pelo atrativo**”.*

Apesar de enaltecer atividades, a rotina desse sujeito é pautada pela afetividade. Por sua vez, o Grupo 3 (Figura 78), enaltece a verticalização do entorno da praça. Logo, as formas são mais retilíneas dada a arquitetura das edificações, as fotos são humanizadas e indicam a vivência cotidiana no/ do lugar, sua rotina, preferências, seu dia a dia. Seja pela quantidade de apartamentos dos edifícios, seja pela movimentação da praça. A paleta de cores é sóbria puxando para tons terrosos.

FIGURA 78 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 3: VERTICALIZAÇÃO NO ENTORNO.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Note que ao contrário do grupo anterior, a praça deixa de ser cenário e passa a ser assunto principal, cabendo aos edifícios o plano de fundo. Sobre os motivos para escolha dessas imagens:

*“Porque **identificam bem o local**”.*

*“Pq é a q tenho e coincidentemente, aparece a casa [**pagode**, grifo nosso] (de q mais gosto no atrativo).”*

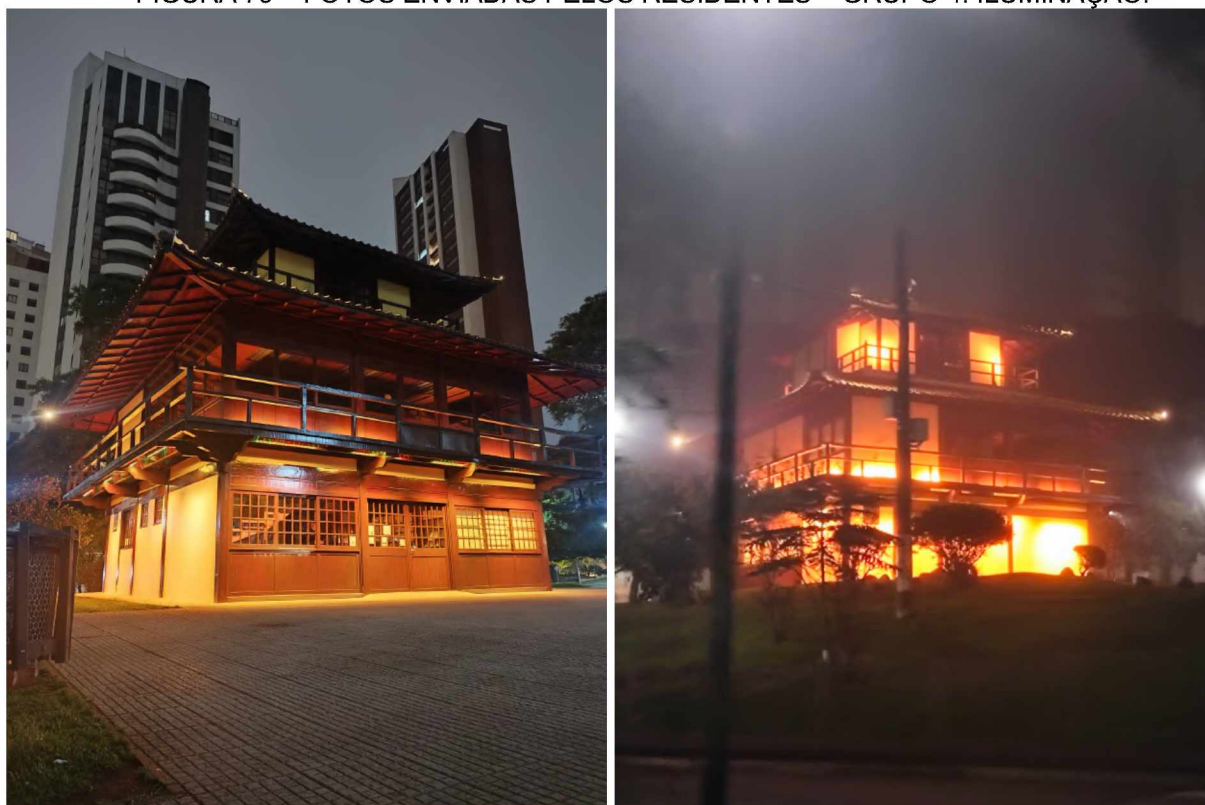
*“Tem a **visão total do ambiente** em si, assim consigo expressar o quão **lindo** é”.*

Ainda que desagrade uns, a paisagem verticalizada também agrada a outros, comprovando o papel da subjetividade. Por falar em paisagem, esta é a unidade

referente a qual pertence esse grupo uma vez que se destacam a arquitetura e o ambiente em si.

Na sequência, o penúltimo Grupo (Figura 79) apresenta a percepção noturna, esse tipo de experiência será única aos sujeitos que frequentarem após o entardecer. Em ambos os registros, tem-se o elemento central, o pagode, iluminado com cores quentes. Os registros possuem formas mais geométricas por conta da arquitetura, não priorizaram a humanização e a neblina contribui com a criação de uma atmosfera que parece mimetizar um incêndio.

FIGURA 79 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 4: ILUMINAÇÃO.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

As justificativas para a escolha dessas fotos ditam sua unidade referente a 'Paisagem' tendo a 'Iluminação' como unidade de contexto. Uma das respostas destacou a sinestesia associada ao clima. A escolha da foto se deu:

*"Por conta da **sinestesia** provocada ao olhar pra ela. Lembro do frio do outono que fazia quando a foto foi tirada".*

Assim, todas as vezes que o sujeito olhar para a foto lembrará o frio que sentiu no local durante o registro. O último grupo (Figura 80), pertencente à percepção dos residentes, se volta para as memórias. Nos dois primeiros registros, fotos antigas que semelhante ao destaque anterior atuará como gatilhos capazes de evocar a

nostalgia durante sua estada na praça. Neste caso as fotos são humanizadas, tendo os sujeitos em primeiro plano, e não priorizaram por uma forma geométrica específica, tampouco a paleta de cores.

FIGURA 80 – FOTOS ENVIADAS PELOS RESIDENTES – GRUPO 5: MEMÓRIAS.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Quanto às justificativas, tem-se como unidade referente a ‘Atmosfera’ cuja unidade de contexto está associada ao ato de reviver o momento passado. Note que além de gatilhos nostálgicos físicos como o porta-retrato, todos registros, memórias e destaques dizem respeito aos afetos nutridos pelo outro no lugar – corpos que se (inter)relacionam.

*“Essa é de **69** [1969, grifo nosso] numa ilhota da praça do Japão”.*

*“Está foto está no **porta-retrato** na minha sala e **simboliza meu passeio com minha filha** todos os anos pra visitar a florada das cerejeiras”.*

*“Porque são meus **últimos registros** da praça e foram **dias bons e lindos**”.*

*“**Boa memória e paz.**”*

*Remete a um **momento de boa recordação**”.*

*“Essas em específico me passam uma sensação mais feliz e **me fazem lembrar** do dia e das sensações que tive nele”.*

Vale lembrar que as fotografias são frames, capturas de uma cena em movimento, mas ainda que no resultado prevaleça um sentido estático, em sua essência indicam movimento (Merleau-Ponty, 2018). Pois, além dos nossos corpos que estão vivos e pulsantes, ao pensar essas Geografias não humanas, ou seja, os elementos que compõe a natureza (lago, o relevo os galhos, animais), eles também se encontram em movimento.

Sobre esse ato do ‘parado em movimento’ Merleau-Ponty (2018) apresenta uma analogia do sujeito que viaja de trem, do ponto de vista dele, é a paisagem fora que se movimenta e ele está em repouso, em um trem que se movimenta em uma paisagem que parece parada. Quando na verdade, tudo se encontra em movimento.

Portanto, essas fotos representaram as percepções da cultura japonesa e os elementos que compõe a paisagem simbólica da Praça do Japão a partir das percepções subjetivas dos residentes. A seguir, dando continuidade à exposição das percepções dos sujeitos, tem-se o ponto de vista dos turistas.

No Grupo 1 (Figura 81), a prioridade foi enaltecer a unidade referente da ‘Paisagem’ cuja unidade de contexto foi a ‘Área verde’. O destaque cromático se detém no verde (central). Mas, com exceção da presença humanizada, esse tipo de

registro se aproxima do cartão-postal. O conjunto eidético é formado por curvas (primeiro plano), disforme (segundo plano), e retilíneas (terceiro plano).

FIGURA 81 – FOTO ENVIADA POR TURISTA – GRUPO 1: PAISAGEM URBANA.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Esse grupo foi composto de apenas um registro e não foi apresentada justificativa em relação à escolha dessa foto. Desse modo, esse registro foi alocado como unidade referente 'Paisagem', cuja unidade de contexto é a 'Preservação e conservação'. Porém cabe salientar que mediante a ausência de justificativa, esta foto poderia ser categorizada na unidade referente 'Localização' com unidade de contexto 'Passou em frente', pois é possível notar que em primeiro plano encontra-se a canaleta do ônibus biarticulado, ou seja, para realizar esta captura, o sujeito estava fora da praça.

Na sequência, tem-se no Grupo 2 (Figura 82) os registros do pagode nominado, neste agrupamento, como 'assunto principal', pois apesar de a cerejeira sempre ser lembrada como elemento central na composição da paisagem da Praça do Japão, na sua ausência, esse destaque fica por conta desta edificação.

Nesses registros, nota-se uma geometria longilínea acentuada pelo calçamento que induz o direcionamento do olhar do espectador a percorrer o caminho até chegar ao pagode, apesar das fotos serem amadoras os sujeitos buscaram centralizar ao máximo o elemento do pagode em relação à vegetação e aos edifícios

ao fundo. O verde se mantém presente em todos os registros, assim como a presença humana.

FIGURA 82 – FOTOS ENVIADAS POR TURISTAS – GRUPO 2: ASSUNTO PRINCIPAL.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Esses registros não apresentaram justificativas pela escolha por isso foram alocados na unidade referente 'Atividades', em unidade de contexto 'Passeio' por se tratar de turistas. Por sua vez, o grupo 3 (Figura 83), priorizou o ângulo fotográfico (de baixo para cima). A cor predominante é o verde com formas curvilíneas, disformes e retilíneas. A composição priorizou a humanização.

FIGURA 83 – FOTOS ENVIADAS POR TURISTAS – GRUPO 3: ÂNGULOS.

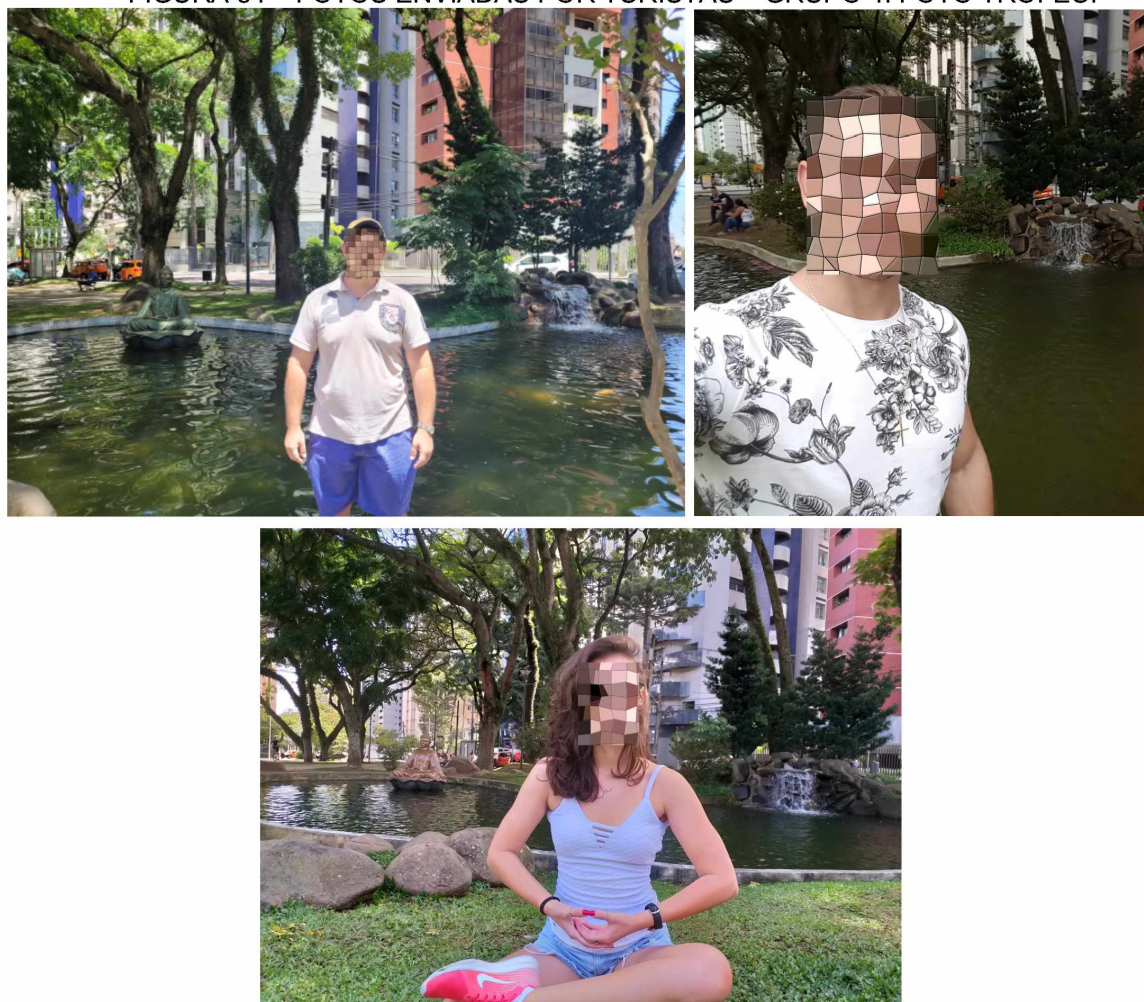


FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

As fotos são do tipo cartão-postal e se dividem em apenas dois planos: o objeto de atração, no primeiro plano e o infinito no último. Majoritariamente o ângulo de visão de quem realizou os registros é frontal, feitas debaixo para cima. Todos os registros são amadores e representam o real. Por não ter apresentado justificativas, julga-se que essa percepção como pertencente à unidade referente 'Atmosfera', em unidade de contexto 'Beleza', haja visto que fotos nesse tipo de ângulo tendem a enaltecer o elemento central da imagem (Mello, 2019).

Por fim, o Grupo 4 (Figura 84), foi nominado como 'foto-troféu', pois se refere a um tipo de registro que age como um prêmio 'dado' a quem se propôs a ir até lá, bem como também atribui um *status* social perante quem nunca esteve no local ao transmitir a mensagem 'estive aqui!' (Mello, 2019). Geralmente, os sujeitos se presentificam em primeiro plano, o segundo enaltece o objeto de atração, a vegetação, no terceiro a urbanização e o último o infinito. Esse tipo de foto será sempre humanizado (*Ibid.*, 2019).

FIGURA 84 – FOTOS ENVIADAS POR TURISTAS – GRUPO 4: FOTO TROFÉU.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

As justificativas para escolha dessas fotos, imperou junto à unidade referente 'Atmosfera' na unidade de contexto 'Beleza'. Essa categorização ocorreu por conta da percepção descrita em destaques que priorizaram o teor estético.

*"Porque eu **apareço**".*

*"Foi a que teve o **melhor enquadramento**".*

*"Achei as **mais bonitas** que demonstram melhor o local".*

Nesse cenário, cabe ao próprio indivíduo interpretar suas percepções e subjetividades e, diante da vitrine da virtualidade, decidir o que expor e o que ocultar. Em grande parte dos casos, os sujeitos optam por evidenciar aspectos de seu universo particular vinculados ao belo, ao luxo ou ao status social, elementos que os posicionam simbolicamente em um patamar superior, ao passo que tendem a ocultar o seu inverso, aquilo que é percebido como feio, triste ou potencialmente gerador de afetos negativos.

Por fim, ao término do formulário, foi disponibilizado um espaço para que os(as) respondentes pudessem se expressar livremente, conferindo-lhes voz no processo de pesquisa. Dentre as diversas respostas obtidas, destacam-se, *ipsis litteris*, as seguintes:

*"Faz muito tempo que fui a Curitiba e não disponho das fotos por isso não disponibilizei. Enfrentei situações diferentes na cidade. Quando minha namorada era loira o acolhimento na cidade foi completamente diferente de quando voltei com outra pessoa em momento diferente e ela é de cor negra. Fizemos passeios semelhantes e quanto maior o poder de renda na cidade, mais éramos discriminados. Isso me fez tomar uma decisão de nunca mais voltar na cidade e optar pelo Nordeste. **Se a cor da pessoa que convivo interfere como as pessoas nos tratam, a mim não interessa os atrativos e possibilidades.** Desde então redirecionei meus investimentos de viagem ao nordeste brasileiro onde o acolhimento a uma pessoa branca tendo como companheira uma pessoa negra é normal como deveria ser no país todo".*

*"Minha crítica é com relação ao **grande número de usuários de drogas**".*

*"Quando eu era pequena minha família tirava fotos lá. Quando comecei a trabalhar, quem me ensinou muito e levo até hoje os ensinamentos foi uma japonesa. **Quando casei foi lá as fotografias do meu casamento.** Esse lugar **faz parte da minha história**".*

*"Apesar de não frequentar, **está em meu caminho**, passo rapidamente, mas é um local sempre cheio".*

*"Um grupo chamado **Urban Sketchers Curitiba** passou pela Praça do Japão e **fizeram vários desenhos que retratavam a Praça**, é um bom acervo artístico sobre a Praça e estavam em exposição dentro do Templo".*

*"Gostaria de uma **visita guiada** no interior, com um instrutor para descobrir curiosidades sobre o local".*

*“Gostei de responder as perguntas, **me fez lembrar a sensação de estar lá**”.*

*“Domo arigatou gozaimasu por escolher o referido atrativo como **tema de estudo** <3”.*

A praça do Japão, enquanto um lugar de memória, tornou-se também um lugar de reunião, de enraizamento, de familiaridade (Relph, 2014). Nesse sentido, o caminhar enquanto “experiência de apropriação pessoal” transformou “o espaço da cidade em história, em descrição” (Besse, 2013, p. 49).

Desse modo, todas essas amostras analisadas representaram as percepções visuais subjetivas dos residentes e dos turistas. Enquanto alguns grupos apresentaram percepções diurnas, coloridas e humanizadas, outros optaram por registros realizados no final da tarde e à noite, marcados por baixa movimentação. A partir dessas fotografias, foi possível perceber as nuances entre a verticalização urbana, as performances do sujeito e a estética do lugar.

Com isso, a experiência de estar na Praça do Japão, enquanto lugar, proporcionou, para além do enriquecimento cultural, o estabelecimento de um imaginário momentâneo, no qual se contrastavam um Japão tradicional (representado pelo pagode) e um Japão moderno (materializado pelos edifícios).

Assim, ao evocar emoções relacionadas à delimitação de seu perímetro, configurou-se uma paisagem simbólica por associação, em escala micro, no interior de Curitiba; bem como uma Praça do Japão singular, do ponto de vista de seu espectador, em escala macro, tal como evidenciado nas fotografias (Cosgrove, 1998, 2001, 2008; Tuan, 1995, 2015a, 2015b).

Ao se idealizar o memorial étnico da Praça do Japão, configurou-se uma atmosfera que simulava o que é e como é o Japão. Esse memorial étnico, enquanto patrimônio afetivo, manteve-se, nesse sentido, ligado às performances que despertavam determinadas emoções e induziam a uma experiência. Por conseguinte, identificou-se, nos registros fotográficos, um modo de materialização e expressão dessas percepções e experiências. Para além, essas fotografias também agirão como gatilhos emocionais ou geradores sinestésicos dessas lembranças (Larsen, 2005, 2006; Larsen; Urry, 2014; Lynch, 2011; Silva, 2019b; Tuan, 2015a).

Essa constatação pôde ser observada por meio dos chamados espaços e/ou momentos instagramáveis, nos quais se estabelecia uma dinâmica estética que contribuía para o registro fotográfico e seu consequente compartilhamento em redes

sociais, despertando o interesse de outros sujeitos em visitar o local (Guissoni, 2019; Mello, 2019).

Porém, cabe salientar que nesse tipo de performance o sujeito, o ritmo urbano assim como outros sujeitos, a temperatura, a iluminação (natural ou artificial, luz do dia, hora), companhia, cheiro, sons, atratividades, estado de espírito impactarão na experiência final do sujeito e consequentemente em seus registros (Góis, 2010, 2018a; Larsen, 2004, 2005).

Portanto, conforme apresentado na abertura desse tópico, “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (Tuan, 2015a, p. 147), ou seja, a partir dessas narrativas, percebeu-se que, tanto durante uma viagem quanto no curso das rotinas cotidianas, nem sempre nos damos conta conscientemente da complexidade das experiências e vivências “dos outros”, expressas em seus gestos e ações, memórias, conexões, histórias, ancestralidades e valores éticos e estéticos em relação a um lugar. Dito isto, o próximo tópico apresentará a Cartografia Experiencial Afetiva (CEA).

6.1 A CARTOGRAFIA EXPERIENCIAL AFETIVA (CEA)

A tese é, em primeira mão, uma descoberta da arquitetura reflexiva presente em toda a investigação; logo, a ciência como atividade transforma-se na faina artística que inventa para revelar as dimensões invisíveis, incógnitas, submersas, recônditas, múltiplas, sensíveis, complexas. [...] A tese tem algo a ver com a invenção. Uma receita às avessas: a descoberta.

Lucrécia D'Aléssio Ferrara in prefácio de Como se faz uma tese de Umberto Eco (2019, p. XV, grifo nosso).

Como lembra Sauer (1997, p. 05), em se tratando da Geografia Cultural, este tipo de ciência é entendido como uma “ciência de observação”, por isso apropria-se de habilidades observacionais, tanto em campo, quanto em “representações cartográficas”. Logo, esta pesquisa adota uma abordagem fenomenológica uma vez que “[...] o pensamento não existe sozinho de forma pura, o pensamento é sempre pensamento de alguma coisa” (Lima, 2014, p. 87).

Nesse sentido, o fator observacional será preponderante junto a praças, memoriais e outros espaços públicos. Diferente de outras praças de teor étnico, como por exemplo, a Praça da França, Praça da Itália e outras, o paisagismo e arquitetura da Praça do Japão, enquanto elementos estéticos possuem papel fundamental neste quesito. Esse apelo estético, facilita para o sujeito se lembrar do que o impactou, seja positiva ou negativamente.

Concomitantemente, a Praça do Japão se apresenta como um lugar de conexão entre passado e presente, entre Brasil e Japão ao mimetizar a paisagem japonesa, como um simulacro do Japão no imaginário daqueles sujeitos que ainda não o visitaram (Knudsen; Rickly-Boyd; Metro-Roland, 2012; Mello, 2019).

Ainda neste contexto, a praça também estabelece diferentes relações entre o sujeito, as áreas do próprio atrativo e a cidade por meio da fronteira espacial entre bairros, rotinas e experiências turísticas. Para além disso, atua também como refúgio para a fauna urbana, assim como para trabalhadores e residentes da região.

Por último, as atmosferas criadas com a iluminação (Góis, 2021; Merleau-Ponty, 2018), que somadas ao exotismo e ao diferencial (Mello, 2019), contribuem com a capacidade de evocar uma atmosfera simbólica e afetiva destinada e pensada como atrativa ou em referência (Bomfim, 2008, 2023; Silva; Bomfim; Costa, 2019). Portanto, essa praça adquire uma dimensão com muitas faces: emocional, afetiva, simbólica, turística e alhures.

Neste cenário, a Praça do Japão se consolidou como um patrimônio afetivo capaz de instaurar cargas sensíveis, primeiramente, entre seus descendentes; em seguida, entre os sujeitos que, mesmo não pertencendo a essa linhagem, mantêm vínculos simbólicos com a etnia; e, por fim, entre aqueles que a reconhecem como um atrativo turístico (Bomfim, 2008, 2023; Silva; Bomfim; Costa, 2019).

Desse modo, a Geografia e áreas afins, ao trabalharem com lugares de memória e a noção de patrimônio afetivo, possibilitam repensar esses temas à luz da interdisciplinaridade, a partir das (co)relações estabelecidas entre diferentes sujeitos em distintos momentos.

No contexto do Turismo, não poderia ser diferente: as emoções, ainda que primárias, manifestam-se antes mesmo do planejamento da viagem, quando esta ainda se encontra no plano da ideia. Nesse estágio inicial, as emoções moldam as ações, influenciam as escolhas e orientam o comportamento do indivíduo na seleção

de um destino ou atrativo em detrimento de outro (Cohen, 1972; Guissoni, 2019; Larsen; Urry, 2014; Pine; Gilmore, 2011; Urry; Larsen, 2021).

Por conseguinte, pode-se afirmar que as emoções permeiam toda a experiência turística: (i) antes da viagem, por meio de gatilhos emotivos; (ii) durante o planejamento com a formação de um imaginário prévio e construção de expectativas; (iii) durante a viagem, com a confirmação ou frustração dessas expectativas, bem como aprofundamento da satisfação e registro das impressões, sejam mentais, sejam mediadas por dispositivos técnicos, como fotografias e filmagens; e (iv) após a viagem, na validação da experiência por meio do compartilhamento em redes sociais, da recomendação (ou não) do destino e da eventual fidelização ao lugar (Cohen, 1972; Guissoni, 2019; Larsen; Urry, 2014; Pine; Gilmore, 2011; Urry; Larsen, 2021).

Desse modo, as emoções associadas ao universo das viagens, estão relacionadas com as experiências dos sujeitos, bem como ao alcance ou até mesmo à superação das expectativas previamente construídas. Por sua vez, no caso de os residentes já estarem habitualmente familiarizados com sua passagem diária pelo local, essas experiências e emoções ocorrem de forma discreta e quase imperceptível perante o automatismo de ir e vir desse sujeito (Larsen, 2001; Seamon, 2013).

Dito isso, cabe salientar que emoções e sentimentos não podem ser mensurados; contudo, quando são vivenciados, elaborados e comunicados pelos sujeitos, tornam-se passíveis de interpretação subjetiva por parte do pesquisador. Mas, e quanto ao passado?

Resta-nos, então, refletir se seria a partir da memória ancestral que os espaços adquirem uma perspectiva fenomenológica de lugar, entendida, no âmbito da Geografia Humanista e Cultural, como experiência vivida? E, de que modo essa ancestralidade, situada em um tempo pretérito, mantém sua presença e continua a moldar, transformar e ressignificar os lugares como experiência, pertencimento e identidade?

Embora o sentido de lugar assuma um caráter eminentemente subjetivo, variando conforme a interpretação de cada sujeito, é possível imaginar a experiência daquele que deixa sua terra natal e, após meses de travessia oceânica, chega ao Brasil, uma terra estranha, habitada por pessoas estranhas e marcada por um idioma igualmente estranho.

Neste contexto, em associação à topofilia de Tuan (2015b), quando os primeiros imigrantes japoneses chegaram a Curitiba, o espaço encontrava-se

desprovido de qualquer sentimento de pertencimento; tratava-se, para esses indivíduos, de um ambiente ainda estranho e exótico em relação aos seus referenciais culturais e modos de vida.

Contudo, com o decorrer do tempo, esses imigrantes passaram a inserir na comunidade seus hábitos, costumes e tradições, desencadeando um processo de aculturação (Almeida; Berredo; Nunes, 1975). Tal processo se materializou, na contemporaneidade, por meio de diferentes monumentos e atrativos erigidos como ícones, referências ou marcas simbólicas de determinadas etnias, bem como como formas de memória coletiva, reforçando o sentimento de pertencimento por meio do legado étnico (Tuan, 1995; Tuan, 2015a, 2015b).

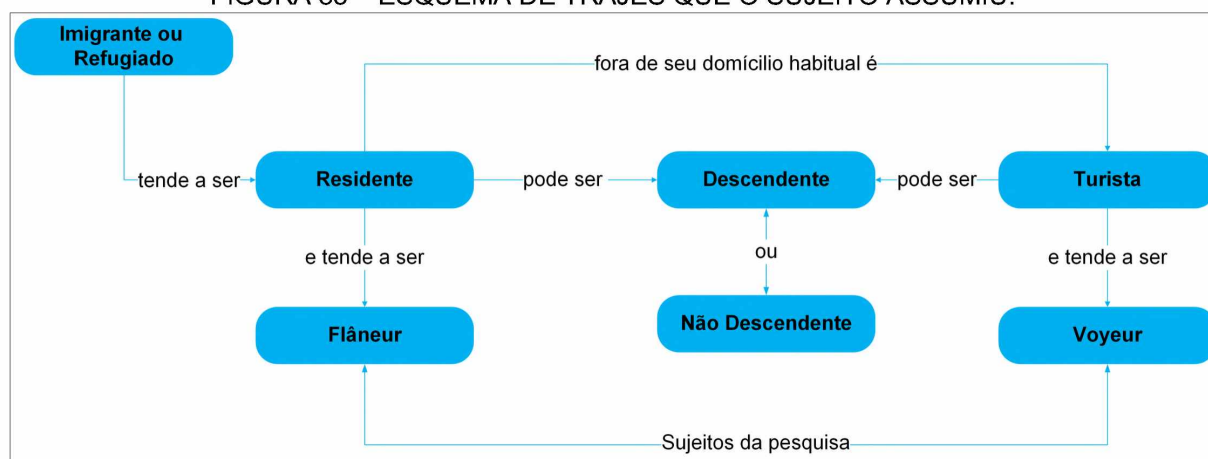
Ao refazer esses caminhos, observou-se que tais sujeitos tendiam a se organizar em comunidade, uma vez que seu semelhante constituía o principal elo com a terra natal. Desse modo, mantinha-se vivo um sentimento de pertencimento às próprias raízes, ainda que em território estrangeiro. Com a chegada de novos integrantes da mesma etnia, estes eram, em geral, bem recebidos, fortalecendo esses laços comunitários (Sakurai, 2007; Seto, 2002; Takeuchi, 2009, 2010).

Observou-se, ainda, que a fraternidade presente na comunidade nipônica se revelou particularmente significativa, estendendo-se desde o acolhimento dos imigrantes recém-chegados, no passado, até as manifestações de gentileza percebidas nas interações com o público em geral, na contemporaneidade.

Ainda que, atualmente, a comunidade japonesa esteja integrada à paisagem cultural de Curitiba, argumenta-se que, em razão do caráter pluricultural da cidade, coexistiram interesses políticos que, ao mesmo tempo em que celebravam a diversidade, tendiam a ocultar um passado marcado por episódios de violência e repressão vivenciados por essa comunidade, desde o período anterior à imigração até a Segunda Guerra Mundial.

Na contemporaneidade, a partir dessa compreensão e tendo em vista as propostas de Di Méo e Buleón (2007), esta pesquisa identificou os ‘trajes sociais’ que os sujeitos fizeram uso durante as relações sociais no espaço-tempo. Primeiramente, os frequentadores da Praça do Japão (sujeitos errantes) foram classificados como: turista e residente, conseqüentemente interpretados com os trajes sociais de *flâneur* e *voyeur* (Figura 85):

FIGURA 85 – ESQUEMA DE TRAJES QUE O SUJEITO ASSUMIU.



FONTE: O autor (2024).

Nesse sentido, o traje social do *flâneur* foi atribuído ao sujeito residente, cuja familiaridade com a paisagem o posiciona de maneira mais endógena do que exógena. Em contrapartida, o traje do *voyeur* foi associado ao turista, compreendido como um sujeito predominantemente exógeno e movido pela busca de novidades.

Essa associação entre os trajes sociais de *flâneur* e *voyeur* e as figuras do residente e do turista estrutura-se da seguinte forma: o primeiro refere-se ao sujeito que atravessa o espaço como parte de seu cotidiano, geralmente em deslocamento para o cumprimento de seus compromissos; o segundo, por sua vez, diz respeito ao sujeito cujo movimento tem como propósito chegar ao ponto final desse deslocamento. Em ambos os casos, o deslocamento e a ociosidade configuram-se como os principais fatores motivacionais.

Contudo, essa proposta não deve ser compreendida de forma rígida ou inflexível, uma vez que quanto mais despreocupado se encontra o sujeito, maior tende a ser sua aproximação com a tese aqui defendida. Desse modo, haverá ocasiões em que essa classificação poderá se inverter momentaneamente, como, por exemplo, nas situações de ócio do sujeito residente, marcadas por maior motivação para a fruição, ou nos contextos em que o turista se desloca por compromissos profissionais. No caso dos residentes, podem ser identificadas duas modalidades de ócio: (i) um ócio parcial, experimentado durante o deslocamento entre o lar e os compromissos cotidianos; e (ii) um ócio integral, vivenciado em períodos de feriado, folga ou férias.

Para esse residente-*flâneur*, a cidade não se apresenta como um espaço delimitado. Na maioria das vezes, trata-se de um sujeito que conhece o território urbano e seus principais pontos de interesse, inclusive os turísticos, o que lhe permite contemplá-los no percurso de seus compromissos. Em razão desse conhecimento e

dessa familiaridade, pode circular livremente por esse espaço, orientando seus trajetos conforme seus anseios e disposições momentâneas.

Esta condição o distingue do turista, que, em geral, tem seus deslocamentos restritos às centralidades e às zonas consideradas seguras, limitando-se a frequentar espaços previamente qualificados como “turísticos”. Nesse sentido, o residente tende a assumir a identidade do *flâneur*. Ainda que não se configure integralmente como o *flâneur* baudelairiano, observa a cidade de modo despretensioso e não se preocupa em ser visto pelos demais sujeitos que compartilham esse espaço.

Ainda que alguns pesquisadores associe a figura do *flâneur* ao turista (Nóbrega, 2013), esta pesquisa discorda, pois ainda que o percurso também seja interessante, o que motiva o turista é a paisagem no ponto final de seu trajeto, ou seja, o percurso não foi o fator preponderante em sua escolha inicial, mas uma consequência ao deslocamento.

Cabe lembrar também que Seamon (2013) fala do modo automático que os sujeitos ficam em suas rotinas, por esse motivo não é possível restringir, a figura arquetípica do *flâneur* unicamente aos turistas, uma vez que por estar em um ambiente diferente de tudo que é habitual, o turista precisa estar sempre atento por dois motivos: (i) o primeiro por se tratar de uma novidade (tudo é novo, desconhecido, diferente ou chama a atenção); (ii) por estar fora de sua rotina qualquer erro de percurso pode acarretar perda de tempo, consequentemente redução no aproveitamento da viagem.

Assim, por meio do olhar, compreendido como principal porta de entrada da experiência, ambos os sujeitos desenvolvem, desde a infância, a curiosidade, uma necessidade que se manifesta em maior ou menor grau, a depender do nível de interesse despertado por aquilo que lhes chama a atenção (Besse, 2006). De modo geral, sempre que tomam conhecimento da existência de um lugar, paisagem, objeto ou conteúdo, sejam eles midiáticos, sonoros ou visuais, buscam meios de preencher essa lacuna da curiosidade, sendo somente a partir dessa experiência de consumo que passam a se sentir aptos a avaliar se a vivência lhes agradou ou não.

Nesse sentido, o sujeito em viagem, o turista, desloca-se com o objetivo de conhecer diferentes pontos turísticos do destino. Nessa condição tende a assumir, portanto, a postura de um *voyeur*, que se compraz com a paisagem monumental, exótica ou sublime e que, semelhante a um ator, performa em fotografias e gestos que conformam sua experiência, ao mesmo tempo em que sacia sua curiosidade acerca

da pergunta: “Como é aquele destino turístico?” (Mello, 2019).

Embora os sujeitos *flâneur* e *voyeur* aparentem ocupar posições distintas, ambos convergem em um elemento comum: a observação. É por meio do olhar que se estabelecem a percepção e a interpretação subjetiva da paisagem; o que os diferencia, entretanto, é o propósito que orienta essa experiência. Portanto, a partir desse contexto, o residente se assume como *flâneur*, o qual tenderá a se ocupar da *flânerie*, enquanto o turista assumirá uma postura predominantemente *voyeurística* em que se desloca para ver o que interessa e só assim contempla a paisagem em sua plenitude (Quadro 15).

QUADRO 15 – NUANCES ENTRE O *FLÂNEUR* E O *VOYEUR*.

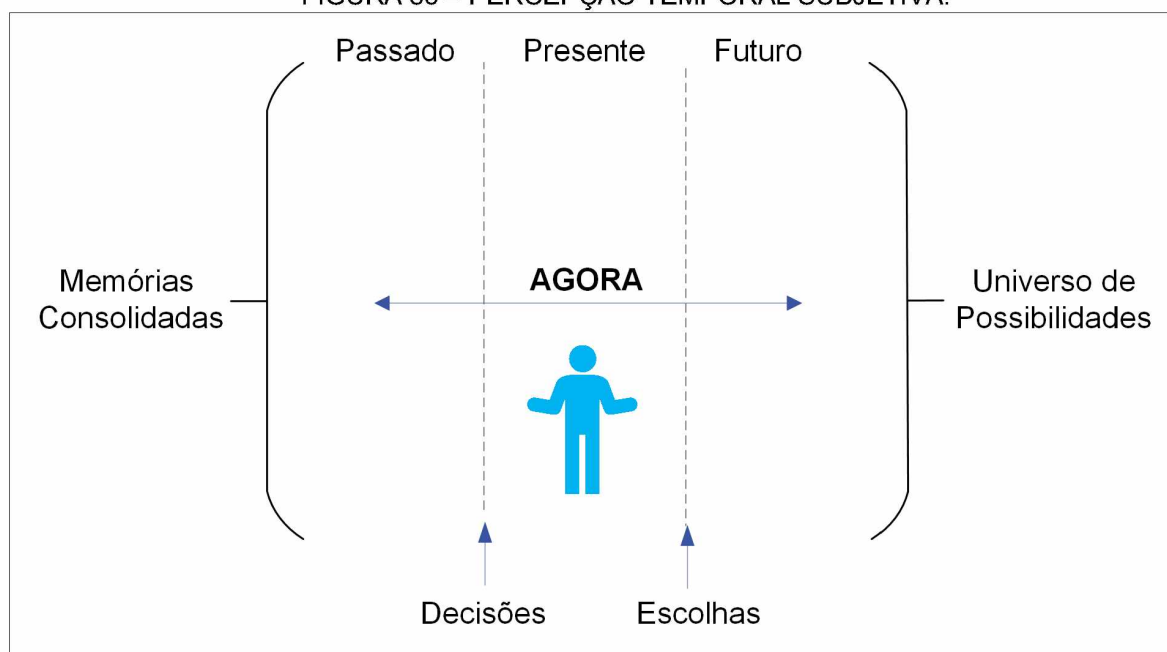
PROPÓSITO	<i>Flâneur</i>	Aprecia a vida urbana e contempla enquanto caminha ou passa por um local que chama sua atenção.
	<i>Voyeur</i>	Busca saciar seu desejo/curiosidade (como um prazer pessoal) por meio do visual. Para tanto, se desloca até um local específico.
ATITUDE	<i>Flâneur</i>	Observador passivo – Contempla a vida urbana como lhe é apresentada.
	<i>Voyeur</i>	Observador ativo – Dentre uma gama de opções, elege o que deseja ver.
CONTEXTO	<i>Flâneur</i>	A satisfação visual ocorre durante o movimento.
	<i>Voyeur</i>	A satisfação visual está no ponto final do movimento – no destino.
ATRIBUIÇÕES DA PESQUISA	<i>Flâneur</i>	Residente.
	<i>Voyeur</i>	Turista.

FONTE: Organizado pelo autor (2025).

Logo, o ‘*flâneur*’ (aquele que observa/contempla, de maneira efêmera, enquanto caminha ou passa) e o ‘*voyeur*’ (aquele que vê) servirão, principalmente, para diferenciar as ações desses frequentadores, aqui associados aos sujeitos da pesquisa – turista e residente.

Dito isto, embora diferentes teóricos proponham explicações acerca da conformação da subjetividade, registram-se, as inferências analíticas do próprio pesquisador a partir dessa proposta interpretativa, conforme ilustrado (Figura 86):

FIGURA 86 – PERCEPÇÃO TEMPORAL SUBJETIVA.



FONTE: O autor com base em Merleau-Ponty (2018, p. 579).

Este modo de pensar a subjetividade, se divide em três fases temporais (passado, presente e futuro) de modo que o sujeito se encontra no ‘agora’. O passado (às suas costas) se refere às decisões tomadas cujo resultado se apresenta na forma de ‘Memórias Consolidadas’. Seu futuro (à frente) guarda o ‘universo de possibilidades’ relacionado às escolhas que pretende tomar. Por sua vez, no presente encontra-se a subjetividade do sujeito (vide Figura 9 p. 67). Assim, quando um sujeito faz suas escolhas e toma suas decisões, estas são constituídas por um amplo arcabouço referencial, por anseios, por ideologias, por comportamentos, por medos, entre outros elementos.

Nesse sentido, em caráter exemplificativo, apresenta-se o comportamento de três sujeitos distintos em relação à Praça do Japão:

- **Sujeito A (Criador de Memórias)** visitou a Praça do Japão, performou e construiu memórias afetivas associadas à experiência vivida, sejam elas positivas ou negativas, sendo consideradas, neste caso, positivas;
- **Sujeito B (Operador do Imaginário)** não visitou a praça, mas operou seu imaginário a partir do conhecimento recebido na forma de narrativas, fotografias e vídeos compartilhados pelo Sujeito A;
- **Sujeito C (Receptor Alhures)** não conhece o local, tampouco possui

referências prévias sobre a Praça do Japão. Nesse caso, o contato mediado por imagens e vídeos aleatórios ou casuais proporciona uma percepção parcial da paisagem, constituída a partir de registros orais e/ou visuais produzidos e compartilhados por terceiros (Sujeitos A e B), a qual pode ou não resultar no estabelecimento de expectativas de visitação futura.

Em analogia à relação entre burguês e proletário, conforme discutido por Merleau-Ponty (2018, pp. 579; 594–596), pode-se delinear o seguinte cenário: quando um Criador de Memórias (Sujeito A) falece, sua essência permanece viva no imaginário do Sujeito B.

Desse modo, ao visitar e performar no local, o Sujeito B passa a ocupar, em relação a terceiros, uma posição análoga à do Sujeito A, na medida em que sua experiência atual da Praça do Japão se articula tanto às memórias e narrativas previamente construídas por aquele sujeito quanto à sua própria autopercepção. Assim, ao vivenciar o espaço no “agora”, o Sujeito B produz uma experiência singular do lugar, que resulta da sobreposição entre referências herdadas e vivência empírica.

Na realidade empírica, cada sujeito, ao ser instado a se pronunciar sobre o referido local, elabora uma narrativa fundada em referências próprias e pretéritas (Sujeito A), mediadas (Sujeito B) ou exclusivamente de terceiros (Sujeito C).

Essa dinâmica possibilita identificar e interpretar distintas percepções associadas à Praça do Japão, o que fundamenta a atribuição de um caráter necessariamente subjetivo às percepções dos sujeitos. Nesse contexto, a Cartografia Experiencial Afetiva (CEA) constitui o recurso metodológico por meio do qual este pesquisador busca tornar tangíveis as experiências e particularidades vivenciadas no perímetro do memorial étnico, valendo-se dos traços sociais do *flâneur* e do *voyeur*.

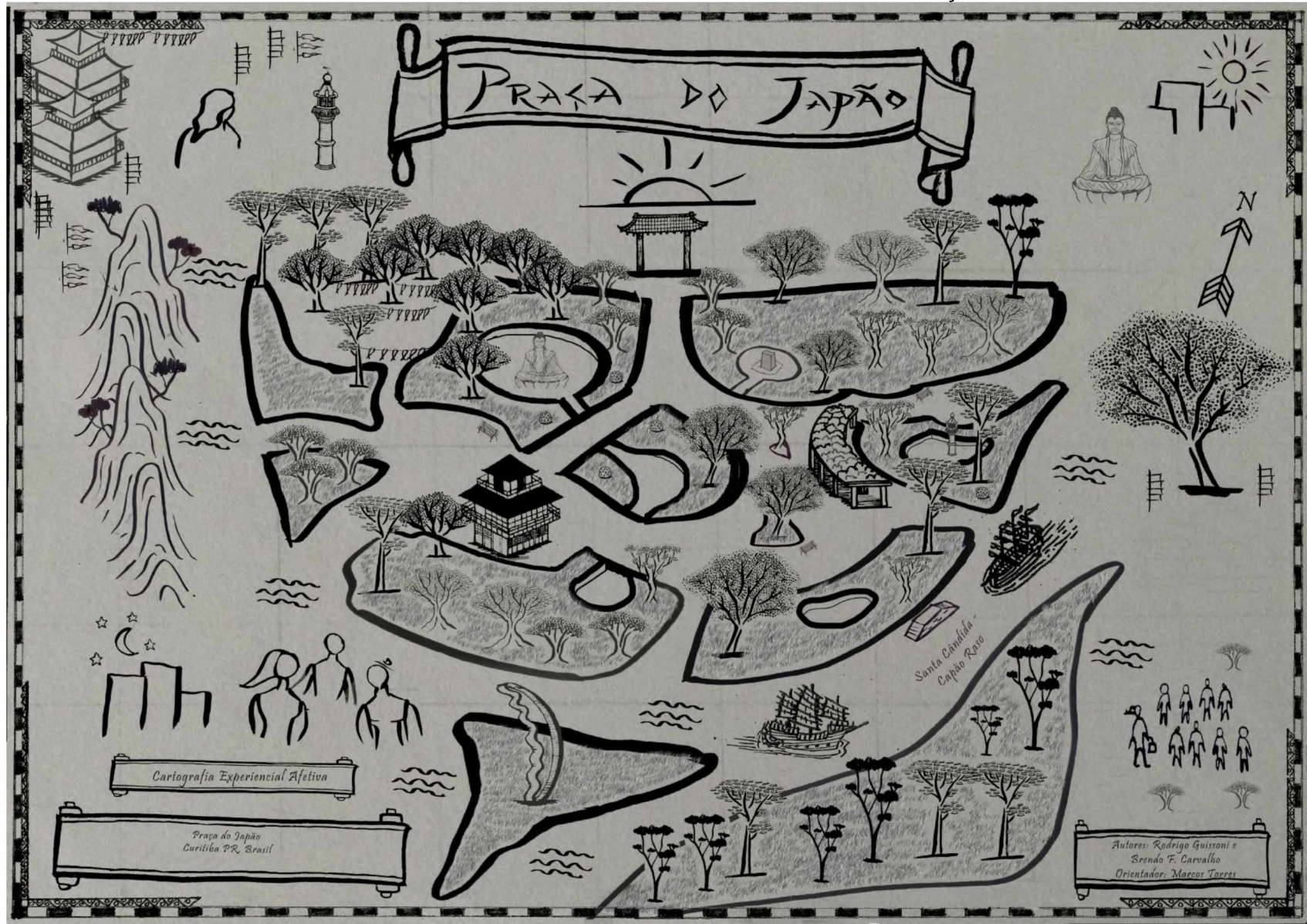
Desse modo, a CEA configura-se como uma representação dos marcos da e na paisagem, na qual o “eu”, enquanto sujeito perceptivo, manifesta-se e apreende, por meio dos sentidos, a alma do lugar (Yázigi, 2001). Por tratar-se de dados eminentemente subjetivos, incide a variável da individualidade de cada sujeito; assim, embora essa metodologia híbrida possa ser aplicada a outros contextos urbanos e atrativos turísticos, as CEAs resultantes jamais serão idênticas, mesmo quando elaboradas em uma mesma etnia ou delimitação espacial.

É precisamente nesse aspecto que reside a riqueza da metodologia, pois, por meio de uma abordagem longitudinal, torna-se possível realizar comparações evolutivas, uma vez que, a cada nova coleta amostral, elementos podem ser incorporados ou suprimidos em consonância com a realidade vigente e com as variáveis espaciais e perceptivas que atravessam o processo de coleta.

A partir desse contexto, a intenção será apresentar essas nuances e peculiaridades referentes a esse memorial étnico de modo que seja possível a terceiros conhecer/ vislumbrar uma praça do Japão diferente da concebida ou nunca pensada ou assimilada, ou seja, a intenção não é medir as experiências, mas materializá-las na forma de uma representação.

Com o objetivo de ilustrar os pontos de vista percebidos e apreendidos pelos sujeitos, os registros coletados em formato textual (*e-form*) e visual (fotografias) foram manualmente transpostos para o plano imagético (Fabrício, 2017; Mekdjian; Olmedo, 2016; Oliveira, 2012). Para a confecção desta cartografia, utilizou-se papel, lápis grafite, caneta nanquim e hidrocor preta. Assim, na Figura 87 apresenta o panorama como forma de percepção e representação em relação à Praça do Japão.

FIGURA 87 – CARTOGRAFIA EXPERIENCIAL AFETIVA DA PRAÇA DO JAPÃO.



FONTE: Idealização: Rodrigo Guissoni. Arte: Brendo Francis Carvalho. Orientação: Marcos Alberto Torres (2025).

Cabe lembrar que a Cartografia Experiencial Afetiva (CEA) distingue-se do mapa mental (vide Kozel, 2018), na medida em que este último representa as percepções de um único sujeito, ao passo que a CEA busca compilar e sintetizar percepções subjetivas provenientes de uma amostra, mediadas pelas interpretações do pesquisador.

Nesse sentido, a proposta de confecção da CEA configura-se como uma representação simbólica, entendida como “resultante de um processo mental” (Oliveira, 2002, p. 193), construída a partir de inferências analíticas do pesquisador. Os elementos que a compõem, dotados de particularidades, refletem um recorte da realidade e, simultaneamente, evocam memórias, afetos e experiências pretéritas (Kozel, 2018b; 2019).

A partir da Cartografia Experiencial Afetiva (CEA), a Praça do Japão passa a ser representada como um simulacro de experiências singulares, articulando, de modo simultâneo, as dimensões de atrativo turístico, espaço público, jardim japonês e operação do imaginário ao “fazer de conta” que se está no Japão. Essa composição artística evidencia os signos mais recorrentes nas narrativas dos participantes da pesquisa, resultantes da síntese de suas percepções subjetivas.

Por se tratar de uma produção de caráter livre, a CEA admite múltiplas possibilidades de leitura, podendo ser interpretada em diferentes direções. Desse modo, a CEA apresentada configura-se como um compilado de todas as percepções experienciadas pelos sujeitos.

Considerando que, nas narrativas dos participantes, a Praça do Japão é recorrentemente percebida como um refúgio (um espaço de evasão da rotina e da urbanidade), a CEA foi concebida sob a metáfora de um arquipélago, no qual os sujeitos buscam paz, tranquilidade, contato com a natureza, relaxamento e, sobretudo, uma desconexão momentânea com a cidade. Nesse sentido, a representação da praça como um conjunto de ilhas foi inspirada pela leitura de Topofilia, de Yi-Fu Tuan, segundo a qual,

A ilha parece ter um lugar especial na imaginação do homem. Ao contrário da floresta tropical ou da praia, ela não pode reivindicar abundância ecológica nem – como meio ambiente – teve grande significância na evolução do homem. A sua importância reside no reino da imaginação. **No mundo, muitas das cosmogonias começam com o caos aquático: quando a terra emerge, necessariamente é uma ilha.** A primeira colina também foi uma ilha e nela a vida começou. Em inúmeras lendas, a ilha aparece como a residência dos mortos ou dos imortais. **Além de tudo, ela simboliza um**

estado de inocência religiosa e de beatitude, isolado dos infortúnios do continente pelo mar (Tuan, 2015b, p. 157, grifo nosso).

Com o passar do tempo foi sendo acrescentadas outras referências que também faziam alusão a essa percepção insular como em Careri (2017, p. 16), o qual enaltecia que “[...] os diferentes fragmentos da cidade podem ser interpretados como ilhas de um arquipélago, cujo mar é um grande vazio informe.” Coincidentemente, um dos respondentes também menciona que seu registro fotográfico foi realizado em uma ilhota da praça (vide análise do Grupo 5: Memórias).

Artisticamente, essa ideia da praça como um arquipélago é uma metáfora um tanto quanto difusa, por esse motivo não existe uma relação limítrofe entre a água e a superfície da praça, uma referência ao vazio urbano de Careri (2017). Por se tratar de um arquipélago, o transporte público do biarticulado, popularmente conhecido como ‘vermelhão da linha Santa Cândida/ Capão Raso’, foi representado como duas caravelas em estilo japonês. Esta também foi uma alusão ao fato de os primeiros imigrantes japoneses terem vindo para o Brasil no Navio Kasato Maru.

O ângulo de visão foi definido de modo que o espectador/leitor pudesse contemplar toda a praça de um ponto de vista mais ao alto e ao longe, pois este é o ângulo com o melhor campo de visão da praça por conta da vegetação densa. Desse ponto de vista, conforme a narrativa dos sujeitos, a praça foi representada como um lugar bucólico, com os gramados limpos e a vegetação bem cuidada. Um elemento comum em todas as narrativas foi a vegetação, representada pelos diferentes tipos de árvores com destaque para as cerejeiras¹⁰⁶ (em evidência na CEA).

Algumas particularidades referentes aos sujeitos dizem respeito aos residentes; nessa percepção a praça contribui com a lembrança de um Japão tradicional, representado pela arquitetura dos pagodes. As montanhas e elevações, demonstram o contato com a ancestralidade e indica uma aproximação com o espiritual, pelas intenções e modos de prestar culto e homenagem aos que já morreram¹⁰⁷. A existência de bandeirolas e decorações indicam as práticas sociais

¹⁰⁶ As cerejeiras foram inspiradas na arte de Hiroshige (Uspensky, 2011).

¹⁰⁷ A Praça do Japão pode ser compreendida como um local sagrado, na medida em que os sujeitos se dirigem a esse espaço para orar e prestar homenagem a seus ancestrais; uma prática que expressa uma forma de cuidado com o lugar que não se restringe à sua monumentalidade ou materialidade, mas se estende à memória ancestral, estabelecendo uma conexão simbólica entre o tempo presente e o passado (Rosendahl, 2014).

nas festividades como o *matsuri*, e o *he nami* (festival de contemplação durante a floração dessas árvores). A lanterna japonesa representa o farol que sinaliza esse retorno às origens.

Durante a Segunda Guerra Mundial a bandeira do Japão possuía raios para demonstrar seu poder de expansão (Sakurai, 2007). Na atual bandeira do Japão, o círculo central continua a representar o sol em associação à 'Terra do Sol Nascente'. Para os japoneses, a imagem do sol nascendo do oceano e banhando tudo de luz proporciona um sentimento de prazer e respeito (*Ibid.*, 2007). Por esse motivo, a CEA apresenta o sol se ponto atrás do portal de acesso à praça, simbolizando que está nascendo e banhando de luz o Japão.

O portal de acesso à praça faz alusão ao *torii*¹⁰⁸, uma representação xintoísta utilizada na entrada de templos japoneses, mas que no Brasil é usado para indicar a presença da cultura japonesa (Sakurai, 2007). Cabe lembrar que, na realidade, o Portal foi realocado para perto da Lanterna Japonesa, mas pelo contexto da nostalgia (oriunda dos primeiros trabalhos de campo), esta pesquisa optou por mantê-lo em sua antiga posição. Por último, o pergaminho apresenta o título do memorial empregando a tipografia japonesa em alusão ao alfabeto *katakana*.

Os principais ícones desse lugar incluem: o pagode; a ênfase no desejo de tocar a imagem do Buda situada no centro do lago; a disputa simbólica entre o sol e os edifícios elevados que projetam sombra sobre a praça; a seta que indica o Norte verdadeiro; o monólito; os lagos; a lanterna; e as cerejeiras. Entre esses elementos, o destaque recaiu sobre a cerejeira florida, adornada por bandeirolas, bem como sobre o barco, que simboliza o deslocamento dos *flâneurs* (sujeitos em passagem pelo local). Os indivíduos posicionados sob a cerejeira, por sua vez, representam os *voyeurs*, provenientes de diferentes lugares com o propósito de contemplação.

Observou-se ainda que alguns sujeitos preferem frequentar a praça durante o período diurno, enquanto outros optam pelo noturno. Em razão disso, o sol e a lua foram representados em posições antípodas, uma vez que as percepções da paisagem variam conforme o tempo do dia.

A CEA apresenta também, em sua porção inferior, a escultura de *Tomie Ohtake*, simbolizando a integração entre Brasil e Japão. Já a escultura de *Manabu*

¹⁰⁸ Em Curitiba, a Praça Ryu Mizuno, no bairro Jardim das Américas possui um *torii* nos moldes originais.

Mabe não foi representada, uma vez que não apareceu nas respostas dos participantes.

A partir dessa CEA, nota-se um espaço dinâmico, tanto para a comunidade japonesa, quanto para os outros cidadãos não descendentes. Mas, para quem tem a respectiva descendência, esse lugar age como um elo intercontinental com a respectiva terra natal de seus antepassados, ainda que o sujeito nunca tenha ido ao relativo país.

Já para o turista, com ênfase para o não descendente, a praça se apresenta como um local de interesse visual, uma Área Funcional Turística (*Urban Tourism Precincts*) (Guissoni; Chemin, 2023; Hayllar *et al.*, 2011) ou, inconscientemente, apenas como um ponto de referência pessoal e urbano.

Nesse sentido, esse memorial étnico detém uma capacidade de evocação simbólica, tanto para sua representação, quanto sua representatividade. Então, o motivo de encontrarmos elementos étnicos orientais em uma praça pública no ocidente ocorre porque o sujeito oriental contribuiu para a consolidação da cultura e o sujeito-imigrante a trouxe consigo.

Ao observar os sujeitos no atrativo e em passagem por ele, assim como as dinâmicas com o entorno imediato foi possível apreender uma Praça do Japão comum a todos, porém única a cada sujeito. Parafraseando Di Méo e Buléon (2007, p. 13, tradução nossa), essa produção mental de imagens e “esquemas relevantes da realidade”, são o resultado de uma intensa elaboração social. Em que, a partir de informações e influências que emanam do ambiente, e da “hiper-realidade” dos/nos sistemas de comunicação, contribuem com nossa interpretação do mundo¹⁰⁹.

Convém recordar que o termo euritmia designa um elemento que passa a integrar a identidade visual e cultural de uma localidade, de modo que sua eventual supressão implicaria impactos diretos na perda dessa identidade (Andreotti, 2013). Nessa perspectiva, a transformação da antiga Praça Dom Luiz e Souza na atual Praça do Japão não apenas reconfigurou o espaço urbano, como também alterou a vida cotidiana dos sujeitos que a frequentam. Caso esse elemento fosse retirado da cena

¹⁰⁹ No original: *Production mentale d'images et de « schémas pertinents du réel », ces représentations résultent d'une intense élaboration sociale. D'une part, l'information et les influences diverses émanant de notre environnement, mais aussi « l'hyper-réalité » dont nous inondent aujourd'hui les systèmes de communication de tous ordres, interviennent grandement dans notre interprétation du monde.*

urbana, esta supressão tenderia a produzir apagamentos simbólicos, reações sociais como protestos e perdas de ordem cultural.

Quando a CEA for replicada em outros memoriais e atrativos étnicos, pode-se adotar padrão semelhante apresentado aqui, pois as CEA's apresentarão os elementos que farão parte tanto da percepção, quanto da experiência de outros sujeitos nesses respectivos lugares. Lembrando que essas CEA's serão diferentes a cada nova atualização, visto que o público respondente será outro, como novas percepções e representações e experiências na compilação de todas essas cartografias a longo prazo.

Logo, esses resultados podem ser utilizados como indicadores de uma realidade específica, no presente. Anos mais tarde por conta de violência excessiva, valorização ou desvalorização imobiliária, essa percepção representativa será diferente. Então, se esta foi a percepção em 2025, resta-nos refletir, como estará a Praça do Japão enquanto um patrimônio afetivo (material e corporal) daqui 10, 15 anos ou mais? Que transformações terá sofrido? Como esse lugar estará reconfigurado?

É importante deixar registrado que a promoção da igualdade e a celebração da diversidade são aspectos fundamentais para construir sociedades mais justas e inclusivas; assim a abordagem ou uso desse conteúdo deve sempre prezar pela diversidade, de maneira inclusiva e respeitosa, reconhecendo a contribuição étnica de qualquer etnia para a riqueza cultural de Curitiba ou qualquer outra cidade que a CEA for replicada.

Portanto, a partir dos dados obtidos gerou-se informações que serviram para a confecção de uma Cartografia Experiencial Afetiva (CEA). A ideia de produzir essa CEA vai ao encontro com esse trecho escrito pela professora Lucrécia D'Aléssio Ferrara, em que a descoberta não precisa ser positivista, dura, exata, mas 'sensível', sutil e artística.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Sinto muito, mas não pretendo ser um imperador. Não é esse o meu ofício. Não pretendo governar ou conquistar quem quer que seja. **Gostaria de ajudar a todos, se possível, judeus, o gentio... negros... brancos.** Todos nós desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do próximo – não para o seu infortúnio. **Por que havemos de odiar ou desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover todas as nossas necessidades.***

Charles Chaplin em O Grande Ditador (1940, grifo nosso).

As epígrafes, em cada capítulo desta pesquisa, serviram para ilustrar um ponto de vista na ficção e na realidade, assim como no cinema, na literatura, nas artes, na música, e outros. Logo, seja Milton, Alice, Roberto, Sofia, Helena, John, Chaplin ou tantos outros sujeitos nomeados ou anônimos, precisamos seguir o conselho de Besse (2006) e nos perdermos na paisagem, e como proposto por Tuan (2015a) habitando-a, teremos condições de transformá-la em um lugar.

Os movimentos migratórios constituíram a base para a composição dos atrativos étnicos presentes na cidade de Curitiba (Maranhão, 2014). Nesse sentido, vale lembrar que os primeiros imigrantes japoneses trouxeram consigo sua coragem, tradição, seu saber-fazer; e apesar de toda dificuldade, conseguiram perpetuar sua cultura até a contemporaneidade. Porém, apesar dos sonhos e esperanças de um futuro melhor, esses imigrantes encontraram um Brasil inóspito (Sakurai, 2007; Seto, 2002; Takeuchi, 2010; Vieira; Moura, 2010). Fato este que dificultou, mas não impediu, o estabelecimento de afetividades por este lugar. E, ainda que os tempos sejam outros, prevalece a necessidade de se construir mais pontes do que muros (Pierre, 2022; Raffestin, 1993; Vidal, 2001).

Neste contexto, Curitiba se configura como uma cidade pluricultural, cujo reconhecimento se dá, predominantemente, pela monumentalidade de seus marcos simbólicos, por vezes em detrimento do reconhecimento direto das etnias que lhes deram origem. Essa identidade étnica manifestada em múltiplas dimensões do espaço curitibano (perceptíveis na arquitetura, no artesanato, na fisionomia, no modo de falar, no vestuário dos sujeitos, no paisagismo e na nomenclatura de atrativos, logradouros e outros espaços de referência étnica), contribuiu para projetar a cidade como um destino turístico de destaque, tanto em âmbito nacional quanto internacional, conformando uma identidade cultural e turística própria.

Desse modo, faz-se necessário reafirmar a importância em se ampliar esse

tipo de pesquisa a respeito desses atrativos e memoriais étnicos no contexto urbano, questionando-os enquanto presença simbólica, marco territorial, expressão de poder político, forma de demarcação espacial ou, ainda, como lugar de manifestação cultural, entre outras possibilidades interpretativas; bem como proporcionar a reflexão sobre a valorização da cultura, e o respeito ao 'outro'. Uma vez que, como nos lembra Nunes (2014, p. 179), somos "iguais na diferença", ou seja, é por conta das diferenças que nos tornamos culturalmente iguais.

Dito isso, esta pesquisa buscou enaltecer as nuances que permeiam a cultura nipônica em Curitiba, na figura do Memorial da Imigração Japonesa, popularmente conhecida como Praça do Japão. Um lugar que detém em sua paisagem, para além dos elementos culturais, visuais e estéticos, um passado de esperança, lutas, resistência e resiliência.

De acordo com dados do IPPUC, a Praça do Japão foi uma das praças que mais sofreu intervenções em Curitiba, desde sua nomeação em 1962. Um lugar que foi se consolidando turisticamente como um dos cartões-postais 'não oficiais' da cidade, procurada por turistas e residentes, descendentes ou não, principalmente: (i) por sua estética exótica; (ii) pela floração das cerejeiras.

Essa constatação emocional e simbólica do lugar a partir das percepções, experiências e performances dos frequentadores no memorial étnico Praça do Japão, foi obtida a partir da seguinte problemática: Qual a percepção dos diferentes sujeitos em relação ao memorial étnico? E como sua percepção pode expressar e materializar uma representação afetiva?

Os dados foram obtidos e transformados em informação por meio de uma metodologia híbrida, que possibilitou observar o panorama da Cultura Japonesa, desde os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil e adotaram Curitiba como seu lar, seu lugar, tendo na presença material e figurativa da Praça do Japão o elo com sua terra-natal, seus antepassados, sua cultura, suas raízes e seu imaginário.

Assim, foi possível compreender que a paisagem da Praça do Japão, por sua vez, nutre afetos entre visitantes e frequentadores, configurando-se como espaço de memória funcional, tanto pessoal, quanto social (coletiva), além de lugar de contemplação, oração, lembrança, aprendizado e lazer. Esse sentimento também é compartilhado por descendentes nipônicos que, embora não residam em Curitiba, reconhecem nesse espaço um elo simbólico com sua memória ancestral, conforme evidenciado pelos dados empíricos da pesquisa.

A partir do mito fundador (Bertoli, 2013) tornou-se possível a interpretação dos elementos culturais que compuseram aquela paisagem. De modo que, na leitura da paisagem da Praça do Japão, real ou imaginada a partir de narrativas (Bertoli, 2013; Lynch, 2011), foram eleitos elementos significativos (ícones, índices e signos) (Guissoni *et al.*, 2023; Nöth; Santaella, 2017), que validaram as percepções dos sujeitos (Gomes; Berdoulay, 2018), de modo que foi possível ao pesquisador categorizá-los e representá-los artisticamente (Bardin, 2016; Gomes, 2017).

Como primeiras percepções, notou-se sentimentos como os de gratidão, respeito e reverência presentes na comunidade nipônica. Na contemporaneidade, ainda é possível perceber sentimentos de paz e perdão por parte dessa comunidade, em detrimento ao passado sombrio que seus antepassados sofreram.

Os resultados também permitiram constatar que o sentido da visão prevaleceu sobre os demais sentidos, uma vez que o olhar se orientou para a busca de elementos de interesse. Logo, foi por meio do interesse/curiosidade que se estabeleceu uma ancoragem visual nos elementos que compuseram a paisagem, e cuja interpretação possibilitou a criação de diferentes narrativas (Carvalho, 2024). Em outras palavras, o sujeito procurou um ponto de vista capaz de lhe proporcionar um prazer visual singular, identificado pelo olhar subjetivo no esforço de suprir a lacuna da curiosidade (Geraldo, 2009; Metzl, 2004).

E, ainda que Besse (2006), mencione que uma paisagem não se reduz a uma mera representação, a reprodutibilidade técnica de Benjamin (2014) em paisagens icônicas como a da Praça do Japão pode ser consumida por sujeitos alhures por meio de *souvenires* estampados em camisetas, chaveiros, canecas, postais e outros meios de comunicação visual e turísticas (Aires; Pequeno; Fortes, 2010; Esteves; Sampaio, 2013). Uma representação mimética (Besse, 2006) de um espaço real que foi (re)imaginado e (re)interpretado em outra escala (Cosgrove, 1998, 2001, 2008; Tuan, 1995, 2015a, 2015b).

Ainda neste contexto, tanto a *internet*, quanto as redes sociais também exerceram o papel de agentes difusores, que juntamente com outras associações e a própria comunidade nipônica realizam eventos, oficinas, apresentações e outras atividades para manter viva a memória e a cultura japonesa em Curitiba.

Neste contexto, antes da compreensão do fenômeno da percepção, fez-se necessário compreender quem foram os sujeitos envolvidos. Sujeitos, que esta pesquisa apresentou como sendo livres, pensantes, que se projetaram no espaço e

no tempo com seus trajes sociais, seus anseios e suas temporalidades carregadas de memórias (Di Méo; Buléon, 2007).

Estes sujeitos demonstraram uma (r)evolução pessoal na apreensão espacial do mundo (Besse, 2014; Ingold, 2010). Iniciando no útero, passando ao seio da mãe, e posteriormente ao mundo (Tuan, 2015a). No espaço, esses sujeitos figuraram arquétipos de: (i)migrantes sonhadores, refugiados esperançosos, residentes acostumados com a paisagem e turistas curiosos, cabe destacar também os sujeitos que se (des)encontraram ou nem sequer chegaram ao seu destino via redes e fluxos migratórios (Vendrame, 2018).

Nesse sentido, mediante as representações particulares desses fenômenos (Kozel, 2018a), os dados possibilitaram interpretar dois trajes sociais: do *flâneur* e do *voyeur*, que por meio das percepções, performances e experiências no memorial étnico Praça do Japão complementaram a confecção da Cartografia Experiencial Afetiva (CEA).

Com isso, seja indo ou passado pelo local, a caminhabilidade se mostrou presente em ambos os casos. Logo, cabe lembrar que o ato de caminhar foi historicamente compreendido como um marcador de segmentação social, uma vez que o sujeito caminhante era associado a um sujeito desprovido de recursos financeiros, sendo, por conseguinte, interpretado como desempregado, desocupado ou vagabundo (Dreyer, McDowell, 2012; Boutin, 2012). Em determinados contextos, o caminhar feminino e desacompanhado (a *flâneuse*) também suscitava problematizações acerca da legitimidade e da moralidade dessa prática (Dreyer; McDowall, 2012).

Assim, a *flânerie*, inicialmente criticada, foi posteriormente assimilada pela classe alta quando passou a ser exercida por membros da elite que não dependiam do trabalho para sua subsistência. Nesse deslocamento simbólico, o caminhar assumiu o estatuto de atividade intelectual e contemplativa. De modo que, se por um lado o flunar constituiu-se como uma crítica social às imposições da burguesia, por outro, foi a própria burguesia que acabou por se apropriar dessa crítica, ressignificando-a no interior de seus próprios códigos e práticas sociais (Bettelheim, 2022; Jacques, 2012).

Desse modo, associado à percepção, o caminhar permanece como uma prática transversal, exercida por homens e mulheres, adultos e crianças, ricos e pobres, turistas e residentes (Boutin, 2012; Dreyer; McDowall, 2012). Contudo, o

processo de normatização e controle ao qual essa atividade foi sendo submetida, ao assumir um caráter restritivo, demarcado e condicionado ao ócio, conveniência e segurança como em *shoppings*, praças e parques durante finais de semana, dias de folga, férias ou viagens, manifesta-se de modo evidente em espaços regidos por um tempo controlado e mensurável, seja pelo horário de funcionamento, seja pela prescrição implícita nos deslocamentos ou pelo tempo que o sujeito dispõe.

Assim, considerando que tudo está em movimento, desde o corpo, compreendido como ponto zero da exploração, da percepção e da apreensão espacial do mundo, até o próprio movimento que esse corpo exerce em seu meio (Besse, 2013; Sampaio, 2023; Seamon, 2013; Silva, 2019b; Tuan, 2015a), os sujeitos contemporâneos tendem a vagar a passos acelerados e desatentos. Nesse processo, buscam organizar compromissos e pensamentos fragmentados ou, não raramente, permanecem imersos, com o olhar fixo em uma paisagem que se move pela janela enquanto seus corpos atravessam a cidade em deslocamentos motorizados (Merleau-Ponty, 2018).

Nesse sentido, se no século XIX, Paris foi invadida pela moda das tartarugas (Benjamin, 2009), na qual o caminhar lento assumia um valor simbólico, na contemporaneidade observa-se uma alteração significativa nessa lógica. Pois, se antes o caminhar era livre e despretensioso, com o passar dos anos e o melhoramento dos meios de locomoção motorizados, o caminhar foi sendo desvalorizado (Koti, 2017). Com isso, nota-se que nos centros das grandes metrópoles, poucos sujeitos caminham por prazer, a maioria o faz por obrigação.

Já na relação estabelecida entre os residentes e turistas, foi possível perceber que independente de classificações e/ou reconhecimento de anseios, as performances e experiências demonstraram estar sempre associadas aos sentidos e afetos desses sujeitos no espaço-tempo determinado (Baldissera; Bahl, 2012; Camargo, 2006; Cooper *et al.*, 2007; Franchi, 2004; Larsen, 2005, 2006; Severini, 2013).

Visto que no que competia ao *flâneur*, independente do tempo, esse sujeito peripatético, por meio de um caminhar ocioso, contemplativo, político ou intelectualizado, adquiriu conhecimento e apreendeu o mundo enquanto caminhava a partir de seu corpo em movimento (Angrewski, 2010; Careri, 2017; Coates, 2017; Koti, 2017). Com isso, a caminhabilidade polisensorial foi o principal canal (*input*) para a

experiência desse sujeito (Besse, 2013, 2014; Careri, 2013; Chambers, 1991; Eagleton, 1993a).

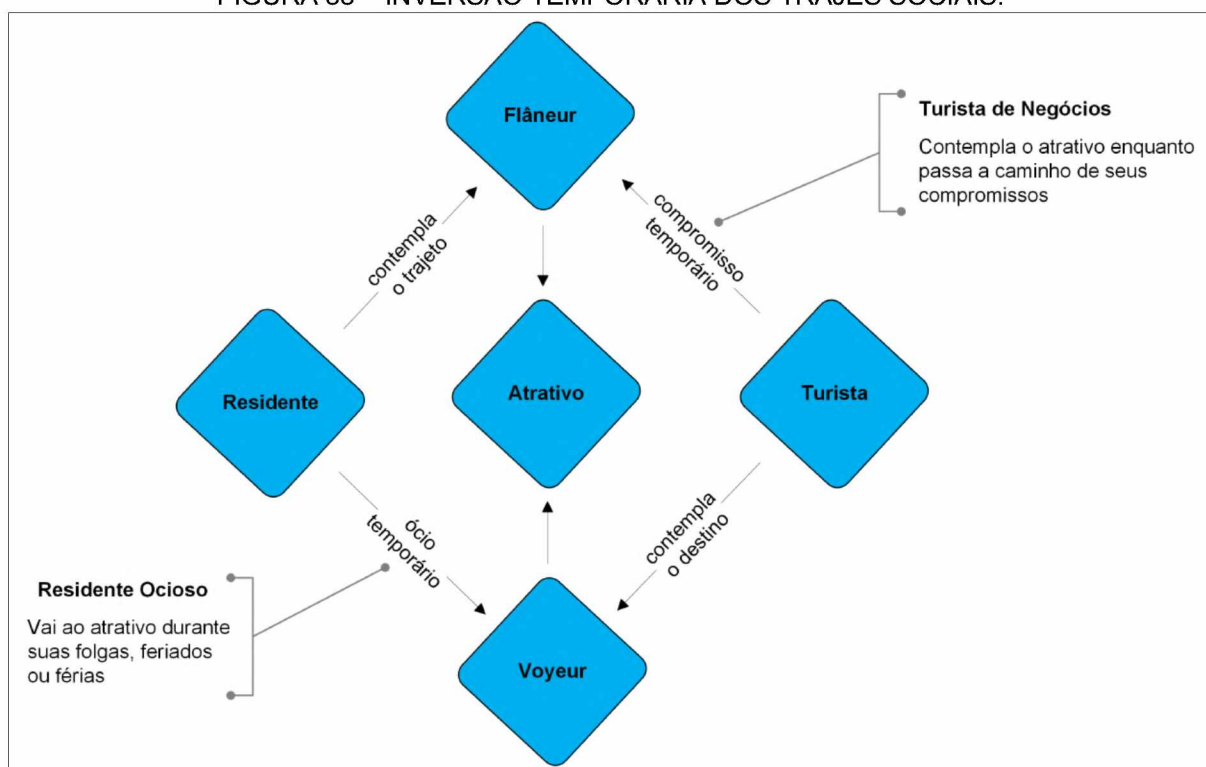
Entretanto, o *flâneur* contemporâneo tende a manifestar-se de maneira dissimulada na massa urbana, já dissociado de seus moldes baudelairianos originais. Nesse sentido, coube desconstruí-lo para então o reconstruir nos moldes e parâmetros atuais, tendo em voga a dinâmica social atual, em que voga teorias como: a pedagogia do caminhar (André, 2023), a Geografia dos Pedestres (Larsen, 2023), ou ainda o estabelecimento de paralelos entre diferentes corpos e sujeitos, com aprendizados e apreensões mais refinados (Careri, 2013, 2017) e com percepções que vigoram de modo abstrato no *online* ou *offline*. Desse modo, o sujeito, passa a ser percebido como: um corpo lento (Eagleton, 1993b), um *smart zombie* (Argin; Pak; Turkoglu, 2020), um *flâneur* de janelas (Larsen, 2023; Larsen *et al.*, 2021) e/ou um *ciberflâneur* (Geraldo, 2009).

Nesse ínterim, visto que o ato de ver é diferente de enxergar (Urry; Larsen, 2021), o principal elemento que distinguiu o *voyeur* do *flâneur* foi a motivação associada ao movimento/deslocamento, pois enquanto o *voyeur* se desloca até o atrativo, tendo-o como seu propósito a contemplação, o *flâneur* possuidor de outro propósito, também o contempla, mas apenas enquanto passa pelo lugar. Em outras palavras, de um lado tem-se um sujeito que caminha até a Praça do Japão como um objetivo, como uma conquista a ser alcançada; no outro, a banalização/ou o cotidiano que impede o sujeito que passa de perceber o completo teor do atrativo, já que o supracitado atrativo estará ali todos os dias quando ele passar.

Essa inversão temporária encontra-se diretamente relacionada com o tempo e interesse que aliados à motivação resultarão na assimilação de experiências e realização de performances no lugar ou em passagem por ele. E, cuja capacidade de criar memórias no espaço, tempo e lugar também serão passíveis de serem acessadas e transmitidas posteriormente na forma de narrativas ou registros visuais.

Por este motivo, esta tese defendeu a proposta de classificação do sujeito residente como um *flâneur* e o turista como um *voyeur*, porém deve-se deixar claro que essa escolha é flexível, a depender do ócio e da motivação do sujeito (Figura 88), ou seja, esse sujeito poderá se assumir momentaneamente como um residente *voyeur* ou um turista *flâneur*, mas nos demais casos, o residente será sempre *flâneur* e o turista *voyeur*.

FIGURA 88 – INVERSÃO TEMPORÁRIA DOS TRAJES SOCIAIS.



FONTE: Organizado pelo autor a partir dos dados da pesquisa (2025).

Cabe salientar a necessidade em aceitar o convite para exercitarmos a auto observação consciente do espaço que nos rodeia (Lynch, 2011) sem a necessidade de nos ampararmos em artefatos como o *smartphone*, uma vez que essa experiência polisensorial pode ser impactada caso o sujeito, (in)consciente não priorize a totalidade no uso dos sentidos (Alison, 2023; Argin; Pak; Turkoglu, 2019, 2020; Besse, 2013; Boutin, 2012).

Por fim, os resultados¹¹⁰ obtidos revelaram por meio da percepção dos diferentes sujeitos que frequentam o memorial étnico da Praça do Japão a possibilidade de expressar e materializar uma representação afetiva por intermédio da CEA; de modo que essa percepção visual, no/do fenômeno estabelecido entre sujeito e objeto, foi alcançada pelas respostas com os registros visuais (fotografias)

¹¹⁰ Este pesquisador pretende ampliar e difundir a supracitada proposta junto a eventos, congressos, aulas, palestras e publicações científicas. Desse modo, ao término desta tese, vislumbra-se a princípio, 03 produtos principais: (i) um artigo que contemplará os procedimentos metodológicos para obtenção das percepções experiências dos sujeitos em outros atrativos; (ii) um artigo que enalteça o ponto de vista dos sujeitos (por intermédio das fotografias) para a materialização das percepções junto às Cartografias Experienciais Afetivas; (iii) um artigo que apresente o aprofundamento dos traques sociais do *flâneur* e do *voyeur*. Por fim, cabe salientar que uma cópia dessa pesquisa será doada para a biblioteca Hideo Handa do projeto Farol do Saber, na Praça do Japão.

obtidas junto aos participantes que aceitaram responder ao formulário eletrônico (*e-form*).

Nesse estudo, parece ocorrer uma horizontalização do visual, entendido aqui a partir da paisagem simbólica da Praça do Japão, ou seja, uma paisagem em que tanto os sujeitos que vão, quanto os sujeitos que apenas passam por lá são atraídos visualmente pelo cenário. Quando isso ocorre, eles registram essas percepções com a mente e/ou com a fotografia.

Notou-se também que ao longo da evolução da Praça do Japão, apesar das várias intervenções que sofreu, ainda que um determinado momento tenha sido rápido, diga-se efêmero, o registro fotográfico oriundo desse instante se transformou em um gatilho cuja experiência positiva ou negativa será perene toda vez que o sujeito acessar essas memórias. Assim, a Praça do Japão, localizada no bairro Água Verde, possui um perímetro que está para além de uma praça pública, para além de sua materialidade espaço-temporal.

Espera-se que estes achados possam contribuir para a ampliação do conhecimento, para o fortalecimento do diálogo entre áreas interdisciplinares e para a valorização da cultura. A intenção deste estudo não foi esgotar o debate acerca de suas percepções e representações subjetivas, mas lançar luz sobre um recorte espaço-temporal específico, com o propósito de dialogar e aproximar diferentes campos do saber.

Com ênfase na Geografia Cultural e no Turismo, e em diálogo com autores como Maurice Merleau-Ponty, Denis Cosgrove e Yi-Fu Tuan, vislumbra-se a possibilidade futura de se estabelecer uma agenda de investigação que retome os conceitos de *flâneur* e do *voyeur*, reinterpretados à luz dessas áreas do conhecimento.

Contudo, é necessário reconhecer as limitações e desafios do estudo. Nesse contexto, destacam-se como limitações: (i) dificuldade em acessar ao público internacional (japoneses no Japão) para apurar suas percepções a respeito do local analisado; (ii) mesmo em arquivos históricos oficiais há datas que se desencontram; (iii) alguns pesquisadores também apresentam algumas divergências temporais, principalmente em relação a fatos históricos sobre a imigração japonesa; (iv) o acervo fotográfico histórico ao qual o pesquisador obteve autorização e acesso se mostrou limitado; (v) por se tratar de uma pesquisa interdisciplinar, houve o desafio em se estabelecer um entrelaçamento teórico entre estudos do espaço com nuances ambientais, filosóficas e culturais.

O reconhecimento dessas limitações não diminui a relevância do trabalho, mas abre espaço para futuras investigações que possam dar continuidade a esta pesquisa ou ainda ampliação para novas. Visto que este pesquisador optou por analisar o lugar enquanto elemento de experiências afetivas circundado pelo sentido visual e cultural da paisagem, sugere que pesquisas futuras busquem:

1. Analisar a área em si em relação à região de fronteira entre os bairros Água Verde e Batel;
2. Discutir a relação de poder em detrimento ao território;
3. Aplicação dessa pesquisa para o público internacional, para compreender como os japoneses, no Japão e/ou outras partes do mundo percebem a Praça do Japão de Curitiba, enquanto um memorial que o representa em um outro território destarte ao seu;
4. Pensar uma Cartografia Experiencial Afetiva Inclusiva (CEAI) que contemple para além dos residentes, turistas e descendentes, pessoas com deficiência visual, auditiva, motora e/ou etária;
5. Outras abordagens de pesquisa, como por exemplo, uma releitura a partir das Teorias Não-Representacionais (ou mais que representacionais);
6. Sugerir como proposta¹¹¹ de valorização, tanto para a Praça do Japão, quanto da Cultura Japonesa, a inserção do memorial junto à Linha Turismo, bem como propor que os demais memoriais étnicos, também possam honrar suas respectivas culturas.

Essas ampliações tendem a contribuir para o desenvolvimento contínuo da área e para a consolidação de práticas relacionadas a temas como pertencimento, ações inclusivas, ampliação teórica, etnicidade, Turismo e Cultura.

Em síntese, a Praça do Japão – Memorial da Imigração Japonesa, enquanto lugar híbrido, sofreu transformações em sua forma e em sua função ao longo do tempo, sem, contudo, perder a essência constituída por meio da presença japonesa em Curitiba. Nesse sentido, esta tese demonstrou que, dentre os resultados apreendidos, destaca-se a possibilidade de identificação e decodificação das múltiplas

¹¹¹ Essa ação não seria um gasto com adaptações e insumos, mas um investimento que colocaria Curitiba na vitrine do respeito étnico, bem como valorizaria regiões mais afastadas que não gozam dos benefícios da visitação turística.

percepções subjetivas dos sujeitos acerca da Praça do Japão, compreendida como um lugar de performances e experiências urbanas compartilhadas, com possibilidade de representação por meio de uma cartografia simbólica, artístico-visual, livre e universal, nominada como Cartografia Experiencial Afetiva (CEA).

Assim, enquanto não é possível mensurar o amor por alguém ou dimensionar a dor provocada pela perda de um ente querido, a CEA revelou-se uma alternativa viável para representar simbolicamente essa essência, possibilitando a apreensão do lugar a partir do ponto de vista do outro. Dessa forma, tais transformações contribuíram para que a percepção visual e afetiva da Praça do Japão, em Curitiba, pudesse ser apreendida ao longo de um continuum que vai do *flâneur* ao *voyeur*, evidenciando distintas formas de relação, experiência e leitura do espaço urbano.



REFERÊNCIAS

9/11 MEMORIAL & MUSEUM. **The Memorial | National September 11 Memorial & Museum**. New York, 2024. Disponível em: https://www.911memorial.org/visit/memorial?utm_source. Acesso em: 11 dez. 2025.

ACERBI, P. “A Long Poem of Walking”: Flâneurs, Vendors, and Chronicles of Post-abolition. Rio de Janeiro. **Journal of Urban History**, v. 40, n. 1, p. 97–115, 2014.

ACIOLI, B. P. L.; SILVA, L. A. D. D.; SOUZA, J. N. S. D. O consumo no Turismo de favelas da cidade do Rio de Janeiro: uma análise da percepção e construção de valor entre o observador e o observado. In: XI SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 2014. **Anais [...]**. 2014.

ACQUISTO, J. The Decadent Writer as Collector and Flâneur: On Intertextual Networks and Literary Spaces in Huysmans. **French Forum**, v. 32, n. 3, p. 65–80, 2007.

ADAMS, J. T. **The epic of America**. New York: Routledge, 2017.

AINTEPAR - ASSOCIAÇÃO INTERÉTNICA DO PARANÁ. **AINTEPAR**. Curitiba, 2025. Disponível em: <https://www.aintepar.com>. Acesso em: 8 ago. 2025.

AIRES, J. D.; PEQUENO, E. A.; FORTES, L. A relação entre turistas estrangeiros e residentes: o caso de ponta Negra - Natal/RN. **Revista Hospitalidade**, v. VII, n. 2, p. 38–51, 2010.

ALBUQUERQUE, F. Entenda toda a polêmica envolvendo as mudanças na Praça do Japão. **Gazeta do Povo Online**, Curitiba, 3 mar. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/entenda-toda-a-polemica-envolvendo-as-mudancas-na-praca-do-japao-0oh8lzv8kvovt3y6p90pro41f/>. Acesso em: 6 ago. 2025.

ALDRIGUE, M. D. S.; TINEM, N. A organização espacial moderna e seus invólucros. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 21, n. 29, p. 118–137, 2016.

ALISON, A. Performativity and Aesthetic Experience of the City. From the body of the flâneur to the soma of the Man in Gold. **Itinera**, n. 25, 2023.

ALMEIDA, S. B. D. *et al.* Turismo experiencial – uma tipologia estudo sobre a percepção da experiência pelo viajante. In: NEVES, C. S. B. **Roteiros culturais, Turismo e patrimônio entre culturas**. 1. ed.: Atena Editora, 2024. p. 62–74.

ALMEIDA, C. C.; BERREDO, M. R.; NUNES, A. S. Movimentos migratórios, espaços socioculturais e processos de aculturação. **Análise Social**, v. 11, n. 42/43, p. 203–212, 1975.

AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, v. 11, n. 21/22, p. 67–87, 1999.

ANDERSON, B. Affective atmospheres. **Emotion, Space and Society**, v. 2, n. 2, p. 77–81, 2009.

ANDRADE, M. de. **O turista aprendiz**. Reed. Brasília: IPHAN, 2015. (Obras de Referência, n. 5).

ANDRÉ, C. M. Anotações peripatéticas. **Geograficidade**, v. 13, n. Especial, Experimentações, p. 148–161, 2023.

ANDREOTTI, G. O Senso Ético E Estético Da Paisagem. **Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise**, v. 24, 2012.

ANDREOTTI, G. **Paisagens culturais**. Curitiba: Editora UFPR, 2013. (Serie Pesquisa, nº 236).

ANGREWSKI, E. **A flânerie de Chico Buarque de Holanda**. 2010. Monografia - Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Filosofia, 2010.

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. 2. ed. São Paulo: Bookman Artmed, 2009.

ANTONELLI, D. Prefácio. *In*: MOCELLIN, R. **História concisa de Curitiba**. Curitiba: Editora Remo, 2020. p. 09–11.

APPIAH, O. Cultural Voyeurism: A New Framework for Understanding Race, Ethnicity, and Mediated Intergroup Interaction. **Journal of Communication**, v. 68, n. 2, p. 233–242, 2018.

ARAUJO, M. **A indústria do Turismo e a apropriação e exploração de identidades locais: o caso “favela tour”**. 2013. 49 f. Monografia - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

ARGIN, G.; PAK, B.; TURKOGLU, H. Between Post-Flâneur and Smartphone Zombie: Smartphone Users' Altering Visual Attention and Walking Behavior in Public Space. **ISPRS International Journal of Geo-Information**, v. 9, n. 12, p. 700, 2020.

ARGIN, G.; PAK, B.; TURKOGLU, H. Post-flâneur in Public Space Altering walking behaviour in the era of smartphones. *In*: 37^a EDUCATION AND RESEARCH IN COMPUTER AIDED ARCHITECTURAL DESIGN IN EUROPE AND XXIII IBEROAMERICAN SOCIETY OF DIGITAL GRAPHICS, JOINT CONFERENCE. BLUCHER DESIGN PROCEEDINGS (N. 1), 2019, Porto. **Anais [...]**. Porto: Editora Blucher, 2019. p. 649–658.

AROEIRA, T.; DANTAS, A. C.; GOSLING, M. D. S. Experiência turística memorável, percepção cognitiva, reputação e lealdade ao destino: um modelo empírico. **Turismo - Visão e Ação**, v. 18, n. 3, p. 584, 2016.

AROLAS, J.; KÜPERS, W. Flânerie as a methodological practice for explorative research in digital worlds. **Culture and Organization**, v. 28, n. 5, p. 398–411, 2022.

ARQUIVO NACIONAL. **Documentos do Arquivo Nacional ajudam a contar a história da imigração japonesa**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt->

[br/canais_atendimento/imprensa/copy_of_noticias/copy_of_documentos-do-arquivo-nacional-ajudam-a-contar-a-historia-da-imigracao-japonesa](https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/copy_of_noticias/copy_of_documentos-do-arquivo-nacional-ajudam-a-contar-a-historia-da-imigracao-japonesa). Acesso em: 26 dez. 2025.

ASSESSORIA COMUNICAÇÃO. **Zoneamento de Curitiba: surge o Plano Diretor (1960-2019)**. 2019. Câmara Municipal de Curitiba. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.leg.br/informacao/noticias/zoneamento-de-curitiba-surge-o-plano-diretor-1960-2019-1>. Acesso em: 5 jun. 2025.

BACK TO THE FUTURE. EUA: Universal Pictures, 1985. son. color. (116 min).

BÁDER, P. El lector como voyeur. Sexualidad y perversion en el futuro no es nuestro. **Lejana. Revista Crítica de Narrativa Breve**, n. 6, 2013.

BAENINGER, R. **Migrações fronteiriças**. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

BAGDASAROV, Z. *et al.* I am what I watch: Voyeurism, sensation seeking, and television viewing patterns. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, v. 54, n. 2, p. 299–315, 2010.

BAHL, M.; MURAD, I. G. Legado japonês e Turismo em Curitiba (Paraná, Brasil). **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 1, n. 1, 2011.

BAÍÁ, J. Retornar, não retornar ou circulação entre lugares? **Cidades. Comunidades e Territórios**, n. 44, 2022.

BAIRNER, A. The flâneur and the city: Reading the ‘new’ Belfast’s leisure spaces. **Space and Polity**, v. 10, n. 2, p. 121–134, 2006.

BAKER, J. O.; BADER, C. D. Xenophobia, partisanship, and support for Donald Trump and the republican party. **Race and Social Problems**, v. 14, n. 1, p. 69–83, 2022.

BALDISSERA, L. M.; BAH, M. Turistas e moradores locais: uma reflexão teórica dessa relação. In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL - TURISMO E PAISAGEM: RELAÇÃO COMPLEXA, 2012, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: UCS, 2012. p. 1–13.

BALTUSSEN, H. **The peripatetics: Aristotle’s Heirs, 322 –200 CE**. London & New York: Routledge, 2016.

BARCUS, H. R.; HALFACREE, K. **An Introduction to Population Geographies Lives Across Space**. 1. ed. London & New York: Routledge, 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 34ª reimp. da 1ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BAUM, L. F. **O mágico de Oz**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2019.

BAUM, L. F. **The Wonderful Wizard of Oz**. Chicago New York Copyright: George M. Hill Company, 2000.

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. 1. ed. São Paulo: Zahar, 2016.

BEINE, M.; DOCQUIER, F.; ÖZDEN, Ç. Diasporas. **Journal of Development Economics**, v. 95, n. 1, p. 30–41, 2011.

BELIK, D. Potencialidades de Novas Formas de Fazer Etnografia: Imagem e Conhecimento. **Ponto Urbe**, n. 5, 2009.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2014.

BENJAMIN, W. **Passagens**. 2. reimpred. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BENJAMIN, W. The Return of the Flâneur. *In*: WALTER BENJAMIN. **SELECTED WRITINGS II 1927-1934.**, 1999.

BERDET, M. Chiffonnier contre flâneur: Construction et position de la Passagenarbeit de Walter Benjamin. **Archives de Philosophie**, v. Tome 75, n. 3, p. 425–447, 2012.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. v. 1.

BERTOLI, D. Da paisagem da imagem à imagem da paisagem e vice-versa. **Geosul**, v. 27, n. 53, p. 7, 2013.

BESSE, J.-M. Estar na paisagem, habitar, caminhar. *In*: CARDOSO, I. L. (org.). **Paisagem e Patrimônio: Aproximações Pluridisciplinares**. 1. ed. Évora: Dafne Editora, 2013. p. 33–53.

BESSE, J.-M. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. (Clássicos da Ciência).

BESSE, J.-M. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BETTELHEIM, M. P. Flânerie or Flimflamery? — The Urban Myth of the Flâneur and Turtle-Walking. **International Society for the History and Bibliography of Herpetology - ISHBH**, v. 16, n. 1, p. 1–13, 2022.

BLOOMBERG, M. R.; HILLMAN, E. L. **9/11 Memorial & Museum. Annual Report 2024**. New York: National September 11 Memorial & Museum 9/11 MEMORIAL, 2024. Disponível em: https://www.911memorial.org/sites/default/files/inline-files/911MM_2024_Annual%20Report_031725%203.pdf?utm_source. Acesso em: 02 dez. 2025.

BLUNT, A. Cultural geographies of migration: mobility, transnationality and diaspora. **Progress in Human Geography**, v. 31, n. 5, p. 1–11, 2007.

BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2019. (Pesquisa, n. 125).

BOMFIM, Z. A. C. Afetividade e ambiente urbano: uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. *In*: PINHEIRO, J. de Q.; GÜNTHER, H. (org.). **Método de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

BOMFIM, Z. A. C. **Cidade e afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo**. Fortaleza: Imprensa Universitária - Universidade Federal do Ceará, 2023. (Coleção Estudos da Pós-Graduação).

BOMFIM, Z. A. C.; URRUTIA, E. P. Affective dimension in cognitive maps of Barcelona and So Paulo. **International Journal of Psychology**, v. 40, n. 1, p. 37–50, 2005.

BONI, M. I. M. Imigrações/Migrações em Curitiba: outras histórias. *In*: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2011.

BOUTIN, A. Rethinking the Flâneur: Flânerie and the Senses. **Dix-Neuf**, v. 16, n. 2, p. 124–132, 2012.

BOYLE, P.; KEITH HALFACREE; ROBINSON, V. **Exploring contemporary migration**. London & New York: Routledge, 2014.

BRAH, A. **Cartografías de la diáspora: Identidades en cuestión**. Madrid: Traficantes de sueños, 2011.

BROECK, A. M. V.; LÓPEZ, Á. L. Turismo oscuro. De la conmemoración a la comodificación de la muerte, los desastres y lo macabro. **Teoría y Praxis**, v. 24, p. 23–68, 2018.

BRUNO, G. **Atlas of emotion: journeys in art, architecture, and film**. 1. ed. New York: Verso, 2002.

BUENO, L. E. B. **O paranismo e as artes visuais**. 2009. 173 f. Dissertação - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

BUNYAN, J. **O peregrino**. São Paulo: Jardim dos Livros, 2019.

BURGOLD, J.; ROLFES, M. Of voyeuristic safari tours and responsible tourism with educational value: Observing moral communication in slum and township tourism in Cape Town and Mumbai. **DIE ERDE – Journal of the Geographical Society ...**, 2013.

CAETANO, J. N.; BEZZI, M. L. Reflexões na Geografia Cultural: a materialidade e a imaterialidade da cultura. **Sociedade & Natureza**, v. 23, n. 3, p. 453–456, 2011.

CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. Curitiba pode ganhar nova rota de turismo que passará por dez pontos da cidade. **Tribuna do Paraná**, Curitiba, 15 jul. 2024. Curitiba e Região. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/curitiba-pode-ganhar-nova-rota-de-turismo-que-passara-por-dez-pontos-da-cidade/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

CAMARGO, L. O. D. L. As leis da hospitalidade. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 15, n. 2, p. 2112, 2021.

CAMARGO, L. O. de L. Hospitalidade sem sacrifício? O caso do receptivo turístico. **Revista Hospitalidade**, p. 11–28, 2006.

CAMINHA, I. O. de. **10 lições sobre Merleau-Ponty**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2019. (Coleção 10 Lições).

CAPISTRANO, J. G. G. *et al.* Produção de pesquisas na disciplina de Método Científico: uso de formulário eletrônico no ensino remoto. **Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional**, v. 3, n. 1, 2022.

CARERI, F. **Caminhar e parar**. 1. ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017.

CARERI, F. **Walkscapes: O caminhar como prática estética**. 1. ed. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.

CARNEIRO, M. L. T. A biotopia do imigrante ideal: Nem negro, nem semita, nem japonês. In: CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. (org.). **Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, imaginário e Memória**. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2010. p. 63–96.

CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. **Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, imaginário e Memória**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

CARTAXO, Z. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. **O Percevejo Online**, v. 1, n. 1, 2009.

CARVALHO, B. F. **Cartografias criativas de cartógrafos ficcionais: técnica, referência e estilos**. 2024. 231 f. Tese - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2024.

CASTRO, J. R. B. de. Geografias e narrativas míticas: possibilidades dialógicas. **Geograficidade**, v. 9, n. 1, p. 43–56, 2019.

CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CASTRO, B. A. D.; MAGALHÃES, B. Lugares de memória - narrativas, itinerário e patrimônio cultural. **PatryTer**, v. 3, n. 6, p. 121–134, 2020.

CAVALCANTI, A. P. B.; VIADANA, A. G. Fundamentos Históricos da Geografia:

contribuições do pensamento filosófico na Grécia Antiga. *In*: GODOY, P. R. T. de (org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 11–34.

CEA D'ANCONA, M. Á. Immigration as a threat: explaining the changing pattern of xenophobia in Spain. **International Migration and Integration**, v. 17, n. 2, p. 569–591, 2015.

CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. (Série Pensamento Moderno).

CHAMBERS, R. The “flâneur” as hero (on Baudelaire). **Australian Journal of French Studies**, v. 28, n. 2, p. 142–153, 1991.

CHARAUDEAU, P. Por uma interdisciplinaridade “focalizada” nas ciências humanas e sociais. *In*: MACHADO, IDA; COURA-SOBRINHO, JERÔNIMO; MENDES, EMÍLIA (org.). **A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade em estudos da linguagem**. Belo Horizonte: NETII FALE/UFMG, 2013. p. 17–51.

CHARTIER, R. **Mapas e ficções (Séculos XVI a XVIII)**. tradução: Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora UNESP, 2024.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2007. p. 453

CLAVAL, P. **Epistemologia da Geografia**. tradução: Margareth de Castro Afeche Pimenta; Joana Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: um balanço. **Revista Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 3, p. 05–24, 2011.

CLAVAL, P. Processos espaciais e Geografia Cultural. **Confins**, n. 0, 2024.

CLIFFORD, J. Diasporas. **Cultural Anthropology**, v. 9, n. 3, p. 302–338, 1994.

COATES, J. Key figure of mobility: the flâneur: key figure of mobility: the flâneur. **Social Anthropology**, v. 25, n. 1, p. 28–41, 2017.

COHEN, E. Toward a sociology of international tourism. **Social Research**, v. 39, n. 1, p. 164–182, 1972.

COOPER, C. *et al.* **Turismo: princípios e práticas**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte - cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSGROVE, D. **Apollo's Eye: A cartographic genealogy of the earth in the western imagination**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2001.

COSGROVE, D. E. **Geography and vision: seeing, imagining and representing the world**. London; New York: New York: I.B. Tauris, 2008. (International library of human geography, n° 12).

COSGROVE, D. Landscape and the European Sense of Sight - Eyeing Nature. *In*: ANDERSON, K. *et al.* **Handbook of Cultural Geography**. London: SAGE Publications Ltd, 2003. p. 249–268.

COSGROVE, D. Maps, Mapping, Modernity: Art and Cartography in the Twentieth Century. *In*: DODGE, M.; KITCHIN, R.; PERKINS, C. (org.). **The Map Reader: Theories of Mapping Practice and Cartographic Representation**. 1. ed. Chichester, West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2011. p. 269–277.

COSGROVE, D. Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 10, n. 1, New Series, p. 45–62, 1985.

COSGROVE, D. E. **Social formation and symbolic landscape: With a new introduction**. Wisconsin London: University of Wisconsin Press, 1998.

COSTA, C. O. da. **Fundamentos epistemológicos da Geografia**. 2. ed. Indaial: Uniasselvi, 2019.

COSTA, S. A. O corpo como ser no mundo na Fenomenologia da Percepção de Merleau-Ponty. **Pensar-Revista Eletrônica da FAJE**, v. 6, n. 2, p. 269–279, 2015.

COSTA, Í. F.; BRANDÃO, C. M. M. A prática da deriva e os fotógrafos ocultos. **Seminário de História da Arte - Centro de Artes - UFPel**, n. 6, 2017.

COSTA, M. A. F.; COSTA, M. de F. B. **Elaboração de textos científicos: um guia prático**. 3. ed. Rio de Janeiro: DosAutores, 2019.

COSTA, L. C. N.; SERRES, J. C. P. Memória, identidade e paisagem cultural: interfaces na constituição do patrimônio brasileiro. **Patrimônio e Memória**, v. 12, n. 1, p. 158–178, 2016.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: Escolhendo entre Cinco Abordagens**. tradução: Sandra Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CULLEN, J. **The American Dream: A Short History of an Idea that Shaped a Nation**. New York: Oxford University Press, 2003.

CURITIBA. **Cartões-postais de curitiba ganham iluminação especial para o outubro rosa**. Curitiba, 2023a. Prefeitura de Curitiba. Disponível em: https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/cartoes-postais-de-curitiba-ganham-iluminacao-especial-para-o-outubro-rosa/70594?utm_content=mldn. Acesso em: 23 ago. 2025.

CURITIBA. **Colonos no Centro de Curitiba**. Curitiba, 2025a. Prefeitura de Curitiba.

Especial Curitiba 332 anos. Disponível em:

https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/arquivo-publico-mostra-posto-telefonico-na-generoso-marques-em-serie-de-imagens-da-curitiba-de-antigamente/76442?utm_content=mldn. Acesso em: 5 jun. 2025.

CURITIBA. **Curitiba: a cidade mais inteligente do mundo**. Curitiba, 2023b.

Prefeitura de Curitiba. Disponível em:

<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticiasespeciais/curitiba-a-cidade-mais-inteligente-do-mundo-de-2023/49>. Acesso em: 8 fev. 2025.

CURITIBA. **Curitiba começa a iluminar monumentos e praças pela segurança no trânsito**. Curitiba, 2022a. Prefeitura de Curitiba. Disponível em:

https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-comeca-a-iluminar-monumentos-e-pracas-pela-seguranca-no-transito/63594?utm_content=mldn. Acesso em: 23 ago. 2025.

CURITIBA. **Curitiba é eleita uma das seis cidades mais inteligentes do mundo**.

Curitiba, 2023c. Prefeitura de Curitiba. Disponível em:

<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-e-eleita-uma-das-seis-cidades-mais-inteligentes-do-mundo/70865>. Acesso em: 8 fev. 2025.

CURITIBA. **Curitiba ilumina pontos turísticos de laranja pela prevenção ao câncer de pele**. Curitiba, 2021. Prefeitura de Curitiba. Disponível em:

https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-ilumina-pontos-turisticos-de-laranja-pela-prevencao-ao-cancer-de-pele/61842?utm_content=mldn. Acesso em: 23 ago. 2025.

CURITIBA. **Em prol da saúde do homem, Curitiba ilumina dez pontos no novembro azul**. Curitiba, 2022b. Prefeitura de Curitiba. Disponível em:

https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/em-prol-da-saude-do-homem-curitiba-ilumina-dez-pontos-no-novembro-azul/66003?utm_content=mldn. Acesso em: 23 ago. 2025.

CURITIBA. **Guia de Museus e Memoriais**. Curitiba, 2025b. Prefeitura de Curitiba. Instituto Municipal de Turismo de Curitiba. Disponível em:

<https://turismo.curitiba.pr.gov.br/>. Acesso em: 31 jul. 2025.

CURITIBA. **Jardim botânico e praça do Japão são iluminados de vermelho em junho**. Curitiba, 2017. Prefeitura de Curitiba. Disponível em:

https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/jardim-botanico-e-praca-do-japao-sao-iluminados-de-vermelho-em-junho/42324?utm_content=mldn. Acesso em: 23 ago. 2025.

CURITIBA. **Memoriais - Turismo Curitiba**. Curitiba, 2023d. Prefeitura de Curitiba. Instituto Municipal de Turismo de Curitiba. Disponível em:

<https://turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudos/memoriais/7/>. Acesso em: 12 fev. 2023.

CURITIBA. **Monumentos da Praça do Japão ganham iluminação cênica**.

Curitiba, 2020. Prefeitura de Curitiba. Disponível em:

https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/monumentos-da-praca-do-japao-ganham-iluminacao-cenica/56824?utm_content=mldn. Acesso em: 23 ago. 2025.

CURITIBA. **Neve de 1975: Curitiba toda branca há 50 anos**. Curitiba, 2025c. Prefeitura de Curitiba. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/especiais/neve-de-1975-curitiba-toda-branca-ha-50-anos/59>. Acesso em: 18 ago. 2025.

CURITIBA. **Praça do Japão agora tem videomonitoramento 24 horas**. Curitiba, 2022c. Prefeitura de Curitiba. Disponível em: https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/praca-do-japao-agora-tem-videomonitoramento-24-horas/64623?utm_content=mldn. Acesso em: 3 jun. 2025.

CURITIBA. **Saiba quais cores vão iluminar os monumentos de Curitiba em outubro**. Curitiba, 2023e. Prefeitura de Curitiba. Disponível em: https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/saiba-quais-cores-vao-iluminar-os-monumentos-de-curitiba-em-outubro/70786?utm_content=mldn. Acesso em: 23 ago. 2025.

CURITIBA HISTÓRICA. **Praça do Japão - 1975**. Curitiba, 2025. Disponível em: <https://www.curitibahistorica.com.br/publicacoes/210/praca-do-japao-1975>. Acesso em: 5 jun. 2025.

CWERNER, S. B. The times of migration. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 27, n. 1, p. 7–36, 2001.

DAHMEN, N. S. Watchdog, Voyeur, or Censure? An eye-tracking research study of graphic photographs in the news media. **Journalism Practice**, v. 9, n. 3, p. 418–432, 2015.

D'AMBROSIO, U. A Metáfora das Gaiolas Epistemológicas e uma Proposta Educacional. **Perspectivas da Educação Matemática (PEM)**, v. 9, n. 20, p. 222–234, 2016.

DARDEL, E. **O homem e a terra: Natureza da realidade geográfica**. tradução: Werther Holzer. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Estudos).

DE LEÓN VARGAS, G. I. Diaspora venezolana, Cartagena más allá de las cifras. **Revista Jurídica Mario Alario D'Filippo**, v. 10, n. 20, p. 111–119, 2018.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEERY, J. Reality TV as advertainment. **Popular Communication**, v. 2, n. 1, p. 1–20, 2004.

DEL VECCHIO, A. Retratos da cidade pelo flâneur. **Gazeta do Povo Online**, Curitiba, 2010. Fotografia. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/retratos-da-cidade-pelo-flaneur-1d3urhscf0uow3sfinrdpoj0u/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

DEMO, P. **Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

DENZIN, N. K. **The Cinematic Society: The Voyeur's Gaze Theory, Culture & Society**. London: Sage Publications, 1995. (Theory, culture & society).

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DESTEFANI, C. Onde a garotada um dia caçou muita rã. **Jornal O Estado do Paraná**, Curitiba, 25 mar. 1980. Curitiba 287 anos (impresso).

DI MÉO, G.; BULÉON, P. Espaces, temporalités, acteurs. *In*: DI MÉO, G.; BULÉON, P. **L'Espace Social: Une lecture géographique des sociétés**. 1. ed. Paris: Armand Colin, 2007. p. 17–41.

DIAS, P. R. Televisão brasileira: entretenimento do espetáculo ao mito. **Revista Extraprensa**, v. 10, n. 2, p. 284, 2017.

DIAS, J. A.; CORREIA, A.; CASCAIS, T. Traits in tourists' experiences: Senses, emotions and memories. *In*: CORREIA, A. *et al.* (org.). **Co-creation and well-being in tourism**. 2017. p. 179–194.

DITTRICH, M. G. *et al.* O calçadão de Curitiba: sua história como espaço público social da cidade. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, v. 2, n. 2, p. 173–184, 2016.

DORTA, L.; DROGUETT, J. (org.). **Mídia, imagens do turismo: uma proposta de desenvolvimento teórico para as áreas de Comunicação e Turismo**. São Paulo: Textonovo, 2004.

DOVEY, K.; KING, R. Informal urbanism and the taste for slums. **Tourism Geographies**, v. 14, n. 2, p. 75–293, 2012.

DREYER, E.; MCDOWALL, E. Imagining the flâneur as a woman. **Communicatio**, v. 38, n. 1, p. 30–44, 2012.

DUDEQUE, I. J. T. **Nenhum dia sem uma linha continuidades urbanísticas em Curitiba, 1941-1993**. 2005. 256 f. Tese - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DUFF, S. **Voyeurism: a case study**. Nottingham: Palgrave Macmillan, 2018. (Palgrave Pivot).

DURÁN SEGURA, L. A. Miradas urbanas sobre el espacio público: el flâneur, la deriva y la etnografía de lo urbano. **Reflexiones**, v. 90, n. 2, p. 137–144, 2011.

DÜRR, E.; JAFFE, R. Theorizing slum tourism: performing, negotiating and transforming inequality. **European Review of Latin American and Caribbean Studies | Revista Europea de Estudios Latinoamericanos y del Caribe**, v. 93, Explorations, p. 113–123, 2012.

EAGLETON, T. **A Ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993a.

EAGLETON, T. O rabino marxista: Walter Benjamin. *In: A IDEOLOGIA DA ESTÉTICA*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993b.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. D. Etnografia: Saberes e Práticas. **Iluminuras**, v. 9, n. 21, 2008.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções: Revolucione sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

ENCONTROS E DESPEDIDAS. Intérprete: Milton Nascimento. compositor: Milton Nascimento; Fernando Brant. São Paulo: Universal Music, 1985. Streaming (03:34). Disponível em: <https://dzt.page.link/V5nQiVgYjHiHiMsK9>. Acesso em: 12 abr. 2025.

EQUIPE FOTOGRAFIA MAIS. **Fotografias famosas: As 15 imagens mais marcantes da arte fotográfica**. 2019. Referências Fotográficas. Disponível em: <https://fotografiamais.com.br/fotografias-famosas/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

ESTEVES, A.; SAMPAIO, D. Language proficiency among immigrants and the establishment of interethnic relations: a comparative analysis of Bilbao, Lisbon and Rotterdam. **Finisterra**, v. XLVIII, n. 96, p. 65–88, 2013.

FABRÍCIO, D. C. B. **Mapas medievais e de fantasia épica na Geografia Escolar do Ensino Médio: Questionamentos das práticas do cartografar**. 2017. 107 f. Dissertação - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

FARRELLY, F. Revealing the memorial experience through the tourist-led construction of imagined communities. **Tourism Management**, v. 75, p. 13–21, 2019.

FAZENDA, I. C. A. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FELLET, J. Pichadores do Século XIX. *In: CANDONGUEIRO*. 2009. Disponível em: <https://candongueiro.wordpress.com/2009/06/17/pichadores-do-seculo-19/>. Acesso em: 22 out. 2024.

FENIANOS, E. **Curitiba: Expedições Ubernauta**. Curitiba: Editora Univer Cidade, 2007. (Coleção Capitais do Brasil - Ensinando a Cidade). v. 3

FERRARA, L. D. Apresentação. *In: ECO, U. Como se faz uma tese*. 27. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019. p. XI–XV.

FERRARI, C. M. M. **Visualidade nos contratos comunicativos em revistas de Turismo: construção de imaginários para turistas**. 2013. 346 f. Tese - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

FINK, J. Walking the neighbourhood, seeing the small details of community life: reflections from a photography walking tour. **Critical Social Policy**, v. 32, n. 1, p. 31–50, 2012.

FISH, E. S. Race, History, and Immigration Crimes. **Iowa Law Review**, v. 107, n. 3, p. 1051–1106, 2022.

FLICK, U. **Desenho da Pesquisa Qualitativa**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa).

FONTENELE, C. H. S.; MATOS, F. D. O. Turismo e fotografia: elementos para o conhecimento da paisagem de Camocim-CE. **Caminhos de Geografia**, v. 16, n. 53, p. 65–80, 2015.

FONTES, L. C. dos S. **Roteiro literário — Helena Kolody**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 2018. (Biblioteca Paraná).

FOUREZ, G. **A construção da ciência: Introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995. (Biblioteca Básica).

FRANCHI, A. C. O marketing e os efeitos receptivos no Turismo. *In*: DORTA, L.; DROGUETT, J. (org.). **Mídia, imagens do turismo - uma proposta de desenvolvimento teórico para as áreas de Comunicação e Turismo**. São Paulo: Textonovo, 2004.

FROSH, P. The Public Eye and the Citizen-Voyeur: Photography as a Performance of Power. **Social Semiotics**, v. 11, n. 1, p. 43–59, 2001.

GAARDER, J. **O Mundo de Sofia - Romance da História da Filosofia**. tradução: Leonardo Pinto Silva. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GEBAUER, G.; WULF, C. **Mimeses na Cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2004.

GEDIMAN, H. K. **Stalker, hacker, voyeur, spy: a psychoanalytic study of erotomania, voyeurism, surveillance, and invasions of privacy**. London: Karnac, 2017. (Confederation of Independent Psychoanalytic Societies boundaries of psychoanalysis series).

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GERALDO, L. G. B. **As galerias do virtual: o ciberflâneur e a produção artística no ciberespaço**. 2009. 101 f. Dissertação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

GLASS, J. F.; FRANKIEL, H. H. The influence of subjects on the researcher: a problem in observing social interaction. **The Pacific Sociological Review**, v. 11, n. 2, p. 75–80, 1968.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B. **Tourism: principles, practices,**

philosophies. 12. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc., 2012.

GÓIS, M. P. F. D. A noite como fenômeno geográfico: possibilidades teórico-metodológicas para a pesquisa urbana. *In*: TURRA NETO, N. (org.). **Geografias da noite: exemplos de pesquisa no Brasil**. Editora UNESP, 2021. p. 17–55.

GÓIS, M. P. F. D. A noite e a cidade: uma revisão temática para a Geografia. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 22, n. 3, p. 623–640, 2018a.

GÓIS, M. P. F. de. Cenários noturnos: sobre a espacialidade e os significados da iluminação urbana na cidade do Rio de Janeiro. **Revista de Geografia (UFPE)**, v. 27, n. 2, p. 40–52, 2010.

GÓIS, M. P. F. D. Espaços públicos e vida noturna. **Geografares**, n. 26, p. 69–85, 2018b.

GOLTARA, G. B.; MENDONÇA, E. M. S. O emprego da fotografia como método de análise da transformação da paisagem - o caso de Anchieta. **Paisagem e Ambiente**, n. 36, p. 119–136, 2015.

GOMES, R. C. D. **Conteúdo televisivo do Brasil dos anos 90: uma análise sobre seus impactos na formação dos adolescentes da época**. 2022. TCC - Curso de Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos, Instituto de Educação a Distância - EAD, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Ceará, 2022.

GOMES, P. C. da C. Pensando a Geografia a partir de uma ferramenta geográfica: o percurso. **Revista Espaço & Geografia**, v. 23, n. 2, p. 1–11, 2020.

GOMES, P. C. da C. **Quadros Geográficos: Uma Forma De Ver, Uma Forma De Pensar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GOMES, P. C. da C.; BERDOULAY, V. Imagens na Geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 27, n. 2, 2018.

GRAY, D. E. **Pesquisa no Mundo Real**. 2. ed. São Paulo: Penso, 2012.

GREENHAM, E. J. Nation Nuclear Diaspora - Meet Me at the 100RADS. *In*: RECALIBRATING DIASPORAS: ASIA PACIFIC AND THE SPACES BEYOND, 2019, Fremantle, Australia. (Murdoch University & Linnaeus University, Org.) **Anais [...]**. Fremantle, Australia: No published, 2019.

GROSS, M. H. The Holocaust. *In*: RITZER, G. (org.). **The Wiley-Blackwell Encyclopedia of Globalization**. 1. ed. Wiley, 2017. p. 1–5.

GUISSONI, R. *et al.* A Semiótica do Turismo para análises visuais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 17, p. 2632, 2023.

GUISSONI, R. **Digital Influencers e a experiência visual da viagem, uma análise**

sobre o destino Morretes PR - Brasil. 2019. 182 f. Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

GUISSONI, R. O uso da semiótica para pesquisas em Turismo. **Revista Turismo em Análise**, v. 32, n. 2, p. 431–436, 2021.

GUISSONI, R.; CHEMIN, M. Espaço público, área funcional turística e a Praça Tiradentes, Ouro Preto, Brasil. **Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, v. 6, n. 11, p. 01–21, 2023.

GUISSONI, R.; GOMES, E. L. Análise Emocional através da representação fotográfica. *In*: VIII COLÓQUIO NACIONAL DA REDE DO NÚCLEO DE ESTUDOS EM ESPAÇO E REPRESENTAÇÃO: DAS METAMORFOSES ÀS RESILIÊNCIAS, 2023, Goiânia. **Anais do VIII NEER: Das metamorfoses às resiliências**. Goiânia: Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Mary Anne Vieira Silva [Org.], 2023. p. 108–120.

GUISSONI, R.; GOMES, E. L.; TORRES, M. A. A mesma praça, o mesmo banco, as mesmas flores... o mesmo jardim? Uma análise da paisagem nos espaços públicos em Curitiba/PR. *In*: VI COLÓQUIO IBERO-AMERICANO: PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO, 2023, Belo Horizonte. **Anais do Colóquio Ibero-Americano: Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**. Belo Horizonte: Even3, 2023. p. 01–18.

GUISSONI, R.; VALDUGA, V. A Geografia dos sabores e o Turismo: Uma aproximação à gastronomia étnica em Curitiba/PR- Brasil. *In*: XV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA - ENENPEGE, 2023, Palmas. **Revista ENANPEGE**. Palmas: Realizeventos Científicos e Editora, 2023. p. 01–17.

GUMPERT, G.; DRUCKER, S. J. The demise of privacy in a private world: from front porches to chat rooms. **Communication Theory**, v. 8, n. 4, p. 408–425, 1998.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Geografia Cultural uma antologia - Volume II**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 233–244.

HALL, C. M.; WILLIAMS, A. M. (org.). Tourism and Migration: New Relationships between Production and Consumption. **Tourism Geographies**, v. 65, n. 1, The GeoJournal Library, p. 5–27, 2002.

HAMBURGER, E. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

HANDERSON, J. Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 43, p. 51–78, 2015.

HAYLLAR, B. *et al.* **Turismos em cidades: Espaços urbanos, lugares turísticos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. (Coleção Eduardo Sanovicz de Turismo).

HERNÁNDEZ-SAMPIERI, R.; FERNÁNDEZ COLLADO, C.; BAPTISTA LUCIO, M. del P. **Metodologia de Pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

HOCHSCHILD, J. L. **Facing Up to the American Dream: Race, Class, and the Soul of the Nation**. New Jersey: Princeton University Press, 1995.

HOLZER, W. A Geografia Humanista: Uma Revisão. **Espaço e Cultura**, v. Edição Comemorativa, p. 137–147, 2008.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, v. Ano II, n. 3, p. 77–85, 1997.

HUGHES, R. A. Water pistols and strikes: What's behind Europe's tourism backlash? **Euro News**, 7 ago. 2024. Travel - People. Disponível em: <https://www.euronews.com/travel/2024/07/08/fake-signs-and-hunger-strikes-whats-behind-europes-backlash-against-overtourism>. Acesso em: 26 maio 2025.

IEPSEN, A. F. O 19 de agosto de 1942 em São Lourenço do Sul. **Folha Pomerana Express**, Venâncio Aires, 15 mar. 2018. Nº 231. Disponível em: <https://folhapomeranaexpress.blogspot.com/2018/03/n-231-2018-o-19-de-agosto-de-1942-em.html>. Acesso em: 14 ago. 2025.

IMIGRANTE. Intérprete: Roberto Leal. Portugal: LP Roberto Leal Especial 1984, 1984. Digital (03':04"). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7QoQWfHLwmg&ab_channel=RobertoLeal-Topic. Acesso em: 11 ago. 2023.

INGOLD, T. Footprints through the weather-world: walking, breathing, knowing. **The Journal of the Royal Anthropological Institute**, v. 16, p. S121–S139, 2010.

INSTITUTO MIGRAÇÕES E DIREITOS HUMANOS - IMDH. **Glossário**. 2014. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/glossario/>. Acesso em: 27 maio 2025.

JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. Salvador: Edufba, 2012.

JANTSCH, E. Inter- and transdisciplinary university: A systems approach to education and innovation. **Higher Education**, v. 1, n. 1, p. 7–37, 1972.

JARVIS, R. Pedestrianism and peripatetic form. In: JARVIS, R. **Romantic Writing and Pedestrian Travel**. London: Palgrave Macmillan UK, 1997. p. 62–88.

KEHILÁ. Cemitério Israelita Do Água Verde. YouTube, 2020. Vídeo (17:19). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c-vBFtp9MFo>. Acesso em: 21 mar. 2025.

KIMURA, R. Políticas restritivas aos japoneses no estado do Paraná 1930-1950 (De cores proibidas ao perigo amarelo). **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em história**, v. 10, n. 2, p. 199–202, 2006.

- KNUDSEN, D. C.; RICKLY-BOYD, J. M.; METRO-ROLAND, M. M. Landscape perspectives on tourism geographies. *In*: WILSON, J. (org.). **The Routledge Handbook of Tourism Geographies**. London: New York: Routledge, 2012. p. 201–206.
- KOLOGY, H. **Sempre Poesia**. Curitiba: Imã Publicidade, 1994. (Antologia Poética).
- KOSSOY, B. Retratos e auto-retratos: Imigrantes japoneses no Estado de São Paulo. *In*: CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. (org.). **Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, imaginário e Memória**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p. 370–406.
- KOTI, K. P. Andar a pé pelos caminhos que formaram Curitiba. *In*: ROSANELI, A. F.; BARNABÉ, P. M. M. (org.). **Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba**. Curitiba: Editora UFPR, 2017. (Série Pesquisa, nº n. 294). p. 17–28.
- KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”**. Curitiba, Paraná, Brasil: Editora UFPR, 2018a. (Série Pesquisa, nº n. 344).
- KOZEL, S. Emoções em voos nas paisagens culturais: a paisagem emocional na perspectiva de Andreotti. *In*: METAMORFOSES POSSÍVEIS COMPARTILHADAS: LEITURAS EM GEOGRAFIA CULTURAL. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- KOZEL, S. **Mapas mentais: dialogismo e representações**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018b.
- KUNZ, J. G. Drones, Turismo e a emergência de novas paisagens: um ensaio teórico. **Geografia (Londrina)**, v. 35, n. 1, p. 11–31, 2025.
- LACERDA, C. **História de Curitiba em quadrinhos**. Curitiba: Carollo & Seto, 1993. v. 1
- LARSEN, J. *et al.* Bubble-wrapped sightseeing mobilities: Hop on–hop off bus experiences in Copenhagen. **Tourist Studies**, v. 21, n. 3, p. 387–403, 2021.
- LARSEN, J. Families Seen Sightseeing: Performativity of Tourist Photography. **Space and Culture**, v. 8, n. 4, p. 416–434, 2005.
- LARSEN, J. Fodgængernes geografier. **Geografisk Orientering**, v. 1, p. 42–45, 2023.
- LARSEN, J. Geographies of Tourist Photography: Choreographies and Performances. *In*: FALKHEIMER, J.; JANSSON, A. (org.). **Geographies of Communication: The Spatial Turn in Media Studies**. Nordicon, 2006. p. 243–261.
- LARSEN, J. Performance, space and tourism. *In*: WILSON (org.). **The Routledge handbook of tourism geographies**. London: New York: Routledge, 2012. p. 67–73.

LARSEN, J. **Performing tourist photography**. 2004. 210 f. - Department of Geography and International Development Studies, Roskilde University, Denmark, 2004.

LARSEN, J. Tourism mobilities and the travel glance: Experiences of being on the move. **Scandinavian journal of hospitality and tourism**, v. 1, n. 2, p. 80–98, 2001.

LARSEN, J.; MEGED, J. W. Tourists co-producing guided tours. **Scandinavian Journal of Hospitality and Tourism**, v. 13, n. 2, p. 88–102, 2013.

LARSEN, J.; URRY, J. Gazing and Performing. *In*: I A. PEREIRA, I. MARQUES, M. RIBEIRO, M. L. BOTELHO, & P. NUNES (org.). **O Porto Como Destino Turístico**. Lisboa: Media XXI, 2014.

LAURENT, O. What the Image of Aylan Kurdi Says About the Power of Photography. **TIME**, USA, 4 set. 2015. Lightbox. Behind the photos. Disponível em: <https://time.com/4022765/aylan-kurdi-photo/>. Acesso em: 26 maio 2025.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre; Belo Horizonte: Artmed; Editora UFMG, 1999.

LENNON, J. Dark tourism. *In*: LENNON, J. **Oxford research encyclopedia of criminology and criminal justice**. Oxford University Press, 2017.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. p. 264

LÉVY, P. **O que é o virtual?** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.

LÉVY, J. Qual o sentido da Geografia Cultural? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 61, p. 19–38, 2015.

LIMA, A. B. M. (org.). **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus: Editus, 2014.

LINDÓN, A.; HIERNAUX, D. (org.). **Geografías de lo imaginario**. 1. ed. Barcelona: Anthropos Editorial; Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, División de Ciencias Sociales y Humanidades, 2012. (Obras generales).

LISLE, D. Gazing at Ground Zero: Tourism, Voyeurism and Spectacle. **Journal for Cultural Research**, v. 8, n. 1, p. 3–21, 2004.

LOHMANN, G.; PANOSSO NETTO, A. **Teoria do Turismo: Conceitos, modelos e sistemas**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2012.

LÓPEZ LINARES, C. How to cover migration in Latin America during Trump's second term. **LatAm Journalism Review**, Austin, 20 jan. 2025. Knight Center. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/articles/how-to-prepare-to-cover-migration-from-latin-america-during-trumps-second-term/>. Acesso em: 26 maio 2025.

LOURENÇO, M. C. F. Memorial étnico: curadoria e reparação. **Revista ARA**, v. 6, n. 6, p. 29–57, 2019.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 2011.

MACAULEY, D. Walking the city: an essay on peripatetic practices and politics. **Capitalism Nature Socialism**, v. 11, n. 4, p. 3–43, 2000.

MACLEAN, R. M. **Narcissus and the voyeur: three books and two films**. Paris; New York: Mouton Publishes, 1979. (Approaches to semiotics, nº 48).

MAGALHÃES, G. **Introdução à metodologia científica: caminhos da ciência e tecnologia**. São Paulo: Ática, 2005.

MAINIERI, R. **Praça do Japão**. 2014. Recanto das Letras. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias/5085634>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MARANDOLA JR., E. AULA DE FENOMENOLOGIA. Online: (Não publicado), 2021. Live (02:58:51).

MARANHÃO, M. F. C. **Santa felicidade, o bairro italiano de curitiba: um estudo sobre restaurantes, rituais e (re)construção de identidade étnica**. 1. ed. Curitiba: Samp, 2014. (Teses do Museu Paranaense). v. 6

MARIETTO, M. L. Observação Participante e Não Participante: Contextualização Teórica e Sugestão de Roteiro para Aplicação dos Métodos. **Revista Ibero-Americana de Estratégia**, v. 17, n. 04, p. 05–18, 2018.

MARRADI, A. Método como arte. **Papers. Revista de Sociologia**, v. 67, p. 107–127, 2002.

MARUJO, M. N. N. V. A internet como novo meio de comunicação para os destinos turísticos: o caso da ilha da madeira. **Revista Turismo em Análise**, v. 19, n. 1, p. 25, 2008.

MATOS, K. C. S. R. Breves reflexões sobre a Geografia humanística e a percepção e vivência em áreas públicas. **Revista da Anpege**, v. 13, n. 20, p. 109–129, 2017.

MATVIEIEVA, S.; MATVIEIEV, S. Transformation of Migration Terminology: From ‘Illegal Migrant’ to ‘Irregular Migrant’ (English-Ukrainian Aspect). **Review of European and Comparative Law**, v. 52, n. 1, p. 183–200, 2023.

MAZZAROTTO, A. C.; BATISTA, F. D. **Arquitetura Italiana em Curitiba**. Curitiba: Instituto Arquibrasil, 2013.

MEKDJIAN, S.; OLMEDO, É. Médier les récits de vie. Expérimentations de cartographies narratives et sensibles. **M@ppemonde**, v. 118, n. 2, p. 1–16, 2016.

- MELLO, C. **Semiótica do Turismo Aplicada**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.
- MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (org.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. 1. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2014. (Série Pesquisa, nº 147).
- MENEZES, P. Turismo e favela: reflexões sobre ética e fotografia. **Dialogando no Turismo**, v. 1, n. 3, p. 10–30, 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. **Conversas, 1948**. tradução: Fábio Landa; Eva Landa; Marina Appenzeller. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Tópicos).
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018. (Biblioteca do Pensamento Moderno).
- METZL, J. From scopophilia to Survivor: A brief history of voyeurism. **Textual Practice**, v. 18, n. 3, p. 415–434, 2004.
- MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. In: MICHAELIS. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015.
- MIGUEL, F. K. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF**, v. 20, n. 1, p. 153–162, 2015.
- MILANO, C.; NOVELLI, M.; CHEER, J. M. Overtourism and tourismphobia: a journey through four decades of tourism development, planning and local concerns. **Tourism Planning & Development**, v. 16, n. 4, Planning and Local Concerns, p. 353–357, 2019.
- MINCA, C. The tourist landscape paradox. **Social & Cultural Geography**, v. 8, n. 3, p. 433–453, 2007.
- MOCELLIN, R. **História concisa de Curitiba**. Curitiba: Editora Remo, 2020.
- MOLINER, P.; BOVINA, I. Architectural forms of collective memory. **International Review of Social Psychology**, v. 32, n. 1, p. 12, 2019.
- MONTOYA URIARTE, U. Podemos todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas. **Redobra**, v. 10, n. 3, 2012.
- MORAES, L. A.; FAZION, F. Boca Maldita: Performances, tribalização e invenção de tradições no espaço público. In: ROSANELI, A. F. (org.). **Olhares pelo espaço público**. 1. ed. Curitiba: Setor de Tecnologia da UFPR, 2019.
- MOREIRA, R. **Pensar e Ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOSER, G. Psicologia ambiental. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 3, n. 1, p. 121–130, 1998.
- MUNAR, A. M. Digital exhibitionism: The age of exposure. **Culture Unbound**:

Journal of Current Cultural Research, v. 2, p. 401–422, 2010.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO. **Migrante, Imigrante, Emigrante, Refugiado, Estrangeiro: qual palavra devo usar?** 2019. Migração em debate. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://museudaimigracao.org.br/public/blog/migracoes-em-debate/migrante-imigrante-emigrante-refugiado-estrangeiro-qual-palavra-devo-usar>. Acesso em: 27 mai. 2025.

MUSEU DE ARTE INDÍGENA - MAI. **Virtual Tour Museu da Arte Indígena**. Curitiba, 2024. Disponível em: <https://www.tourvirtual360.com.br/mai/mai.html>. Acesso em: 5 jun. 2025.

MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. Rota do Kasato Maru em direção ao Brasil. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.bunkyo.org.br/br/museu-historico/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

NANTES, A. C. A fenomenologia de Edmund Husserl como método para a psicologia. **Diaphora**, v. 9, n. 1, p. 52–57, 2020.

NASCIMENTO, R. A. do; STEINKE, V. A. **Apontamentos teóricos para a relação entre paisagem e fotografia na Geografia**. Ra'e Ga: O espaço em análise, 2018.

NETO, M. M. G. **O transeunte, o pedestre e o flâneur: fluxos e dinâmicas de circulação em um espaço público de Campos dos Goytacazes-RJ**. 2020. 123 f. Dissertação - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2020.

NETO, D. P.; ALVES, F. D. Alexander Von Humboldt: viajante naturalista e entusiasta da harmonia da natureza. In: GODOY, P. R. T. de (org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 35–56.

NIEHAUS, A.; TAGSOLD, C. (org.). **Diaspora and Disaster: Japanese Outside Japan and the Triple Catastrophe of March 2011**. De Gruyter, 2021.

NIKKEI - ASSOCIAÇÃO CULTURAL E BENEFICENTE NIPO-BRASILEIRA DE CURITIBA. **Praça do Japão de Curitiba**. Curitiba: Cartoon Postal, 2000.

NÓBREGA, L. S. S. da. **O desvelar do centro histórico de João Pessoa pelo turista/flâneur**. 2013. 140 f. Dissertação - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

NOGUÉ, J.; EUGENIO VELA, J. de S. La dimensión comunicativa del paisaje: una propuesta teórica y aplicada. **Revista de Geografía Norte Grande**, n. 49, p. 25–43, 2011.

NOGUÉ, J.; EUGENIO-VELA, J. de S. Geographies of affect: In search of the emotional dimension of place branding. **Communication & Society**, p. 27–42, 1970.

NÓR, S. O lugar como imaterialidade da paisagem cultural. **Paisagem e Ambiente**, n. 32, p. 119–119, 2013.

NÖTH, W.; SANTAELLA, L. **Introdução à Semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. 1. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2017. (Coleção Introduções).

NUNES, C. X. **Geografias do corpo: por uma Geografia da diferença**. 2014. 261 f. Tese - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

O GRANDE DITADOR. Estados Unidos: United Artists, 1940. son. P&B Filme (125 min).

ODA, T. **Grasping the Fukushima displacement and diaspora**. Tokyo: 2011.

OLENDER, M. O afetivo efetivo. Sobre afetos, movimentos sociais e preservação do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 35, p. 321–341, 2017.

OLIVEIRA, L. de. Ainda sobre percepção, cognição e representação em Geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (org.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. 1. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 189–196.

OLIVEIRA, V. S. Cartografias: da arte de fazer mapas aos mapas na arte. **Cultura Visual**, v. 1, n. 18, p. 97–108, 2012.

OLIVEIRA, D. de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora UFPR, 2000. (Série Pesquisa, nº n. 48).

OLIVEIRA, R. M. de. Diversidade Cultural: a importância das diversas culturas no ensino-aprendizagem, no desenvolvimento da cidadania e na preservação de valores éticos e morais. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 1, p. 376–403, 2017.

OLIVEIRA, É. D. de *et al.* O ensino da Geografia na perspectiva dos seus conceitos fundamentais: espaço, lugar, território, região e paisagem. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 6, n. 1, p. 122–140, 2020.

OLIVEIRA, L. A. de. **Patrimônio cultural, memória e identidade: um estudo etnográfico sobre processos de interação de atores humanos com monumentos cívicos**. 2018. 217 f. Tese - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

OLIVEIRA, L. H. de; BARROS, F. Casal é assassinado enquanto fazia piquenique na Praça do Japão; motivação pode ser passionai. **Banda B**, Curitiba, 17 nov. 2016. Policiais. Disponível em: <https://www.bandab.com.br/seguranca/casal-e-assassinado-enquanto-fazia-piquenique-na-praca-do-japao-motivacao-pode-ser-passional/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

OLIVEIRA, A. N. D.; CALVENTE, M. D. C. M. H. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. **Interações (Campo Grande)**, v. 13, n. 1, p. 81–92, 2012.

ONU - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos

Humanos. **Comunicação & Educação**, v. 0, n. 3, p. 13, 1995.

ORWELL, G. **1984**. tradução: Karla Lima. Jandira: Principis, 2021. (Clássicos da Literatura Mundial. Ebook).

PACHECO JÚNIOR, W.; PEREIRA, V. L. D. do V.; PEREIRA FILHO, H. do V. **Pesquisa científica sem tropeços: abordagem sistêmica**. São Paulo: Atlas, 2007.

PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY. **Primeira Página da Lista de Passageiros do Kasato Maru, trazendo os primeiros imigrantes japoneses para o Brasil**. Arquivo BR_RJANRIO_BS_0_RPV_ENT_7613, 1908. Brazilian National Archives. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lista_de_Passageiros_do_Kasato_Maru.jpg. Acesso em: 5 jun. 2024.

PALLASMAA, J. Space, place and atmosphere. Emotion and peripheral perception in architectural experience. **Lebenswelt. Aesthetics and philosophy of experience**, n. 4, 2014.

PANOSSO NETTO, A. **Filosofia do Turismo: teoria e epistemologia**. São Paulo: Aleph, 2005.

PANOSSO NETTO, A.; CASTILLO NECHAR, M. Epistemologia do Turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 120–144, 2014.

PAULA, D. F. L. de; GARCIA, W. Comunicação, consumo e imagem no Instagram: estudos contemporâneos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO - ENCOI, 2014, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2014. p. 1–11.

PAZ, D. J. M. O olho peripatético: a mecânica da visão dos viajantes oitocentistas em terras brasileiras. *In*: V ENANPARQ, 2018, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2018.

PECHLANER, H.; INNERHOFER, E.; ERSCHBAMER, G. **Overtourism: tourism management and solutions**. New York: Routledge, 2020. (Contemporary geographies of leisure, tourism and mobility).

PEÑUELA-O'BRIEN, E. *et al.* Health professionals' experiences of and attitudes towards mental healthcare for migrants and refugees in Europe: a qualitative systematic review. **Transcultural Psychiatry**, v. 60, n. 1, p. 176–198, 2023.

PERES, S. P. D. P.; MACIEL-LIMA, S. A política municipal de videomonitoramento da cidade de Curitiba/PR: poder, vigilância e o direito à privacidade. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 1, p. 4926–4943, 2022.

PERGA, T. Role of Ukrainian diaspora in the development of environmental movement in Ukraine in late 1980s – early 1990s. **Сторінки історії**, v. 0, n. 48,

2019.

PERINOTTO, A. R. C. **Circulação de imagens turísticas: fotografias de Parnaíba/PI nas mídias**. 2013. 226 f. Tese - Universidade do Vale do Rio Sinos, São Leopoldo, 2013.

PEZZI, E.; SANTOS, R. J. dos. A experiência turística e o Turismo de experiência: aproximações entre a antropologia e o marketing. *In*: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. TURISMO E PAISAGEM: RELAÇÃO COMPLEXA, 2012, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2012. p. 1–13.

PEZZI, E.; VIANNA, S. L. G. A experiência turística e o Turismo de Experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável. **Revista Turismo em Análise**, v. 26, n. 1, p. 165–187, 2015.

PIERRE, D. Migração e segregação: o caso dos imigrantes haitianos em Curitiba. **Terra Livre**, v. 1, n. 58, p. 197–222, 2022.

PINE, B. J.; GILMORE, J. H. **The Experience Economy**. Updated ed. Boston, Massachusetts: Harvard Business Review Press, 2011.

PINILLOS-FRANCO, S.; KAWACHI, I. Hostile attitudes toward immigrants and refugees are associated with poor self-rated health. Analysis of 21 european countries. **Social Science & Medicine**, v. 301, p. 114969, 2022.

PIRES, I. B.; MAGAGNIN, R. C. Elaboração de índice de caminhabilidade sob a percepção de especialistas. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 6, n. 38, p. 44–59, 2018.

PITRELLI, M. Protesters in Spain told tourists to “go home.” Instead, more arrived. **CNBC**, USA, 13 out. 2024. CNBC Travel. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2024/10/14/after-anti-tourism-protests-spain-receives-record-number-of-travelers.html>. Acesso em: 26 maio 2025.

POL, E. La Apropiación Del Espacio. *In*: ÍÑIGUEZ, L.; POL, E. **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universitat de Barcelona, Publicacions; Universitat de les Illes Balears, 1996. p. 45–62.

PREFEITURA DE CURITIBA. Entenda como funciona a Muralha Digital, que reduziu em 40% crimes em Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 mar. 2025. Conteúdo de Marca da Série 332 Anos de Curitiba. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/conteudo-publicitario/332-anos-curitiba/muralha-digital-curitiba/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

REAR WINDOW (JANELA INDISCRETA). EUA: Paramount Pictures, 1954. son. color. (112 min).

REDAÇÃO. **Caminhão destrói portal em famosa praça de Curitiba: veja imagens**. Curitiba, 2024. Notícias: Segurança. Disponível em: <https://massa.com.br/noticias-de-hoje/acidente-praca-do-japao/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

REDAÇÃO. Contra passagem do ligeirão, moradores fazem abraço coletivo na Praça do Japão. **Tribuna do Paraná**, Curitiba, 18 fev. 2018. Curitiba e Região. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/contra-passagem-do-ligeirao-moradores-fazem-abraco-coletivo-na-praca-do-japao/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

REDAÇÃO. Em cama de papelão e com fogão improvisado, casal “mora” há três dias na Praça do Japão. **Tribuna do Paraná**, Curitiba, 7 mar. 2022. Curitiba e Região. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/curitiba-regiao/em-cama-de-papelao-e-com-fogao-improvisado-casal-mora-ha-tres-dias-na-praca-do-japao/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

REDE GLOBO. **Sonho Meu: Bastidores**. 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/sonho-meu/noticia/bastidores.ghtml>. Acesso em: 8 ago. 2025.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA JÚNIOR, E. J.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (org.). **Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia, Fenomenologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. v. Estudos, p. 17–32.

REUTERS. Manifestantes saem às ruas na Europa para protestar contra turismo excessivo. **InfoMoney**, Brasil, 15 jun. 2025. Mundo. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mundo/manifestantes-saem-as-ruas-no-sul-da-europa-para-protestar-contrat-turismo-excessivo/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

RIBAS, M. L. dos S. T. Praça do Japão. *In*: PRAÇAS 1973. Curitiba: UFPR, 1973.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2014.

RODRIGUEZ, C. ‘Tourismphobia’: protests, bans, fees and fines at european hotspots to keep visitors away. **Forbes**, USA, 20 maio 2024. Lifestyle: Arts. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/ceciliarodriguez/2024/05/20/tourismphobia-protests-bans-fees-and-fines-at-european-hotspots-to-keep-visitors-away/>. Acesso em: 26 maio 2025.

ROSANELI, A. F.; BARNABÉ, P. M. M. (org.). **Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba**. Curitiba, Paraná, Brasil: Editora UFPR, 2017. (Série Pesquisa, nº n. 294).

ROSANELLI, A. F. As paisagens do centro de Curitiba. *In*: ROSANELI, A. F.; BARNABÉ, P. M. M. (org.). **Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba**. Curitiba: Editora UFPR, 2017. (Série Pesquisa, nº n. 294). p. 17–28.

ROSAS DUARTE, G. M. M. B. Diásporas e conflitos: Uma reflexão sobre as diásporas no conflito da terra-natal. *In*: ANAIS DO 3º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - ABRI: GOVERNANÇA GLOBAL E NOVOS ATORES, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: 2011.

ROSENDAHL, Z. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. **Espaço e Cultura**, n. 35, p. 9–25, 2014.

ROYAL MUSEUMS GREENWICH. **Beware of Iceland's sea monsters**. 2019. Disponível em: <https://www.rmg.co.uk/galleries/can-you-spot-all-sea-monsters-16th-century-map>. Acesso em: 20 mar. 2019.

RPC. Carro bate e cai dentro do lago da Praça do Japão, em Curitiba. **Globoplay**, Curitiba, 2022. Notícia. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10447090/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

RPC VENEZUELANOS ENCONTRAM NO PARANÁ UMA CHANCE DE RECOMEÇAR A VIDA. Curitiba: RPC, 2021. Vídeo (07:10). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10408102/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

RYDGREN, J. The logic of xenophobia. **Rationality and Society**, v. 16, n. 2, p. 123–148, 2004.

RYLKO-BAUER, B. Introduction: Bringing the Past into the Present: Family Narratives of Holocaust, Exile, and Diaspora. **Anthropological Quarterly**, v. 78, n. 1, p. 7–10, 2005.

SABLEMAN, P. **Memorial e Museu do 11 de setembro**. 2016. Memorial e Museu do 11 de Setembro. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:9-11_Memorial_and_Museum_%2828815276064%29.jpg. Acesso em: 10 dez. 2025.

SAKURAI, C. **Os japoneses**. epub ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SALES, E. J. C. G. A Teoria Geográfica nos Estudos do Turismo: Elementos Teórico-Metodológicos. *In*: GODOY, P. R. T. de (org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 277–289.

SAMPAIO, D. Caring by silence: how (un)documented Brazilian migrants enact silence as a care practice for aging parents. **Journal of Intergenerational Relationships**, v. 18, n. 3, p. 281–300, 2020.

SAMPAIO, D. **É preciso desmistificar as migrações e as mobilidades**. entrevistador: Liliana Azevedo. [s. l.]: 2023. Disponível em: <https://observatorioemigracao.pt/np4/9119.html>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SAMPAIO, D. The emotional politics of return migration: negotiating im/mobilities across borders and generations. **International Migration**, v. 63, n. 2, p. e13342, 2025.

SANABRIA, C. La mirada voyeur: construcción y fenomenología. **Revista de Ciencias Sociales**, n. 119, p. 163–172, 2008.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. 1. ed. Editora Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos). v. 103

SANTOS, É. L. D. *et al.* Cidades inteligentes e sustentáveis: percepções sobre a cidade de Curitiba/PR a partir dos planos plurianuais de 2014 a 2021. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 14, 2022.

SANZOVO, C. C. O uso de códigos QR como ferramenta acessível de comunicação em atrativos turísticos: um estudo de caso de Curitiba. **Humanidades em Revista - CCH UNIRIO**, v. 6, n. 2, Dossiê Turismo Acessível, p. 291–312, 2024.

SARDINHA, E. O Brasil na visão de Tom. **Congresso em Foco**, Brasília, 2007. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/reportagem/o-brasil-na-visao-de-tom/>. Acesso em: 13 ago. 2024.

SARZI, L.; VAZ, C. Jovem faz estrago ao invadir Praça do Japão com carro e acaba presa: “Embragada”, diz GM. **Banda B**, Curitiba, 2 ago. 2024. Notícias: Trânsito (Online). Disponível em: <https://www.bandab.com.br/transito/jovem-invade-praca-do-japao-carro-presa-embragada/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SATO, F. T.; WATANABE, M. M. V. **Musuko - Os filhos da miscigenação**. 2010. 138 f. Projeto Experimental de Pesquisa - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2010.

SAUER, C. O. Geografia Cultural. **Espaço e Cultura**, n. 3, p. 1–7, 1997.

SAVOIA, S. C. **Leituras da cidade: Linha Turismo e linha preta O patrimônio cultural como território de disputas identitárias na capital paranaense (Curitiba, 1990–2018)**. 2019. 217 f. Dissertação - Universidade da Região de Joinville - Univille, Joinville, 2019.

SCARLES, C. Becoming tourist: Renegotiating the visual in the tourist experience. **Environment and planning D: Society and space**, v. 27, n. 3, p. 465–488, 2009.

SEAMON, D. Corpo-sujeito, rotinas espaço-temporais e danças-do-lugar. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 4–18, 2013.

SETO, C. **Ayumi (caminhos percorridos): Memorial da Imigração Japonesa - Curitiba e litoral do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná. Coleção Brasil Diferente, 2002.

SEVERINI, V. F. Hospitalidade urbana: ampliando o conceito. **RITUR - Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 3, n. 2, p. 84–99, 2013.

SHANKEN, A. M. Research on memorials and monuments. **Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas**, v. 26, n. 84, p. 163, 2012.

SHARPLES, R. W. The peripatetic school. *In*: FURLEY, D. **Routledge History of**

Philosophy Volume II: Aristotle to Augustine. London & New York: Routledge, 2003. (Routledge History of Philosophy). p. 147–187.

SHIZUNO, E. C. Bandeirantes do Oriente ou perigo amarelo: Os imigrantes japoneses e o DOPS. *In*: CARNEIRO, M. L. T., Marcia Yumi (org.). **Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, imaginário e Memória.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p. 123–148.

SILVA, K. V. N. da *et al.* A cidade resultante da construção histórico-social do negro e da mulher no Brasil. **RUA**, v. 27, n. 2, p. 223–238, 2021.

SILVA, I. F. de F. *et al.* A fotografia como recurso mediático no ensino de Geografia: a paisagem urbana em múltiplos olhares e convergências. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 1, n. 1, p. 56, 2018.

SILVA, M. A. da. **A segunda guerra mundial e a tríplice fronteira: a vigilância aos “súditos do eixo” alemães e italianos.** Foz do Iguaçu: Edunila, 2021.

SILVA, M. R. S. da. **Culto ao corpo: expressões do voyeurismo e exibicionismo na estética contemporânea.** 2. ed. São Paulo: Blucher, 2016.

SILVA, M. A. S. da. **Geografia Cultural: caminhos e perspectivas.** Curitiba: Intersaberes, 2019a.

SILVA, R. da S. e. O drama da colônia japonesa de Santos Durante na Era Vargas (1937 – 1945). *In*: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: 2011.

SILVA, M. A. S. da. **O eu, o outro e o(s) nós: Geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da Igreja Messiânica Mundial.** 2019b. 303 f. Tese - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SILVA, A. L. P. da. **Poéticas do olhar: escopofilia e panoptismo em uma produção videográfica.** 2012. Dissertação - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

SILVA, M. A. S. da. Por uma Geografia das Emoções. **GEOgraphia**, v. 18, n. 38, p. 99, 2016.

SILVA, M. A. S. da. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 69–84, 2018.

SILVA, A. L. P. da. Voyeurismo em arte E tecnologia: poéticas visuais no âmbito de uma ‘sociedade escópica’. *In*: 13º ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE E TECNOLOGIA: ARTE, POLÍTICA E SINGULARIDADE, 2014, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: [s. d.], 2014. p. 1–9.

SILVA, S. H. G. D.; BOMFIM, Z. Á. C.; COSTA, O. J. L. Paisagem, fotografia e

mapas afetivos: um diálogo entre a Geografia cultural e a psicologia ambiental. **Geosaberes**, v. 10, n. 21, p. 1–22, 2019.

SILVEIRA, M. A. T. da. Percepção geográfica, Turismo e valorização do espaço. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE. HOMENAGEANDO LÍVIA DE OLIVEIRA, 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p. 1–10.

SOLNIT, R. **Savage Dreams: A Journey into the Hidden Wars of the American West**. 20. ed. Berkeley: University of California Press, 2014.

SONTAG, S. **Sobre fotografia: Ensaio**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, L. A. de; SILVA, V. C. P. da. Paisagem e viagem na poética de Cecília Meireles: espaço, lugar e toponímia. **Lingua(gens)**, v. 10, n. 1, 2020.

STEIN, M. N. Memórias de uma diáspora: relatos de refugiados da Segunda Guerra Mundial. **Revista Espaço Plural: Dossiê Brasil/Alemanha - Cultura e Identidades**, v. 9, n. 19, p. 49–57, 2008.

STONE, P. R. A dark tourism spectrum: Towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions. **Tourism**, v. 54, n. 2, p. 145–160, 2006.

SUERTEGARAY, D. M. A. Notas sobre epistemologia da Geografia. **Cadernos Geográficos**, n. 11/12, 2005.

TAKEUCHI, M. Y. A comunidade japonesa no Brasil (1908-1924). Quistos étnicos ou espaços de identidade imigrante. **StoricaMente**, v. 5, n. 9, 2009.

TAKEUCHI, M. Y. O império do Sol Nascente no Brasil: Entre a idealização e a realidade. *In*: CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. (org.). **Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, imaginário e Memória**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p. 25–62.

TANDON, A. *et al.* Psychological and behavioral outcomes of social media-induced fear of missing out at the workplace. **Journal of Business Research**, v. 136, p. 186–197, 2021.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

THE WIZARD OF OZ - THE MOVIE. EUA: MGM - Metro Goldwyn Mayer, 1939. Movie Fantasy (102 min. son., color.).

TOPEL, M. F. Terra Prometida, exílio e diáspora: apontamentos e reflexões sobre o caso judeu. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 43, p. 331–352, 2015.

TORRES, M. A. Tambores, rádios e vídeoclipes: Sobre paisagens sonoras,

territórios e multiterritorialidades. **GeoTextos**, v. 7, n. 2, p. 69–83, 2011.

TRAIANO, H. Brasileiros denunciam detenção migratória desumana nos EUA. **Deutsche Welle**, 28 mar. 2025. Direitos Humanos - Brasil. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasileiros-denunciam-deten%C3%A7%C3%A3o-migrat%C3%B3ria-desumana-nos-eua/a-72054933>. Acesso em: 26 maio 2025.

TRAVASSOS, L. E. P. A fotografia como instrumento de auxílio no ensino da Geografia. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 1, p. 1–3, 2001.

TRIGUEIRO, C. M. **Marketing & Turismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

TRINDADE, D. F. Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, I. C. A. (org.). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. p. 65–83.

TRIPADVISOR. **Museu do Holocausto de Curitiba**. 2024. Coisas para fazer em Curitiba. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303441-d3916043-Reviews-Museu_do_Holocausto_de_Curitiba-Curitiba_State_of_Parana.html. Acesso em: 5 jun. 2025.

TRIPADVISOR. **O que fazer: Curitiba**. 2025a. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303441-Activities-Curitiba_State_of_Parana.html. Acesso em: 22 ago. 2025.

TRIPADVISOR. **Praça do Japão de Curitiba**. 2025b. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303441-d2325523-Reviews-Praca_do_Japao-Curitiba_State_of_Parana.html. Acesso em: 5 jun. 2025.

TSCHOKE, A.; RECHIA, S.; VIEIRA, F. G. L. A cidade de curitiba e seus espaços centrais de lazer. **Pensar a Prática**, v. 16, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/feff/article/view/13651>. Acesso em: 11 ago. 2025.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2015a.

TUAN, Y. F. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 4–15, 2011.

TUAN, Y. F. **Geografía romántica: en busca del paisaje sublime**. tradução: Borja Nogué. Edición digital. Madrid: Biblioteca Nueva, 2015.

TUAN, Y. F. **Passing strange and wonderful: aesthetics, nature, and culture**. New York: Kodansha International, 1995. (Kodansha globe).

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. tradução: Lívia de Oliveira. 1. ed. Londrina: Eduel, 2015b.

URBS - URBANIZAÇÃO DE CURITIBA S/A. Linha Turismo. **Prefeitura de Curitiba**, Curitiba, 2023. Disponível em: <https://www.urbs.curitiba.pr.gov.br/transporte/linha->

[turismo](#). Acesso em: 5 jun. 2024.

URRY, J. **Consuming Places**. London: New York: Routledge, 1995.

URRY, J. **O olhar do Turista: Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

URRY, J.; LARSEN, J. **O olhar do turista 3.0**. tradução: Leonardo Abramowicz. São Paulo: Edições Sesc, 2021.

URRY, J.; LARSEN, J. **The tourist gaze 3.0**. 3. ed. Los Angeles: SAGE, 2011. (Theory, Culture & Society).

USPENSKY, M. **Hiroshige 1797-1858**. 1. New York: Parkstone, 2011.

VALLVERDÚ, J. **Emotions: a philosophical introduction**. Online, Coursera, 2022. Disponível em: <https://www.coursera.org/learn/emotions>. Course

VASCONCELOS, L. T. de M. **Calçadas de Curitiba: Preservar é preciso**. Curitiba: Ed. do Autor, 2006.

VEAL, A. J. **Metodologia de Pesquisa em Lazer e Turismo**. Série Turied. São Paulo: Aleph, 2011. (Série Turismo).

VENDRAME, M. I. Micro-história e história da imigração: pensando o problema do equilíbrio e da complexidade. **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 25, p. 267–288, 2018.

VESTENA, C. L. B.; STOLTZ, T. A percepção e a tomada de consciência do meio ambiente. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE. HOMENAGEM A LÍVIA DE OLIVEIRA, 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p. 1–14.

VIAJA CERTO. Kinkaku-ji: Templo do Pavilhão dourado. In: VIAJA CERTO. 2025. Disponível em: <http://www.viajacerto.com.br/kinkaku-ji-templo-do-pavilhao-dourado/>. Acesso em: 18 ago. 2025.

VIDAL, S. M. S. C. Imigração no Canadá: Seleção e controle de entradas. **TRAVESSIA - Revista do Migrante**, n. 41, p. 34–37, 2001.

VIEIRA, A. M. da C. L.; MOURA, S. A imigração japonesa do acervo do Memorial do Imigrante. In: CARNEIRO, M. L. T.; TAKEUCHI, M. Y. (org.). **Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, imaginário e Memória**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010. p. 565–578.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014.

VISOTO, A. M. O voyeurismo fotográfico nas poéticas contemporâneas. **Studium**, n. 36, p. 7–23, 2014.

WAGONER, B.; BRESCÓ, I. Memorials as healing places: a matrix for bridging material design and visitor experience. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 11, p. 6711, 2022.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: A linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. 74. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.

WETHERELL, M.; SMITH, L.; CAMPBELL, G. Introduction: affective heritage practices. *In*: EMOTION, AFFECTIVE PRACTICES, AND THE PAST IN THE PRESENT. Routledge, 2018.

XAVIER, A. L. **Tesouros, fantasmas e lendas de Ouro Preto**. 2. ed. Ouro Preto: Angela Leite Xavier, 2009.

YALOM, I. D. Aggression and forbiddenness in voyeurism. **Archives of General Psychiatry**, v. 3, p. 109–123, 1960.

YANO, S. Painéis de Poty Lazzarotto no Paraná. *In*: SENTIDOS DO VIAJAR. 2019. Disponível em: <https://sentidosdoviajar.com/paineis-de-poty-lazzarotto-no-parana/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

YÁZIGI, E. **A Alma Do Lugar: Turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Turismo Contexto).

YÁZIGI, E.; CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. da (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

YIN, R. K. **Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim**. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZANETTI, M. C. *et al.* Corpos belos nos ambientes virtuais: estudo por meio da sociologia visual. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 3, p. 411–420, 2012.

ZATORI, A.; SMITH, M. K.; PUCZKO, L. Experience-involvement, memorability and authenticity: The service provider's effect on tourist experience. **Tourism Management**, v. 67, p. 111–126, 2018.

ZELINSKY, W. The Geographer as Voyeur. **Geographical Review**, v. 91, n. 1–2, p. 1–8, 2001.

Apêndices Anexos Apêndices Anexos Apêndices
es Anexos Apêndices Anexos Apêndices Anexos
exos Apêndices Anexos Apêndices Anexos Apê
es Anexos Apêndices Anexos Apêndices Anexos
xos Apêndices Anexos Apêndices Anexos Apê
Apêndices Anexos Apêndices Anexos Apêndices
íces Anexos Apêndices Anexos Apêndices Anex
es Anexos Apêndices Anexos Apêndices Anexos
exos Apêndices Anexos Apêndices Anexos Apê
Anexos Apêndices Anexos Apêndices Anexos
ndices Anexos Apêndices Anexos Apêndices An
es Anexos Apêndices Anexos Apêndices Anexos
Apêndices Anexos Apêndices Anexos Apêndices
ndices Anexos Apêndices Anexos Apêndices An
es Anexos Apêndices Anexos Apêndices Anexos
Anexos Apêndices Anexos Apêndices Anexos

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE 1 – GLOSSÁRIO DE DESIGNAÇÃO AO SUJEITO

QUADRO 16 – GLOSSÁRIO ATRIBUÍDO AO SUJEITO EM TRÂNSITO E IN SITU.

TERMOS DE DESIGNAÇÃO AO SUJEITO EM DESLOCAMENTO	DEFINIÇÃO (Michaelis, 2015)
Andarilho	Que caminha bastante. Que vaga por muitas terras. Quem caminha ou anda muito. Aquele que vaga por muitos lugares; andarim.
Aventureiro	Que se expõe a aventuras ou a procura. Indivíduo que tem prazer em buscar aventuras ou viver em situações de risco. Pessoa que sente atração pelo imprevisível, pelo perigo, e que tende a se envolver em empreendimentos arriscados.
Caminhante	Que ou aquele que caminha; andarilho, andejo, caminhador, viandante. Que ou aquele que passa por ou percorre um caminho; passante, transeunte.
Emigrante	Que ou pessoa que deixa ou deixou seu país para viver em outro; emigrado.
Estrangeiro	Que ou o que é proveniente ou característico de outra nação. Que ou quem efetivamente não pertence ou não é natural de um país, de uma nação, de uma comunidade etc. ou que não se considera como tal, sentindo-se alheio, estranho; ádvena, forasteiro. Pessoa que não é natural do país onde se acha ou vive, e de cuja cidadania não goza. Conjunto de todos os países, exceto aquele onde se nasceu. Língua ou idioma de país diferente daquele que se está considerando; língua de outra nação.
Excursionista	Que ou quem toma parte em excursões recreativas ou de estudo. Jornada ou viagem de estudo ou pesquisa; incursão: Grupo de pessoas que excursionam. Viagem de recreação, geralmente em grupo e às vezes orientada por um guia.
Exilado	Que ou quem se exilou. Que ou quem vive no exílio. Que ou quem foi expatriado.
Explorador	Que ou o que explora. Diz-se de ou indivíduo que faz viagens para estudar ou pesquisar uma região.
Gringo	(Pejorativo) Indivíduo que não é natural do país onde vive, especialmente quando louro ou ruivo e falante de língua não vernácula.
Imigrante	Que ou aquele que imigra; que ou aquele que vem se estabelecer em um país estrangeiro.
Itinerante	Que ou aquele que se desloca, que viaja de um lugar a outro.
Migrante	Que ou aquele que migra.
Mochileiro	Indivíduo que viaja de mochila, geralmente com pouco dinheiro, pegando carona e hospedando-se em albergues ou hotéis baratos.
Navegador	Que navega. Que sabe navegar. Aquele que navega. Navegante hábil para conduzir um navio. Aquele que é perito em navegação aérea ou marítima.
Nômade	Diz-se de ou indivíduo sem habitação fixa, em geral pertencente a tribos ou grupos errantes que, na busca por alimentos e melhores pastagens, chegam a desrespeitar limites territoriais e fronteiras nacionais. Que ou aquele que não tem residência fixa, que nunca se estabelece em lugar algum; errante, vagabundo, vagamundo.
Peregrino	Que ou aquele que sai ou anda em peregrinação; peregrinador, peregrinante, rameiro. Diz-se de ou andarilho de estrada. Que ou quem é estrangeiro ou estranho.

Refugiado	Que ou aquele que se refugiou. Refugiado ambiental: indivíduo ou grupo humano que se desloca para outro país ou para outra região dentro de seu próprio país, devido a problemas relacionados ao meio ambiente, como tsunamis, furacões, terremotos, secas etc. que tornam a vida insustentável em seus habitats originais. Refugiado político: indivíduo que, por motivos de perseguição política ou ideológica em seu próprio país, procura asilo em país estrangeiro.
Turista	Pessoa que faz Turismo.
Viajante	Que ou aquele que viaja; viajero, viajor, viandante, viandeiro.
Visitante	Que ou aquele que faz visita; visitador. Diz-se de ou pessoa que vai a uma exposição, museu, ou lugar, com o objetivo de conhecê-lo e apreciá-lo.
TERMOS DE DESIGNAÇÃO AO SUJEITO EM LÓCUS	DEFINIÇÃO (Michaelis, 2015)
Autóctone	Natural do país em que habita e proveniente das raças que ali sempre habitaram; aborígine, indígena. Diz-se da primeira língua que se falou em um país. Diz-se de fenômenos que se produzem no próprio lugar onde são percebidos. Formado ou que ocorre no lugar onde é encontrado. Pessoa, animal ou planta originários do lugar em que habitam.
Cidadão	Habitante de uma cidade. Indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. Indivíduo qualquer; sujeito.
Domiciliado	Que se domiciliou; residente, morador.
Habitante	Que ou quem habita um lugar; habitador.
Morador	Que ou aquele que mora, que reside em determinado lugar com caráter de permanência; habitante. Que ou aquele que mora na mesma propriedade rural onde trabalha.
Munícipe	Diz-se de ou cada um dos cidadãos de um município. Diz-se de ou pessoa que goza dos direitos do município e tem deveres para com ele.
Nativo	Originário de certo lugar. Relativo a indígena. Feito por indígena. Que não é estrangeiro. Indivíduo pertencente a qualquer grupo indígena. Quem é originário de certo lugar.
Originário	Que tem a sua origem em; oriundo. Conforme a sua origem. Vinculado às origens; que não se alterou.
Passante	Que passa ou que vai além de. Diz-se de ou pessoa que está de passagem.
Pedestre	Que ou aquele que anda a pé ou está a pé.
Povo	Conjunto de pessoas que constituem uma raça, nação etc. Conjunto de habitantes de um país, de uma região, cidade, vila ou aldeia. Sociedade composta de diversos grupos locais, ocupando território delimitado e cônica da semelhança existente entre seus membros pela homogeneidade cultural. Povoado. As pessoas menos notáveis e menos privilegiadas de uma nação ou localidade; plebe, ralé. Conjunto de pessoas que, ainda que não habitem o mesmo país, estão unidas por terem a mesma origem, cultura, religião, tradição etc. Conjunto de cidadãos comuns em contraste com uma classe especial. Denominação dada às populações nativas do continente americano, com línguas e tradições culturais diferenciadas; grupo indígena.
Proprietário	Que ou o que possui algo, que é senhor de quaisquer bens. Que ou o que tem bens imóveis, rurais ou urbanos.
Residente	Que ou aquele que reside em determinado lugar. Diz-se de ou pessoa que reside no local onde exerce cargo ou função.

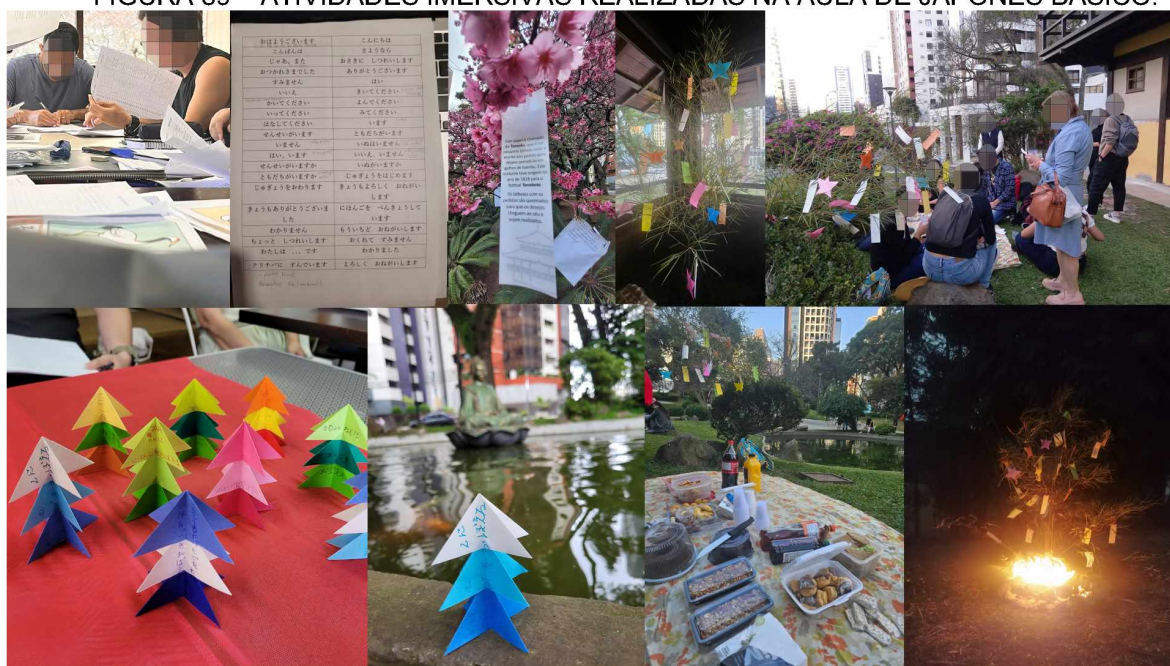
FONTE: Organizado pelo autor (2024).

APÊNDICE 2 – ATIVIDADES IMERSIVAS REALIZADAS PELO AUTOR

A Associação Cultural e Beneficente Nipo-Brasileira de Curitiba – Nikkei Curitiba oferece inúmeras atividades gratuitas relacionadas à cultura japonesa, na Praça do Japão¹¹². Dentre essas atividades, mediante matrícula, tem-se: Aula de Japonês (Língua Japonesa Básica), aula de Ikebana (Arte de composição floral), Aula de Origami (Dobradura em papel), Chadô (Ritual de preparação do chá), Shodô (Arte caligráfica), Sumiê (Técnica de pintura), Bonsai (Árvore em miniatura), Kokedama (Técnica de cultivo de plantas em bola de musgo), Kumihimo (técnica artesanal japonesa para trançar cordas e cordões) entre outras. A Comunidade Zen Budista de Curitiba também oferece meditação Zen Budista às quartas e sábados sem a necessidade de matrícula.

Nesse sentido, desde o início desta pesquisa, com a intenção de me aproximar da cultura japonesa, frequentei três destas atividades – Língua básica Japonesa (Figura 89), Ikebana (Figura 90) e Origami (Figura 91). A realização destas atividades me proporcionou uma aproximação, tanto à cultura japonesa, quanto a seus descendentes e outros frequentadores. Nas fotos que se seguem, apenas eu me encontro sem desfoque facial.

FIGURA 89 – ATIVIDADES IMERSIVAS REALIZADAS NA AULA DE JAPONÊS BÁSICO.



FONTE: Acervo do autor (2023 / 2024).

¹¹² A programação fica fixada nos vitrais da entrada do pagode.

No mosaico anterior, o compilado de diferentes momentos apresenta desde a alfabetização na escrita e leitura japonesa, quanto às festividades tradicionais japonesas. As aulas de Ikebana (Figura 90), unificaram a teoria histórica e a prática contemporânea.

FIGURA 90 – AULA DE IKEBANA.



FONTE: Acervo do autor (2023 / 2024).

Por fim, as aulas de origami (Figura 91) proporcionaram momentos de ludicidade, prática e interação social com diferentes sujeitos descendentes das mais variadas etnias.

FIGURA 91 – AULA DE ORIGAMI.



FONTE: Acervo do autor (2023 / 2024).

APÊNDICE 3 – REGISTROS DAS PRESENÇAS ÉTNICAS EM CURITIBA

Com o objetivo de compilar as principais etnias presentes em Curitiba, realizou-se um trabalho de campo em diferentes atrativos de caráter étnico. Os resultados são apresentados a seguir na forma de mosaicos.

Busca-se, assim, oferecer aos leitores que ainda não conhecem a cidade uma visão do amplo e fértil campo de pesquisa étnica que a capital do estado do Paraná proporciona.

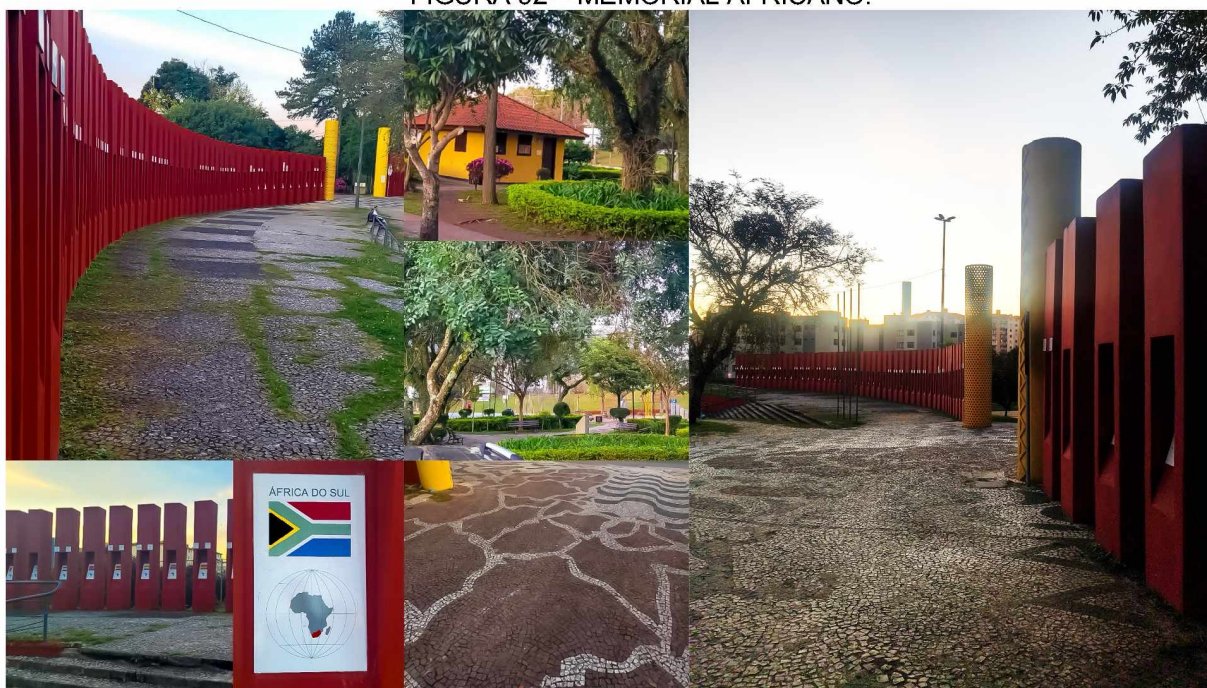
Ademais, o material possibilita o estabelecimento de outros diálogos analíticos, a partir de distintas perspectivas, como aquelas associadas às categorias geográficas já mencionadas — lugar, paisagem, território e região, de modo que cada uma delas possibilita uma (re)leitura específica do fenômeno observado.

Os mosaicos apresentados encontram-se organizados em ordem alfabética, conforme a etnia destacada nas fotografias, seguido pelo nome do atrativo e sua localização (bairro).

- **Africana:**

Memorial Africano – Praça Zumbi dos Palmares / Localização: Pinheirinho

FIGURA 92 – MEMORIAL AFRICANO.

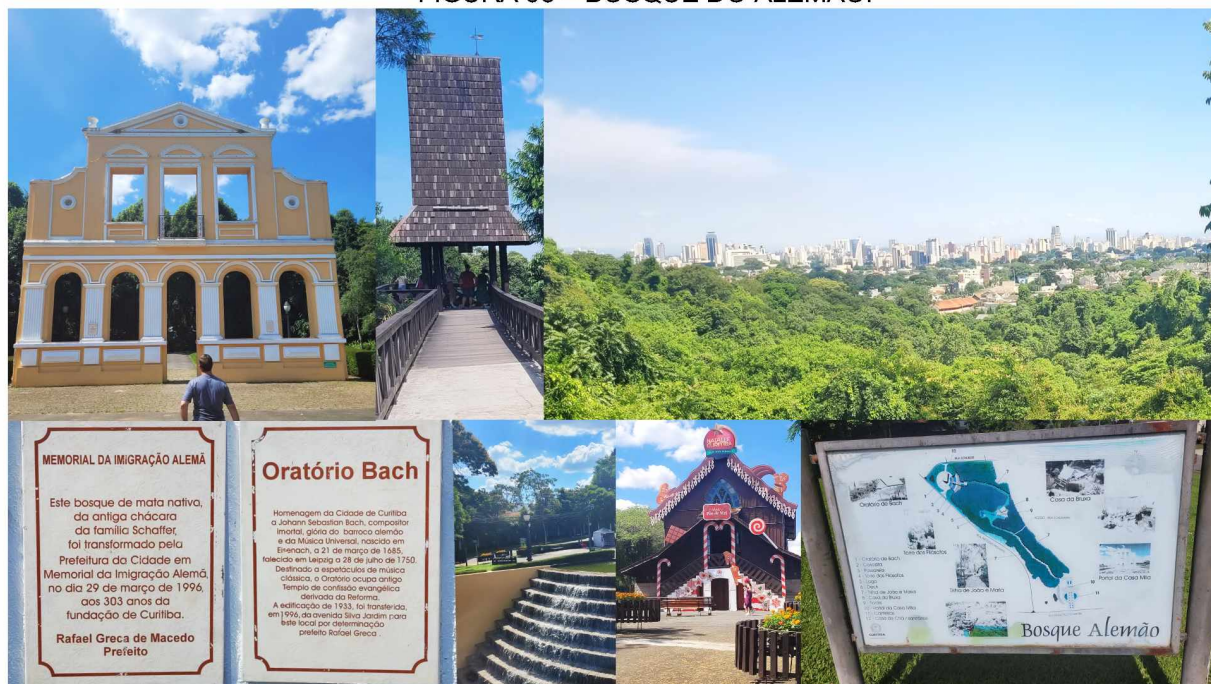


FONTE: Acervo do autor (2023).

- **Alemão:**

Bosque do Alemão / Localização: Pilarzinho

FIGURA 93 – BOSQUE DO ALEMÃO.

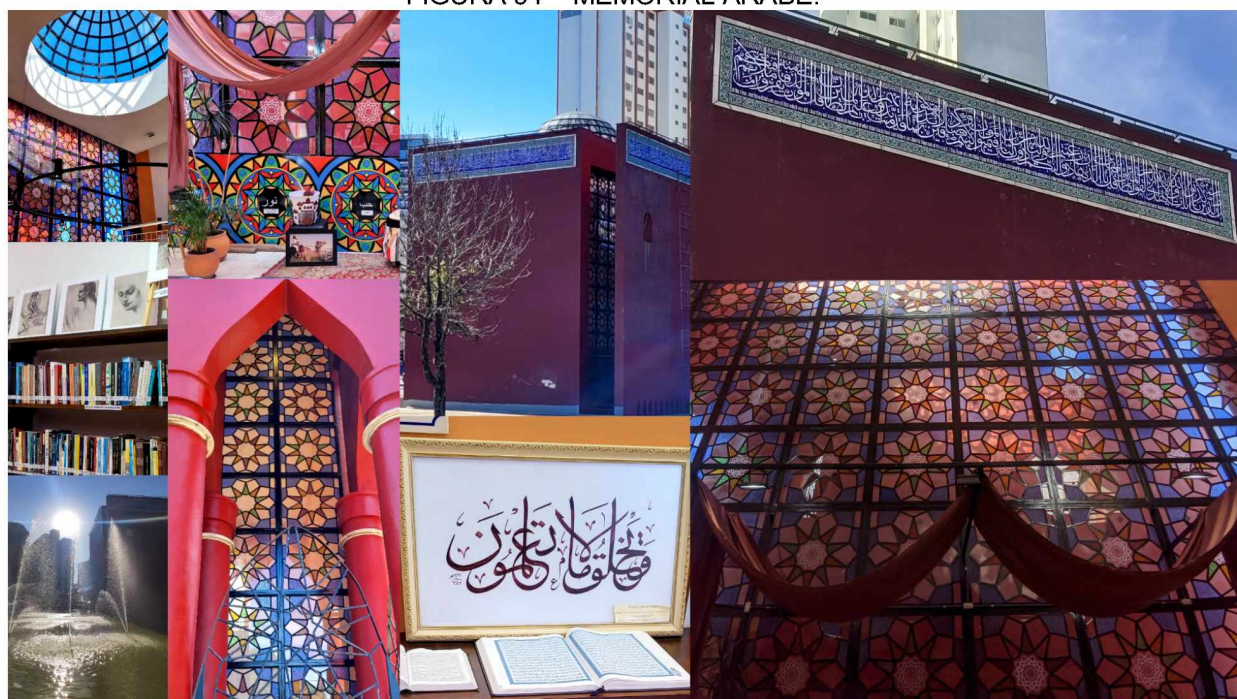


FONTE: Acervo do autor (2023).

- **Árabe:**

Memorial Árabe – Praça Gibran Khalil Gibran / Localização: Centro Cívico

FIGURA 94 – MEMORIAL ÁRABE.



FONTE: Acervo do autor (2023).

Mesquita Imam Ali ibn Abi Tálib / Localização: São Francisco

FIGURA 95 – MESQUITA IMAM ALI IBN ABI TÁLIB.



FONTE: Acervo do autor (2023).

Museu Egípcio da Ordem Rosacruz (AMORC)¹¹³/ Localização: Bacacheri

FIGURA 96 – MUSEU EGÍPCIO.



FONTE: Acervo do autor (2023).

¹¹³ Cabe destacar que esse museu consta nessa lista apenas por seu interesse étnico. Logo, ele não representa imigração egípcia (antiga) ou árabe (moderna) para Curitiba.

- Espanhola:

Praça da Espanha / Localização: Bigorrilho

FIGURA 97 – PRAÇA DA ESPANHA.



FONTE: Acervo do autor (2024).

- Francesa:

Praça da França / Localização: Seminário

FIGURA 98 – PRAÇA DA FRANÇA.



FONTE: Acervo do autor (2024).

- Indígena:

Museu de Arte Indígena / Localização: Água Verde

FIGURA 99 – MUSEU DA ARTE INDÍGENA.



FONTE: Divulgação do Tour Virtual – MAI (2024).

Museu Paranaense (MUPA) / Localização: São Francisco

FIGURA 100 – MUSEU PARANAENSE.



FONTE: Acervo do autor (2025).

Praça 19 de Dezembro – Praça do homem Nu / Localização: Centro Cívico

FIGURA 101 – PRAÇA 19 DE DEZEMBRO.



FONTE: Acervo do autor (2025).

- Inglesa/Britânica:

Memorial Inglês – Parque Gomm / Localização: Batel

FIGURA 102 – PARQUE GOMM.



FONTE: Acervo do autor (2024).

- Judaica:

Cemitério Israelita / Localização: Água Verde

FIGURA 103 – CEMITÉRIO ISRAELITA.



FONTE: Kehilá (2020).

Museu do Holocausto / Localização: Bom Retiro

FIGURA 104 – MUSEU DO HOLOCAUSTO.

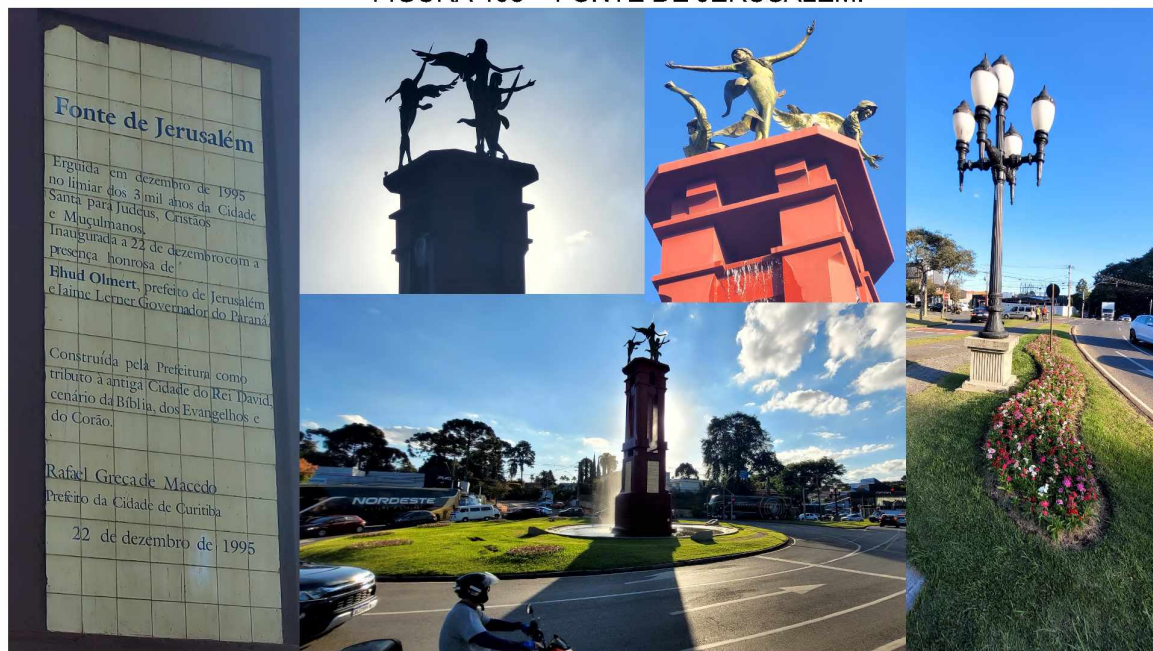


FONTE: Divulgação TripAdvisor (2024) .

- **Multiétnico:**

Fonte de Jerusalém (Árabe e Judaica) / Localização: Seminário

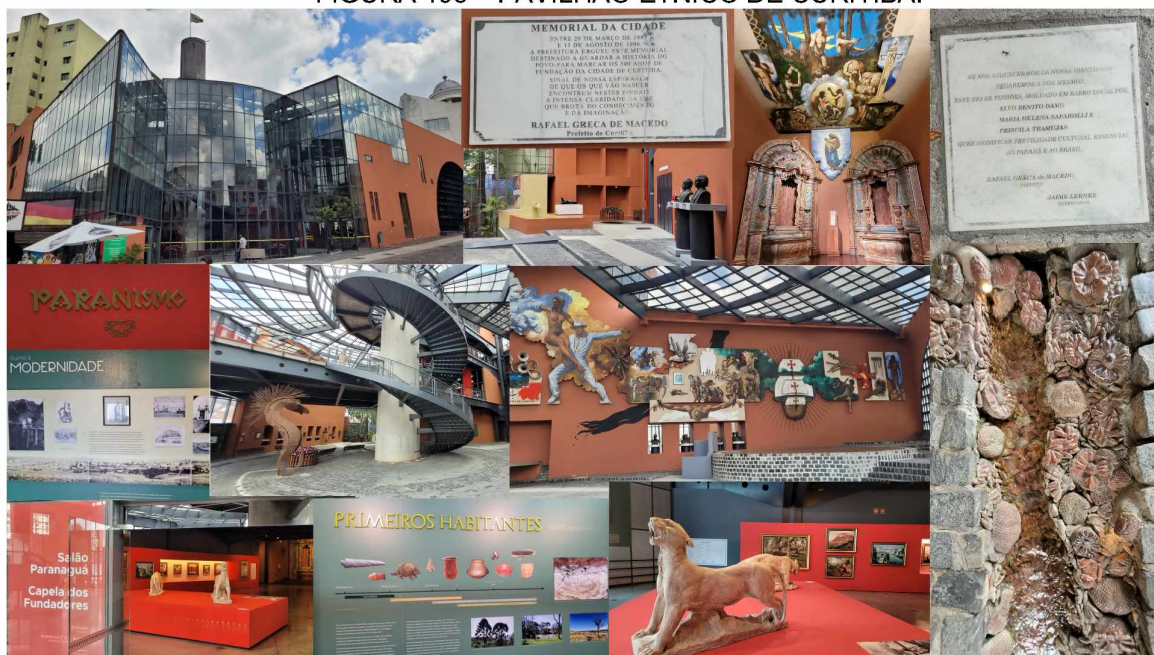
FIGURA 105 – FONTE DE JERUSALÉM.



FONTE: Acervo do autor (2023).

Memorial de Curitiba (Pavilhão Étnico¹¹⁴) / Localização: São Francisco

FIGURA 106 – PAVILHÃO ÉTNICO DE CURITIBA.



FONTE: Acervo do autor (2025).

¹¹⁴ Espaço em que converge todas as culturas. No local ocorrem apresentações de diferentes etnias.

- Polonesa:

Memorial Polonês – Bosque Papa João Paulo II (Bosque do Papa) / Localização:
Centro Cívico

FIGURA 107 – MEMORIAL POLONÊS.



FONTE: Acervo do autor (2023).

- Portuguesa:

Bosque de Portugal / Localização: Jardim Social

FIGURA 108 – BOSQUE DE PORTUGAL.

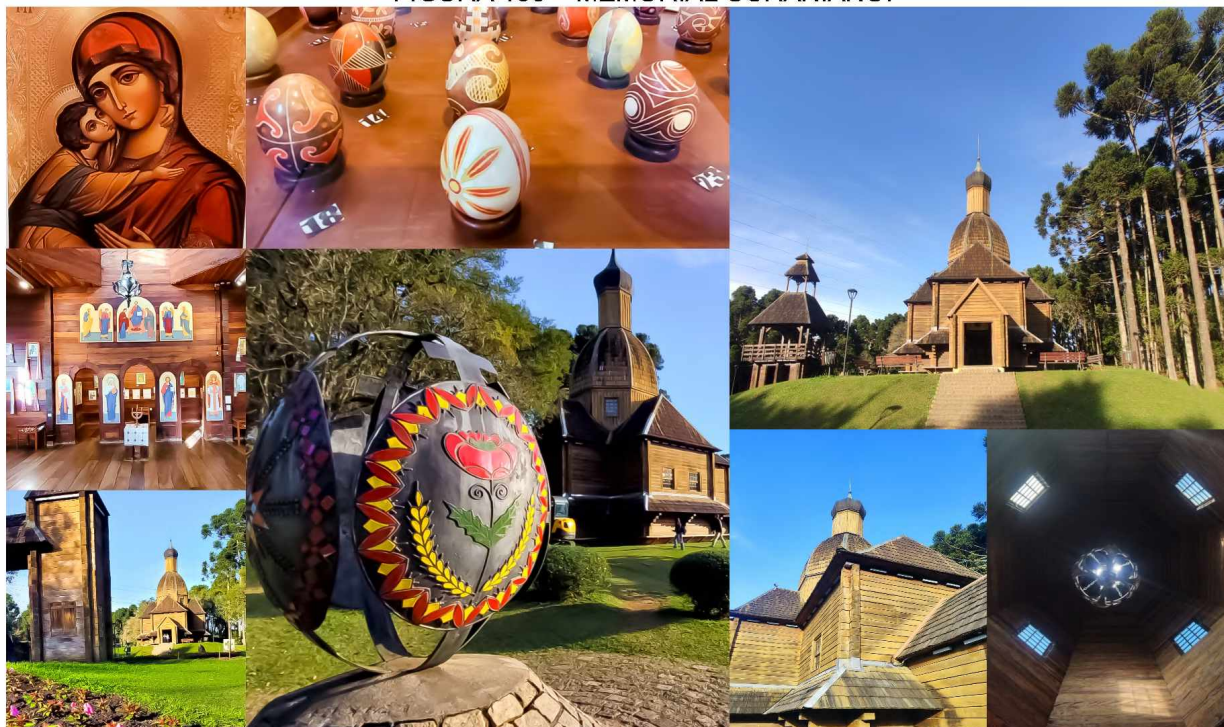


FONTE: Acervo do autor (2025).

- **Ucraniana:**

Memorial Ucraniano / Localização: São João

FIGURA 109 – MEMORIAL UCRANIANO.



FONTE: Acervo do autor (2023).

Outras homenagens étnicas espalhadas por Curitiba:

- Praça Cidade de Mainz (Atuba)
- Praça Portugal (Alto da Glória)
- Praça das Nações (Alto da XV)
- Praça Faraó Akhenaton (Bacacheri)
- Praça República da Islândia (Boa Vista)
- Jardim República Oriental do Uruguay (Bigorriho)
- Largo Galícia (Bigorriho)
- Praça da Ucrânia (Bigorriho)
- Museu Oscar Niemeyer – MON (Centro Cívico)
- Praça da Suíça (Cabral)
- Praça da Polônia (Cristo Rei)

- Praça da Alemanha (Jardim Social)
- Praça Himeji (Mercês)
- Praça Vêneto (Santa Felicidade)
- Praça Piazza de San Marco (Santa Felicidade)
- Bosque São Cristóvão – Bosque Italiano (Santa Felicidade)
- Portal Italiano (Santa Felicidade)
- Jardim Amsterdã (Santo Inácio)
- Parque Tingui (São João)
- Praça Barcelona (Vista Alegre)
- Praça Emirados Árabes Unidos (Sítio Cercado)

Além dos memoriais, praças e outros atrativos turísticos associados a algum país, cidade ou etnia, Curitiba abriga uma vasta lista que homenageia personalidades étnicas. Personalidades que tiveram seus nomes eternizados na toponímia urbana de Curitiba. Embora não tenham sido apresentados aqui, podem ser consultados em <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/pracas/376>.

APÊNDICE 4 – HOMENAGEM A HELENA KOLODY

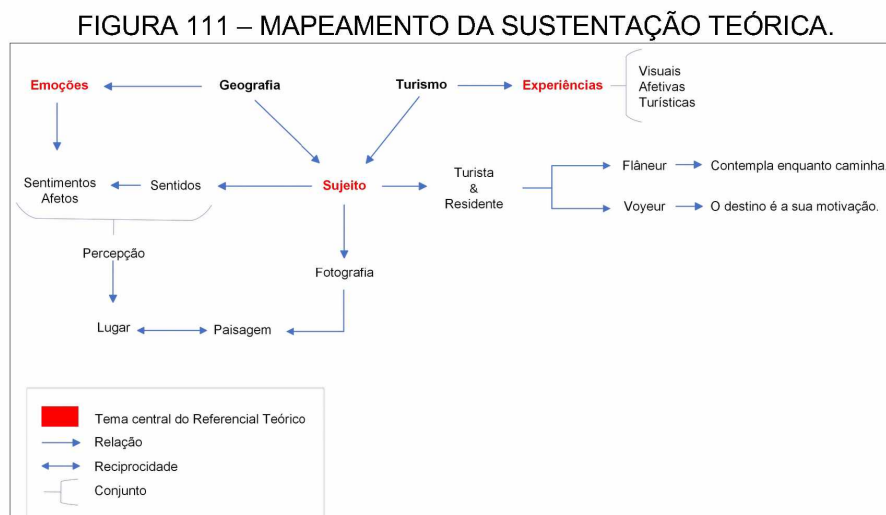
FIGURA 110 – HOMENAGEM A HELENA KOLODY.



FONTE: Acervo do autor (2025).

APÊNDICE 5 – LINEARIDADE DA PESQUISA

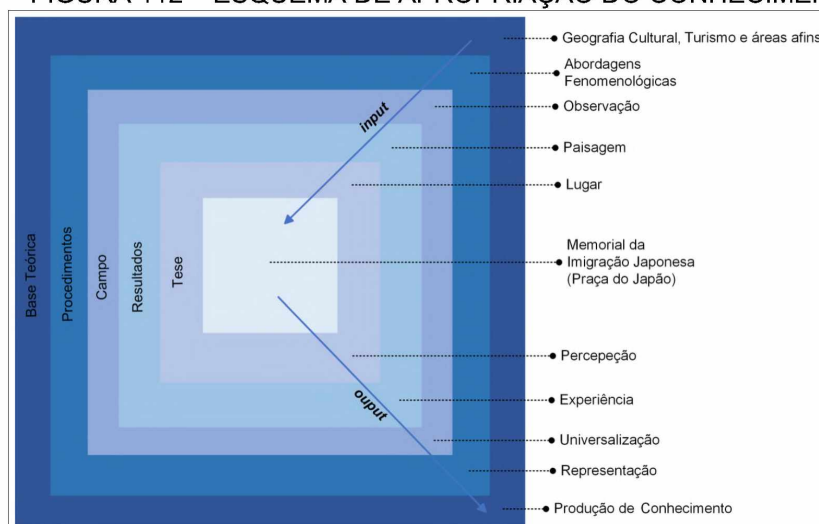
A Figura 111 apresenta o estabelecimento de uma linearidade interdisciplinar do pensamento, a qual representa a relação, disposição e direcionamentos da sustentação teórica para a esta pesquisa. Com destaque, em vermelho, para os três principais descritores teóricos.



FONTE: Organizado pelo autor (2023).

Assim, ao admitir a Praça do Japão, como um lugar central à paisagem, enquanto cenário que se transforma ao mesmo tempo em que é contemplado e experienciado por diferentes sujeitos (*input*), lança-se luz a uma escuta sensível das percepções e representações narradas pelos sujeitos; e que resultarão em outro conhecimento produzido a cerca do fenômeno (*output*) (Figura 112).

FIGURA 112 – ESQUEMA DE APROPRIAÇÃO DO CONHECIMENTO.

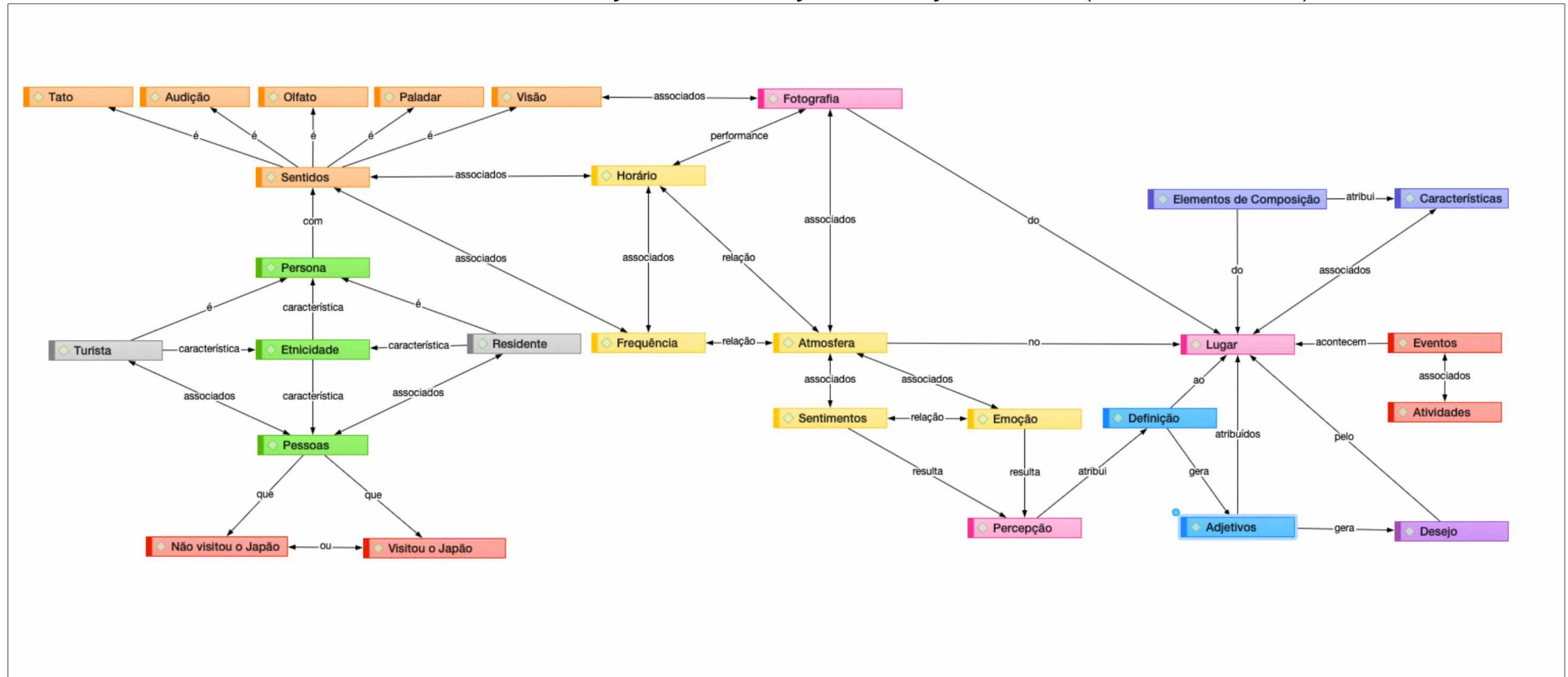


FONTE: O autor (2023).

APÊNDICE 6 – REDE DE CÓDIGOS NO SOFTWARE ATLAS.TI

A partir dos dados obtidos por meio do *e-form*, foi possível construir uma rede com os principais códigos derivados da codificação, realizada no *software Atlas.ti*, permitindo interpretar a percepção dos sujeitos frequentadores (Figura 113).

FIGURA 113 – REPRESENTAÇÃO DA PERCEPÇÃO DA PRAÇA DO JAPÃO (REDE DE CÓDIGOS).



FONTE: O autor (2025).

ANEXO 2 – LISTA DOS PRIMEIROS IMIGRANTES JAPONESES

Para refletir: Quem eram essas pessoas? O que será que estavam sentindo no dia do embarque, durante a viagem, no desembarque? Será que abandonaram algo ou alguém? Qual teria sido o motivo dessa imigração? O que escolheram trazer na bagagem? Será que retornariam ao Japão, um dia? Quem estava acompanhando? Quais eram seus sonhos? Quais eram seus medos? Muitas são as inquietações, mas nenhuma resposta nos será apresentada. O que nos resta, vigora no campo do imaginário. Imagine-se no lugar de um desses sujeitos. Quem você seria? Como você (re)agiria?

FIGURA 115 – PRIMEIRA PÁGINA DA LISTA DE PASSAGEIROS DO NAVIO KASATO MARU.

19

THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY

Santos, 11 de Junho de 1908

Lista de Passageiros em trânsito no vapor inglês *Kasato Maru*
de 3200 toneladas de registro e 71 pessoas de tripulação, sob o commando de
A.G. Peters e consignado neste porto a **Wilson, Sons & Co., Limited.**

TYP. H. ROSENTHAL, S. PAULO

Numero	NOME E COGNOMES	Nacionalidade	Idade	Estado	Profissão	Procedencia	Destino	Classe	Observações
1	Kanayama Shiro	Japonez	21	casado	Comerciante	Shimonoseki	Santos	1ª	
2	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
3	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
4	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
5	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
6	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
7	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
8	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
9	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
10	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
11	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
12	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
13	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
14	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
15	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
16	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
17	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
18	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
19	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
20	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
21	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	
22	Umeda Shiro	"	21	"	"	"	"	"	

8 +
14 +
22

FONTE: Pacific Steam Navigation Company (1908); Guarda do Arquivo Nacional (2021).

ANEXO 3 – SOLENIDADE DE IMPLANTAÇÃO DO MONÓLITO

As fotografias constantes neste anexo não compuseram a amostra da pesquisa, pois foram gentilmente cedidas por Frank Honjo, via *WhatsApp* de Nicolas Nering (Técnica Bola de Neve). Na mensagem recebida, lia-se: “Meu Odityan (*avô, tradução nossa*) ajudou a trazer o monólito do Japão. Na última foto ele (em destaque, grifo nosso), está ao lado do cônsul do Japão em frente do Monólito” (Frank Honjo, 2023). Registra-se, portanto, nossa respeitosa homenagem a Kenichi Honjo e nosso agradecimento a Frank Honjo.

Nas fotos a seguir, ilustra-se as festividades de inauguração do Monólito na Praça do Japão em 1988, comemorando 80 anos da imigração japonesa no Brasil (1908-1988). O evento contou com a presença de autoridades como o já mencionado Cônsul japonês e o então prefeito Jaime Lerner.

Convida-se à contemplação dessa paisagem e de sua configuração local, distinta da atual, observando-se que a verticalização ainda não era expressiva e que a massa verde se apresentava de forma esparsa e descaracterizada. Na Figura 116 – Imagem 1, ao fundo encontra-se a atual Avenida República Argentina (vide contraste com a Figura 40, na página 132).

FIGURA 116 – FESTIVIDADE DE INAUGURAÇÃO DO MONÓLITO.





FONTE: Acervo de fotos cedidas por Frank Honjo (2023).

Essa pesquisa termina aqui, mas a história dos descendentes japoneses continua.

“Até logo!”

またね (Mata ne)